



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TESE DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

FERNANDO RESENDE CAVALCANTE

**QUEM PUBLICA DECIDE: PODER, EXCLUSÃO E REPRODUÇÃO DE
DESIGUALDADES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O LAZER**

BRASÍLIA

2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TESE DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

FERNANDO RESENDE CAVALCANTE

**QUEM PUBLICA DECIDE: PODER, EXCLUSÃO E REPRODUÇÃO DE
DESIGUALDADES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O LAZER**

Tese de doutorado aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade de Brasília para obtenção do título de doutor em Educação Física.

Linha da pesquisa: Aspectos Socioculturais, Educacionais e da Promoção da Saúde das Práticas Corporais.

Orientador: Prof. Dr. Ari Lazzarotti Filho

BRASÍLIA

2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

FERNANDO RESENDE CAVALCANTE

**QUEM PUBLICA DECIDE: PODER, EXCLUSÃO E REPRODUÇÃO DE
DESIGUALDADES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O LAZER**

BANCA DA TESE

Prof. Dr. Ari Lazzarotti Filho
Presidente

Profa. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida
Convidada Interna

Profa. Dra. Christianne Luce Gomes
Convidada Externa

Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior
Convidado Externo

Prof. Dr. Humberto Luís de Deus Inácio
Suplente

DATA: 1 de dezembro de 2025

AGRADECIMENTOS

A escrita de uma tese não é solitária. Toda e qualquer pesquisa é atravessada por vínculos e colaborações que raramente cabem inteiros na seção dedicada aos agradecimentos. Entre metodologias e dados, há conversas, leituras compartilhadas, correções e apoios que sustentam o trabalho. Esta tese é, portanto, também a história desses vínculos e colaborações que me ofereceram tempo, confiança e horizonte. Ciente de que nenhuma lista é completa, estes agradecimentos procuram registrar algumas das vozes que estiveram neste percurso. Que cada nome citado represente muitos outros, igualmente decisivos, que me acompanharam ao longo do caminho.

Agradeço, de início, às instituições que tornaram esta caminhada possível: à Universidade de Brasília e ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, pelo suporte à minha formação acadêmica em diferentes níveis; à Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal, que viabilizou parte fundamental de minha participação em eventos internacionais; e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que financiou minha bolsa de pesquisa e meu doutorado sanduíche na North Carolina State University. Minha gratidão também se estende a essa instituição, que me acolheu com generosidade e respeito, oferecendo não apenas infraestrutura e orientação, mas também apoio concreto para participação em eventos científicos dentro dos Estados Unidos. Embora meu vínculo formal não fosse com essa universidade, fui tratado como parte dela. Todos esses apoios não foram apenas institucionais: foram existenciais, pois me permitiram vivenciar experiências de aprendizado, amadurecimento e ampliação de horizontes que atravessam esta tese por completo.

No plano das pessoas, lembro com carinho e respeito do professor José Luiz Cirqueira Falcão. Foi ele quem, ainda nos meus primeiros anos de graduação, abriu para mim as portas da vida acadêmica por meio da monitoria. Foram duas disciplinas, “Teorias do Esporte” e “Fundamentos Socioculturais das Lutas na Educação Física”, em que aprendi não apenas os conteúdos, mas o gosto pela docência. Falcão disse que me tornaria professor antes mesmo que eu pudesse formular esse desejo. Dizia, cotidianamente, que eu seria professor universitário. Hoje, tenho certeza de que aquelas palavras me moveram, deram direção e coragem.

Agradeço também ao professor Humberto Luís de Deus Inácio, responsável por me introduzir à pesquisa científica. Foi ele quem me acolheu como estudante de iniciação científica e me apresentou ao professor Ari Lazzarotti Filho, que viria a ser meu orientador. Beto me mostrou os primeiros caminhos, confiou em mim, indicou possibilidades e sempre me encorajou a seguir

em frente, inclusive nas escolhas que me levaram ao mestrado e ao doutorado. Além disso, colaboramos academicamente em diversas produções e sua influência está presente em muitos momentos da minha trajetória.

Ao professor Rasul A. Mowatt, minha imensa gratidão. Nos Estados Unidos, ele não apenas me acolheu como orientador acadêmico, mas também como amigo. Passei meu primeiro mês em sua casa, aprendendo com ele cotidianamente. Rasul me mostrou, com o exemplo, que é possível ser firme e generoso, radical e acolhedor.

Ao professor Ari Lazzarotti Filho, meu orientador, dedico um agradecimento especial. Nossa relação teve início em 2017, quando entrei para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Lazer e Comunicação (GEPELC). Desde então, ele me acompanhou ao longo do mestrado e do doutorado com afeto e exigência. Ari me concedeu autonomia, mas jamais me deixou à deriva. Foi ele quem me instigou a fazer mais, a ampliar bases de dados, a refinar análises. Grande parte da qualidade desta tese é fruto direto das provocações e revisões que ele me ofereceu ao longo desses anos.

Ao GEPELC, meu coletivo de formação e pertencimento, deixo também meu profundo reconhecimento. Desde 2017, esse grupo tem sido meu espaço de formação crítica, de leitura compartilhada, de acolhimento e de debate. Foram incontáveis reuniões, bancas, textos, críticas e orientações. Se meus artigos hoje têm algum mérito, é porque, antes de chegarem ao público, foram lidos, discutidos e lapidados nesse grupo.

Na dimensão pessoal, não poderia deixar de mencionar meus pais, aqueles que estiveram ao meu lado desde o início, mesmo antes de eu saber qual caminho trilharia. A escolha por seguir na universidade, enfrentar os desafios de um mestrado e de um doutorado, só foi possível porque eles sempre estiveram comigo: acreditando, apoiando, cuidando. Meus pais me ensinaram que os sonhos só são possíveis quando há raízes firmes. Esta tese carrega minha escrita, mas também carrega o cuidado e a generosidade deles. Nada disso teria sido possível sem eles.

Aos meus amigos de longa data – Bia, Eider, Gabriel, Isaac, Raissa, Renan, Tatiana e Yuri –, meu carinho e meu agradecimento mais profundo. Vocês são parte essencial da minha trajetória. Estiveram comigo desde os primeiros anos da graduação – alguns desde os anos iniciais do ensino fundamental –, acompanhando cada passo, cada queda e cada conquista. Obrigado por permanecerem presentes, mesmo quando a distância geográfica nos separou.

À Fernanda e ao Elves, que conheci durante o doutorado sanduíche, minha gratidão. Nos tornamos, em pouco tempo, uma família construída no cotidiano. Dividimos cafés no Global Village Coffee, cervejas às sextas no Mitch's Tavern, viagens para Nova York e dificuldades que hoje viraram ótimas histórias. Com vocês, a Carolina do Norte deixou de ser apenas um destino acadêmico e se tornou um espaço de afeto. Obrigado por existirem e por serem minha família naquele momento.

À minha namorada, Taygla, agradeço com um carinho especial. Nos conhecemos quando esta tese já caminhava para seus capítulos finais, mas, mesmo chegando “tarde” à história formal do doutorado, ela esteve presente nos momentos decisivos de escrita, inclusive na elaboração do ensaio final que integra este trabalho. Sei que, em algumas sextas-feiras, ela ouviu de mim que eu não poderia encontrá-la porque precisava continuar escrevendo – como hoje, enquanto faço os ajustes finais desta tese. Embora não tenha acompanhado todo o percurso, sua importância neste momento final é indiscutível, e sou profundamente grato por caminhar com ela.

Finalizar estes agradecimentos é também um modo de reconhecer que, por trás de cada tese, há uma coletividade. Esta não é apenas uma produção científica: é o reflexo de uma vida em movimento, de um pesquisador em formação, de vínculos que atravessam fronteiras geográficas. Escrever é, também, agradecer. E a todos os que, de alguma maneira, me ajudaram a escrever esta história, ainda que não tenham sido citados aqui, deixo meu mais sincero obrigado. Espero corresponder qualitativamente com esta tese todo o apoio que recebi ao longo de minha trajetória.

PRÓLOGO: POR R\$ 400, PARA OS ESTADOS UNIDOS

Enquanto pesquisadores, nossas escolhas temáticas são moldadas pela trajetória que trilhamos, pela formação que recebemos, pelas experiências que acumulamos e pelas estruturas acadêmicas que nos atravessam. Pesquisar é sempre uma escolha situada, marcada por posições específicas dentro do campo científico e pelas relações de poder que o compõem. No meu caso, para compreender minha relação com o lazer e os caminhos que me trouxeram até aqui, é preciso retornar a 2015. Naquele ano, eu cursava o segundo ano da graduação em Educação Física na Universidade Federal de Goiás e vivia, junto à minha família, uma situação financeira delicada. A universidade oferecia bolsas – de monitoria, iniciação científica, iniciação à docência – e, para mim, essas bolsas não representavam uma escolha acadêmica, mas uma necessidade de sustento. Aqueles R\$ 400 mensais me permitiam permanecer na universidade: pagar transporte, alimentação e, com alguma sorte, garantir as festas.

A primeira oportunidade que apareceu foi a de monitoria. A maioria das disciplinas que abriam vagas exigia conhecimentos de anos mais avançados do curso e eu estava indo para o segundo ano. Apenas uma exceção: “Teorias do Esporte”, ofertada no primeiro semestre, sob responsabilidade do professor José Luiz Cirqueira Falcão. Candidatei-me, fiz a prova e fui aprovado. Sem saber, aquele passo, motivado pela urgência econômica, tornaria-se o primeiro de um percurso intelectual que me conduziria até este doutorado.

O envolvimento com a monitoria me provocou de formas inesperadas. Pela primeira vez, comecei a sentir prazer nos estudos. Textos de Bracht, Tubino, Stigger, Elias e Dunning, discutidos em sala e revisitados em leituras, apresentaram-me uma nova forma de olhar para o esporte, não mais apenas como prática, mas como fenômeno social, atravessado por relações de poder, classe e gênero. Eu, que me relacionava com o esporte como praticante e torcedor, agora notava questões que ampliavam minha visão. Descobria, aos poucos, que o esporte era mais do que imaginava.

A monitoria me deu acesso a esse universo e, simultaneamente, reacendeu uma vocação antiga: o gosto por ensinar. Sempre fui aquele estudante que se oferecia para apresentar o trabalho na frente da sala, que se sentia confortável em expor ideias e dialogar com colegas. Ali, na função de monitor, vi nascer o desejo de um dia me tornar professor universitário. Mas havia um problema: a bolsa da monitoria cessava durante as férias. E a vida, como sabemos, não entra em recesso. Decidi buscar uma bolsa de iniciação científica, que permanecia em vigência nas férias. No fim de 2015, o professor Humberto Luís de Deus Inácio visitou as salas para anunciar duas vagas de

iniciação científica: uma pesquisa sobre skate no espaço escolar, outra sobre a formação para o lazer na América Latina. Naturalmente, escolhi a do skate. A modalidade fazia parte da minha juventude e, pela primeira vez, a ideia de investigar algo que me era íntimo me parecia possível. Fiz o processo seletivo, fui bem, mas, por uma questão de horário, não pude ocupar a vaga. Beto, então, ofereceu-me outra possibilidade: a pesquisa sobre lazer. Topei. Não por interesse teórico, mas pela necessidade de receber uma bolsa mesmo nas férias. Ironicamente, foi justamente essa linha que não recebeu fomento do institucional naquele momento. Ainda assim, ele me perguntou se eu queria continuar, como voluntário. Estranhamente, ou talvez intuitivamente, aceitei.

Voltei à monitoria no ano seguinte, agora na disciplina de “Fundamentos Socioculturais da Lutas na Educação Física”, novamente com o professor Falcão. Conciliei os dois vínculos – monitoria e pesquisa voluntária – ao longo de 2016. Apesar de cansativo, foi recompensador. Em 2017, fui contemplado com a bolsa de iniciação científica no mesmo projeto com o professor Beto, e decidi me dedicar exclusivamente à pesquisa. A razão era óbvia, eu não poderia acumular as duas bolsas de acordo com o regulamento da universidade. Com isso, estava me tornando pesquisador. Comecei a frequentar grupos de estudo, a participar de eventos, a me imaginar no mestrado, no doutorado.

Na época, já buscava possibilidades para seguir no mestrado. Foi então que o professor Beto me apresentou alguns nomes e caminhos possíveis: entre eles, o do professor Ari Lazzarotti Filho, que já orientava na Universidade de Brasília. Entrei para o GEPELC e, aos poucos, comecei a estruturar meu projeto. Aquilo que, na iniciação científica, havia surgido por acaso – a formação para o lazer na América Latina – passou a fazer sentido de forma profunda e contínua. Na monografia, investiguei a formação para o lazer nas instituições federais de ensino brasileiras (Cavalcante; Inácio, 2023). No mestrado, ampliei esse olhar para todos os cursos de EF do Brasil, analisando a presença do lazer em seus currículos (Cavalcante, 2021; Cavalcante *et al.*, 2023; Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2021). O mestrado foi extremamente desafiador: além do curto tempo, havia também minha inexperiência acadêmica, que pesava em cada decisão metodológica e teórica. Inclusive, não guardo grande orgulho da dissertação em si e, obviamente, isso é comum a todo pesquisador que relê seus primeiros trabalhos. Mas nas publicações que nasceram dela, reconheço mais qualidade, aprofundamento e capacidade analítica.

Após a defesa do mestrado, atuei como professor substituto na Universidade Federal de Jataí. Foi um retorno importante à sala de aula, espaço que sempre me mobilizou e que, naquele

momento, reacendeu meu compromisso educacional. Paralelamente, comecei a delinear meu projeto de doutorado. Sabia que o lazer continuaria sendo meu objeto central, mas sentia a necessidade de alterar meu referencial teórico. No mestrado, como realizei uma análise curricular, Gimeno Sacristán foi minha referência. Essa mudança era necessária não somente pelo fato de estar cansado dos estudos sobre currículo, mas também para aproximar ainda mais o que pretendia pesquisar com o que o professor Ari já pesquisava e dominava. Foi então, durante uma disciplina como aluno especial na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, intitulada “Sociologia e Educação: Pierre Bourdieu”, que mergulhei com mais profundidade nos conceitos de campo, capital e *habitus* e a leitura de *Homo Academicus* me marcou profundamente. Nesta obra, na dureza daquela análise sobre o mundo universitário, compreendi que a produção sobre o lazer no campo científico também precisava ser pensada como espaço de lutas, disputas, estratégias e exclusões. A ideia me provocou. Desenvolvi uma pesquisa-piloto, compartilhei com os professores da disciplina, e a boa recepção me encorajou a seguir adiante. Estruturei o projeto, submeti à Universidade de Brasília e fui aprovado.

Hoje, são dez anos de envolvimento com o lazer e, olhando para trás, impressiona perceber que foi a carência material que me lançou no campo científico. Eu buscava uma fonte de renda e encontrei um mundo. Mais que isso: encontrei um sentido. Porque foi a ciência que me permitiu atravessar fronteiras que, antes, eu sequer ousava imaginar. Com o lazer, conheci países, instituições, pessoas. Estive em Portugal, Alemanha, Nova Zelândia, Holanda. Vivi oito meses nos Estados Unidos, pesquisando na North Carolina State University, uma das referências mundiais em estudos críticos do lazer. Lá, trabalhei com o professor Rasul A. Mowatt, um dos principais nomes internacionais na articulação entre lazer, justiça social e racialização dos espaços públicos. Estar ali, como pesquisador brasileiro, foi uma experiência que ampliou radicalmente minhas perspectivas, em continuidade com tudo o que já vinha sendo gestado desde a Universidade Federal de Goiás.

Mas o mais importante não está em tudo isso. Está no que mudou em mim. Cresci como pesquisador. Ampliei horizontes. Tornei-me pesquisador, alguém que escreve para dizer o que tantas vezes é silenciado ou visto como “natural”. Esta tese não é apenas um produto acadêmico. Ela é parte de um projeto de vida. É uma vida que se fez nos estudos do lazer.

Ao encerrar este prólogo, não digo que o caminho foi fácil. Mas digo, com convicção, que valeu a pena. Porque a ciência e o lazer não apenas mudaram minha trajetória, eles me levaram

aonde eu jamais pensei estar. Lugares antes distantes, invisíveis, inacessíveis. Entrei por caminhos improváveis e permaneci com esforço. Agora, ciente das dificuldades, das violências e das exclusões que estruturam o campo científico, sigo com os olhos mais abertos, os pés mais firmes e o compromisso de questionar o que parece natural.

*I ain't never had a doubt inside me
And if I ever told you that I did
I'm f***n' lyin'*
(Tyler, The Creator, 2024)

RESUMO

O objetivo desta tese foi analisar a produção sobre o lazer em periódicos, com ênfase nos agentes que publicam, nas suas instituições, nos focos dos artigos e na dimensão de gênero na autoria. A tese é composta por cinco artigos e um ensaio, com objetivos e resultados distintos. O objetivo do artigo 1 foi caracterizar a produção sobre o lazer nos periódicos da Educação Física brasileira e concluímos que a produção sobre o assunto se expandiu a partir dos anos 2000 e, por consequência, converteu-se em prática reiterada do campo, isto é, em um *habitus* de seus agentes. Além disso, identificamos um ganho de autonomia, pois os pesquisadores tendem a priorizar periódicos especializados no lazer. Concomitantemente, a dinâmica de participação mostra-se desigual, pois muitos agentes contribuem de maneira pontual enquanto um núcleo reduzido publica de forma recorrente, o que evidencia dificuldades estruturais de permanência no campo e, portanto, formas de exclusão típicas do campo científico. O objetivo do artigo 2 foi identificar em quais periódicos da Educação Física brasileira ocorre a produção sobre o lazer e quais agentes, instituições e estados produzem sobre o assunto. Identificamos uma média de 2,62 agentes por artigo publicado e que as redes de publicação são oriundas majoritariamente de instituições de ensino superior públicas, com uma distribuição territorial concentrada em São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ou seja, a autoridade científica sobre o lazer está concentrada no eixo Sudeste-Sul. O objetivo do artigo 3 foi identificar os focos dos artigos sobre o lazer publicados entre 2000 e 2022 e constatamos a predominância de certos focos como grupos, abordagens teórico-conceituais e espaços/equipamentos, e, de modo transversal, a relevância das políticas públicas como tema. A leitura final interpreta esse arranjo como expressão de um campo que constrói legitimidade ao combinar problemas socialmente reconhecidos com viabilidade empírica, o que chamamos de estudos acessíveis. O objetivo do artigo 4 foi investigar as diferenças de gênero na autoria de artigos científicos sobre o lazer no campo da Educação Física e do lazer no Brasil. Concluímos que há, em grande medida, um equilíbrio numérico na produção sobre o lazer entre os gêneros em vários recortes e momentos, ainda que persistam assimetrias quando se observa o estrato de maior produtividade, no qual os homens seguem sobrerrepresentados. O objetivo do ensaio foi analisar o campo científico do lazer no século XXI, verificando em que medida ele avançou em direção à cientificidade e à autonomia, identificando mudanças e permanências no período. Apresentamos que o lazer ganhou densidade teórica e autonomia, mas segue condicionado por fatores externos, que orientam objetos, ritmos e formatos de publicação. O balanço final apresenta que a próxima

etapa de maturidade exige pluralizar a pesquisa para além da concentração regional, reduzir dependências de métricas que impactam os agentes do campo e instituir políticas de equidade. No *post scriptum* – artigo 5 – examinamos os artigos publicados nos periódicos do lazer no século XXI, identificando o número de publicações, seus autores, instituições e países, utilizando o conceito de campo científico de Pierre Bourdieu. Concluimos que houve um expressivo crescimento do volume de artigos em conjunto com uma forte concentração de capital científico, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá. Em adição, a maioria dos agentes publica uma única vez, enquanto um núcleo restrito de autores e instituições acumula visibilidade e define o que conta como conhecimento legítimo, reproduzindo assimetrias geográficas. Em conjunto, os artigos e o ensaio evidenciam que a ampliação da produção sobre o lazer foi acompanhada pela concentração de capital científico, pela concentração regional e pela persistência de desigualdades geopolíticas. Assim, “quem publica decide” quais temas ganham visibilidade, quais abordagens se tornam hegemônicas e quais grupos e instituições permanecem em posições dominadas. Os resultados apontam para a necessidade de políticas de fomento, avaliação e equidade que pluralizam a autoria e a circulação dos conhecimentos sobre o lazer no Brasil e no mundo.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Quantidade de artigos publicados por ano com o termo lazer em seus títulos.....22

GRÁFICO 2 – Quantidade de artigos publicados por periódico com o termo lazer em seus títulos.....23

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Objetivos e problemas de pesquisa da tese e dos artigos.....	40
--	----

SUMÁRIO

1 UMA “TESE PARA QUEIMAR”?	17
2 A ANÁLISE EM TRÊS NÍVEIS	19
2.1 Nível 1 – A construção do objeto	21
2.2 Nível 2 – A análise do campo	28
2.3 Nível 3 – A objetivação participante	32
3 A ARQUITETURA DA TESE EM ARTIGOS	37
4 OBJETIVOS E PROBLEMAS DA TESE E DOS ARTIGOS	40
REFERÊNCIAS	42
5 ARTIGO 1 – O LAZER NO CAMPO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: ENTRE O GANHO DE AUTONOMIA, A EXCLUSÃO DOS AGENTES E OS ESTUDOS DE GRUPOS POPULACIONAIS	48
6 ARTIGO 2 – O LAZER NO CAMPO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: PERIÓDICOS, AGENTES, INSTITUIÇÕES E ESTADOS	75
7 ARTIGO 3 – TENDÊNCIAS NA PESQUISA SOBRE O LAZER: UMA ANÁLISE DOS FOCOS DOS ARTIGOS DO CAMPO	107
8 ARTIGO 4 – ENTRE DESIGUALDADES ESTRUTURAIS E EQUILÍBRIOS NUMÉRICOS: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O LAZER	132
9 ENSAIO - A CONSTITUIÇÃO DO LAZER COMO UM CAMPO DE ESTUDOS CIENTÍFICOS NO BRASIL NO SÉCULO XXI	145
10 POST SCRIPTUM – ARTIGO 5 – THE LEISURE FIELD IN THE 21ST CENTURY: INEQUALITIES AND REPRODUCTION	165
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUEM PUBLICA DECIDE?	197

1 UMA “TESE PARA QUEIMAR”?

Sabe-se que os grupos não gostam muito dos que ‘traem um segredo’, sobretudo quando a transgressão ou traição protege seus valores mais altos. (Bourdieu, 2017b, p. 25)

O primeiro capítulo de *Homo Academicus* começa com uma pergunta: Um “livro para queimar”? (Bourdieu, 2017b, p. 21). Com essa provocação, Pierre Bourdieu antecipa os riscos simbólicos e políticos envolvidos em sua análise, não de um objeto distante, mas do próprio espaço que habita: o campo acadêmico. Ao tornar visíveis os mecanismos de consagração, exclusão e reprodução que estruturam a academia, o autor assume a posição desconfortável de quem revela o funcionamento interno de um jogo ao qual também pertence (Bourdieu, 2017b). Trair um segredo pode ser imperdoável, sobretudo quando o que se expõe são os valores mais caros ao grupo. Esta tese parte do mesmo gesto: examinar, com ferramentas teóricas e empíricas, as dinâmicas de poder que sustentam e envolvem os agentes que publicam sobre o lazer, mesmo que isso implique desconforto.

Esta pode ser, em alguma medida, uma tese para queimar porque busca iluminar os processos de exclusão e consagração que estruturam o campo em que ela mesma se inscreve, o que, talvez, possa atrair o desejo por queimá-la. Analiso aqui a constituição histórica, a distribuição do capital científico e os mecanismos de poder que definem quem fala sobre lazer, com quais condições, a partir de quais lugares. Essa é uma operação delicada: escrever sobre o campo estando dentro dele e, mais do que isso, ocupando nele uma posição subalterna, ainda em disputa e instável. Afinal, como escrever sobre um jogo do qual se deseja participar sem parecer oportunista ou ressentido? Como criticar estruturas das quais se é, ao mesmo tempo, produto e contestador? A resposta de Bourdieu é clara: é preciso reconhecer que toda análise da universidade envolve riscos simbólicos e custos políticos (Bourdieu, 2004, 2017b). Não há neutralidade possível quando se examinam as engrenagens que movem a própria trajetória do pesquisador.

Mas há também um segundo motivo pelo qual inicio este trabalho com a pergunta: uma “tese para queimar”? Quantas teses, de fato, lemos? Quando foi a última vez que você – leitor, se é que existe algum para além da banca – leu uma tese ou dissertação em sua totalidade? Qual foi o impacto dela sobre sua prática ou reflexão acadêmica? Não me esqueço de um episódio emblemático. Durante o 17th *World Leisure Congress*, na Nova Zelândia, participei de um workshop destinado a estudantes de doutorado. Em determinado momento, a professora perguntou:

“Quem aqui defenderá a tese em formato de artigos?” Todos levantaram a mão, com exceção de uma única estudante. O recado era claro, embora não verbalizado: há algo no modelo tradicional de tese, o formato monográfico, que perdeu espaço, impacto e, talvez, sentido. No cotidiano atravessado pelo produtivismo acadêmico e em uma era de “publicar ou perecer” sobra pouco tempo para ler artigos, quem dirá uma tese. Se o tempo para leitura ficou escasso, será que ainda há lugar para trabalhos como este? Seria esta, também, uma tese para queimar?

Essa inquietação me acompanhou desde o início. Optar pela defesa em formato de artigos foi uma escolha estratégica e crítica. Estratégica porque responde às exigências da lógica produtivista que rege as avaliações acadêmicas do campo ao qual me insiro como um pesquisador que ocupa uma posição dominada; crítica porque tenta, ainda assim, preservar algum grau de reflexão aprofundada, sem perder a chance de circular, ser lida, debatida. Este formato, sem sombra de dúvidas, não é neutro e está, visceralmente, relacionado com minha posição no campo científico.

Assim, entre o gesto inaugural de Bourdieu e a realidade atual da pesquisa acadêmica, esta tese se insere em um duplo incômodo: por um lado, interroga o próprio campo do qual faz parte; por outro, questiona o lugar que a tese ainda ocupa – ou já não ocupa – na vida acadêmica. É a partir dessas tensões que este trabalho começa. Se ele será lido ou queimado, como tese, não saberei. Por meio dos artigos, talvez seja mais lido.

2 A ANÁLISE EM TRÊS NÍVEIS

Pensar metodologicamente uma tese orientada pela perspectiva de Pierre Bourdieu é, desde o início, um desafio. Isso porque não há, em sua obra, uma estrutura analítica e metodológica única que possa ser simplesmente replicada. Ao contrário, suas pesquisas apresentam abordagens, metodologias e formas de exposição variadas, que se moldam às especificidades de cada objeto investigado. Em *A Miséria do Mundo*, por exemplo, predomina uma abordagem etnográfica e dialógica, com entrevistas longas, densas e carregadas de implicações sociais (Bourdieu, 2012). Já em *A Distinção: crítica social do julgamento*, o autor lança mão de recursos estatísticos e análises quantitativas para compreender a estrutura do gosto e sua relação com a posição social dos agentes (Bourdieu, 2017a). Essa diversidade se estende também à forma de apresentação dos resultados. Em *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, Bourdieu adota o formato de perguntas e respostas, criando uma exposição, de certa forma, socrática, que conduz o leitor por meio de encadeamentos lógicos e pedagógicos (Bourdieu; Passeron, 2014). Por outro lado, *Razões Práticas* apresenta uma forma ensaística e conceitual, mais voltada à sistematização de noções-chave do seu pensamento do que à demonstração empírica de um caso específico (Bourdieu, 2011).

Diante disso, é evidente que seguir Bourdieu metodologicamente não significa aderir a um modelo fixo de investigação, mas assumir uma postura reflexiva, relacional e atenta às tensões entre teoria e empiria (Bourdieu; Wacquant, 2005). Essa diversidade metodológica não é um acaso, mas uma escolha coerente com a própria teoria do autor. Como advertiu Bourdieu: “Livrai-nos dos cães de guarda metodológicos.” (Bourdieu, 1989, p. 26). Ao dizer isso, ele critica o apego a normas e protocolos metodológicos rígidos, enfatizando que cada pesquisa deve inventar sua forma à luz dos problemas que enfrenta. Assumir a orientação bourdieusiana, portanto, implica buscar coerência interna antes de obedecer a convenções externas. É essa liberdade teórica e esse rigor relacional que orientam a estrutura que se apresenta a seguir. Nos próximos parágrafos, explico a opção por uma análise desenvolvida em três níveis, cada qual com foco, escopo e implicações distintas, buscando, com isso, dar conta da complexidade do objeto de estudo e, ao mesmo tempo, respeitar, na medida do possível, os princípios da teoria bourdieusiana que permitirão a compreensão dos artigos científicos que completam esta tese. Esta análise em três níveis compreende: (1) a construção do objeto; (2) a análise do campo; e (3) a objetivação participante. Para Bourdieu e seus comentadores, uma análise de base bourdieusiana deve ter como prioridade

esses três níveis (Bourdieu; Wacquant, 2005; Grenfell, 2018; Thompson, 2018) apesar da flexibilidade analítica já apresentada anteriormente.

O primeiro nível, a construção do objeto, envolve o esforço de estranhamento do pesquisador em relação ao que é tomado como dado, visando desnaturalizar o senso comum e interrogar as condições históricas e sociais que configuram o objeto investigado (Bourdieu; Wacquant, 2005; Grenfell, 2018; Thompson, 2018). Por exemplo, por que os principais agentes do campo científico que produzem sobre o lazer, hoje, publicam, majoritariamente, na *Licere* e na *Revista Brasileira de Estudos do Lazer* (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024b, 2024a)? Essa prática não é aleatória, mas resultado de condicionantes históricos e dinâmicas campais específicas. Nesta tese, a construção do objeto contempla a análise dos vínculos históricos entre o lazer e a Educação Física, bem como a incorporação da produção científica ao cotidiano do campo, com ênfase na consolidação do formato de artigos como principal via de publicação. Tais elementos ajudam a compreender a formação do campo científico onde esses agentes produzem e suas revistas especializadas.

O segundo nível, a análise do campo, segue também uma estrutura tripartida (Bourdieu; Wacquant, 2005; Grenfell, 2018; Thompson, 2018): (1) a relação do campo com outros campos de poder; (2) o mapeamento das posições ocupadas pelos agentes com base nos capitais que possuem; e (3) a análise do *habitus* desses agentes, ou seja, das disposições incorporadas que orientam suas práticas, preferências e tomadas de posição. Nesta seção introdutória, será desenvolvido apenas o primeiro aspecto, que apresentará a relação do campo científico que produz sobre o lazer com campos adjacentes, como o da Educação Física e das Ciências da Saúde. Essa delimitação permite compreender como o lazer se encontra em uma posição de dupla dominação apesar da intenção de se constituir cientificamente e de sua constante luta por autonomia frente a campos mais consolidados e dotados de maior capital científico. As demais dimensões, referentes à posição dos agentes e seus *habitus*, são apresentadas nos artigos que compõem esta tese.

Por fim, no terceiro nível, a objetivação participante exige que o pesquisador analise sua própria posição no campo, assumindo uma postura reflexiva em relação às condições que moldam sua trajetória, suas disposições, suas escolhas e inferências analíticas (Bourdieu; Wacquant, 2005; Grenfell, 2018; Thompson, 2018). Assim, nesta tese, assumo minha inserção no campo científico e me coloco como objeto de análise. Reconheço os capitais que detenho e a posição que ocupo no interior desse campo. Tal reflexividade é fundamental para compreender, por exemplo, por que

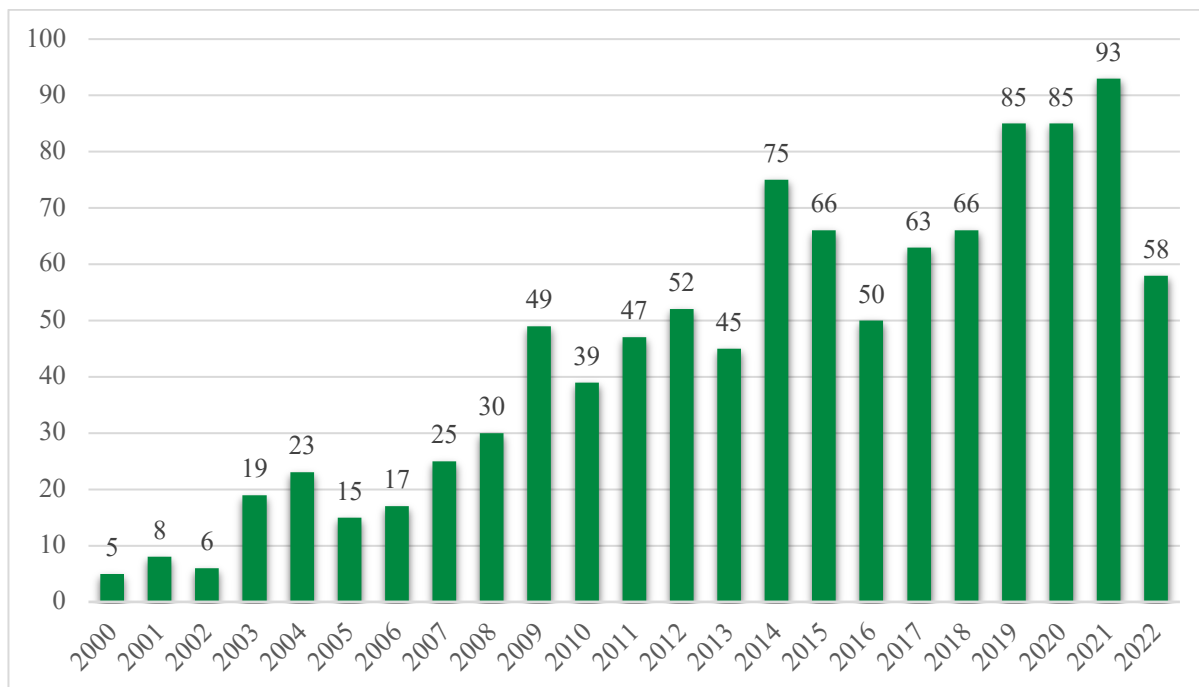
determinadas críticas emergem de minha análise. Para exemplificar como toda crítica tem relação com a posição de um agente inserido em um campo, ao observarmos um pesquisador da Educação Física da área sociocultural criticar um colega da biodinâmica como produtivista, essa crítica só faz sentido se compreendermos as posições relativas de ambos no espaço científico e os capitais que mobilizam. O mesmo se aplica ao movimento inverso: quando pesquisadores da biodinâmica desqualificam publicações da área sociocultural como escassas ou de baixa qualidade. Essas disputas só podem ser inteligíveis quando analisadas à luz das posições dominantes e dominadas no campo, no caso, a sociocultural dominada e a biodinâmica dominante. Desse modo, toda crítica presente nesta tese, deve ser lida à luz da minha posição no campo e dos condicionantes que a tornaram possível. Trata-se, portanto, de um exercício de objetivação que visa desnudar as razões que orientam esta análise.

Dessa forma, a estrutura em três níveis adotada busca articular teoria e empiria de modo coerente com os pressupostos da sociologia de Pierre Bourdieu, reconhecendo a complexidade do campo científico e a posição do próprio pesquisador em sua análise. Ao assumir essa abordagem, não pretendo oferecer uma leitura definitiva, mas propor uma interpretação relacional e reflexiva, atenta às disputas, às trajetórias e às condições históricas dos agentes que estão nesse campo. A seguir será apresentada a construção do objeto de pesquisa, com foco nos condicionantes históricos que aproximaram o lazer da Educação Física, nas dinâmicas de institucionalização da produção científica e na conformação de um espaço específico de publicação e reconhecimento acadêmico.

2.1 Nível 1 – A construção do objeto

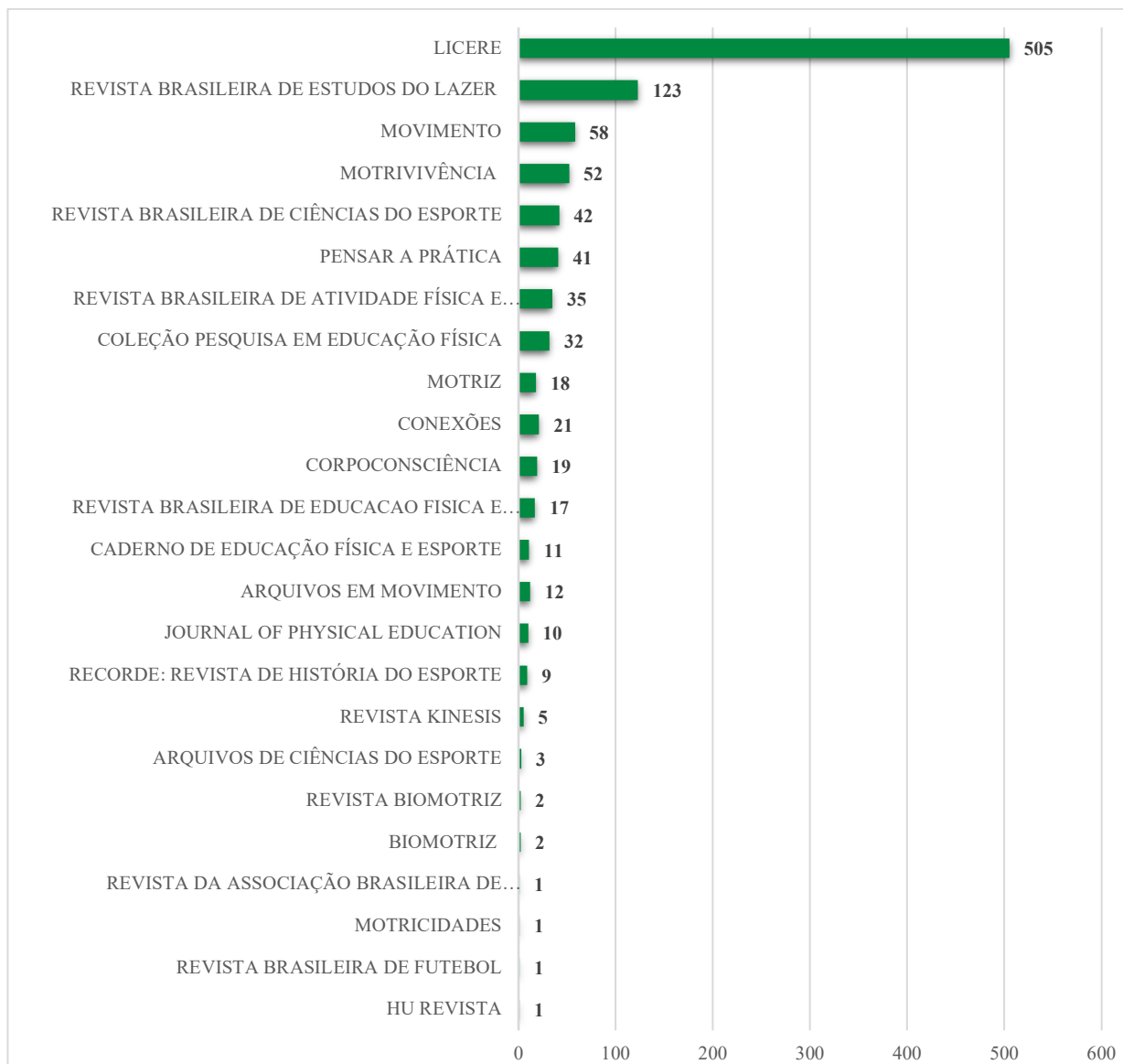
Bourdieu, em algumas de suas pesquisas, costuma iniciar com um contexto prático, com os dados, e somente após isso desenvolver reflexões e análises capazes de realizar uma ruptura com o *corpus* empírico analisado (Bourdieu; Wacquant, 2005; Grenfell, 2018). Neste cenário, inicio esta seção com dois dados empíricos simples, frutos da coleta de dados desta tese e apresentados nos Gráficos 1 e 2, que indicam o crescimento da produção científica sobre o lazer e a concentração dessa produção em dois periódicos específicos: *Licere* e a *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*.

GRÁFICO 1 – Quantidade de artigos publicados por ano com o termo lazer em seus títulos.



Fonte: Adaptado de Cavalcante; Lazzarotti Filho (2024b, 2024a).

GRÁFICO 2 – Quantidade de artigos publicados por periódico com o termo lazer em seus títulos.



Fonte: Adaptado de Cavalcante; Lazzarotti Filho (2024b, 2024a).

Esses achados, por si sós, suscitam duas perguntas importantes: por que essa produção cresceu? E por que se concentrou em certos periódicos? Para responder a essas questões, é necessário reconstituir historicamente as condições sociais que permitiram tal configuração assim como valorizado por Bourdieu em seus objetos de pesquisa (Bourdieu, 1986, 2004, 2011, 2017b; Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2004; Bourdieu; Wacquant, 2005; Grenfell, 2018). É nesse ponto que a construção do objeto se impõe. Compreender a produção científica sobre o lazer hoje, exige que recuemos no tempo e observemos os processos que consolidaram esse fenômeno.

O início dessa produção se relaciona imbricadamente com as relações estabelecidas entre o lazer e a Educação Física no Brasil, que não foi natural e tampouco espontânea. Ela resulta de uma série de mediações históricas e institucionais que, desde o início do século XX, foram estruturando formas legítimas de pensar e agir sobre o lazer da população. Na transição da Primeira República para a Era Vargas, emergiram no país experiências recreativas impulsionadas por gestores públicos e intelectuais que viam no lazer um instrumento de disciplinamento social, recuperação da força de trabalho e promoção da saúde, sobretudo em contextos urbanos marcados por migrações, industrialização e crescimento desordenado (Isayama, 2007; Melo; Alves Júnior, 2012; Peixoto; Pereira, 2014).

Dentre essas iniciativas, destacam-se as experiências pioneiras em Porto Alegre, capitaneadas por Frederico Gaelzer, cuja formação em Educação Física nos Estados Unidos lhe permitiu trazer ao Brasil concepções sistematizadas de recreação e programas voltados à ocupação do tempo livre da população (Feix; Goellner, 2008; Gomes, 2003). Inspirado pelas *Hull Houses*, *Playgrounds* e pela *Young Men's Christian Association*, Gaelzer implantou na capital gaúcha as Praças de Recreio e de Desporto, que ofereciam atividades físicas com fins educativos e higienistas. Essas ações foram acompanhadas da formação de profissionais capacitados para atuar nesses espaços, vinculando desde então a atuação no lazer à formação em Educação Física. Outros centros urbanos também seguiram esse caminho. Em São Paulo, por exemplo, criou-se o Serviço Municipal de Jogos de Recreio, voltado a crianças em situação de vulnerabilidade, sob inspiração escolanovista (Gomes, 2003). Já no antigo Distrito Federal, no Rio de Janeiro, instituiu-se o Serviço de Recreação Operária, voltado para trabalhadores urbanos e inspirado igualmente nas experiências norte-americanas (Brêtas, 2010; Gomes, 2003).

Já na segunda metade do século XX, esse movimento se intensificou com a criação do Serviço Social da Indústria (SESI) e do Serviço Social do Comércio (SESC), que ampliaram e institucionalizaram as práticas de lazer voltadas à classe trabalhadora e, até hoje, mantêm uma atuação marcante nesse campo, frequentemente por meio de profissionais oriundos da Educação Física atuando nestes locais (Fonseca; Pinto, 2015; Isayama, 2007, 2009; Melo; Alves Júnior, 2012).

Foi nesse contexto histórico de ocupação planejada do tempo livre, mediada por práticas corporais, que o lazer passou a ser incorporado aos currículos dos cursos de Educação Física, inicialmente por meio de disciplinas voltadas à recreação e, posteriormente, com uma aproximação

conceitual com o lazer (Melo; Alves Júnior, 2012; Serejo; Isayama, 2018, 2019). A Resolução nº 3/1987 e seu Parecer nº 215/87, que estabeleceram diretrizes para os cursos de Educação Física no país, já previam o lazer como componente formativo, por meio da disciplina “Lazer e Recreação”. Além desta, também era recomendada a disciplina “Sociologia do Lazer”, o que evidenciava o movimento inicial de aproximação entre a Educação Física e o lazer do ponto de vista formativo. Anos depois, a Resolução nº 7/2004 e o Parecer CNE/CES nº 58/2004 reafirmaram o lazer como objeto de estudo e prática da Educação Física, destacando sua relevância para a intervenção profissional em políticas públicas e na elaboração de projetos voltados à temática. Mais recentemente, a Resolução nº 6/2018 e o Parecer CNE/CES nº 584/2018 ampliaram essa perspectiva ao reconhecer o lazer como objeto de estudo, prática, formação e intervenção profissional. Isso permite inferir que, desde sua primeira incorporação oficial em 1987, o lazer se manteve como temática relevante na formação em Educação Física, sendo citado em todas as diretrizes curriculares subsequentes.

Esse conjunto de aproximações históricas forjou um vínculo duradouro entre o lazer e a Educação Física, que não se limita à atuação profissional ou à formação inicial. A partir dos anos 2000, com a consolidação da pós-graduação *stricto sensu* no campo (Lazzarotti Filho, 2018; Lazzarotti Filho *et al.*, 2012; Lazzarotti Filho; Silva; Mascarenhas, 2015), observamos a incorporação do lazer como objeto legítimo de investigação científica, passando a compor linhas de pesquisa, congressos científicos, dissertações, teses e publicações acadêmicas (Gomes; Melo, 2003; Isayama, 2007; Marcellino, 2010; Melo; Alves Júnior, 2012). A presença do lazer nos programas de pós-graduação em Educação Física não é um simples reflexo de sua prática profissional, mas o resultado de condições históricas que impactaram o interior do campo científico da Educação Física.

De modo particular, a presença do lazer como temática de pesquisa se tornou cada vez mais visível no espaço dos eventos científicos e nos grupos de estudo institucionalizados, cujas sedes se concentram majoritariamente em unidades acadêmicas de Educação Física (Gomes; Melo, 2003; Marcellino, 2010; Melo; Alves Júnior, 2012). Inclusive, no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, o maior evento da Educação Física na América Latina, há o grupo temático dedicado ao lazer denominado Lazer e Sociedade. A consolidação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, o único do Brasil, na Universidade Federal de Minas Gerais, ilustra também esse movimento: embora a proposta seja interdisciplinar, o programa está vinculado

institucionalmente à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, o que reitera a imbricação histórica e estrutural entre a Educação Física e o lazer.

Essa importância da Educação Física na produção científica sobre o lazer é identificada empiricamente por estudos como o de Dias et al. (2017), que identificaram, na *Licere*, a prevalência de autores com formação em Educação Física entre os pesquisadores que mais publicaram, tanto em nível de graduação quanto em pós-graduação. Tais dados não apenas atestam uma proximidade institucional e histórica, mas revelam como a produção científica sobre o lazer está visceralmente relacionada com os pesquisadores oriundos da Educação Física.

Esse processo de legitimação da produção científica sobre o lazer pela Educação Física ocorre em paralelo a uma reestruturação mais ampla do próprio campo científico brasileiro, marcada pela intensificação das exigências produtivistas, pela valorização da publicação em periódicos e pelo fortalecimento dos critérios de avaliação baseados em métricas bibliométricas (Barata *et al.*, 2014). No interior da Educação Física, esse movimento é caracterizado como a constituição de um novo *modus operandi* no qual os artigos científicos ganham centralidade como forma dominante de publicação entre os pesquisadores (Costa; Neves, 2022; Lazzarotti Filho; Silva; Mascarenhas, 2015). Essa inflexão representa uma transformação significativa nas estratégias dos agentes no campo científico: se anteriormente a publicação de livros podia representar uma forma privilegiada de acumulação de capital, atualmente são os artigos científicos que operam como marcadores de distinção e instrumentos de consagração. Esta reconfiguração do campo reforça as disputas por visibilidade e autoridade, convertendo os periódicos científicos em arenas centrais da luta pelo capital simbólico e institucional (Lazzarotti Filho; Silva; Mascarenhas, 2015).

Retomando os dados apresentados nos gráficos iniciais, é possível observar não apenas um crescimento quantitativo da produção de artigos sobre o lazer, mas também um processo de autonomização relativa dessa produção. A concentração das publicações nos periódicos *Licere* e *Revista Brasileira de Estudos do Lazer* indica que os agentes engajados na pesquisa sobre lazer não apenas ampliaram sua produção, como também optaram por construir espaços próprios de consagração, reconhecimento e debate. Trata-se de um movimento que evidencia um esforço coletivo de especialização e delimitação de fronteiras, típico dos processos de consolidação de disciplinas na ciência e que se expressa na tentativa de constituir uma comunidade discursiva coesa, ainda que heterogênea (Kuhn, 2018). Do ponto de vista bourdieusiano, esse gesto pode ser

interpretado como uma forma de acumulação de capital científico por meio da criação de estruturas institucionais específicas, como periódicos, eventos, grupos de pesquisa, que funcionam como instâncias legítimas de validação e circulação do saber produzido (Bourdieu, 2004). Mesmo que os principais agentes desse processo ainda sejam oriundos da Educação Física (Dias *et al.*, 2017), o fato de priorizarem veículos especializados sobre o lazer indica uma estratégia de distinção, por meio da qual se busca instituir um lugar próprio no campo científico, com suas normas, interlocuções e disputas específicas. Essa relativa autonomização, no entanto, não elimina as relações com o campo mais amplo da Educação Física, mas as reinscreve em novas formas. Tal vínculo se expressa, inclusive, na permanência do diálogo com periódicos tradicionais da área, como a *Movimento*, a *Motrivivência*, a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* e a *Pensar a Prática*, que seguem figurando entre os veículos que publicam artigos com o termo “lazer” em seus títulos assim como ilustrado no Gráfico 2. Esses dados reforçam que, embora se observe um movimento de consolidação de espaços próprios, a produção sobre o lazer permanece tensionada entre a busca por autonomia e a manutenção de laços estruturais com o campo da Educação Física.

Em síntese, este capítulo se inicia com a apresentação de um exemplo empírico – o crescimento e a concentração da produção científica sobre o lazer – e avança para uma reconstrução histórica que permite contextualizar e interpretar tais dados à luz das disputas e das estruturas do campo científico. Ao combinar evidências quantitativas com uma análise das mediações institucionais e acadêmicas que tornaram o lazer um objeto legítimo de investigação, procurei demonstrar que sua emergência como tema científico não é fruto de um processo neutro ou espontâneo. Pelo contrário, ela resulta de lutas por legitimidade, estratégias de distinção e dinâmicas de consagração, mobilizadas por agentes situados em posições diversas dentro de um campo em permanente reconfiguração.

Com base nessa construção do objeto, passo agora ao segundo nível de análise: a análise do campo. Nesta nova etapa busco compreender como a produção científica sobre o lazer se insere nas dinâmicas de hierarquia e estruturação do campo científico mais amplo. O objetivo é situar essa produção em meio às disputas por autoridade, reconhecimento e capital, observando suas relações com áreas consagradas, como aquelas vinculadas às Ciências da Saúde, bem como com o campo da Educação Física, que historicamente concentrou os principais agentes responsáveis por sua legitimação. Ao analisar essas posições e disputas, procuro evidenciar as condições sociais que moldam as estratégias dos agentes e a configuração atual da produção sobre o lazer.

2.2 Nível 2 – A análise do campo

Compreender os mecanismos que orientam a produção científica sobre o lazer exige que se avance do plano empírico para uma reflexão mais ampla sobre a estrutura do campo científico. Essa é a proposta deste segundo nível de análise: tratar o campo como um espaço estruturado de posições e relações, com lógicas e hierarquias próprias, mas nunca plenamente autônomo em relação aos demais campos de poder (Bourdieu, 2004; Lahire, 2017; Thompson, 2018). Como afirma Bourdieu (2004), a noção de campo designa esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de leis específicas e, ainda que ele jamais escape por completo das pressões externas, dispõe de uma autonomia parcial.

No caso do campo científico, essa autonomia se manifesta por meio de regras internas de validação do conhecimento, controle pelos pares e formas específicas de consagração (Bourdieu, 2004). No entanto, ela também é constantemente tensionada por vínculos econômicos, políticos e institucionais, especialmente quando se considera o financiamento público da ciência ou as disputas por legitimidade entre áreas (Bourdieu, 2004, 2017b). Como Bourdieu insiste, é preciso evitar tanto a ilusão da “ciência pura” e totalmente livre quanto a visão reducionista de uma “ciência escrava” dos interesses externos (Bourdieu, 2004). O campo científico, como os demais, está inserido em lógicas de dominação que o atravessam e condicionam suas margens de autonomia.

É nesse quadro que se inscreve a reflexão proposta neste capítulo. Trata-se de compreender como a produção sobre o lazer se posiciona em relação ao campo científico, passando pela análise do lugar ocupado pela Educação Física nesse espaço e seus inevitáveis impactos nas produções sobre o lazer diante das relações históricas estabelecidas. Em outras palavras, pretendo mostrar que o lazer é um tema dominado dentro de um campo – a Educação Física – que também ocupa uma posição dominada no interior das Ciências da Saúde. Tal perspectiva permite compreender os limites objetivos impostos à sua valorização simbólica e material, bem como as estratégias que seus agentes mobilizam para resistir, legitimar-se e produzir ciência.

Ao considerarmos o campo científico como espaço de disputas por legitimidade, autoridade e reconhecimento (Bourdieu, 2004; Ragouet, 2017), torna-se necessário compreendermos como diferentes áreas do saber se situam nesse espaço segundo o volume e a composição de capital que acumulam. Como demonstrado por Bourdieu em *Homo Academicus* (2017b), os campos acadêmicos não são homogêneos: determinadas áreas ocupam posições dominantes, detendo maior

prestígio simbólico, maior capacidade de mobilizar recursos financeiros e maior autonomia. Outras, por sua vez, encontram-se em posições dominadas, com menor capital simbólico e institucional, o que as torna mais vulneráveis às pressões externas e às hierarquias internas da academia.

A Educação Física, no Brasil, ocupa uma posição dominada dentro desse espaço. Inserida oficialmente na grande área das Ciências da Saúde, ela convive com campos tradicionalmente mais valorizados, como a Medicina, que concentram recursos, prestígio e poder de influência política e institucional (Barata *et al.*, 2014). Isso significa que há uma distribuição desigual de financiamento e reconhecimento entre os campos que compõem as Ciências da Saúde, sendo a Educação Física frequentemente relegada a um papel periférico. Isso se reflete em sua menor capacidade de atrair fomento, influenciar políticas públicas ou consolidar-se como campo de excelência junto às agências de avaliação e no imaginário acadêmico mais amplo.

Esse lugar dominado tem consequências diretas na produção científica e nas estratégias dos agentes que atuam no interior da Educação Física. Isso significa que a posição ocupada pelos agentes em um campo influencia suas práticas, suas visões de mundo e até mesmo os temas que consideram legítimos (Bourdieu, 1976, 2004). Assim, não surpreende que, em busca de maior reconhecimento e acumulação de capital científico, uma parcela significativa dos pesquisadores da área tenha investido nas subáreas que mais dialogam com as ciências naturais e biomédicas, sobretudo aquelas vinculadas à fisiologia, à biomecânica e ao treinamento esportivo, muitas vezes agrupadas sob o rótulo de “biodinâmica”. Essas subáreas tendem a incorporar padrões metodológicos hegemônicos nas Ciências da Saúde e na ciência, como a experimentação, a quantificação e a produção de evidências clínicas, o que facilita sua legitimação junto às agências de fomento e às políticas institucionais de avaliação.

Por outro lado, temas da Educação Física que se filiam às ciências humanas e sociais, como é o caso do lazer, enfrentam obstáculos adicionais para sua legitimação, fazendo-o, muitas vezes, ser percebido como um tema menos valorizado dentro deste campo (Werneck, 2000). A valorização da produção objetiva e mensurável, em detrimento das abordagens interpretativas e qualitativas, acentua a marginalização dos temas que escapam aos parâmetros de cientificidade impostos pelo polo dominante da área. Isso produz um duplo movimento de subordinação: primeiro, da Educação Física frente às demais Ciências da Saúde; depois, das abordagens

socioculturais, que incluem o lazer, dentro da Educação Física, frente às abordagens biodinâmicas no interior do próprio campo.

Esse cenário não significa, contudo, que os agentes da área sociocultural e do lazer estejam passivos diante dessa estrutura hierárquica. Ao contrário, como será possível observar ao longo desta tese, estratégias de resistência e acumulação de capital vêm sendo mobilizadas com vistas à valorização de seus temas, por meio da criação de periódicos especializados, grupos de pesquisa, redes de colaboração e programas de pós-graduação que acolhem e promovem tais abordagens. Ainda assim, é imprescindível reconhecer que essas iniciativas operam dentro de um campo assimétrico, no qual a posição da Educação Física e, em especial, das suas abordagens socioculturais, que incluem o lazer, permanecem marcadas por uma posição duplamente dominada.

Tal condição de dupla subalternidade na qual o lazer se insere é reveladora das dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores que se dedicam a essa temática para acumular capital científico, obter financiamento, publicar em periódicos de prestígio e garantir reconhecimento institucional. A marginalização do lazer não é apenas fruto de contingências históricas ou institucionais, mas revela a lógica estrutural do campo científico, no qual os objetos de pesquisa são também produtos de disputas por legitimidade (Bourdieu, 1975a, 1975b). Conforme argumenta Bourdieu (1975a, 1975b; 2004), a hierarquia entre os temas de pesquisa não é neutra: certos objetos são considerados mais “nobres”, mais “sérios” ou mais “úteis”, enquanto outros são vistos como periféricos, banais ou de interesse limitado. O lazer, historicamente associado a dimensões lúdicas, subjetivas e não utilitárias da vida social, foi e é frequentemente classificado entre esses objetos “menores”, cuja legitimidade científica precisa ser constantemente reafirmada e defendida por seus proponentes.

Diante desse cenário, os pesquisadores do lazer têm elaborado estratégias específicas para consolidar sua posição e buscar maior autonomia dentro do campo. A criação de periódicos especializados, como a *Revista Brasileira de Estudos do Lazer* e a *Licere*, e a constituição do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, exemplificam esse esforço coletivo de afirmação e consolidação de um espaço próprio de produção e circulação de saberes. No entanto, a construção de autonomia em campos dominados raramente implica ruptura com os campos mais amplos (Bourdieu, 2011). Trata-se, muitas vezes, de uma autonomia relativa, sempre tensionada pelas hierarquias e dependências preexistentes.

Essa dinâmica fica evidente ao analisarmos os dados empíricos apresentados no capítulo anterior. A concentração da produção sobre o lazer em dois periódicos específicos sugere uma tentativa – bem sucedida – de delimitar um espaço discursivo próprio. Contudo, a permanência significativa de publicações em periódicos tradicionais da Educação Física, como *Movimento*, *Motrivivência*, *Pensar a Prática* e a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, indica que os vínculos com o campo de origem permanecem ativos. Assim, o lazer não rompe totalmente com a Educação Física, mas busca construir, a partir de sua interioridade, uma posição de maior visibilidade e legitimidade.

Essa ambivalência, entre a busca por distinção e a permanência das estruturas de dependência, define o lugar ocupado pelo lazer como objeto científico. Embora tenha conquistado relativa autonomia e se consolidado enquanto área de produção acadêmica, o lazer ainda se configura como um tema cuja origem está profundamente enraizada na Educação Física. Nessa condição, permanece em constante disputa por reconhecimento, sendo reiteradamente desafiado a justificar sua existência, seus aportes teóricos e sua relevância social e científica.

Em suma, compreender a produção sobre o lazer implica reconhecê-la como uma disputa por legitimidade no interior de múltiplas camadas de dominação. Trata-se de um tema que se constitui cientificamente no interior da Educação Física, esta, por sua vez, subordinada a outras áreas mais prestigiadas no interior das Ciências da Saúde e do campo científico como um todo. Nesse jogo de forças, a produção sobre o lazer enfrenta obstáculos estruturais que limitam seu acesso a capitais simbólicos e materiais, mas também mobiliza estratégias específicas de consagração e reconhecimento. A constituição de periódicos especializados, a formação de redes acadêmicas e a consolidação de programas de pós-graduação são exemplos de movimentos que apontam para a autonomia e uma construção de identidade científica própria (Werneck, 2000). Tais disputas não são meramente acadêmicas: nelas se joga o poder de definir o que merece ser estudado, financiado e legitimado como conhecimento válido. A análise do campo, portanto, permite revelar os mecanismos invisíveis que estruturam as possibilidades e os limites da produção científica sobre o lazer no Brasil, com sua posição duplamente dominada.

Na próxima seção, passo ao terceiro e último nível de análise desta tese: a objetivação participante. Trata-se de uma reflexão que volta o olhar para minha própria trajetória como pesquisador inserido neste campo, buscando explicitar os condicionamentos, as estratégias e as posições que tornaram possível a construção deste trabalho. Como propõe Bourdieu, objetivar a

posição que se ocupa no campo é uma exigência fundamental, pois permite escapar das ilusões da neutralidade e enfrentar, com lucidez, as implicações sociais do ato de conhecer (Bourdieu; Wacquant, 2005). A objetivação participante, assim, constitui um esforço de incorporação crítica da própria experiência no interior da análise, revelando como ela é atravessada pelas estruturas, tensões e disputas que compõem o campo científico.

2.3 Nível 3 – A objetivação participante

As críticas formuladas nesta tese, em especial, aquelas direcionadas às desigualdades na distribuição da produção científica sobre o lazer, não são neutras ou desinteressadas. Por exemplo, no segundo artigo que compõe este trabalho, argumento que a produção sobre o lazer está excessivamente concentrada nas regiões Sudeste e Sul. Essa crítica está visceralmente relacionada à minha própria posição no campo, como pesquisador vinculado a uma região periférica em termos de volume produtivo. O mesmo vale para a crítica que realizo no artigo 5 – *post scriptum* – em que afirmo que há uma excessiva concentração de capital científico em países anglófonos. Ao problematizar essas concentrações, busco não apenas descrever uma desigualdade, mas tensionar as hierarquias que a naturalizam e propor a necessidade de uma maior diversificação da produção. É improvável que um pesquisador situado nas regiões e países dominantes fizesse essa mesma crítica, o que reforça a importância da objetivação participante como instrumento de desvelamento dos fundamentos sociais do conhecimento. Como propõe Bourdieu (2004), é preciso dar um passo além da análise objetiva e incorporar criticamente a posição do próprio pesquisador no interior do campo, explicitando os condicionamentos, estratégias e interesses que atravessam a construção do objeto de pesquisa. Este capítulo trata-se, portanto, de um exercício de objetivação participante: não como confissão pessoal, mas como operação epistemológica que busca compreender as relações entre a posição ocupada e inferências realizadas. No meu caso, essa tarefa exige reconhecer que minha trajetória como pesquisador não é externa às estruturas analisadas, mas, ao contrário, profundamente imbricada a elas.

A pesquisa que resultou nesta tese foi conduzida enquanto eu mesmo atuava como agente no campo científico. Até o presente momento, publiquei oito artigos com o termo “lazer” no título em periódicos analisados por esta pesquisa. Destes, três foram publicados na revista *Movimento*, dois na *Licere*, um na *Corpoconsciência*, um na *Revista Brasileira de Estudos do Lazer* e um na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. É importante destacar, contudo, que cinco desses artigos

foram publicados a partir de 2023, ou seja, fora do recorte temporal empírico da tese, que se encerra em 2022. Isso significa que, se os dados fossem atualizados, outros pesquisadores também poderiam ter ampliado suas produções, o que relativiza minha posição atual no interior do campo. De todo modo, com base nos dados disponíveis, esse volume de produção me colocaria entre os 2,76% dos agentes com maior número de publicações sobre o tema no Brasil até 2022, que somam 42 pesquisadores, ou 43 com meu acréscimo.

Essa posição, no entanto, não se traduz em centralidade institucional. Ao contrário, situo-me em um polo produtivo dominado. A região Centro-Oeste, onde desenvolvi a maior parte da minha trajetória acadêmica, é responsável por apenas 7,06% da produção nacional sobre o lazer entre 2000 e 2022, superando apenas a região Norte, ou seja, ocupa a penúltima posição em volume de publicações no país (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024b). No contexto específico do Distrito Federal, embora essa unidade federativa figure na oitava colocação entre as que mais publicaram sobre o tema, com 86 publicações, a diferença em relação ao eixo Sul-Sudeste é expressiva: São Paulo publicou 610 artigos, Minas Gerais 435, Paraná 293, Rio Grande do Sul 199, Santa Catarina 123 e Bahia 114 (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024b). No interior desse cenário, a Universidade de Brasília, onde estou vinculado, ocupa a 17ª colocação entre as instituições mais produtivas do Brasil. Ademais, o Distrito Federal apresenta uma configuração atípica: ao contrário do padrão observado nas demais unidades da federação – com a exceção de São Paulo –, onde a produção é majoritariamente concentrada em instituições públicas, aqui a Universidade Católica de Brasília – uma instituição privada – lidera em volume de publicações com 40 artigos, superando a Universidade de Brasília com 34. Essa conjuntura reforça o caráter periférico e dominado do meu local de produção no interior do campo científico. Vale destacar que, do ponto de vista institucional, essa posição periférica poderia ser distinta caso eu estivesse vinculado a universidades que ocupam posições mais centrais no campo. As instituições que mais produzem sobre o lazer no Brasil incluem, por exemplo, a Universidade Federal de Minas Gerais, onde se localiza o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, a Universidade Metodista de Piracicaba, a Universidade Federal do Paraná e a Universidade Estadual de Campinas (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024b). Vincular-se a uma dessas instituições representaria estar inserido em um polo dominante do ponto de vista institucional, com maior acesso a capitais científicos. Minha trajetória, ao contrário, foi construída a partir de uma universidade federal que, embora relevante, ocupa a 17ª colocação no ranking de produção sobre o tema. Essa comparação

reforça ainda mais a especificidade e os limites da minha posição institucional no interior do campo.

Em contrapartida, cabe mencionar que parte da minha trajetória recente inclui uma experiência internacional de pesquisa nos Estados Unidos da América, vinculada à North Carolina State University. Esse intercâmbio carrega uma ambivalência importante para a análise da minha posição: por um lado, ele representa uma aproximação temporária com um polo dominante, já que os Estados Unidos são responsáveis por 34,04% da produção mundial sobre o lazer, e a North Carolina State University ocupa a quinta posição entre as instituições que mais produzem sobre o tema nesse país (Cavalcante; Mowatt, 2025); por outro, essa experiência, embora relevante no acúmulo de capital científico, não gera efeitos significativos no campo brasileiro. Isso porque a produção nacional sobre o lazer é marcada por forte regionalização (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024b), com um histórico específico de disputas, agentes e temáticas

Outro aspecto relevante é o tipo de pesquisa que venho realizando. Os dados do terceiro artigo mostram que 48,18% das pesquisas sobre o lazer são pesquisas acessíveis que envolvem um baixo custo operacional (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024c). No meu caso, esse também é o padrão: todos os artigos que integram esta tese foram produzidos sem financiamento, com estratégias acessíveis de levantamento e análise de dados – e aqui digo sem financiamento precisamente para elementos vinculados diretamente à pesquisa como aquisição de equipamentos ou idas a campo. Essa realidade reflete o duplo processo de dominação discutido anteriormente: o lazer, por ser um tema frequentemente desvalorizado, acaba sendo investigado por agentes com menos acesso a capitais financeiros e institucionais. Assim, a realização de estudos de baixo custo é, ao mesmo tempo, uma condição imposta e uma estratégia de resistência possível diante dos limites estruturais na tentativa de se manter produzindo.

Essa condição periférica também se reflete na minha escolha teórica e empírica. A presente tese não é apenas uma investigação sobre o lazer, mas uma análise da produção científica sobre o lazer em uma perspectiva sociológica, orientada pela teoria dos campos de Bourdieu. Trata-se de um recorte pouco valorizado no campo, com nenhum estudo que tematiza a produção científica nessa perspectiva. Ao priorizar esse olhar, reconheço que proponho uma chave de leitura não hegemônica que enfrenta obstáculos adicionais para sua legitimação. Inclusive, outras temáticas têm recebido maior prestígio no campo, como é o caso dos estudos voltados a grupos populacionais

específicos, demonstrado no primeiro artigo desta tese (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024a) e das pesquisas sobre políticas públicas, discutidas no terceiro estudo (Cavalcante; Lazzarotti, 2024c).

Minhas estratégias de publicação também revelam padrões e distinções. Assim como a maioria dos agentes que produzem sobre o lazer, publiquei em periódicos especializados na temática. Contudo, diferentemente da maioria da produção, a minha está mais concentrada nos periódicos gerais da Educação Física, como a *Movimento*, a *Corpoconsciência* e a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* que reúne cinco dos oito artigos. Isso revela uma tentativa de dialogar com o campo mais amplo da Educação Física sem abandonar o investimento na construção de um espaço de legitimação próprio para o tema do lazer, onde publiquei três artigos somando a *Licere* e a *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Nesta lógica, o objetivo foi ampliar o capital científico acumulado sem romper com as estruturas estabelecidas. Essa decisão também explica a opção metodológica pela defesa da tese no formato de artigos: uma forma de reafirmar publicamente o valor científico da minha produção e, ao mesmo tempo, acumular capital científico reconhecido nos processos de avaliação da pós-graduação.

Essa escolha foi ainda influenciada pela minha experiência como editor assistente da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, o que me possibilitou acompanhar com regularidade textos ainda em fase inicial de avaliação, bem como os pareceres de diferentes avaliadores. Essa vivência editorial contribuiu significativamente para o aprimoramento da minha escrita e para a antecipação de obstáculos comuns enfrentados por outros estudantes de pós-graduação ao submeterem seus trabalhos. Ao dialogar constantemente com os critérios de avaliação, aprendi a evitar erros frequentes e a polir o texto antes mesmo de submetê-lo. Com isso, apesar dos desafios, o ato de escrever e publicar artigos não me pareceu tão problemático quanto é para muitos estudantes de pós-graduação, o que, em minha avaliação, colaborou diretamente para o número ampliado de publicações que integram esta tese.

Em síntese, a objetivação participante realizada nesta seção busca operar uma dupla ruptura: com a ilusão da neutralidade científica e com a invisibilidade da posição do pesquisador no interior do campo. Ao explicitar os condicionamentos objetivos que estruturam minha trajetória, e os efeitos que ela exerce sobre a minha tese, reafirmo que toda análise é situada em um campo e que a ciência só pode avançar criticamente ao incorporar essa reflexividade. A análise da produção científica sobre o lazer, portanto, ganha espessura ao reconhecer que o olhar que se debruça sobre o campo também é constituído por ele. Essa consciência não enfraquece o rigor da investigação;

ao contrário, a fortalece, ao evidenciar que toda leitura é também uma posição, e que toda posição, se bem objetivada, pode se tornar um instrumento de desvelamento.

Encerrada a objetivação participante passo agora à apresentação da arquitetura da tese. A seguir, descrevo as características do formato “tese por artigos”, justifico sua adoção neste trabalho e ofereço uma síntese de cada texto que compõe o *corpus* final, de modo a orientar a leitura.

3 A ARQUITETURA DA TESE EM ARTIGOS

Defender uma tese em formato de artigos traz vantagens e desvantagens. Entre as vantagens, destaco a agilidade na circulação dos resultados, já que o resultado final é divulgado ao longo de todo o processo em partes publicadas; o estímulo à produção científica do doutorando, que chega à defesa com textos já publicados; e, ainda, a qualificação decorrente da avaliação por pares em duplo anonimato, que contribui de modo decisivo para a qualidade dos artigos. Por outro lado, há riscos: a perda de coesão pela divisão do estudo em partes autônomas; a repetição de trechos de fundamentação teórica e de procedimentos metodológicos; e a autocitação necessária para costurar o argumento internamente aos artigos. Esses efeitos são perceptíveis nesta tese, pois alguns resultados, a metodologia e a base teórica reaparecem em mais de um texto. Em certa medida, isso é inerente ao formato: por exemplo, como tratar da distribuição dos principais focos sem antes apresentar o número de publicações anuais e total? Ou como discutir desigualdades regionais sem mencionar o volume de publicações por periódico? Porque os artigos são a centralidade desta tese e cada um precisa contar uma história com coerência interna, tais repetições são inevitáveis. Peço, desde já, a compreensão do leitor para com essas recorrências. Por essa razão, não retomo aqui fundamentos metodológicos e teóricos — como o conceito de campo científico — por entender que já estão suficientemente explicitados nos artigos; quando a repetição foi indispensável, procurei variar a formulação da redação e ajustar a ênfase teórica, na medida do possível, para evitar redundâncias e preservar a coesão do texto.

A seguir, apresento um breve resumo de cada artigo que compõe a tese e na sequência, explico os objetivos e problemas de pesquisa de cada texto em conjunto com o objetivo e problema da tese. Além disso, incluo um ensaio, que funciona como conclusão aberta: nele retomo os principais resultados dos artigos e dialogo com a provocação de Werneck (2000) sobre o campo científico do lazer. Como os artigos já foram publicados e não podem ser alterados, esse ensaio oferece um espaço reflexivo para integrar contribuições da banca e manter a tese aberta a alterações e desdobramentos.

No primeiro estudo concluímos que a produção sobre o lazer se expandiu a partir dos anos 2000 e, por consequência, converteu-se em prática reiterada do campo, isto é, em um *habitus* de seus agentes. Além disso, identificamos um ganho de autonomia, pois os pesquisadores tendem a priorizar periódicos especializados no lazer, o que indica menor dependência das revistas da Educação Física; ainda assim, e de modo complementar, periódicos da Educação Física seguem

contribuindo de forma consistente para o debate. Concomitantemente, a dinâmica de participação mostra-se desigual, pois muitos agentes contribuem de maneira pontual enquanto um núcleo reduzido publica de forma recorrente, o que evidencia dificuldades estruturais de permanência no campo e, portanto, formas de exclusão típicas do campo científico.

No segundo artigo identificamos uma média de 2,62 agentes por artigo publicado e que as redes de publicação são oriundas majoritariamente de instituições de ensino superior públicas, com uma distribuição territorial concentrada em São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ou seja, a autoridade científica sobre o lazer está concentrada no eixo Sudeste-Sul.

No terceiro trabalho mapeamos os focos que estruturam as pesquisas sobre o lazer, mostrando a predominância de certos objetos como grupos, abordagens teórico-conceituais e espaços/equipamentos, e, de modo transversal, a relevância das políticas públicas como tema. A leitura final interpreta esse arranjo como expressão de um campo que constrói legitimidade ao combinar problemas socialmente reconhecidos com viabilidade empírica, o que chamamos de estudos acessíveis.

No quarto estudo, concluímos que há, em grande medida, um equilíbrio numérico na produção sobre o lazer entre os gêneros em vários recortes e momentos, ainda que persistam assimetrias quando se observa o estrato de maior produtividade, no qual os homens seguem sobrerrepresentados. Ademais, apesar dos avanços identificados – comparativamente a outras áreas – é fundamental mantermos a vigilância sobre as dinâmicas de publicação para que esses avanços não se percam com o tempo.

No ensaio retomo a provocação de Werneck publicada nos anos 2000 à luz dos achados dos artigos anteriores, informando que o lazer ganhou densidade teórica e autonomia, mas segue condicionado por regimes externos, que orientam objetos, ritmos e formatos de publicação. O balanço final defende que a próxima etapa de maturidade exige pluralizar a pesquisa para além da concentração regional, reduzir dependências de métricas que impactam os agentes do campo e instituir políticas de equidade. Ao fazê-lo, proponho uma conclusão aberta: mais do que encerrar o debate, defendo a conservação das conquistas e a modificação de estruturas que nos limitam.

No *post scriptum* – quinto artigo –, examino a produção internacional sobre o lazer em periódicos especializados no século XXI (2001–2023) e mapeio autores, instituições e países, mostrando que o expressivo crescimento do volume de artigos convive com forte concentração de

capital científico. À luz de Bourdieu, evidencio que a maioria publica uma única vez, enquanto um núcleo restrito de autores e instituições – sobretudo em países anglófonos – acumula visibilidade e define o que conta como conhecimento legítimo, reproduzindo assimetrias geográficas. Em síntese, o texto amplia o escopo da tese ao oferecer um panorama global que reforça a ideia de que quem publica decide, ou seja, tem poder no campo científico. Denomino este artigo de *post scriptum* porque ele nasce de uma experiência realizada fora do Brasil, durante meu doutorado sanduíche, e portanto extrapola o escopo originalmente traçado para a tese, concebida para analisar a realidade brasileira e cuja recuperação histórica, inclusive das relações entre lazer e Educação Física, está ancorada nesse contexto. Dado que não seria possível, nos limites desta investigação, apresentar com a densidade requerida o campo internacional do lazer e integrá-lo de modo plenamente orgânico aos capítulos centrais desta tese, optei por situá-lo como peça suplementar. Nessa posição, o texto opera ao mesmo tempo como fecho e abertura: fecho, por confirmar em escala global a tese de que “quem publica decide”; e abertura, por sugerir uma agenda comparativa futura e testar a transferibilidade das hipóteses formuladas para o caso brasileiro. Adicionalmente, em reconhecimento a esta pesquisa, recebi, na Holanda, o prêmio *Thomas and Ruth Rivers International Award*, concedido pela *World Leisure Organization* a pesquisadores cujos trabalhos contribuem para uma contribuição global sobre o lazer.

Na sequência apresento, em formato de quadro, os objetivos e problemas de pesquisa da tese e dos artigos que a compõe, de modo a explicitar a articulação entre objetivos e problemas gerais com os objetivos e problemas específicos de cada artigo.

4 OBJETIVOS E PROBLEMAS DA TESE E DOS ARTIGOS

QUADRO 1 – Objetivos e problemas de pesquisa da tese e dos artigos.

Componente	Objetivo	Problema
Tese: Quem publica decide: poder, exclusão e reprodução de desigualdades na produção científica sobre o lazer	Analisar a produção sobre o lazer nos periódicos, com ênfase nos agentes que publicam, em suas instituições, nos focos dos artigos e na dimensão de gênero da autoria.	Como se configura a produção sobre o lazer nos periódicos, com ênfase nos agentes que publicam, em suas instituições, nos focos dos artigos e na dimensão de gênero da autoria?
Artigo 1: O Lazer no Campo Científico da Educação Física: entre o ganho de autonomia, a exclusão dos agentes e os estudos de grupos populacionais	Caracterizar a produção sobre o lazer nos periódicos da Educação Física brasileira.	Quais as características da produção sobre o lazer nos periódicos da Educação Física brasileira?
Artigo 2: O Lazer no Campo Científico da Educação Física: periódicos, agentes, instituições e estados	Identificar em quais periódicos da Educação Física brasileira ocorre a produção sobre o lazer e quais agentes, instituições e estados produzem sobre o assunto.	Em quais periódicos da Educação Física brasileira ocorre a produção sobre o lazer e quais agentes e instituições produzem sobre o assunto?
Artigo 3: Tendências na Pesquisa sobre o Lazer: uma análise dos focos dos artigos do campo	Identificar os focos dos artigos sobre o lazer publicados entre 2000 e 2022.	Quais os focos dos artigos sobre o lazer?
Artigo 4: Entre Desigualdades Estruturais e Equilíbrios numéricos: a participação das mulheres na produção científica sobre o lazer	Investigar as diferenças de gênero na autoria de artigos científicos sobre o lazer no campo da Educação Física e do lazer no Brasil.	Há equilíbrio de gênero na autoria de artigos científicos sobre o lazer no campo da Educação Física e do lazer no Brasil?
Ensaio: A Constituição do Lazer como um Campo de Estudos Científicos no Brasil no século XXI	Analisar o campo científico do lazer no século XXI, verificando em que medida ele avançou em direção à cientificidade e à autonomia, identificando mudanças e permanências no período.	O que fizemos do campo científico do lazer no século XXI?

<p><i>Post scriptum – Artigo 5:</i> The Leisure Field in the 21st Century: inequalities and reproduction</p>	<p>Examines articles published in leisure journals in the 21st century, identifying the number of publications, their authors, and affiliated institutions and countries, using Pierre Bourdieu's concept of the scientific field.</p>	<p>What is the number of articles published in leisure journals in the 21st century, and who are their authors, institutions, and countries of affiliation – and how does the concept of the scientific field help interpret these patterns?</p>
--	---	---

Fonte: autoria própria

REFERÊNCIAS

- BARATA, Rita B. *et al.* The configuration of the Brazilian scientific field. **Anais da Academia Brasileira de Ciencias**, vol. 86, nº 1, p. 505–521, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0001-3765201420130023>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017a.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica*. **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, nº 62/63, p. 69–72, 1986. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1986_num_62_1_2317?q=L%27illusion%20biographique. Acesso em: 7 nov. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. Hiérarchie sociale des objets. **Actes de la recherche en sciences sociales**, vol. 1, nº 1, p. 4–6, 1975a. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/arss_0335-5322_1975_num_1_1. Acesso em: 7 nov. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. 2ªed. Florianópolis, SC: UFSC, 2017b.
- BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, vol. 2, nº 2, p. 88–104, 1976. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454. Acesso em: 7 nov. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo, SP: UNESP, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. 11ªed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. The specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason. **Social Science Information**, vol. 6, p. 19–47, 1975b. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/053901847501400602>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean Claude; PASSERON, Jean-Claude. **O ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Löic. **Um convite à sociologia reflexiva**. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 2005.

BRÊTAS, Angela. O Serviço de Recreação: uma experiência do governo Vargas no campo do não-trabalho. **Cadernos AEL**, vol. 16, nº 28, p. 138–175, 2010. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2587>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CAVALCANTE, Fernando Resende *et al.* Nas Privadas Recreação, nas Públicas Educação: as características das disciplinas relacionadas ao lazer nos cursos de Educação Física. **Movimento**, vol. 29, p. 00–23, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.127561>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CAVALCANTE, Fernando Resende. **O Lazer nos Currículos dos Cursos de Educação Física: tendências e diversidades**. 2021. 1–138 f. Dissertação de mestrado - Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41302>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CAVALCANTE, Fernando Resende; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Bibliografias das Disciplinas Relacionadas ao Lazer de Instituições Federais de Ensino Superior do Brasil. **Corpoconsciência**, vol. 27, nº e14242, p. 1–16, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/14242>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CAVALCANTE, Fernando Resende; LAZZAROTTI FILHO, Ari. O Lazer no Campo Científico da Educação Física: entre o ganho de autonomia, a exclusão dos agentes e os estudos de grupos populacionais. **Movimento**, vol. 30, nº jan/dez, p. 0–28, 2024a. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.138503>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CAVALCANTE, Fernando Resende; LAZZAROTTI FILHO. O Lazer no Campo Científico da Educação Física: periódicos, agentes, instituições e estados. **Licere**, vol. 28, nº 2, p. 0–28, 2024b. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.54932>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CAVALCANTE, Fernando Resende; LAZZAROTTI FILHO, Ari. Tendências na Pesquisa sobre o Lazer: uma análise dos focos dos artigos do campo. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, vol. 11, nº 2, p. 48–70, 2024c. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/54584>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CAVALCANTE, Fernando Resende; LAZZAROTTI FILHO, Ari. O Lazer nos Currículos dos Cursos de Educação Física: diversidades e tendências. **Movimento (Porto Alegre)**, vol. 27, p. 1–27, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/1142167>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CAVALCANTE, Fernando Resende; MOWATT, Rasul A. Geographical Inequalities in Leisure Research: an analysis of scientific production. 2025, Breda, The Netherlands. **18th World Leisure Congress: Leisure for a better society**. Breda, The Netherlands: World Leisure Organization, 2025.

COSTA, Brenda Rodrigues; NEVES, Ricardo Lira Rezende de. Lutas e disputas no campo científico da Educação Física: o Grupo de Trabalho Temático Gênero no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. **Movimento**, vol. 28, nº jan./dez., p. e28009, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.118067>. Acesso em: 7 nov. 2025.

DIAS, Cleber *et al.* Estudos do Lazer no Brasil em Princípios do Século XXI: panorama e perspectivas. **Movimento**, vol. 23, nº 2, p. 601–616, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.66121>. Acesso em: 7 nov. 2025.

FEIX, Eneida; GOELLNER, Silvana Vilodre. O Florescimento dos Espaços Públicos de Lazer e de Recreação em Porto Alegre e o Protagonismo de Frederico Guilherme Gaelzer. **Licere**, vol. 11, nº 3, p. 1–18, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2008.901>. Acesso em: 7 nov. 2025.

FONSECA, Ana Rosa da Rosa; PINTO, Leila Mirtes Magalhães. A concretização do direito ao lazer: uma contribuição do Sesi e da indústria. In: GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Helder Ferreira (orgs.). **O Direito Social ao Lazer no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015. p. 131–156.

GOMES, Christianne Luce. **Significados de lazer e recreação no Brasil: reflexões a partir de análises de experiências institucionais**. 2003. Tese - Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/0e1f4532-9cf5-4fb2-b491-8e7d082bf9fe>. Acesso em: 7 nov. 2025.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, vol. 9, nº 1, p. 23–44, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2661>. Acesso em: 7 nov. 2025.

GRENFELL, Michael. Metodologia. In: Michael Grenfell (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 276–195.

ISAYAMA, Helder Ferreira. Atuação do Profissional de Educação Física no Âmbito do Lazer: a Perspectiva da Animação Cultural. **Motriz. Revista de Educacao Fisica**, vol. 15, nº 2, p. 407–413, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/2577>. Acesso em: 7 nov. 2025.

ISAYAMA, Helder Ferreira. Reflexões sobre os Conteúdos Físico-esportivos e as Vivências de Lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e cultura**. Campinas, SP: Alínea, 2007. p. 31–46. Disponível em:

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 13ªed. São Paulo: Perspectiva, 2018.

LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1ªed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 64–66.

LAZZAROTTI FILHO, Ari *et al.* Modus Operandi da Produção Científica da Educação Física: uma análise das revistas e suas veiculações. **Journal of Physical Education**, vol. 23, nº 1. p. 1–14. 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/12551>. Acesso em: 7 nov. 2025.

LAZZAROTTI FILHO, Ari. O periodismo científico da Educação Física brasileira. **Motrivivência**, vol. 30, nº 54, p. 35–50, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-042.2018v30n54p35>. Acesso em: 7 nov. 2025.

LAZZAROTTI FILHO, Ari; SILVA, Ana Márcia; MASCARENHAS, Fernando. Transformações Contemporâneas do Campo Acadêmico-Científico da Educação Física no Brasil: novos habitus, modus operandi e objetos de disputa. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, vol. 20, nº esp, p. 67–80, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.48280>. Acesso em: 7 nov. 2025.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. A Relação Teoria e Prática na Formação Profissional em Lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). **Lazer em estudo: Currículo e formação profissional**. 1. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. p. 59–85.

MELO, Victor Andrade; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. 2ªed. Barueri, SP: Manole, 2012.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça; PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues. Políticas de educação não formal - a recreação (1889 - 1961). **Revista HISTEDBR**, vol. 55, p. 168–179, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640468>. Acesso em: 7 nov. 2025.

RAGOUET, Pascal. Campo científico. In: CATANI, Afrânio Mendes (org.). **Vocabulário Bourdieu**. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 68–71.

SEREJO, Hilton Fabiano Boaventura; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Discursos Sobre a Recreação: um saber disciplinarizado na Escola de Educação Física de Minas Gerais (1963 – 1969). **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, vol. 25, p. e25023, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.77663>. Acesso em: 7 nov. 2025.

SEREJO, Hilton Fabiano Boaventura; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Discursos sobre Recreação em Disciplinas do Curso de Educação Física da UFMG (1969-1990). **Licere**, vol. 21, nº 3, p. 90–125, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1864>. Acesso em: 7 nov. 2025.

THOMPSON, Patricia. Campo. In: Michael Grenfell (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 95–13.

TYLER, The Creator. **St. Chroma**. In: TYLER, The Creator. Chromakopia. Columbia Records, 2024. Recurso sonoro digital.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo. 2000, Balneário Camburiú. **Encontro Nacional de Recreação e Lazer**. Balneário Camburiú: Universidade do Vale do Itajaí, 2000. p. 77–88.


ARTIGO 1


O LAZER NO CAMPO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: ENTRE O GANHO DE AUTONOMIA, A EXCLUSÃO DOS AGENTES E OS ESTUDOS DE GRUPOS POPULACIONAIS


Artigo publicado na *Movimento*.
Submetido em 8 de fevereiro de 2024.
Aprovado em 7 de agosto de 2024.

Esses agentes, como um bom centroavante, elaboram táticas para obter autoridade científica, posicionando-se corretamente no campo e se movimentando de acordo com ele para se tornarem dominantes (Cavalcante, Fernando; Lazzarotti Filho, 2024a).

O LAZER NO CAMPO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: ENTRE O GANHO DE AUTONOMIA, A EXCLUSÃO DOS AGENTES E OS ESTUDOS DE GRUPOS POPULACIONAIS

LEISURE IN THE SCIENTIFIC FIELD OF PHYSICAL EDUCATION: BETWEEN THE GAIN OF AUTONOMY, THE EXCLUSION OF AGENTS AND THE STUDIES OF POPULATION GROUPS 

EL OCIO EN EL ÁMBITO CIENTÍFICO DE LA EDUCACIÓN FÍSICA: ENTRE LA GANANCIA DE AUTONOMÍA, LA EXCLUSIÓN DE AGENTES Y LOS ESTUDIOS DE GRUPOS DE POBLACIÓN 

 <https://doi.org/10.22456/1982-8918.138503>

 **Fernando Resende Cavalcante*** <fernandorcavalcante@hotmail.com>

 **Ari Lazzarotti Filho**** <arilazzarotti@gmail.com>

* Universidade de Brasília (UnB). Brasília, DF, Brasil.

** Universidade Federal de Goiás, (UFG). Goiânia, GO, Brasil.

Resumo: O objetivo deste artigo foi caracterizar a produção sobre o lazer nos periódicos da Educação Física brasileira. Analisamos o quantitativo de publicações por ano, os periódicos, os agentes autores dos artigos e os focos dos estudos. Para a análise, utilizamos a base teórica de Pierre Bourdieu. Como resultados, identificamos um crescimento na produção sobre o tema. O periódico que mais publicou sobre o assunto é a Licere, seguida pela Revista Brasileira de Estudos do Lazer e ambas ilustram um ganho de autonomia por parte dos agentes que pesquisam sobre o lazer. Constatamos 1522 agentes que publicaram sobre o tema, embora 74,63% deles publicaram somente um artigo. Apenas 1,77% desses agentes publicaram 10 artigos ou mais. A respeito dos focos, o campo valoriza estudos sobre grupos e suas atividades de lazer, sobretudo o grupo populacional idosos.

Palavras-chave: Atividades de Lazer. Produção Científica e Tecnológica Nacional. Educação Física. Sociologia.

Recebido em: 8 fev. 2024
Aprovado em: 7 ago. 2024
Publicado em: 17 set. 2024



Este é um artigo publicado sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

1 INTRODUÇÃO

O lazer, historicamente, estabeleceu relações com a Educação Física (EF) brasileira, desde o início do século XX, com iniciativas institucionais intencionadas a ocupar o tempo de lazer da população, onde os formados em EF atuavam (Gomes, 2003; Gomes; Elizalde, 2012; Isayama, 2007; Melo, 2004). Posteriormente, na segunda metade do mesmo período, o lazer adentrou os currículos dos cursos (Melo; Alves Júnior, 2012; Serejo; Isayama, 2018, 2019) e com o passar dos anos, conforme a EF incorporou a atividade científica em seu cotidiano, o tema passou a ser investigado cientificamente.

Na atualidade, programas de pós-graduação em EF têm linhas de pesquisas dedicadas ao tema, os congressos com interface com o lazer são em grande parte frequentados por agentes desse campo e os grupos de pesquisa com essa temática estão em sua maioria alocados em faculdades de EF (Gomes; Melo, 2003; Isayama, 2007; Marcellino, 2010; Melo; Alves Júnior, 2012), confirmando a inserção do lazer no campo científico da EF.

A partir desse cenário, conforme ocorreu a intensificação da produção de artigos nesse campo, são necessárias análises sobre esse processo e suas características, pois, na contemporaneidade, a EF tem priorizado as revistas científicas como locais para a publicação dos resultados de suas pesquisas (Costa; Neves, 2022; Lazzarotti Filho, 2018; Lazzarotti Filho *et al.*, 2012; Lazzarotti Filho; Silva; Mascarenhas, 2014). Nesse contexto, análises sobre os periódicos e suas publicações são fundamentais, pois eles são procurados pelos agentes do campo para divulgação de seus trabalhos.

Com base nesse panorama, alguns estudos investigaram as características do lazer nas revistas científicas da EF, como por exemplo, com o objetivo de analisar as produções sobre o tema na Motriz, entre os anos de 1995 e 2000 (Gaspari, 2005). Esse estudo identificou a necessidade de intensificação dos debates a respeito do lazer como um fenômeno social. Outro estudo teve como intenção apresentar um panorama sobre o lazer nos artigos publicados na Licere, entre os anos 2000 e 2010 (Dias *et al.*, 2017). Os pesquisadores constataram que a maioria dos autores que publicaram nesse periódico tinham formação em EF e que havia pouca contribuição de pesquisadores estrangeiros na publicação dos artigos. Por fim, outra pesquisa examinou as discussões sobre o lazer na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, entre os anos de 1986 e 2015, a partir da teoria social crítica (Oliveira; Damasceno; Hungaro, 2018). Os pesquisadores notaram que a maioria da discussão sobre o lazer não levava em consideração uma compreensão da totalidade que apresentasse o tema no macro contexto histórico e social. Nessa lógica, há uma lacuna para o presente artigo que expande o intervalo temporal investigado comparativamente a alguns desses estudos (Dias *et al.*, 2017; Gaspari, 2005), aumenta a quantidade de periódicos analisados comparativamente a todos (Dias *et al.*, 2017; Gaspari, 2005; Oliveira; Damasceno; Hungaro, 2018) e usa uma base teórica ainda não utilizada nas pesquisas anteriores, que é Pierre Bourdieu e seus conceitos.

Nesta direção, objetivamos neste artigo caracterizar a produção sobre o lazer nos periódicos da EF brasileira e indagamos: quais as características da produção sobre o lazer nos periódicos da EF brasileira? Para responder, analisamos o quantitativo de artigos publicados por ano, os periódicos que os publicaram, os agentes autores dos artigos e os focos desses estudos.

2 METODOLOGIA

A seleção dos periódicos ocorreu na Plataforma Sucupira¹, onde realizamos uma busca na área de avaliação da EF na classificação de periódicos do quadriênio 2017-2020. Após esse processo, recuperamos uma planilha com todos os periódicos avaliados pela área que totalizaram 2875. Logo após, o ISSN desses periódicos foi buscado no Portal ISSN² para identificarmos quais deles tinham sede no Brasil. Em seguida entramos no site de cada um, verificando quais publicavam em português, e realizamos a leitura do foco, escopo e capa, para detectar se eles citavam o termo “Educação Física” em alguma dessas partes. Os periódicos que utilizaram o termo foram selecionados e totalizaram 42. Desses, 11 foram excluídos por não estarem ativos e restaram 31. Além disso, acrescentamos dois. O primeiro foi a *Licere*, porque grande parte dos pesquisadores que publicam nesse periódico possuem formação em EF (Dias *et al.*, 2017). O segundo foi a *Revista Brasileira de Estudos do Lazer* que também conta com contribuição de vários pesquisadores da EF, diante das relações históricas entre o lazer e essa área. Finalizada a seleção, totalizaram 33 periódicos apresentados no Quadro 1. Realizamos esse processo entre 20 de abril de 2023 e 10 de maio de 2023.

1 Plataforma Sucupira. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 30 jan. 2024.

2 Portal ISSN: Disponível em: <https://portal.issn.org/advancedsearch>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Quadro 1 - Periódicos selecionados.

ISSN	Título do periódico
1807-8648	<i>Acta Scientiarum. Health Sciences</i>
2595-0096	<i>Arquivos Brasileiros de Educação Física</i>
2317-7136	<i>Arquivos de Ciências Do Esporte</i>
1809-9556	<i>Arquivos em Movimento</i>
1679-8074	<i>Biomotriz</i>
2318-5090	<i>Caderno de Educação Física e Esporte</i>
2175-3962	<i>Cadernos de Formação RBCE</i>
1981-4313	<i>Coleção Pesquisa em Educação Física</i>
1516-4381	<i>Conexões</i>
2178-5945	<i>Corpoconsciência</i>
1982-8047	<i>Hu Revista</i>
2675-0333	<i>Intercontinental Journal on Physical Education</i>
2448-2455	<i>Journal of Physical Education</i>
1516-2168	<i>Licere</i>
2594-6463	<i>Motricidades</i>
2175-8042	<i>Motrivivência</i>
1980-6574	<i>Motriz</i>
1982-8918	<i>Movimento</i>
1980-6183	<i>Pensar à Prática</i>
2317-7357	<i>Práxia</i>
1982-8985	<i>Recorde: Revista de História do Esporte</i>
2317-3467	<i>Revista Biomotriz</i>
1413-3482	<i>Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde</i>
0101-3289	<i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>
1981-4690	<i>Revista Brasileira de Educação Física e Esporte</i>
2358-1239	<i>Revista Brasileira de Estudos do Lazer</i>
2675-1372	<i>Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício</i>
1983-7194	<i>Revista Brasileira de Futebol</i>
1981-9145	<i>Revista Brasileira de Psicologia do Esporte</i>
2359-2974	<i>Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada</i>
2447-8946	<i>Revista de Educação Física</i>
2596-1012	<i>Revista de Educação Física, Saúde e Esporte</i>
2316-5464	<i>Revista Kinesis</i>

Fonte: dados da pesquisa.

Após a seleção, buscamos na aba de pesquisa dos periódicos o termo “lazer” no título dos artigos. Em seguida selecionamos os artigos publicados entre 2000 e 2022. Ao final, constatamos 1021 artigos distribuídos entre as revistas selecionadas. Logo após, coletamos os autores e os organizamos em tabelas no software Excel, que totalizaram 1522.

Para identificar os focos dos artigos recorremos à técnica de Análise Categrorial que se caracteriza como “[...] operações de desmembramento do texto, em categorias segundo reagrupamentos analógicos [...]” (Bardin, p. 201, 2016), reunindo um grupo de elementos sob um título genérico, efetuado com base nas características que são

semelhantes em cada dado analisado (Bardin, 2016). Realizamos tal processo com o auxílio do MaxQda, software para a análise de dados qualitativos e quantitativos. Utilizamos essa categorização na análise dos títulos, resumos e palavras-chaves e cada um dos artigos foi acrescido a uma categoria emergida a partir desse processo que estão apresentadas no Quadro 2 em conjunto com suas definições.

Quadro 2 - Categorias e suas definições.

Foco	Definição do Foco
Documentos	Artigos que analisaram documentos como o Plano Nacional de Direitos Humanos, a Carta Internacional de Educação para o Lazer
Espaços/Equipamentos	Artigos que analisaram espaços e equipamentos de lazer como: parques, praia, praças
Formação Profissional/Universitária	Artigos que analisaram a formação profissional para o lazer nos cursos de EF
Grupos de Pesquisa	Artigos que analisaram como determinados grupos de estudos e pesquisas têm realizado suas discussões e pesquisas sobre o lazer
Grupos Populacionais	Artigos que analisaram o lazer de um conjunto de pessoas como: idosos, jovens, trabalhadores
História	Artigos que analisaram iniciativas e locais de lazer a partir de uma compreensão histórica do fenômeno, como as práticas de lazer no Rio de Janeiro no final do século XIX
Legislações	Artigos que analisaram legislações
Políticas Públicas	Artigos que analisaram as políticas e financiamento público para o lazer em níveis municipais, estaduais e federais
Práticas Corporais de Lazer	Artigos que analisaram práticas corporais como manifestação/atividade de lazer como corridas, jogos, atividades circenses
Programas	Artigos analisaram programas voltados para o esporte e lazer, como por exemplo o Programa Esporte e Lazer da Cidade, Segundo Tempo, Vida Saudável
Revisão de Literatura	Artigos de revisão que realizaram balanços sobre o lazer em periódicos, dissertações, teses
Teórico-Conceitual	Artigos que analisaram teorias, autores e conceitos em correlação com o lazer como: cultura, materialismo histórico-dialético, Antônio Gramsci

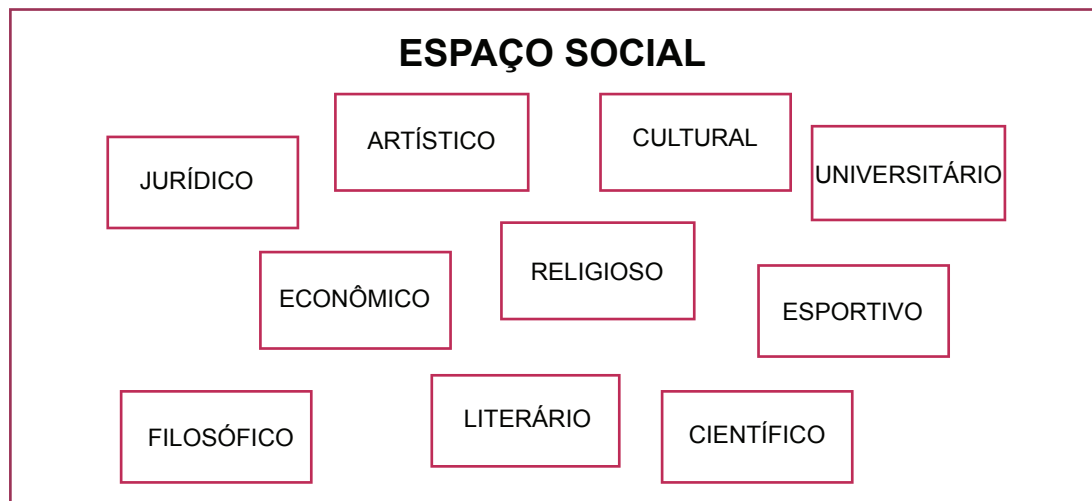
Fonte: dados da pesquisa.

Para interpretar esses dados utilizamos a teoria bourdieusiana e seus conceitos.

3 O CAMPO CIENTÍFICO

O conceito de campo, proposto por Pierre Bourdieu, nasce da necessidade em se pensar nosso espaço social, que é altamente diferenciado, diante da limitação de uma teoria que possa ser aplicada a todo esse espaço (Bourdieu, 2004a; Lahire, 2017; Thompson, 2018), fazendo inevitáveis investigações reduzidas a partir dos distintos campos que o compõem, como o artístico, o cultural, o econômico, o esportivo, o científico. Cada um deles tem necessidades diferenciadas relacionadas às suas especificidades (Bourdieu, 2011), como, por exemplo, o campo econômico que valoriza os ganhos materiais de seus agentes, diferentemente de frações do campo artístico que se caracterizam pela negação aos lucros monetários, fazendo a “arte pela arte” (Bourdieu, 2015).

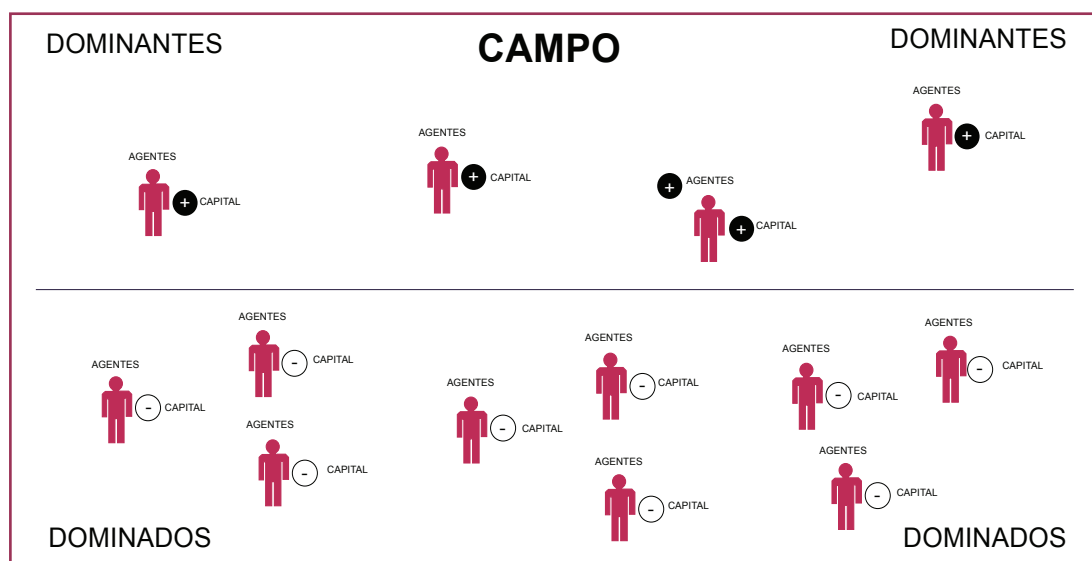
Figura 1 - Espaço social e seus campos.



Fonte: os autores.

Nesta compreensão, o campo é entendido como um espaço concorrencial, relativamente autônomo, dotado de leis próprias e ocupado por agentes que a depender de sua posição são dominantes ou dominados (Bourdieu, 2004a; 2004b, Lahire, 2017; Thompson, 2018) e que se orientam mais ou menos na busca do capital em específico do campo que ofertará a eles reconhecimento e autoridade (Bourdieu, 2004a, 2004b, 2011). Esses capitais são “recursos” adquiridos pelos agentes que são investidos ou acumulados e garantem certos poderes, materializando-se de diferentes formas (Bourdieu, 2017; Lebaron, 2017; Moore, 2018), como no caso do campo econômico com bens materiais – carros, casas, empresas – (Lebaron, 2017) ou do campo científico com publicações que contribuem no progresso da ciência (Bourdieu, 2004a, 2004b, 2017; Moore, 2018).

Figura 2 - Campo e seus agentes dominantes, com mais capital, e dominados, com menos capital.

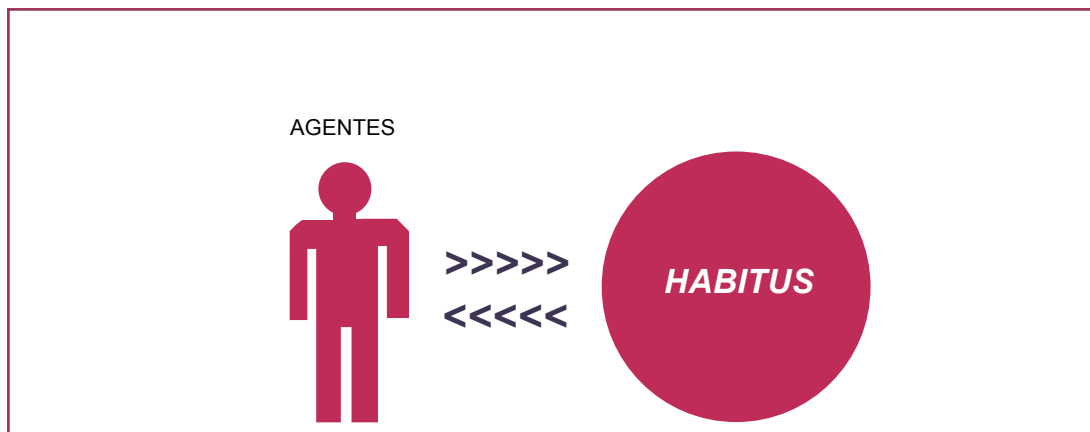


Fonte: os autores.

Além disso, o campo é dotado de um *habitus* que se internaliza nos agentes, mas também se externaliza neles, influenciando suas decisões e impactando em suas

tomadas de posições e estratégias (Bourdieu, 2011; Starepravo; Souza; Marchi Jr., 2013; Wacquant, 2017), *habitus* esse que se caracteriza como modos de agir, sentir e pensar dos agentes e se efetiva como uma estrutura, estruturada e estruturante, impactando e sendo impactado pelo campo de forma contínua (Bourdieu, 2017; Starepravo; Souza; Marchi Jr., 2013; Wacquant, 2017).

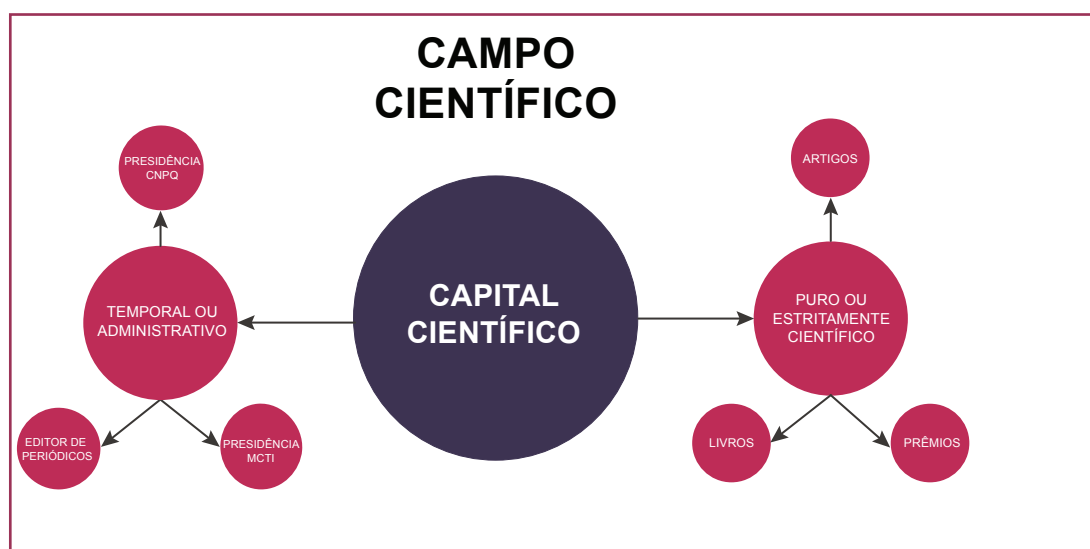
Figura 3 -*Habitus* dos agentes influenciando o campo e o *habitus* do campo influenciando os agentes.



Fonte: os autores.

Esboçadas tais elaborações, a partir daqui o diálogo se dará, especificamente, com o campo científico que para Bourdieu (2004a, 2004b) é um campo como todos os outros, com disputas, agentes dominantes e dominados, capitais e *habitus*, mas que se revestem de maneiras específicas. De acordo com o autor, os agentes do campo científico são condicionados a buscar autoridade científica, alcançada conforme eles adquirem capitais específicos do campo que são dois: o temporal ou administrativo e o puro ou estritamente científico (Bourdieu, 2004b). O primeiro se caracteriza por posições em instituições que regulam o campo, como na presidência do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, na presidência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação ou no trabalho como editor de um periódico científico; o segundo trata-se do reconhecimento dos pares/concorrentes do campo por meio dos textos publicados e prêmios recebidos (Bourdieu, 2004a, 2004b, 2017; Wacquant, 1989; Ragouet, 2017).

Figura 4 - Capitais do campo científico.



Fonte: os autores.

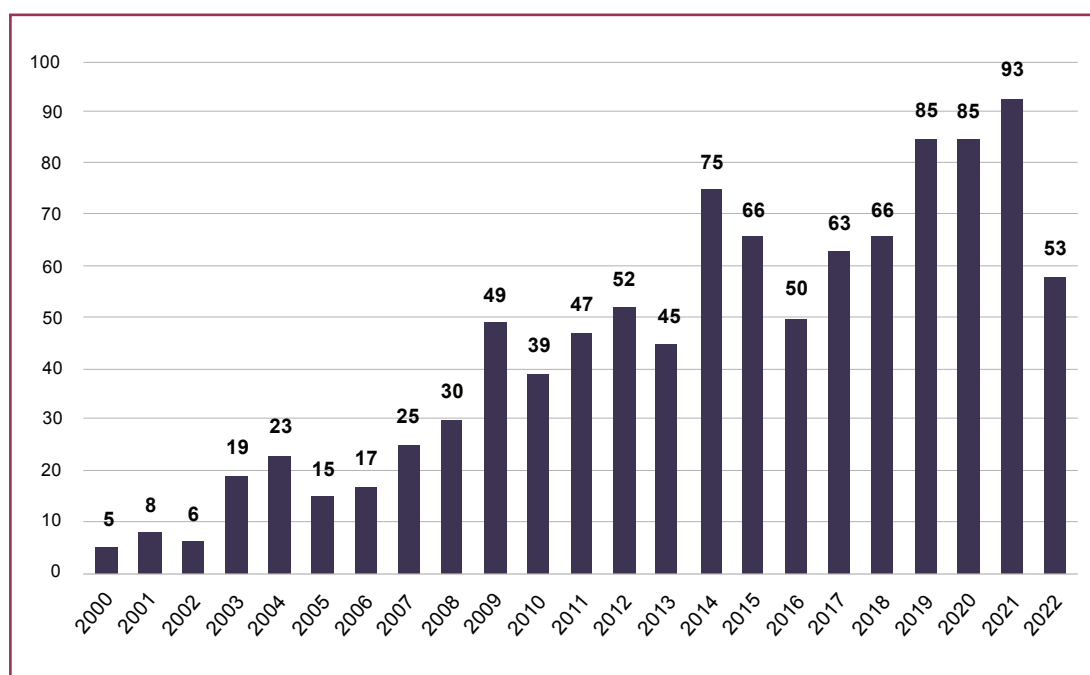
O capital temporal no campo da EF é identificado no cargo de editor de uma revista da área ou na coordenação de um curso de Pós-Graduação que são instituições que impactam na realidade dos cientistas e influenciam em seus trabalhos. Já o capital puro é detectado nas produções dos agentes e no recebimento de prêmios, como na publicação de estudos em anais de congressos, de livros, na aprovação de artigos em periódicos e no recebimento do prêmio CAPES de tese destinado a laurear os melhores trabalhos defendidos internamente aos programas de pós-graduação.

É importante ressaltarmos que apesar do campo científico ser um campo de lutas, como todos os outros, a autoridade científica da qual o agente se dota só pode ser dada pelos próprios agentes que lutam neste campo por esta autoridade, tornando-os, ao mesmo tempo, concorrentes e cúmplices, com a autoridade científica somente se efetivando a partir do reconhecimento dos outros cientistas internos no campo (Bourdieu, 2004a, 2004b, 2017; Wacquant, 1989).

Neste caminho, os agentes elaboram estratégias para angariar reconhecimento que são fruto do *habitus* que se internaliza e externaliza neles a partir da influência do campo. A partir deste esboço, intencionamos investigar os artigos publicados sobre o lazer nos periódicos da EF, locais onde os agentes influenciados pelo *habitus* – e também influenciando nele – visam aprovar seus trabalhos na busca do capital científico puro para obter autoridade.

4 PERIÓDICOS DO CAMPO

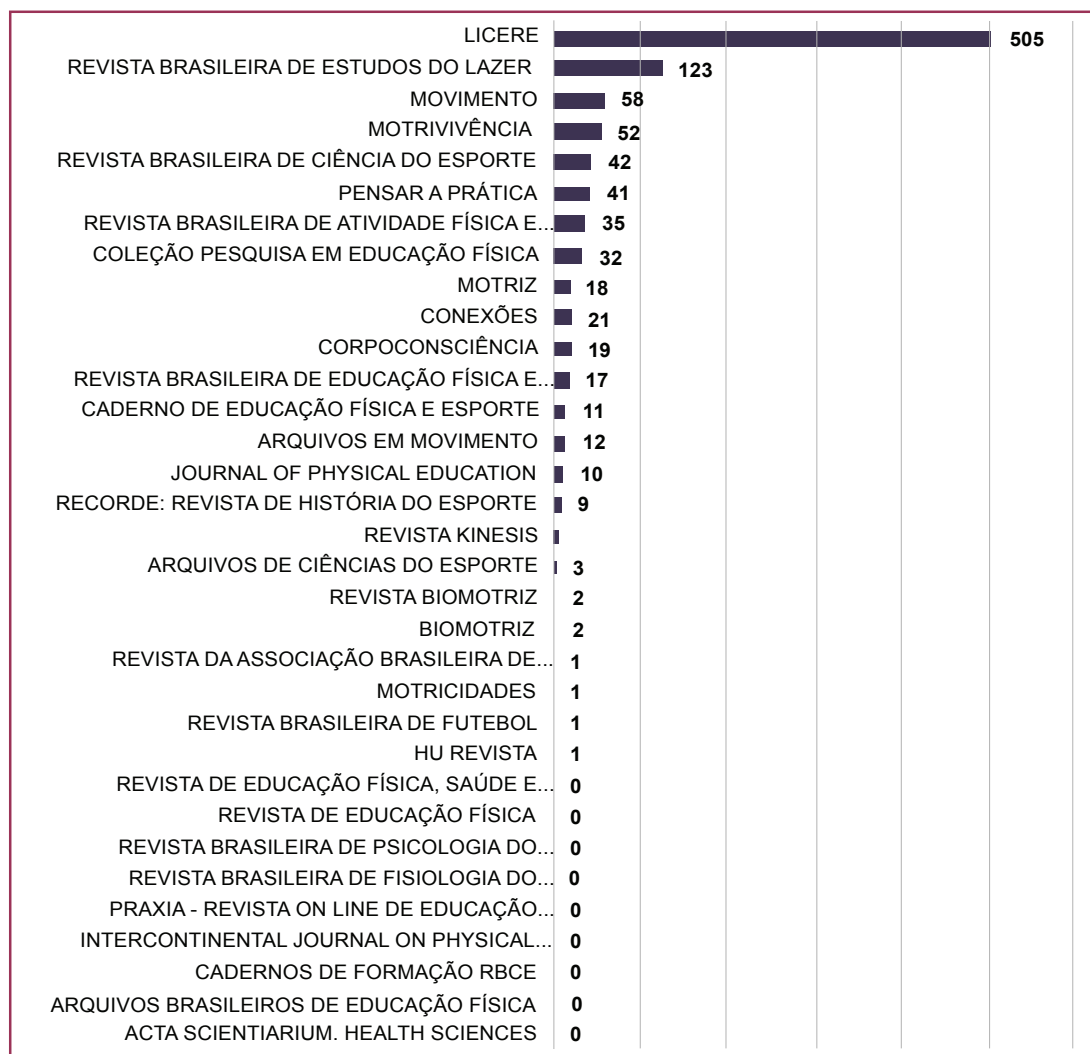
Os agentes do campo da EF, a partir de seus *habitus*, buscam os periódicos para a publicação de seus artigos, o que, posteriormente, dará a eles capital científico. Tais locais são cada vez mais procurados pelos agentes que publicam sobre o lazer como ilustrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Quantidade de artigos publicados por ano com o termo lazer em seus títulos.

Fonte: dados da pesquisa.

Como identificado, a produção acerca do lazer vem crescendo apesar de quedas em determinados anos. Todavia, no ano de 2022 houve uma queda mais expressiva nas publicações, o que pode ser justificado, parcialmente, em razão da Pandemia de COVID-19 que impactou as instituições de ensino superior não somente nas aulas, como também na produção de ciência. Ademais, a ciência brasileira, como um todo, produziu 7,4% menos no ano de 2022 em comparação ao ano de 2021, a primeira queda identificada desde 1996 (Elsevier; Agência Bori, 2023). Tal cenário também pode ser resultado dos vários cortes no orçamento para a ciência nos últimos anos (Vaiano; Rossini, 2021). Além disso, esse decréscimo pode ser consequência das novas diretrizes de avaliação da CAPES que saíram de uma perspectiva mais quantitativa em busca de aspectos mais qualitativos da avaliação dos programas de pós-graduação e dos artigos neles produzidos (Lazzarotti Filho, 2018).

Para além, os agentes do campo científico elaboram estratégias na escolha do periódico no qual vão submeter seus artigos, pois não há escolha do local de publicação de resultados que não seja uma estratégia para obter reconhecimento (Bourdieu, 1976, 2004a, 2004b, 2017). Esses periódicos são encarregados de consagrar produções, selecionando o que deve ou não ser publicado a partir de critérios próprios e exercendo censura nos estudos não considerados relevantes ou que não tenham certos padrões de cientificidade (Bourdieu, 1976). No Gráfico 2, identificamos as revistas utilizadas pelos agentes para veicular sobre o lazer.

Gráfico 2 - Quantidade de artigos publicados sobre o lazer por periódico.

Fonte: dados da pesquisa.

Notamos que a publicação sobre o lazer se concentra na *Licere*, periódico com 49,46% da produção. Tal revista teve seu primeiro volume publicado em 1998 e está ativa há 25 anos, o que nos ilustra sua relevância e consistência ao longo do atual século. Em seguida, aparece a *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, ativa desde 2014, também especializada no tema, com 12,04% dos artigos. Ambas, em conjunto, detêm 61,5% da produção e ilustram uma autonomização dos estudos do lazer, com seus agentes construindo periódicos específicos dedicados ao tema. Isso significa que apesar das relações históricas entre o lazer e a EF, os agentes têm direcionado sua produção para periódicos especializados, publicando uma menor quantidade de pesquisas em revistas que têm um foco e escopo ampliado em relação aos diversos temas que compõem o campo da EF. Werneck (2000), no início do século XXI, nos apresentou que os estudos e estudiosos do lazer ainda estavam em processo de constituição, isto é, ainda sofriam interferência de outras áreas do conhecimento para se legitimar e tinham um grau de autonomia apenas relativo. A partir do destaque da *Licere* e da *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, como os locais mais procurados pelos agentes, parece que os estudos do lazer adquiriram significativa autonomia, não dependendo como antes das revistas da EF para publicar os resultados de

suas pesquisas, o que gerou um ganho de autonomia por parte dos agentes que pesquisam sobre o assunto comparativamente ao início do século XXI.

Todavia, apesar de produzirem menos, cabe o destaque aos periódicos da EF que veicularam de maneira consistente pesquisas sobre o lazer que são a *Movimento*, com 5,68% da produção, a *Motrivivência*, com 5,09%, a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, com 4,11%, e a *Pensar à Prática*, com 4,01%, periódicos consolidados e que têm contribuído com o desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao tema. Além disso, chama atenção a *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, com 3,42%, que mantém uma relação aproximada com a área biodinâmica e pode representar uma relação do lazer com essa área de viés mais “biológico” dentro da EF.

5 AGENTES DO CAMPO

Bourdieu vai contra a ideia de comunidade científica empregada por alguns estudiosos que elaboram teorias hagiográficas dos cientistas, como se eles fossem santos e intencionados somente a produzir ciência³ (Albert; Kleinman, 2011; Bourdieu, 1975a, 1975b, 1976, 2004a, 2004b, 2017; Fuhse, 2020; Ragouet, 2017; Wacquant, 1989). Com essa compreensão, o autor desmistifica o que faz determinado agente elaborar conhecimento e buscar por autoridade científica, o que não é uma estratégia desinteressada (Bourdieu, 1976). Isso significa que os agentes no campo científico, intencionados a adquirir os capitais, não têm a intenção somente de produzir ciência (Bourdieu, 1976, 2004a, 2004b), mas também de disputar o capital temporal por meio da ocupação de cargos em instituições públicas ou privadas, obter financiamentos para suas pesquisas, atrair estudantes para sua área, ingressar em programas de pós-graduação e se manter produtivo para progredir na carreira. Tais exemplos ilustram que um artigo científico – que é o capital científico puro materializado – não é somente um texto que compreende melhor determinado fenômeno, mas também intencionado a dar capitais científicos a seus agentes que no futuro os auxiliarão no alcance de determinados objetivos a depender de sua posição no campo.

Para exemplificarmos, no contexto atual, podemos tomar como exemplo o ensino público superior federal. As concorrências para ingressar nessas instituições têm crescido, fazendo os “sarrafos” para adentrar nesses espaços cada vez mais altos, impactando em critérios elevados de produção científica. A partir dessa tendência, os agentes instigados a entrar em tais instituições, inserem-se em uma maratona de produção científica que não é intencionada somente gerar conhecimentos, mas também alcançar a entrada no ensino público federal, que ofertará a eles melhores condições de trabalho e remuneratórias. Aqui, não pretendemos afirmar que as remunerações no ensino superior federal são amplas vantagens⁴, mas quando comparadas à outras carreiras, como na atuação na educação básica⁵, sem sombra

3 Se a intenção fosse única e exclusivamente produzir ciência e dialogar com os cúmplices/concorrentes, não se multiplicariam estratégias eticamente controversas como plágios, roubo de ideias e publicações em periódicos e editoras predatórias, que se caracterizam por aprovar trabalhos de autores mediante pagamento, com critérios de aceitação dos trabalhos contestáveis.

4 BRASIL. Ministério da Educação. Aumento salarial e carreira. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/carreira> Acesso em: 30 jan. 2024.

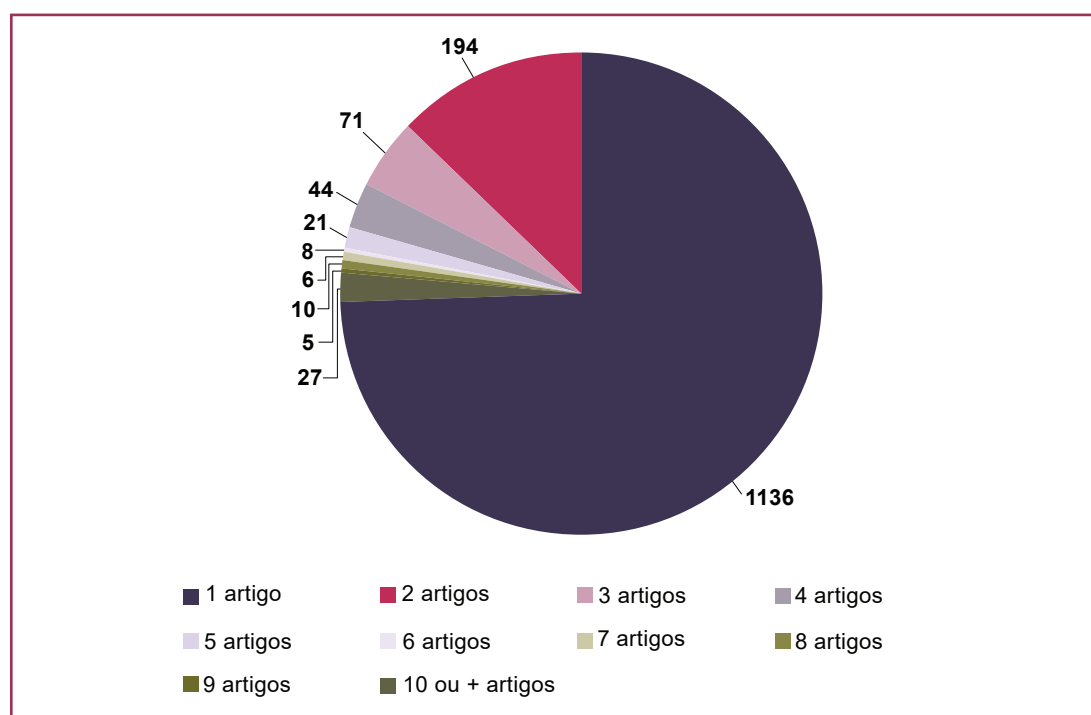
5 BRASIL. Ministério da Educação. MEC divulga reajuste do piso... Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/piso-salarial> Acesso em: 30 jan. 2024.

de dúvidas, essa posição oferta maiores ganhos monetários o que desemboca nesta conversão do capital científico puro – o artigo – em capital econômico provindo do salário recebido.

São tais intenções para além da produção científica que fazem os agentes buscarem capital científico, publicando artigos sobre sua temática de domínio para, posteriormente, adquirirem autoridade no campo que será utilizada de acordo com sua posição nele. Se ele é estudante de mestrado, talvez pretenda adentrar no doutorado; se saiu do doutorado, talvez pretenda ingressar no ensino público federal; se é professor do magistério superior, pode estar intencionado a adentrar em um programa de pós-graduação ou captar recursos para sua pesquisa; e assim sucessivamente.

Sintetizadas as intenções por trás das publicações, a seguir as análises se pautarão nos agentes que tiveram textos publicados pelos periódicos selecionados para este artigo, que totalizaram 1522. Em meio a este extenso quantitativo constatamos certas tendências conforme Gráfico 3.

Gráfico 3 - Quantidade de artigos publicados por agentes com o termo lazer nos títulos.



Fonte: dados da pesquisa.

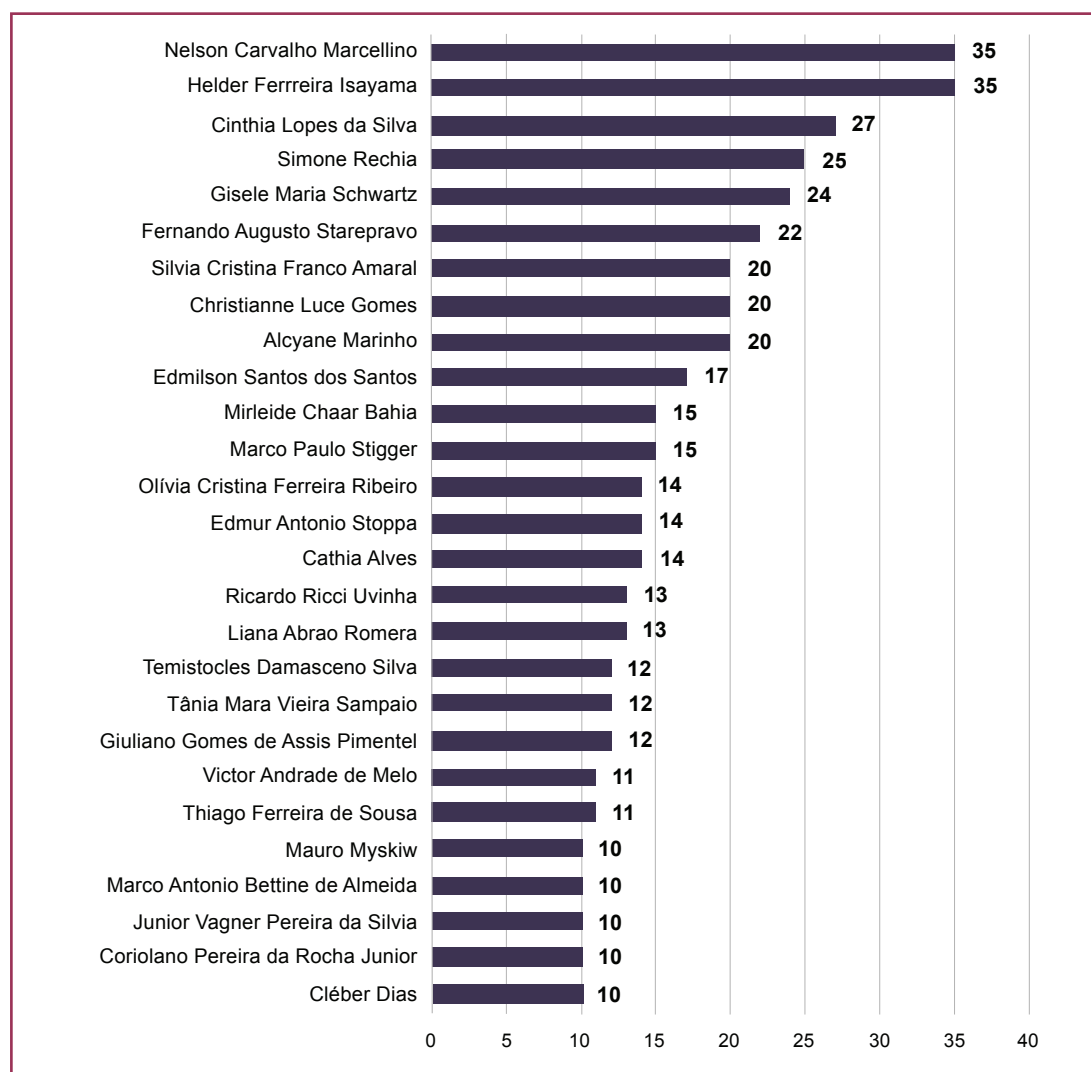
A primeira tendência é que 74,63% dos agentes resumiram sua contribuição a um artigo, fazendo emergir algumas hipóteses. Uma delas denota a dificuldade de se manter produzindo neste campo e requer investigações mais profundas para desvelar os reais acontecimentos que a promovem. Outra é que esses agentes podem ter como centralidade outros temas de estudo e terem realizado somente uma contribuição pontual com o lazer, não dialogando de maneira permanente com o tema. Para além, nem todos os agentes que estabelecem relações com o campo científico têm a intensão de permanecerem no campo científico, o que também justifica

essa produção única. Todavia, esse cenário demonstra uma clara dificuldade por boa parte dos agentes para se manterem produzindo ao longo dos anos, o que resulta em uma exclusão dos mesmos. Ademais, o próprio Bourdieu (2017) já apresentava que o campo científico é “[...] estruturalmente destinado a proporcionar muito mais fracasso que sucesso [...]” (p. 67) e que “[...] a vida científica é extremamente dura [...]” (p. 73), ilustrando-nos que as dificuldades para se manter dentro desse campo eram notadas desde o século passado nos estudos conduzidos pelo autor.

Já os que publicaram duas vezes representam 12,74%, demonstrando uma grande fissura entre os agentes que conseguiram publicar um artigo e os que conseguiram publicar dois. Além disso, os que publicaram três representam 4,66%. Quando somados, os três grupos totalizam 1401 e representam 92,03% dos pesquisadores, o que significa que somente 7,97% deles conseguiram publicar quatro ou mais artigos no intervalo de 23 anos, demonstrando mais uma vez a dificuldade de se manter produzindo no campo científico da EF sobre o lazer.

Do outro lado, temos os agentes que publicaram 10 ou mais artigos que representam 1,77% e podem ser identificados no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Quantidade de artigos publicados dos agentes dominantes.



Fonte: dados da pesquisa.

Se todo campo tem seus agentes dominantes e dominados (Bourdieu, 2004a, 2004b, 2011; Lahire, 2017; Thompson, 2018) os 27 identificados são dominantes, diante de sua expressiva produção. Para um agente se manter no campo científico e obter autoridade elevada é necessário que ele permaneça investindo em produções ao longo dos anos que permitam ele angariar capital científico (Bourdieu, 1976, 2004a, 2004b) e por isso, os agentes identificados se caracterizam como dominantes diante de sua publicação expressiva, indicando que eles compreendem melhor o jogo jogado no campo científico e elaboram melhores estratégias para alcançar seus resultados. Esses agentes, como um bom centroavante que sabe o local e o momento certo em que deve estar para alcançar o gol, elaboram táticas para obter autoridade científica, posicionando-se corretamente no campo e se movimentando de acordo com ele para se tornarem dominantes. Ademais, outro aspecto que influencia nessa publicação expressiva é o tempo em que esses agentes dominantes estão inseridos no jogo, isto é, agentes com mais tempo no campo científico têm um intervalo temporal maior para se dedicar a publicação e por isso tendem a produzir mais.

Cabe um destaque aos autores que publicaram 35 artigos nos últimos 23 anos, Nelson Carvalho Marcellino e Hélder Ferreira Isayama, que se caracterizam como dominantes entre os dominantes e dotados de autoridade científica elevada. Inclusive, Marcellino é dominante não somente na publicação no campo científico da EF como também como referência nessa área, sendo o mais referenciado na Licere entre os anos de 2000 e 2010 – 178 vezes – (Dias et al., 2017). Além do mais, tal dominância vai além da produção de artigos e nas referências e é constatada na produção de livros que tematizam o lazer referenciados nos currículos dos cursos de EF, onde o autor é o mais citado nas bibliografias (Cavalcante et al., 2023; Cavalcante; Inácio, 2023; Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2021).

6 FOCOS DOS ARTIGOS DO CAMPO

Para Bourdieu existe uma hierarquia dos objetos pesquisados pelo campo científico (Bourdieu, 1975b, 1976, 2004a, 2017; Wacquant, 1989). Isso significa que há temas que têm maiores probabilidades de serem reconhecidos pelo campo, sendo mais lidos e citados. Por isso, o investimento do agente em determinado objeto não é somente uma necessidade intrínseca, mas sim uma necessidade que passa pelo reconhecimento dos outros cúmplices/concorrentes do campo (Bourdieu, 1975b, 1976, 2004a, 2004b).

Nesta lógica, elaborar um artigo com determinado foco é um investimento do agente para alcançar o capital científico puro, condicionando-o a selecionar temas que aumentem suas chances de sucesso, ou seja, temas valorizados pelo campo; caso contrário, ao selecionar objetos que não têm os olhos do campo científico, o agente terá maiores dificuldades na aprovação do estudo, e caso ele seja existirá a tendência dele ter desfalcadas reflexões se pensarmos nos índices de citações e na menor quantidade de agentes disponíveis que dialogam sobre o tema.

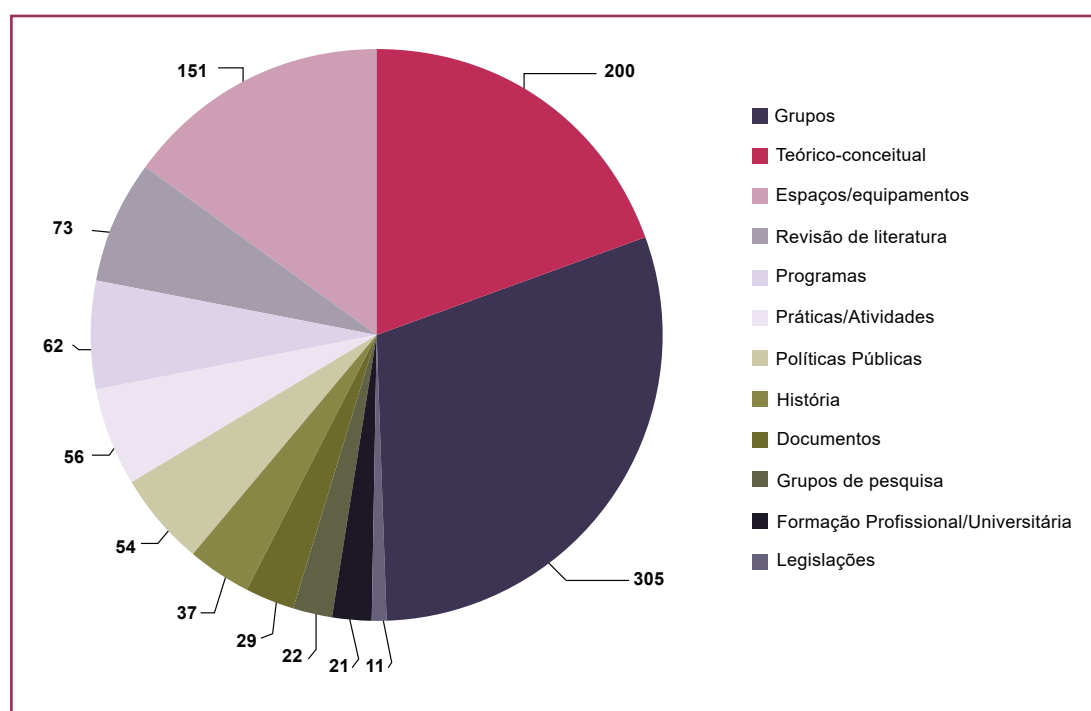
Além disso, quando um agente opta por investigar objetos valorizados pelo campo ele aumenta sua concorrência com outros, porque esses objetos atraem uma

maior quantidade de autores investigando-os, diante dos benefícios que os mesmos trazem (Bourdieu, 1975b), diferentemente dos objetos menos valorizados onde a concorrência é menor (Bourdieu, 1975b).

Inclusive, podemos pensar sobre essa hierarquia dos objetos pesquisados o próprio caso do lazer que é desvalorizado pelo campo da EF (Werneck, 2000), quando comparado a outros temas que têm mais destaque, como os ligados à biodinâmica que dialogam com as ciências naturais e dão aos seus autores maiores capitais científicos comparativamente. Além disso, a própria EF é um campo desvalorizado quando comparado a outros que fazem parte das ciências da saúde, como por exemplo a medicina (Barata *et al.*, 2014), demonstrando-nos que o lazer é um tema desvalorizado dentro de um campo já desvalorizado.

É pensando nesta hierarquia que investigamos os focos dos artigos sobre o lazer no campo científico da EF para identificarmos certas tendências na elaboração desses estudos, constatando que é mais ou menos aceito pelo campo conforme o Gráfico 5.

Gráfico 5 - Quantidade de artigos publicados por foco.



Fonte: dados da pesquisa.

Identificamos 12 focos entre os 1021 artigos. Diante da impossibilidade espacial de se discutir cada um deles, vamos analisar os três mais recorrentes que são: os grupos, os estudos teórico-conceituais e os espaços/equipamentos. Tais focos ilustram a existência de um *habitus* do campo científico analisado no que diz respeito às suas investigações.

A maior parte desses artigos tem como foco diversos grupos específicos e suas práticas e representam 29,87% dos estudos. Tais grupos totalizam 108 e podem ser identificados na nuvem de palavras da Figura 5.

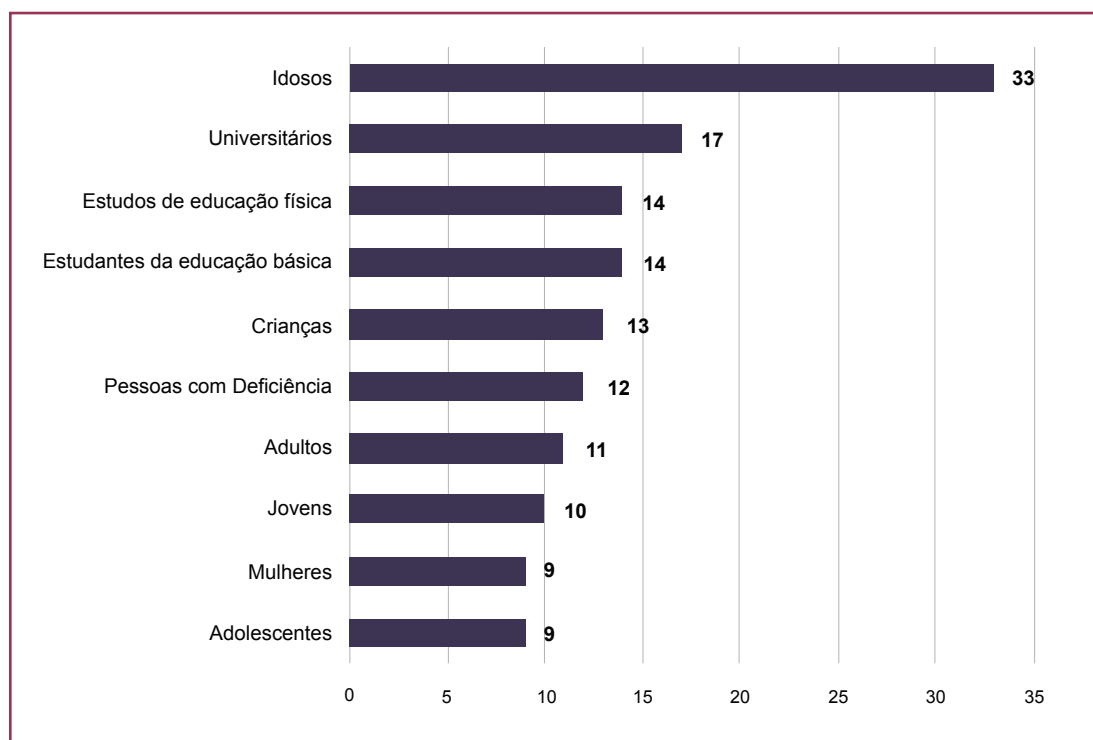
Figura 5 - Nuvem de focos dos artigos que investigaram grupos e suas práticas de lazer.



Fonte: dados da pesquisa.

Apesar da constatação de uma diversidade de grupos, há a tendência de estudo de alguns deles conforme Gráfico 6.

Gráfico 6 - Principais grupos investigados.



Fonte: dados da pesquisa.

Identificamos um elevado número de análises acerca do lazer de idosos. Isso denota que o lazer no campo científico da EF está alinhado as transformações sociais e tem uma preocupação com essa população, o que pode ser efeito de

um envelhecimento da sociedade brasileira (Belasco; Okuno, 2019). Em seguida, aparecem universitários e estudantes de EF que podem ser um reflexo da proximidade dos professores do ensino superior com essa população, fazendo as pesquisas sobre esse grupo serem realizadas de maneira facilitada. Ademais, os estudantes da educação básica se mostram presentes e se vinculam, também, com a facilidade de acesso a esse grupo, pois boa parte dos professores de EF atuam na educação básica, o que simplifica tal contato.

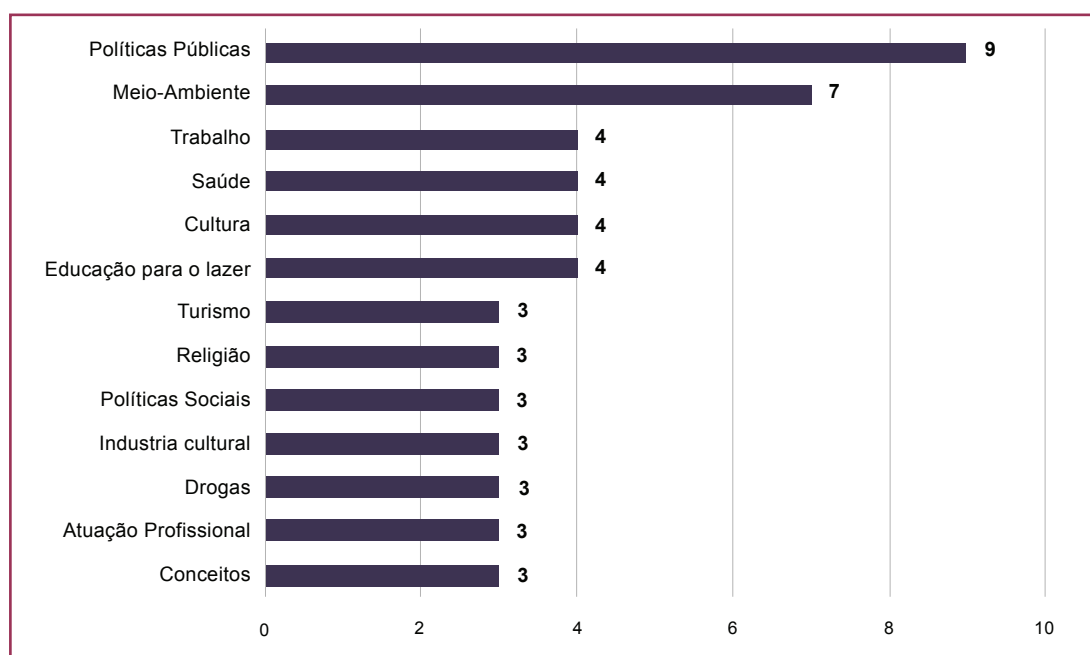
Sobre os focos teórico-conceituais, eles representam 19,58% e assim como no caso dos grupos, há uma diversidade dos mesmos, que totalizam 142. Isso representa uma pluralidade de teorias e autores, ou seja, os agentes do campo científico têm autonomia para discutir o lazer a partir de diferentes vieses e perspectivas, o que é uma característica do campo científico que tende a ser heterogêneo em suas teorias (Barata et al., 2014; Kuhn, 2011, 2017), assim como apresentado na Figura 6.

Figura 6 - Nuvem de focos dos artigos que realizaram investigações teórico-conceituais.



Fonte: dados da pesquisa.

Já as tendências podem ser identificadas no Gráfico 7.

Gráfico 7 - Principais focos teórico-conceituais investigados.

Fonte: dados da pesquisa.

Em primeiro lugar estão os debates teóricos para se pensar as políticas públicas de lazer que denotam uma preocupação com a temática pelo campo. Se o campo científico tem autonomia relativa em relação a outros (Bourdieu, 2004a, 2004b; Lahire, 2017; Thompson, 2018), os focos teórico-conceituais nas políticas públicas revelam influência do campo político no científico. Tal afirmação é realizada com base no maior investimento nas políticas públicas de esporte e lazer desde o início do século XXI e na criação do Ministério de Esporte, impactando em novas políticas orientadas a ocupar o tempo de lazer da população, o que fez o campo científico absorver o debate sobre as políticas públicas, ilustrando essa autonomia relativa. No Gráfico 5 constatamos que 54 dos 1021 artigos, analisaram políticas públicas de lazer e, além disso, dentre os artigos que investigaram programas de lazer, que também podem ser vistos no Gráfico 5 e somam 62, o programa mais investigado foi o Programa Esporte e Lazer da Cidade, que aparece 26 vezes, corroborando com a relevância das políticas públicas de lazer para os agentes do campo científico da EF. Em seguida aparece o debate sobre meio ambiente, que principalmente a partir do século XXI vem se tornando uma preocupação global, seguido pela discussão sobre trabalho, saúde, cultura e educação para o lazer.

Sobre o foco nos espaços/equipamentos, eles representam 14,78% e identificamos um total de 66 diferentes espaços/equipamentos investigados conforme a Figura 7.

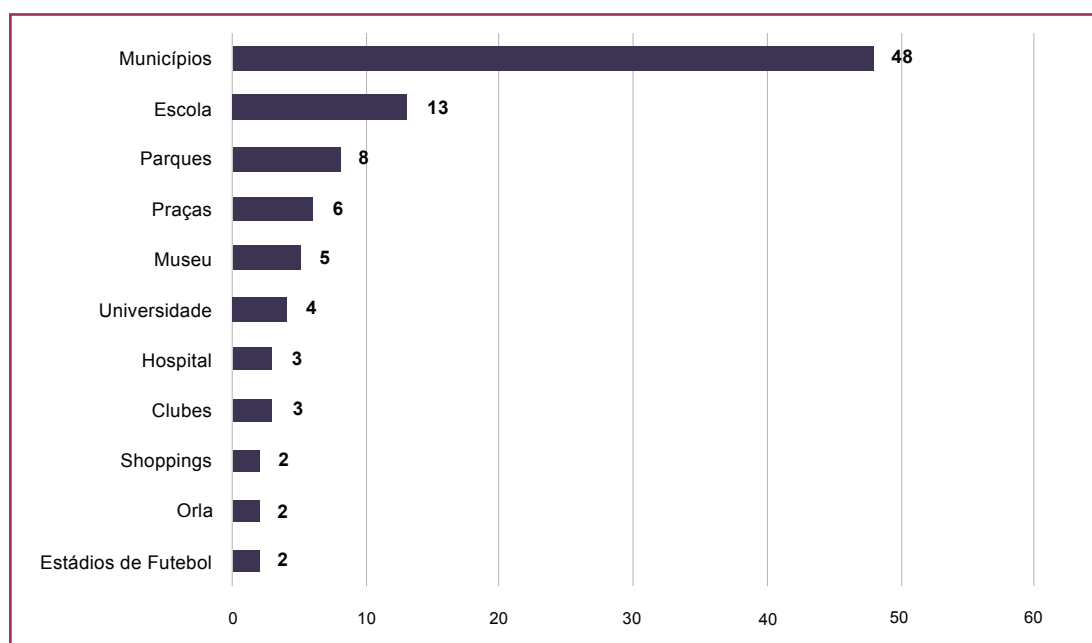
Figura 7 - Nuvem de focos dos artigos que investigaram espaços/equipamentos de lazer.



Fonte: dados da pesquisa.

Os espaços/equipamentos mais investigados são constatados no Gráfico 8.

Gráfico 8 - Principais espaços/equipamentos investigados.



Fonte: dados da pesquisa

Notamos um quantitativo maior de artigos que investigaram o lazer nos espaços/equipamentos de todo um município. Tais investigações, tradicionalmente, analisaram os diversos espaços/equipamentos de lazer que compõem esse local e suas localizações, como por exemplo parques, praças, clubes, quadras. Em segundo lugar aparece a escola, seguida por parques, praças, museus e universidades.

7 CONCLUSÕES

Este artigo teve como objetivo caracterizar a produção sobre o lazer nos periódicos da EF brasileira, tendo como base a teoria de Pierre Bourdieu. Para isso, analisamos 33 periódicos que publicaram 1021 artigos sobre o assunto. A partir disso, identificamos que a produção acerca do lazer cresceu desde os anos 2000, apesar de acontecerem quedas produtivas em determinados anos. Para se ter uma dimensão desse crescimento, nos anos 2000 o campo publicou cinco artigos e no ano de 2021, ápice produtivo do tema, publicou 93, um aumento de 1890%. Neste cenário, podemos afirmar que produzir pesquisas em formato de artigo científico se tornou um *habitus* dos agentes do campo da EF.

Em adição, ao olharmos para a disseminação das publicações nos periódicos, não há dúvidas, o lazer ganhou autonomia, pois a produção sobre o tema concentrou-se nos periódicos específicos sobre o assunto, mais precisamente nas revistas *Licere* e *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Isso significa que os pesquisadores do lazer, na atualidade, dependem muito menos dos periódicos dedicados à EF para a divulgação de suas pesquisas. Todavia, diante das relações históricas entre o lazer e a EF, algumas pesquisas ainda são publicadas nos periódicos de foco/escopo ampliado da EF, com destaque para a *Movimento*, a *Motrivivência*, a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* e a *Pensar à Prática*.

Sobre os agentes, identificamos uma dificuldade para eles se manterem produzindo ao longo dos anos, pois a maioria publicou somente um artigo. Isso significa que o campo científico é excludente e exerce uma violência com os seus agentes, o que foi identificado por Pierre Bourdieu desde o século passado na França e também nos resultados deste texto. Ademais, poucos pesquisadores podem ser considerados dominantes e dotados de elevado capital científico puro o que também demonstra a dificuldade na manutenção de níveis elevados de produção. Aqui, destacamos Hélder Ferreira Isayama e Nelson Carvalho Marcellino que publicaram 35 artigos cada, no intervalo temporal de 23 anos, e podem ser considerados dominantes dentre os dominantes, dotados de capital científico puro elevado.

Sobre os focos dos artigos, os idosos foram o grupo mais investigado e sinalizam um alinhamento dos estudiosos do lazer com as transformações sociais, diante de uma sociedade que envelhece nos últimos anos. Para além, outra tendência é a análise de grupos de fácil acesso (universitários, estudantes de EF e estudantes da educação básica), o que, provavelmente, tem correlação com o baixo financiamento recebido por parte dos estudiosos do lazer para a operacionalização de suas pesquisas, fazendo eles investigarem, principalmente, grupos próximos de sua atuação. Já as pesquisas teórico-conceituais indicam uma variedade de teorias e autores para se pensar sobre o lazer, demonstrando uma autonomia por parte dos agentes do campo para trabalhar com diversas bases científicas. Todavia, estudos teórico-conceituais que utilizaram teorias das políticas públicas para refletir sobre o lazer são um destaque e ilustram a autonomia relativa do lazer no campo científico da EF em correlação com campo político. Por fim, as pesquisas sobre os espaços/

equipamentos de lazer tendem a analisar a distribuição dos mesmos ao longo de territórios municipais.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, Mathieu; KLEINMAN, Daniel Lee. Bringing Pierre Bourdieu to science and technology studies. **Minerva**, v. 49, n. 3, p. 263–273, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43548606>. Acesso em: 8 fev. 2024.
- BARATA, Rita B. *et al.* The configuration of the Brazilian scientific field. **Anais da Academia Brasileira de Ciencias**, v. 86, n. 1, p. 505–521, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0001-3765201420130023>
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 6. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BELASCO, Angélica Gonçalves Silva; OKUNO, Meiry Fernanda Pinto. Reality and challenges of ageing. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, p. 1–2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2019-72suppl201>
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. Hiérarchie sociale des objets. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 1, n. 1, p. 4–6, 1975a. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/arss_0335-5322_1975_num_1_1. Acesso em: 8 fev. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 2, n. 2, p. 88–104, 1976. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454. Acesso em: 8 fev. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo, SP: UNESP, 2004a.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Science of science and reflexivity**. Chicago: The University of Chicago and Polity Press, 2004b.
- BOURDIEU, Pierre. The specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason. **Social Science Information**, v. 6, p. 19–47, 1975b. DOI: <https://doi.org/10.1177/053901847501400602>
- CAVALCANTE, Fernando Resende *et al.* Nas privadas recreação, nas públicas educação: as características das disciplinas relacionadas ao lazer nos cursos de Educação Física. **Movimento**, v. 29, p. 29026, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.127561>
- CAVALCANTE, Fernando Resende; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Bibliografias das disciplinas relacionadas ao lazer de instituições federais de ensino superior do Brasil. **Corpoconsciência**, v. 27, p. e14242, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51283/rc.27.e14242>
- CAVALCANTE, Fernando Resende; LAZZAROTTI FILHO, Ari. O lazer nos currículos dos cursos de Educação Física: diversidades e tendências. **Movimento**, v. 27, p. 27056, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.114216>

COSTA, Brenda Rodrigues; NEVES, Ricardo Lira Rezende de. Lutas e disputas no campo científico da Educação Física: o grupo de trabalho temático gênero no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. **Movimento**, v. 28, p. e28009, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.118067>

DIAS, Cleber *et al.* Estudos do lazer no Brasil em princípios do século XXI: panorama e perspectivas. **Movimento**, v. 23, n. 2, p. 601–616, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.66121>

ELSEVIER; AGÊNCIA BORI. 2022: um ano de queda na produção científica para 23 países, inclusive o Brasil. **Bori Agência**, 2023. Disponível em: <https://abori.com.br/relatorios/2022-um-ano-de-queda-na-producao-cientifica-para-23-paises-inclusive-o-brasil/>. Acesso em: 8 fev. 2024.

FUHSE, Jan. Relational Sociology of the scientific field: communication, identities, and field relations. **Digitum**, n. 26, p. 1–14, 2020. DOI: <https://doi.org/10.7238/d.v0i26.374144>.

GASPARI, Jossett. Reconstruindo o lazer a partir de um periódico científico. **Motriz**, v. 11, n. 2, p. 131–140, 2005. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/173>. Acesso em: 8 fev. 2024.

GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento**, v. 9, n. 1, p. 23–44, 2003. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2661>

ISAYAMA, Helder Ferreira. Reflexões sobre os conteúdos físico-esportivos e as vivências de lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p. 31–46.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das revoluções científicas**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

KUHN, Thomas. **Tensão essencial**. São Paulo: UNESP, 2011.

LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 64–66.

LAZZAROTTI FILHO, Ari. O periodismo científico da Educação Física brasileira. **Motrivivência**, v. 30, n. 54, p. 35–50, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p35>

LAZZAROTTI FILHO, Ari *et al.* *Modus operandi* da produção científica da Educação Física: uma análise das revistas e suas veiculações. **Revista de Educação Física da UEM**, v. 23, n. 1, p. 1-14, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-30832012000100001. Acesso em: 8 fev. 2024.

LAZZAROTTI FILHO, Ari; SILVA, Ana Márcia; MASCARENHAS, Fernando. Transformações contemporâneas do campo acadêmico-científico da Educação Física no Brasil: novos *habitus*, *modus operandi* e objetos de disputa. **Movimento**, v. 20, n. esp, p. 67–80, 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.48280>

LEBARON, Frédéric. Capital. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 101–104.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. A relação teoria e prática na formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas: Papirus, 2010. p. 59–85.

MELO, Victor Andrade. Lazer e Educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis - um enfoque na questão da formação. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). **Lazer, recreação e Educação Física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELO, Victor Andrade; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. 2. ed. Barueri: Manole, 2012.

MOORE, Rob. Capital. In: GRENFELL, Michael (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 136–155.

OLIVEIRA, Bruno Assis de; DAMASCENO, Luciano Galvão; HUNGARO, Edson Marcelo. Estudos do lazer na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE): apontamentos críticos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 325–334, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.006>

RAGOUET, Pascal. Campo científico. In: CATANI, Afrânio Mendes (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 68–71.

SEREJO, Hilton Fabiano Boaventura; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Discursos sobre a recreação: um saber disciplinarizado na Escola de Educação Física de Minas Gerais (1963 – 1969). **Movimento**, v. 25, p. e25023, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.77663>

SEREJO, Hilton Fabiano Boaventura; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Discursos sobre recreação em disciplinas do curso de Educação Física da UFMG (1969-1990). **Licere**, v. 21, n. 3, p. 90–125, 2018. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1864>

STAREPRAVO, Fernando Augusto; SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: uma argumentação inicial sobre a importância da utilização da teoria dos campos de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 3, p. 785–798, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000300018>

THOMPSON, Patricia. Campo. In: GRENFELL, Michael (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 95–13.

VAIANO, Bruno; ROSSINI, Maria Clara. A Ciência brasileira pede socorro. **Super Interessante**, p. 23–35, 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-ciencia-brasileira-pede-socorro>. Acesso em: 8 fev. 2024.

WACQUANT, Loic. For a socio-analysis of intellectuals: on Homo Academicus. **Berkeley Journal of Sociology**, v. 34, n. 1989, p. 1–29, 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41035401>. Acesso em: 8 fev. 2024.

WACQUANT, Löic. Habitus. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 2013–2016.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 12, 2000, Balneário Camboriú. **Coletânea...** : Balneário Camboriú: Universidade do Vale do Itajaí, 2000. p. 77–88.

Abstract: The objective of this article was to characterize the production on leisure in Brazilian Physical Education journals. We analyzed the number of publications per year, the journals, the authors of the articles and the focus of the studies. For the analysis, we used the theoretical basis of Pierre Bourdieu. As a result, we identified an increase in production on the topic. The journal that published the most on the subject is *Licere*, followed by the *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, both of which illustrate a gain in autonomy on the part of agents who research leisure. We found 1522 agents who published on the topic, although 74.63% of them published only one article. Only 1.77% of these agents published 10 articles or more. In terms of focus, the field values studies on groups and their leisure activities, especially the elderly population group.

Keywords: Leisure Activities. National Scientific and Technological Production. Physical Education. Sociology.

Resumen: El objetivo de este artículo fue caracterizar la producción sobre el ocio en las revistas brasileñas de Educación Física. Analizamos el número de publicaciones por año, las revistas, los autores de los artículos y los enfoques de los estudios. Para el análisis se utilizó la base teórica de Pierre Bourdieu. Como resultado, identificamos un aumento en la producción sobre el tema. La revista que más publicó sobre el tema es *Licere*, seguida de la *Revista Brasileira de Estudos do Lazer* y ambas ilustran una ganancia de autonomía por parte de los agentes que investigan el ocio. Encontramos 1.522 agentes que publicaron sobre el tema, aunque el 74,63% de ellos publicó solo un artículo. Sólo el 1,77% de estos agentes publicaron 10 artículos o más. En cuanto a los enfoques, el campo valora los estudios sobre los grupos y sus actividades de ocio, especialmente el grupo poblacional de personas mayores.

Palabras clave: Actividades de Ocio. Producción Científica y Tecnológica Nacional. Educación y Entrenamiento Físico. Sociología.

LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja corretamente citado. Mais informações em: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam que não existe nenhum conflito de interesses neste trabalho.

CONTRIBUIÇÕES AUTORAIS

Fernando Resende Cavalcante: Coleta de dados, análise e elaboração do manuscrito.

Ari Lazzarotti Filho: Coleta de dados, análise e elaboração do manuscrito.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade de Brasília; e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal.

ÉTICA DE PESQUISA

A pesquisa seguiu os protocolos do *Committee on Publication Ethics* (COPE).

COMO REFERENCIAR

CAVALCANTE, Fernando Rezende; LAZZAROTTI FILHO, Ari. O lazer no campo científico da Educação Física: periódicos, agentes e focos. **Movimento**, v. 30, p. e30028, jan./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.138503>

RESPONSABILIDADE EDITORIAL

Alex Branco Fraga*, Elisandro Schultz Wittizorecki*, Mauro Myskiw*, Raquel da Silveira*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil.

ARTIGO 2

O LAZER NO CAMPO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: PERIÓDICOS, AGENTES, INSTITUIÇÕES E ESTADOS

Artigo publicado na *Licere*.
Submetido em 8 de fevereiro de 2024.
Aprovado em 13 de agosto de 2024.

Esse resultado também nos ilustra que os cientistas não têm uma paixão pela ciência que os movem para a produção de pesquisas científicas, independente de suas respectivas situações. Na verdade, eles tendem a produzir ciência a partir de condições objetivas para isso, o que exige uma remuneração para que isso se concretize (Cavalcante, Fernando; Lazzarotti Filho, 2024b).

O LAZER NO CAMPO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: PERIÓDICOS, AGENTES, INSTITUIÇÕES E ESTADOS¹

Recebido em: 08/02/2024

Aprovado em: 13/08/2024

Licença: 

*Fernando Resende Cavalcante*²

Universidade de Brasília (UnB)

Brasília – DF – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-6992-6261>

*Ari Lazzarotti Filho*³

Universidade de Brasília (UnB)

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Brasília – DF – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0610-2641>

RESUMO: O objetivo deste artigo foi identificar em quais periódicos da Educação Física brasileira ocorre a produção sobre o lazer e quais agentes, instituições e estados produzem sobre o assunto. Utilizamos a base teórica de Pierre Bourdieu para refletir sobre os achados deste estudo. Constatamos um crescimento produtivo no número de artigos sobre o lazer que são encontrados em sua maioria na Revista Licere, com 49,46% dos artigos, seguida pela Revista Brasileira de Estudos do Lazer, com 12,04%. Sobre os agentes, identificamos uma média de 2,62 por artigo. Ademais, 74,63% deles resumiram sua contribuição acerca do lazer a somente um texto. Constatamos que a produção sobre o tema acontece, preponderantemente, nas instituições de ensino superior, principalmente, nas públicas. Por fim, destacamos São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina como locais que mais produzem sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de lazer. Produção científica e tecnológica nacional. Educação Física.

LEISURE IN THE SCIENTIFIC FIELD OF PHYSICAL EDUCATION: JOURNALS, AGENTS, INSTITUTIONS AND STATES

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio: da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES); do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal.

² Mestre pela Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Lazer e Comunicação (GEPELC).

³ Doutor. Docente da Universidade de Brasília e Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Lazer e Comunicação (GEPELC).

ABSTRACT: The objective of this article was to identify in which Brazilian Physical Education journals production on leisure occurs and which agents, institutions and states produce on the subject. We used Pierre Bourdieu's theoretical basis to reflect on the findings of this study. We noted a productive growth in the number of articles on leisure, which are mostly found in *Revista Licere*, with 49.46% of articles, followed by *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, with 12.04%. Regarding agents, we identified an average of 2.62 per article. Furthermore, 74.63% of them summarized their contribution about leisure to just one text. We found that production on the topic occurs, predominantly, in higher education institutions, mainly public ones. Finally, we highlight São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul and Santa Catarina, as places that produce the most on the subject.

KEYWORDS: Leisure activities. National scientific and technological production. Physical education.

Introdução

O lazer, historicamente, tem relação com a Educação Física (EF), relação essa que se iniciou em momentos inaugurais do século XX, com iniciativas governamentais planejadas para ocupar o tempo de lazer dos trabalhadores (Gomes, 2003; Gomes; Elizalde, 2012; Isayama, 2007; Melo, 2004). Nesses locais, os formados em EF atuavam e por conta disso, o lazer teve de adentrar o currículo de formação desses profissionais (Melo; Alves Júnior, 2012; Serejo; Isayama, 2018, 2019). Com o passar dos anos, já no final do século XX e início do XXI, o lazer passou a ser um tema investigado cientificamente pela EF, conforme esse campo iniciou o processo de produção de pesquisas científicas.

Hoje, os congressos acerca do lazer contam com a participação preponderante de pesquisadores da EF, os programas de pós-graduação da área dedicam linhas de pesquisas ao tema e os grupos de estudos com o termo lazer em seus títulos estão em sua maior parte localizados em faculdades de EF (Gomes; Melo, 2003; Isayama, 2007; Marcellino, 2010; Melo; Alves Júnior, 2012), o que comprova esta relação. Ademais, a

partir da intensificação da atividade científica na EF, principalmente nos periódicos (Lazzarotti Filho; Silva; Mascarenhas, 2015), surge a necessidade de investigações acerca desses locais e das produções neles anexadas.

Nesta lógica, analisar o que tem sido produzido em formato de artigo pela EF é basilar, diante de um campo que valoriza e publica, principalmente, a partir desse formato na atualidade. No caso deste estudo, a intenção é investigar um tema específico produzido dentro da EF, que é o lazer. Alguns estudos já analisaram a produção sobre o assunto nos periódicos do campo (Dias *et al.*, 2017; Gaspari, 2005; Oliveira; Damasceno; Hungaro, 2018), como por exemplo, Gaspari (2005) investigou os artigos publicados sobre o lazer na Revista Motriz, entre 1995 e 2000, e identificou a necessidade de intensificação dos debates a respeito do lazer como um fenômeno social. Já Dias *et al.* (2017) analisou a produção sobre o tema na Revista Licere, entre 2000 e 2010, e constatou que a maioria dos autores que publicam nesse jornal têm formação em EF, com pouca contribuição de pesquisadores estrangeiros, o que gera um certo isolamento internacional em relação aos estudos publicados fora do Brasil. Além desses, Oliveira; Damasceno e Húngaro (2018) apresentaram como a discussão sobre o lazer acontecia na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, entre 1986 e 2015, e perceberam que a discussão sobre o tema nesse jornal não leva em consideração uma compreensão da totalidade, que apresente o lazer no macro contexto histórico e social. Apesar disso, nenhuma dessas pesquisas teve como intenção identificar em quais periódicos da EF brasileira ocorre a atividade científica sobre o lazer e quais os agentes, instituições e estados produzem sobre o assunto, o que justifica o presente estudo. Além disso, este artigo utilizou a base teórica de Pierre Bourdieu para refletir sobre seus achados, mais

precisamente seu conceito de campo científico, o que diferencia esta pesquisa das anteriores.

Neste caminho, o objetivo deste artigo foi identificar em quais periódicos da EF brasileira ocorre a produção sobre o lazer e quais agentes, instituições e estados produzem sobre o assunto e indagou: em quais periódicos da EF brasileira ocorre a produção sobre o lazer e quais agentes e instituições produzem sobre o assunto?

Metodologia

A seleção dos periódicos investigados neste artigo ocorreu na Plataforma Sucupira⁴, onde realizamos uma busca na área de avaliação da EF, na classificação de periódicos do quadriênio 2017-2020. Após esse processo, recuperamos uma planilha com todos os periódicos avaliados pela área, que totalizaram 2875. Logo após, buscamos o ISSN desses periódicos no Portal ISSN⁵ para identificar quais deles tinham sede no Brasil. Em seguida entramos no site de cada um, verificando se ele publicava em português e realizando a leitura de seu foco, escopo e capa, para detectar se ele usava a palavra “Educação Física” em alguma dessas partes. Os periódicos que utilizavam o termo nesses locais foram selecionados e totalizaram 42. Desses, excluimos 11 por não estarem ativos, restando 31. Além disso, acrescentamos dois. O primeiro foi a Licere, somada pelo fato de que a maior parte dos pesquisadores que publicam nesse periódico tem formação em nível de graduação, mestrado ou doutorado em EF (Dias *et al.*, 2017). O segundo foi a Revista Brasileira de Estudos do Lazer, que

4

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>.

⁵ <https://portal.issn.org/advancedsearch>.

também conta com contribuição de vários pesquisadores da EF, diante das relações históricas entre o lazer e esse campo já citadas na introdução deste estudo. Realizamos esse processo entre o dia 20 de abril de 2023 e 10 de maio de 2023. Finalizado, totalizaram 33 periódicos que podem ser constatados no Quadro 1.

Quadro 1: Periódicos selecionados para a pesquisa

ISSN	TÍTULO DO PERIÓDICO
1807-8648	ACTA SCIENTIARUM. HEALTH SCIENCES
2595-0096	ARQUIVOS BRASILEIROS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
2317-7136	ARQUIVOS DE CIÊNCIAS DO ESPORTE
1809-9556	ARQUIVOS EM MOVIMENTO
1679-8074	BIOMOTRIZ
2318-5090	CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
2175-3962	CADERNOS DE FORMAÇÃO RBCE
1981-4313	COLEÇÃO PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
1516-4381	CONEXÕES
2178-5945	CORPOCONSCIÊNCIA
1982-8047	HU REVISTA
2675-0333	INTERCONTINENTAL JOURNAL ON PHYSICAL EDUCATION
2448-2455	JOURNAL OF PHYSICAL EDUCATION
1516-2168	LICERE
2594-6463	MOTRICIDADES
2175-8042	MOTRIVIVÊNCIA
1980-6574	MOTRIZ
1982-8918	MOVIMENTO
1980-6183	PENSAR A PRÁTICA
2317-7357	PRÁXIA
1982-8985	RECORDE: REVISTA DE HISTÓRIA DO ESPORTE
2317-3467	REVISTA BIOMOTRIZ
1413-3482	REVISTA BRASILEIRA DE ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE
0101-3289	REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE
1981-4690	REVISTA BRASILEIRA DE EDUCACAO FISICA E ESPORTE
2358-1239	REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DO LAZER
2675-1372	REVISTA BRASILEIRA DE FISILOGIA DO EXERCÍCIO
1983-7194	REVISTA BRASILEIRA DE FUTEBOL
1981-9145	REVISTA BRASILEIRA DE PSICOLOGIA DO ESPORTE
2359-2974	REVISTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA
2447-8946	REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
2596-1012	REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE E ESPORTE
2316-5464	REVISTA KINESIS

Fonte: Dados da pesquisa

Após essa seleção, buscamos no conteúdo dos periódicos o termo “lazer” no título dos artigos indexados nesses locais e selecionamos os textos publicados entre 2000 e 2022. Ao final, constatamos um total de 1021 artigos com o termo “lazer” em

seus títulos, distribuídos entre as revistas selecionadas. Logo após, os agentes autores desses textos foram coletados e organizados em tabelas no software Excel, totalizando 1522, que apareceram 2684 vezes entre os artigos. Essa diferença entre a quantidade de autores e de aparições ocorreu pelo fato de que alguns deles publicaram mais de um texto.

Em seguida, buscamos as instituições desses agentes. Dentre os 2684 aparecimentos, constatamos as instituições de 2488. Essa diferença existe por conta de que em alguns desses artigos, a instituição ao qual o autor se vinculava não era citada. Isso aconteceu principalmente nas publicações mais antigas e nos periódicos com uma menor tradição de publicação. Ademais, os 2488 autores eram provenientes de 325 diferentes instituições.

Como alguns desses autores eram filiados a mais de uma instituição, adotamos os seguintes critérios para selecionar a instituição à qual o mesmo se vinculava. Primeiro identificamos a instituição de trabalho do autor. Caso ela não existisse, procuramos o programa de pós-graduação que caso não fosse citado, selecionamos o grupo de estudos. Além disso, no caso dos autores que eram vinculados a mais de uma instituição, selecionamos a primeira citada. A partir desses critérios todos os 2488 autores foram acrescidos a alguma instituição. Tal processo foi realizado entre o dia 18 de junho de 2023 e 21 de julho de 2023.

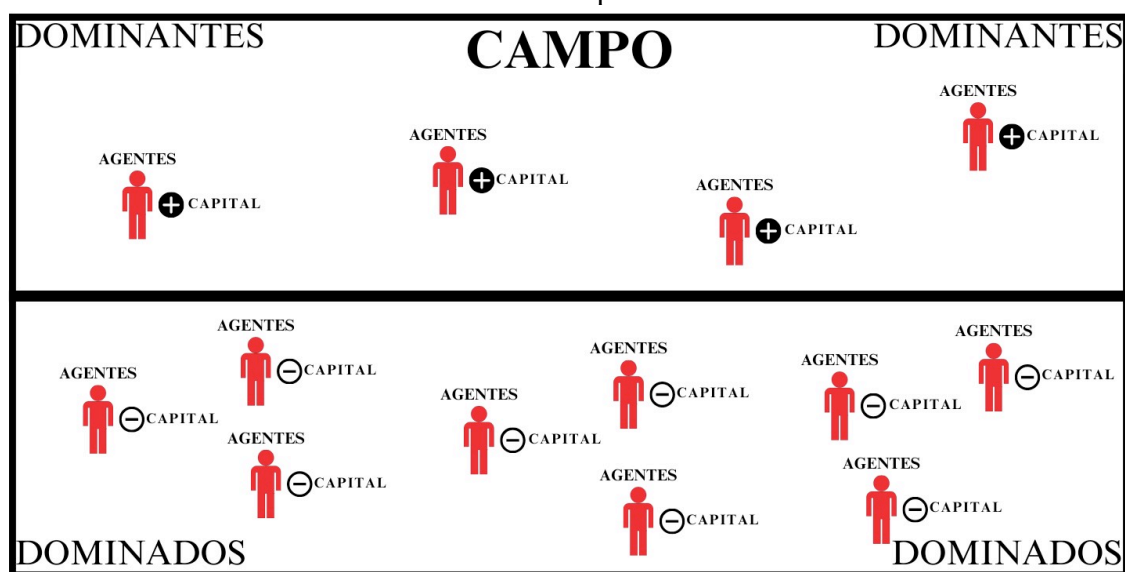
O Campo Científico: Por que os Agentes Produzem Artigos?

Para entendermos os motivos pelos quais os agentes inseridos no campo científico produzem artigos podemos utilizar a teoria dos campos de Pierre Bourdieu. Nessa teoria, o autor defende que o espaço social é composto por diversos campos,

como o econômico, o artístico, o esportivo, o científico, que são espaços ocupados por agentes, que dependendo de suas posições dentro desses campos, serão dominantes ou dominados (Bourdieu, 2011, 2015, 2017; Lahire, 2017; Thompson, 2018).

Nesses locais, o que define a posição de um agente é a quantidade de capital em específico que ele tem, capital esse que se objetiva de diferentes formas (Bourdieu, 2017; Lahire, 2017; Lebaron, 2017; Thompson, 2018). Para ilustrarmos, no campo econômico, os capitais se revestem em formas de bens materiais, como casas, carros, empresas, investimentos; já no campo científico, os capitais são identificados nos prêmios recebidos, – como o Nobel – nos livros e artigos publicados e nas posições que aquele agente ocupa – professor da Universidade de São Paulo, presidente do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Figura 1: O campo e seus agentes dominantes, com mais capital, e dominados, com menos capital.

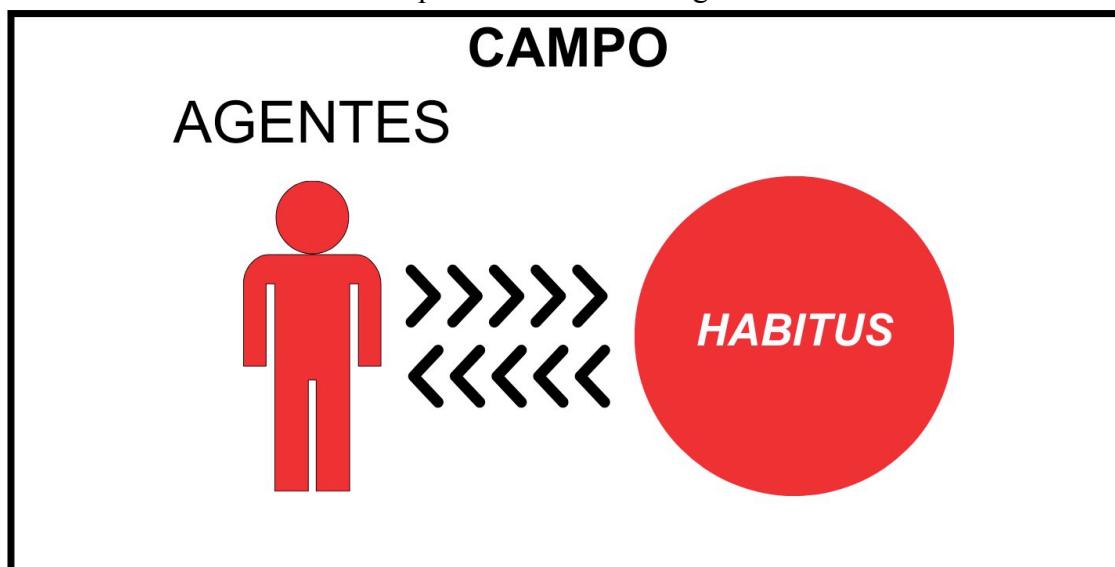


Fonte: Autoria própria

Para além, os campos têm um *habitus* que é caracterizado pela forma como os agentes se comportam dentro desse espaço, ou seja, como formas de agir, sentir e pensar desses agentes, estabelecendo uma relação de dupla influência, com os agentes

influenciando no campo e o campo influenciando nos agentes (Bourdieu, 2011; Bourdieu; Wacquant, 2005; Lahire, 2017; Thompson, 2018).

Figura 2: O *habitus* dos agentes influenciando o campo e o *habitus* do campo influenciando os agentes.



Fonte: Autoria própria.

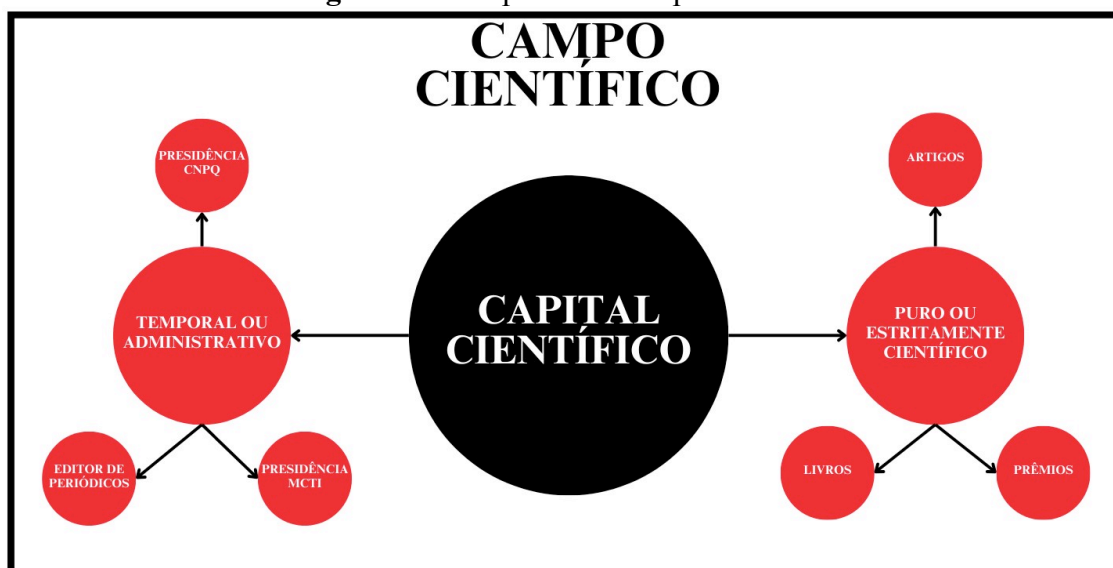
Nesta lógica, se nos campos há agentes em diferentes posições, uns dominados e outros dominantes, eles tendem a lutar pelos capitais que estão em jogo, no caso, os dominantes para manterem sua dominância e os dominados para saírem desta posição (Bourdieu, 2011, 2015, 2017; Bourdieu; Wacquant, 2005; Lahire, 2017; Lebaron, 2017; Moore, 2018; Thompson, 2018). Essa luta é influenciada pelo *habitus* que permeia o campo e faz os agentes se movimentarem internamente a ele para adquirirem tais capitais (Maton, 2018; Starepravo; SOUZA; Marchi Jr., 2013; Wacquant, 2017). Isso significa que os campos são espaços de concorrência e luta, em busca por melhores posições internamente a eles, que darão aos agentes mais ou menos poder e reconhecimento (Bourdieu, 2004a, 2004b; Lahire, 2017; Thompson, 2018).

Tendo em vista que os campos são espaços concorrenciais e que os agentes estão em busca do capital específico deles, Bourdieu defende que o campo científico, assim

como qualquer outro, é um espaço de lutas pelo capital científico que dará aos agentes internos ao campo reconhecimento e dominação. Nesse sentido, a teoria do autor se situa em oposição ao que ele chamava de teorias hagiográficas do campo científico, elaboradas a partir de análises encantadas dos cientistas, como se os mesmos fossem santos e intencionados somente a produzir ciência e contribuir com o progresso da razão (Albert; Kleinman, 2011; Bourdieu, 1975a, 1975b, 1976, 2004a, 2004b, 2017; Bourdieu; Wacquant, 1989; Fuhse, 2020; Ragouet, 2017). Nesta lógica, os agentes do campo científico estão em busca de capitais, que de acordo com Bourdieu são dois, um denominado capital temporal, ou administrativo; outro denominado capital científico puro, ou estritamente científico (Bourdieu, 2004a).

O capital temporal ou administrativo se materializa na forma de cargos internamente a instituições que permeiam o campo científico (Bourdieu, 2004a, 2004b; Ragouet, 2017), como por exemplo, na presidência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação ou no trabalho como editor de um periódico científico. Na EF, esse capital pode ser identificado no cargo de coordenador de determinado programa de pós-graduação, ou na editoria de um periódico do campo. Já o capital científico puro são textos publicados pelos agentes do campo, como artigos e livros, que contribuem com o progresso da razão e da ciência (Bourdieu, 2004a, 2004b; Ragouet, 2017). Nesta lógica, os artigos científicos são a materialização do capital científico puro e podem ser identificados na publicação de um artigo em um periódico da EF.

Figura 3: Os capitais do campo científico.



Fonte: Autoria própria.

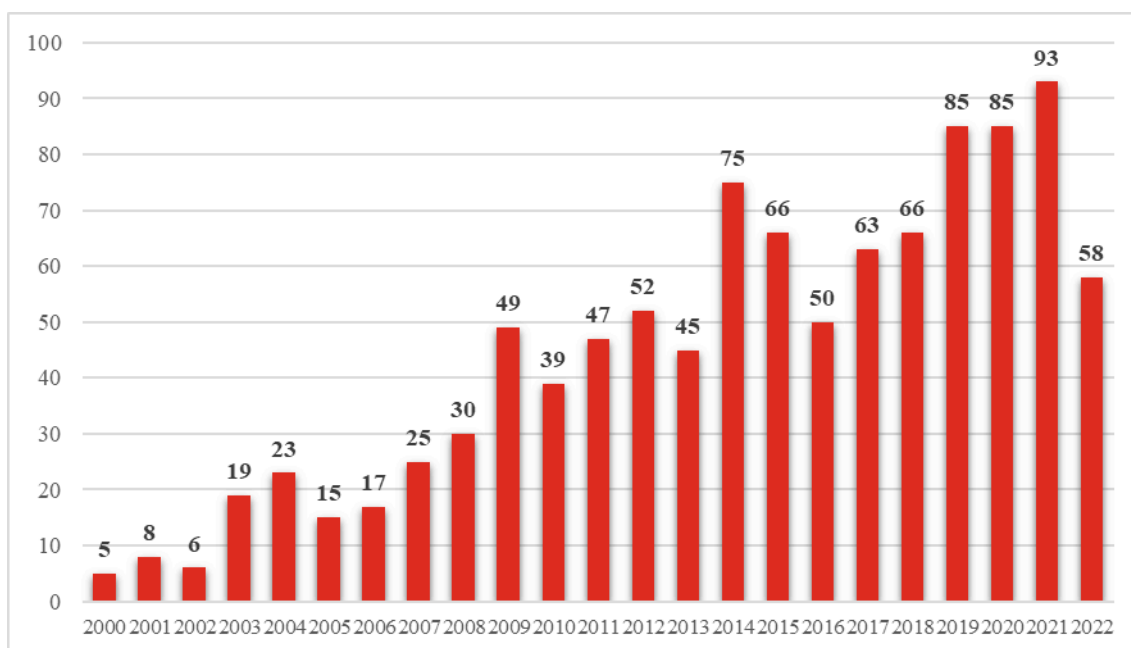
Se os agentes, internos ao campo científico, têm a intenção de adquirir os capitais do campo, para se tornarem dominantes ou para permanecerem nessa posição, os artigos científicos são um objeto de disputa por parte desses agentes, fazendo com que eles sejam estimulados a produzir textos neste formato para angariar reconhecimento. Isso significa, que o campo científico, enquanto um espaço de lutas e disputas, promove uma competição entre os agentes deste campo na produção científica. Inclusive, produzir artigos é uma prática que cresceu, principalmente, a partir do século XXI na EF, tornando essa forma de produção um *habitus* relativamente novo dos agentes desse campo.

Tendo em vista as reflexões apresentadas, não há dúvida, os agentes no campo científico produzem artigos para angariar capital científico puro, com a intenção de se tornarem ou se manterem dominantes dentro do campo, capital científico esse que se materializa no formato de artigo científico e dá a esses agentes poder e reconhecimento. Nesta lógica, este artigo identificou em quais periódicos da EF brasileira ocorre a produção sobre o lazer e quais agentes, instituições e estados produzem sobre o assunto.

Os Periódicos que Publicam sobre o Lazer

Nos últimos anos, a atividade científica na produção de artigos no Brasil vem crescendo (Barata *et al.*, 2014) e isso também ocorreu na EF (Lazzarotti Filho, 2018; Lazzarotti Filho *et al.*, 2012; Lazzarotti Filho; Silva; Mascarenhas, 2015). Tal movimento, inclusive, impactou na produção acerca do lazer, que vem aumentando desde os anos 2000 como pode ser identificado no Gráfico 1.

Gráfico 1: Quantidade de artigos publicados por ano com o termo lazer em seus títulos.



Fonte: dados da pesquisa.

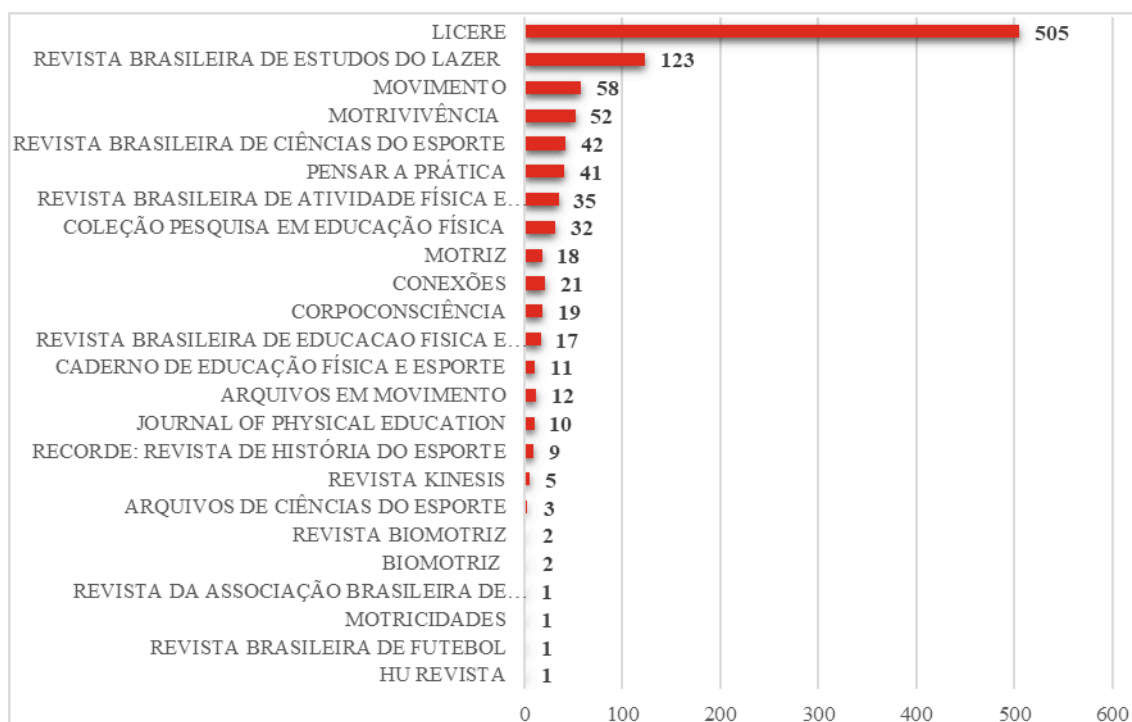
Tendo em vista esse crescimento produtivo, podemos afirmar que a construção de artigos científicos se tornou um *habitus* do campo. Isso significa que os agentes, cada vez mais, têm procurado esse formato de produção para a divulgação de suas respectivas pesquisas.

Para além desse crescimento, é fundamental localizar onde está a produção acerca do assunto. Isso nos proporciona uma visão das decisões dos agentes desse campo, na escolha de onde eles querem que seus respectivos trabalhos sejam

divulgados, o que não é escolha desinteressada, mas sim, uma escolha que passa pelo potencial que aquele agente dá ao seu estudo e no possível reconhecimento que ele receberá. Por exemplo, se um agente acredita que determinado artigo tem mais qualidade, isso influirá na sua decisão de onde ele o submeterá, selecionando periódicos melhores avaliados e com uma maior tradição científica, e o mesmo vale para o contrário. Além disso, um agente tende a escolher um periódico no qual seu estudo terá visibilidade, pois, se um artigo sobre o lazer é submetido em uma revista com especialidade em fisiologia do exercício, ele provavelmente não será aprovado, e se for, os estudiosos do lazer não acompanham esse periódico, o que impactará numa baixa capacidade de leitura e reflexão sobre seu texto.

Além do mais, os periódicos têm como função eleger produções consideradas relevantes a partir de critérios próprios e censura nos artigos que não contenham padrões científicos considerados importantes (Bourdieu, 1976), o que significa que eles são um espaço onde há uma seleção do que tem qualidade ou não para ser publicado. No Gráfico 2 estão os periódicos utilizados pelos agentes que produzem sobre o lazer dentro da EF.

Gráfico 2: Quantidade de artigos publicados por periódico com o termo lazer em seus títulos.



Fonte: Dados da pesquisa.

Identificamos que 49,46% da produção acerca do lazer está presente na Revista Licere, que tem seu primeiro volume publicado em 1998 e está em atividade há 25 anos, o que demonstra sua importância e consistência ao longo de todo o século XXI. Logo após aparece a Revista Brasileira de Estudos do Lazer, que publica desde 2014 e tem 12,04% dos artigos publicados sobre o assunto. Em conjunto, as duas detêm 61,5% da produção e demonstram uma autonomização dos estudos do lazer, com os agentes procurando periódicos específicos dedicados à temática para a publicação de seus respectivos estudos.

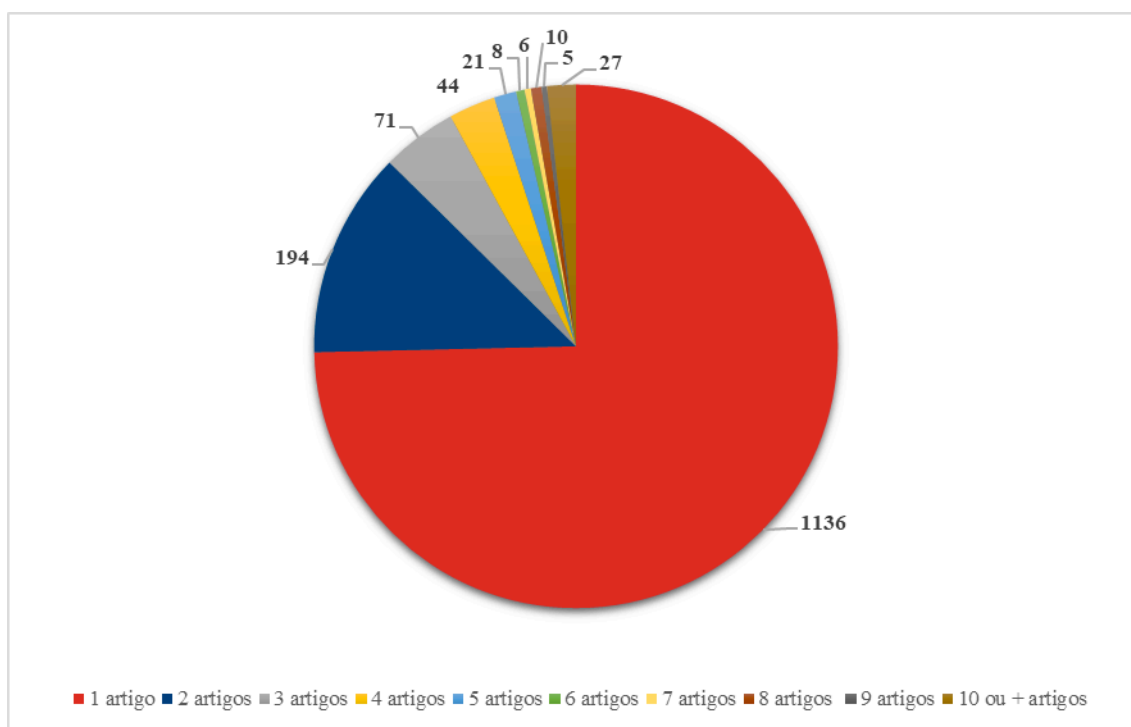
Para além, as revistas Movimento, com 5,68% da produção, Motrivivência, com 5,09%, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, com 4,11% e Pensar a Prática, com 4,01%, dialogam constantemente com o lazer e somadas detêm 18,89% dos artigos, o que demonstra que apesar do processo de autonomização dos estudos do lazer, ainda

assim, alguns agentes do campo buscam revistas com um foco e escopo ampliado para a divulgação de seus resultados. Um destaque é válido para a Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, com 3,42% da produção, que tem uma aproximação com a área denominada biodinâmica da EF e representa uma relação do lazer com os conhecimentos mais “biológicos” presentes no campo. Apesar disso, quando analisamos os focos e escopos das revistas selecionadas para este artigo e que mais publicam sobre a temática, não há dúvida, o lazer tem tradição de diálogo, preponderantemente, com a área sociocultural dentro desse campo.

Os Agentes que Publicam sobre o Lazer

Nesta pesquisa, identificamos um total de 1522 agentes que apareceram 2684 vezes entre os 1021 artigos. Isso significa que nós temos uma média de 2,62 agentes por artigo publicado. Esse resultado, demonstra que atividade científica na produção de artigos tem se efetivado como uma construção coletiva, com boa parte dos textos contando com a contribuição de mais de dois agentes. Além disso, dentre os 1522, há diferentes quantidades de artigos produzidos entre eles.

Gráfico 3: Quantidade de artigos publicados com o termo lazer em seus títulos por agente.



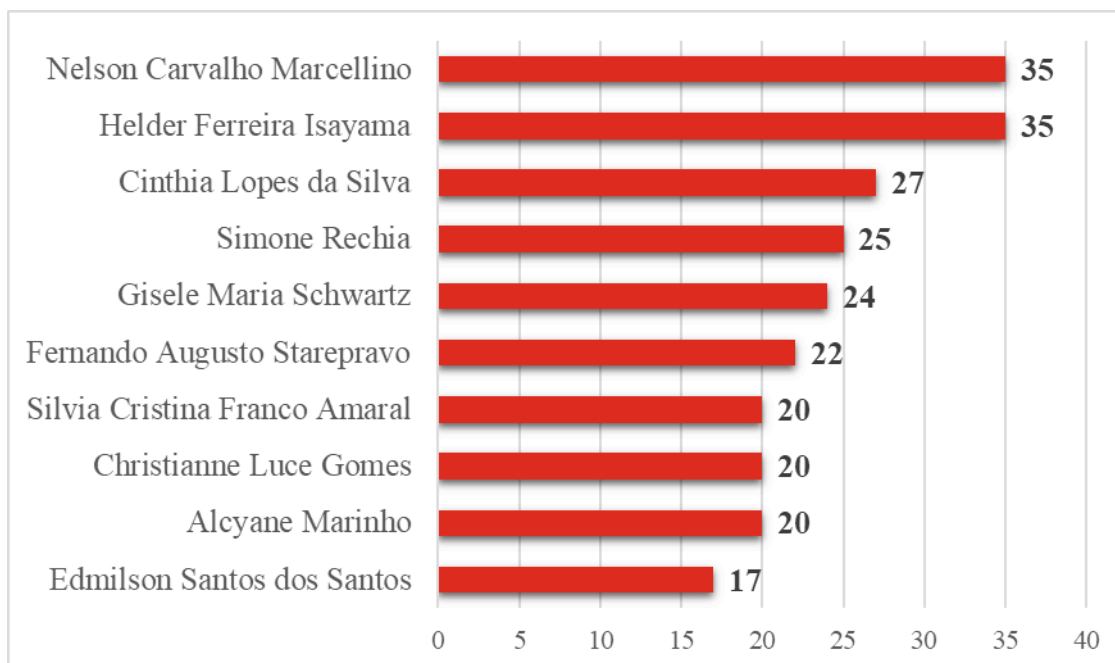
Fonte: Dados da pesquisa.

Nos chama a atenção a quantidade de agentes que publicaram somente uma vez entre os anos 2000 e 2022, que totalizaram 1136 e representam 74,63%. Bourdieu (2017), ao falar do campo científico, apresentou a ideia de que esse campo em sua estrutura é “[...] destinado a proporcionar muito mais fracasso que sucesso [...]” (p. 67), o que é corroborado pelos dados que encontramos. Isso demonstra o quão difícil é se manter produzindo dentro do campo científico, já que esses agentes, por diversos motivos, produzem somente um texto, o que pode ser uma consequência de diferentes causas, como por exemplo, a não entrada em uma instituição de ensino superior, que são espaços onde a produção científica acontece no Brasil – inclusive, mais à frente, os dados vão mostrar que a produção científica se dá, preponderantemente, nas instituições de ensino superior. Para além, o agente pode não ter como centralidade o estudo sobre o

lazer e ter realizado uma contribuição pontual acerca do assunto, não dialogando consistentemente com essa temática, o que justifica essa produção única. Entretanto, a quantidade de agentes com somente uma produção é enorme, o que nos permite afirmar que a vida científica é extremamente difícil assim como já constatado por Bourdieu na década de 70 na França (Bourdieu, 2017).

Os agentes que publicaram duas vezes representam 12,74%, e ilustram uma grande distância entre os que conseguiram publicar uma e duas vezes. Os com três contribuições representam 4,66% e somados com os com uma e duas publicações, eles totalizam 92,03%, o que significa que somente 7,97% dos agentes conseguiram publicar quatro artigos ou mais no intervalo de 23 anos. Já os dez que mais produziram acerca do assunto representam 0,65% dos agentes e podem ser identificados no gráfico a seguir:

Gráfico 4: Quantidade de artigos publicados pelos dez agentes que mais produziram artigos com o termo lazer em seus títulos.



Fonte: Dados da pesquisa.

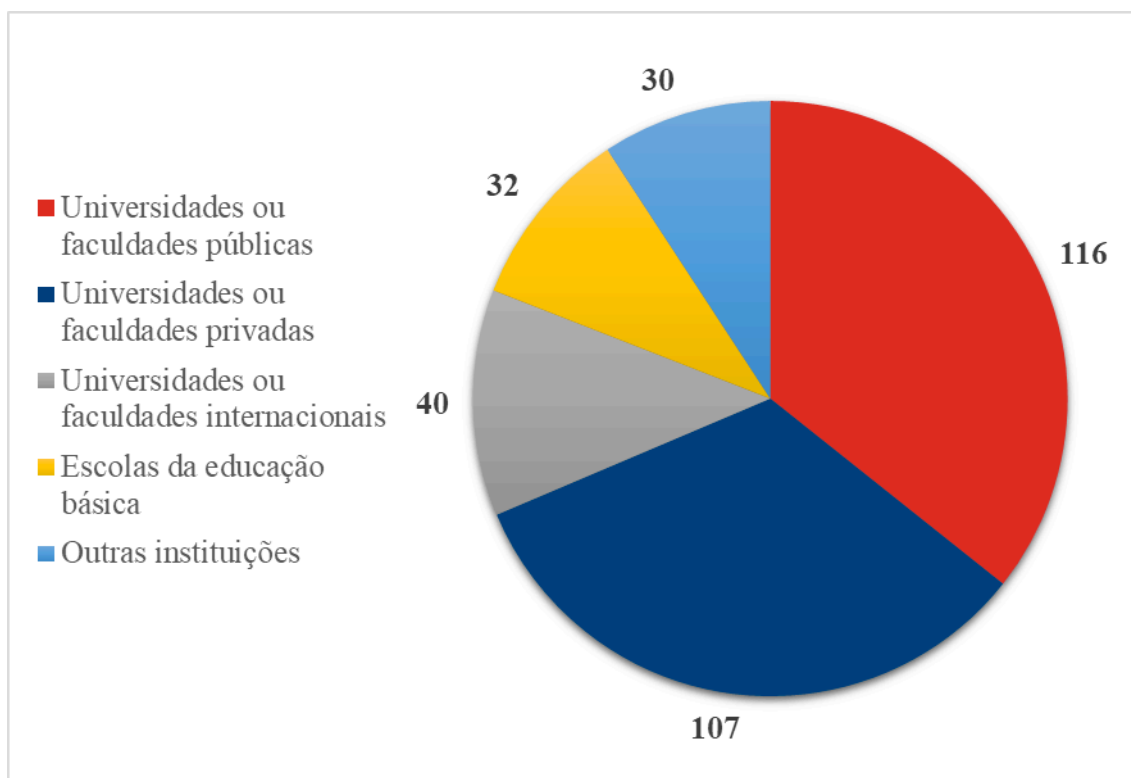
Se os campos têm seus agentes dominantes e dominados os dez supracitados são considerados dominantes diante de sua ampla produção sobre o lazer no campo científico da EF. Diante da dificuldade, já citada anteriormente, em se manter produzindo, não há dúvida do esforço desses agentes para se tornarem relevantes e dominantes dentro do campo científico, o que significa que eles são dotados de elevado capital científico puro.

Destacamos Nelson Carvalho Marcellino e Hélder Ferreira Isayama, que publicaram 35 artigos entre 2000 e 2022 e se efetivam como dominantes entre os dominantes. Sobre ambos, Bourdieu (2017), em estudo acerca do campo acadêmico e científico da França, notou que existia uma transferência de capital de professores para orientandos, já que, “O sucesso de uma carreira universitária passa pela “escolha” de um orientador poderoso” (Bourdieu, 2017, p. 128). Isso significa que se os orientados escolhessem bons professores – no caso, os com elevado capital científico acumulado – isso os auxiliaria, no futuro, a angariar posições elevadas e a produzirem com maior consistência, o que pode ter acontecido no caso de Isayama, orientado por Marcellino, o que contribuiu para que o mesmo se tornasse um agente dotado de tamanho capital científico em conjunto com seu antigo orientador. Ademais, Marcellino é dominante não somente na produção acerca do lazer, mas também nos currículos dos cursos de EF, onde o autor é o mais citado nas bibliografias das disciplinas relacionadas ao lazer (Cavalcante *et al.*, 2023; Cavalcante; Inácio, 2023; Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2021).

As Instituições dos Agentes que Publicam sobre o Lazer

Dentre os 1522 agentes, que apareceram 2684 vezes, nos 1021 artigos, foi possível identificar as instituições em 2488 dessas aparições, que eram provenientes de 325 diferentes instituições, como demonstrado no Gráfico 5.

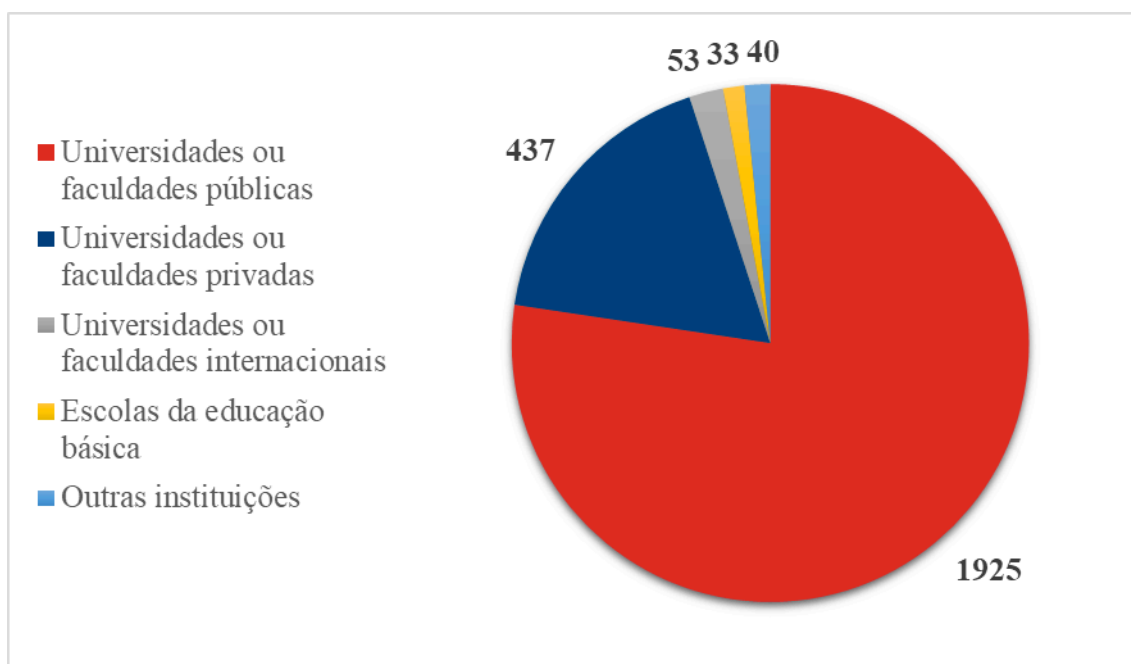
Gráfico 5: Quantidade de instituições que produziram artigos com o termo lazer em seus títulos.



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com o Gráfico 5, dentre as instituições dos agentes, 35,69% delas são universidades ou faculdades públicas, 32,92% são universidades ou faculdades privadas, 12,3% são universidades ou faculdades internacionais, 9,84% são escolas da educação básica e 9,23% são outras instituições. Apesar desse cenário, determinadas instituições produziram mais ou menos assim como ilustramos no Gráfico 6.

Gráfico 6: Quantidade de artigos com o termo lazer em seus títulos produzidos por instituição.

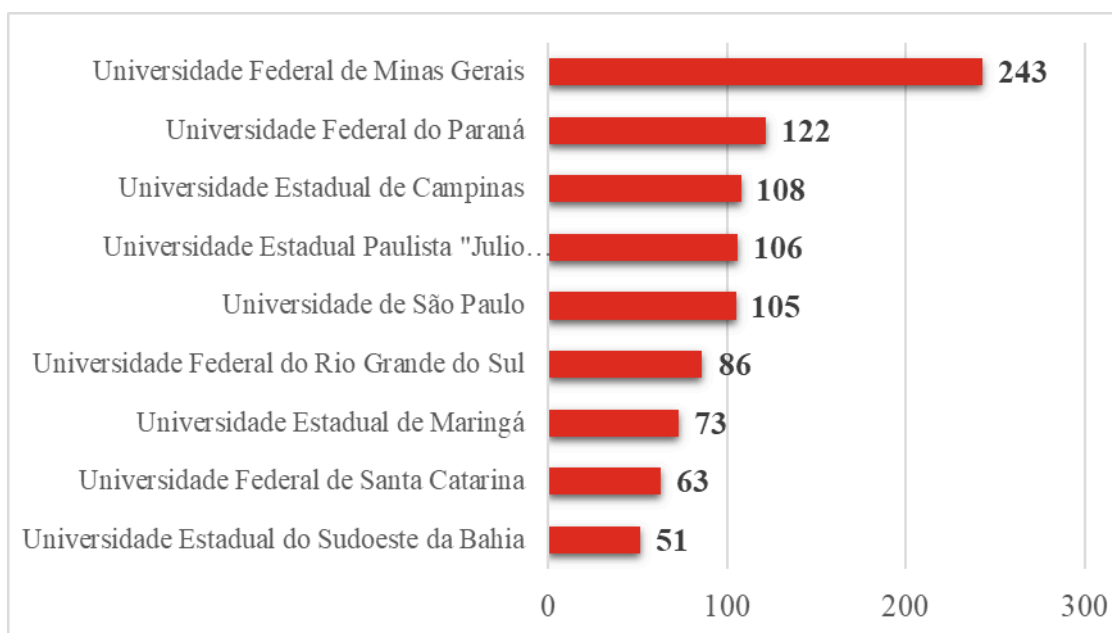


Fonte: dados da pesquisa.

Apesar de certo equilíbrio entre o número de instituições privadas e públicas que identificamos no Gráfico 5, quando analisamos o quantitativo de artigos produzidos pelos agentes internos a cada uma delas no Gráfico 6, notamos diferenças expressivas. Dentre as 2488 instituições citadas, podemos constatar que 1925 delas são públicas. Isso significa que 77,37% da produção sobre o lazer no campo científico da EF é proveniente de faculdades ou universidades públicas. Já as faculdades e universidades privadas têm 17,56% da produção, as faculdades e universidades internacionais 2,13%, outras instituições 1,6% e as escolas 1,32%.

Sobre as universidades públicas, algumas delas se destacam e estão identificadas no Gráfico 7.

Gráfico 7: Instituições públicas que mais produziram artigos com o termo lazer em seus títulos.

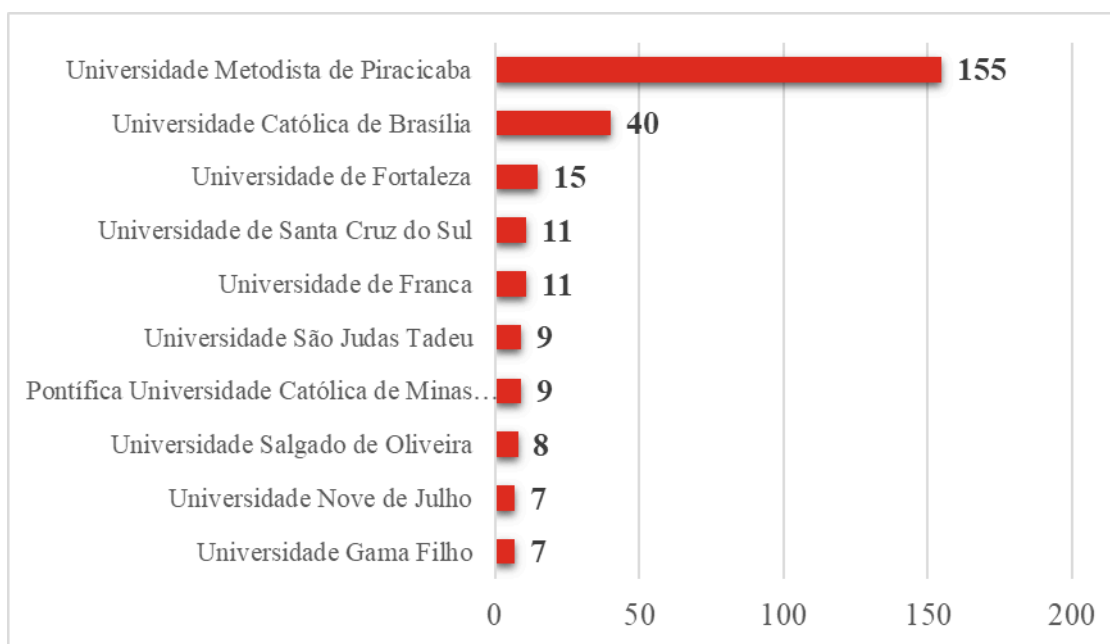


Fonte: Dados da pesquisa.

A Universidade Federal de Minas Gerais é a instituição que mais produz e tem uma longa trajetória de dedicação à pesquisa sobre o lazer. Nessa instituição se localiza o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer e a Revista *Licere*, o que significa que ela é mais relevante do ponto de vista da produção de artigos sobre o lazer no Brasil.

Já as faculdades e universidades privadas mais citadas estão no Gráfico 8:

Gráfico 8: Instituições privadas que mais produziram artigos com o termo lazer em seus títulos.

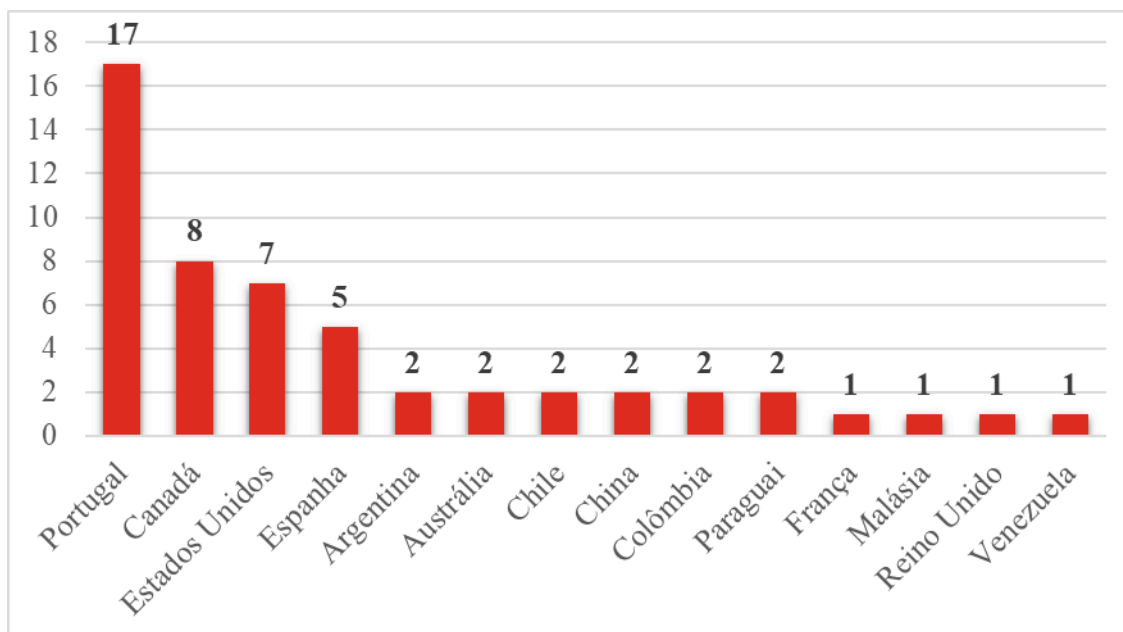


Fonte: Dados da pesquisa.

Notamos um amplo destaque da Universidade Metodista de Piracicaba que obteve essa relevância a partir da atuação de Nelson Carvalho Marcellino nessa instituição, o que alavancou a produção científica nesse local e fez ela produzir expressivamente sobre o assunto.

Para além, nos chama a atenção a quantidade de agentes inseridos em instituições internacionais que colaboraram com os estudos do lazer no Brasil, que são somente 2,13%. Isso significa que o Brasil ainda dialoga pouco com agentes não inseridos em nosso território, o que é constatado no Gráfico 9.

Gráfico 9: O país de origem dos agentes que produziram artigos com o termo lazer em seus títulos para além do Brasil.



Fonte: Dados da pesquisa.

O país com o qual nós mais colaboramos é Portugal, demonstrando que uma das maiores dificuldades para o diálogo internacional é a barreira linguística, pois a maior contribuição é realizada com um país que tem a mesma língua que a nossa.

Sobre as outras instituições, que são 1,6%, elas englobam diversas, como por exemplo, o Ministério do Esporte, o Serviço Social do Comércio, o Serviço Social da Indústria, prefeituras, e são nelas onde podem estar inseridos os trabalhadores do lazer que atuam diretamente com a promoção, desenvolvimento e análise dessas práticas. Esse resultado ilustra que há muito pouco sendo produzido sobre o lazer a partir da visão dos próprios trabalhadores que atuam nessa área, o que é um resultado preocupante, já que, provavelmente, a visão dada pelas pesquisas científicas é proveniente, em sua grande maioria, dos professores universitários, não dos trabalhadores da área.

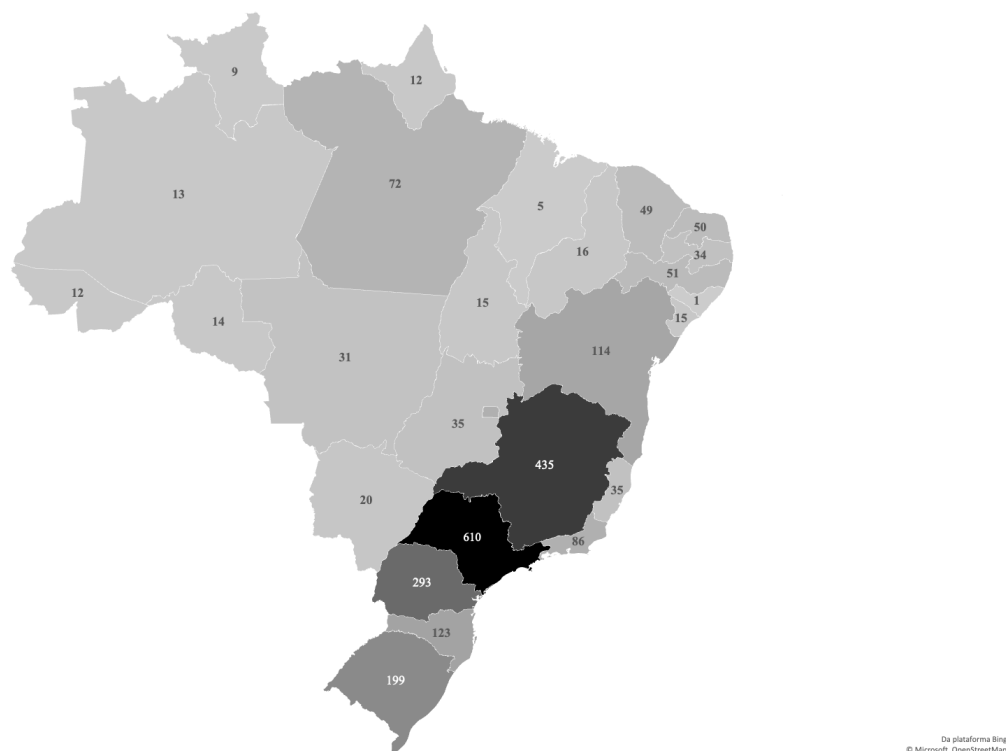
Tendo como base todos esses dados, podemos identificar a dominância das universidades e faculdades públicas na produção científica do Brasil, o que, provavelmente, permita uma extrapolação desses dados para outros temas além do lazer e para a própria produção científica no nosso país como um todo. Tal dominância, sem sombra de dúvidas, tem como influência a forma como se estrutura a remuneração dos professores/pesquisadores do Brasil, que no serviço público, tendem a receber um salário para se dedicarem exclusivamente à instituição na produção de ensino, pesquisa e extensão. Já nas instituições privadas, os professores, na maioria das vezes, recebem por hora aula, o que impacta em uma menor possibilidade de produção científica, já que os mesmos não recebem para realizarem essa atividade. Esse cenário demonstra que há um *habitus* nas instituições públicas na produção de ciência, *habitus* esse que é desenvolvido por conta de uma estrutura remuneratória que incentiva essa atividade. Isso significa que se o serviço privado não alterar sua forma de trabalho – o que não acreditamos que vá acontecer –, o mesmo permanecerá produzindo, prioritariamente, ensino e continuará distante da pesquisa, o que, provavelmente, é um interesse mercadológico da maioria dessas empresas.

Esse resultado também nos ilustra que os cientistas não têm uma paixão pela ciência que os movem para a produção de pesquisas científicas, independente de suas respectivas situações. Na verdade, eles tendem a produzir ciência, a partir de condições objetivas para isso, o que exige uma remuneração para que isso se concretize. Ademais, o Brasil, nitidamente, vive um isolamento internacional, já que somente 2,13% dos agentes são de instituições fora de nosso território, o que ao mesmo tempo representa uma valorização do conhecimento nacional, mas também uma não abertura para novas visões teóricas e científicas produzidas ao redor do mundo.

Os Estados das Instituições dos Agentes que Publicam Sobre o Lazer

Para além da identificação de onde estão sendo publicados os artigos sobre o lazer no Brasil, dos agentes que escreveram esses estudos e de suas respectivas instituições, é importante verificarmos de quais estados e regiões do Brasil essa produção tem origem. No Gráfico 10 estão os estados brasileiros que produziram sobre o assunto.

Gráfico 10: O estado de origem dos agentes que produziram artigos com o termo lazer em seus títulos.



Fonte: Dados da pesquisa.

Notamos que apesar de todo o Brasil produzir sobre o lazer, certos estados produzem mais comparativamente a outros, como é o caso de São Paulo com 25,05% da produção, Minas Gerais com 17,86%, Paraná com 12,03%, Rio Grande do Sul com 8,17% e Santa Catarina com 5,05%. Somente esses cinco estados acumulam 68,16%

dos artigos, o que demonstra um desequilíbrio quando comparado a outros estados. Além disso, a produção se concentra, preponderantemente, na região sudeste-sul, com a região sudeste produzindo 47,88% e a região sul 25,25%. Já a região nordeste produziu 13,75%, a Centro-Oeste 7,06% e a região Norte 6,03%.

A partir dos dados, podemos afirmar que as regiões sudeste e sul, em conjunto, dominam a produção científica acerca do lazer. Esse desequilíbrio produtivo, inclusive, é problemático, já que, as práticas de lazer nesses territórios estão sendo mais investigadas comparativamente a outros, trazendo uma visão acerca do lazer prioritária dessa região. Isso significa que há uma chance maior de práticas e políticas de lazer serem investigadas nesses locais, diante de uma maior produtividade dos agentes nesses espaços, diferentemente das regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte.

Conclusões

O objetivo deste estudo foi identificar em quais periódicos da EF brasileira ocorre a produção sobre o lazer e quais agentes, instituições e estados produzem sobre o assunto. Para isso, identificamos o quantitativo de artigos sobre o lazer publicados por ano e por periódico e os agentes autores desses textos em conjunto com suas respectivas instituições e estados. Além disso, utilizamos o conceito de campo científico desenvolvido por Pierre Bourdieu para refletir acerca dos resultados deste artigo.

Como conclusões constatamos um crescimento produtivo no número de artigos sobre o lazer no campo científico da EF. Isso demonstra que, desde o início do atual século, vem se instaurando um *habitus* na produção de textos científicos em formato de artigo. Tais textos são encontrados em sua maioria na Revista Licere, com 49,46% da produção, seguida pela Revista Brasileira de Estudos do Lazer, com 12,04%. Ambas concentram 61,5% dos artigos e nos demonstram uma tentativa de autonomização dos

estudos do lazer, com os agentes do campo construindo textos e os publicando em periódicos específicos dedicados à temática. Todavia, ainda assim, cabe um destaque as revistas que têm foco e escopo ampliado e que abarcam vários dos temas que compõem a EF, como as revistas Movimento, com 5,68% da produção, Motrivivência, com 5,09%, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, com 4,11% e Pensar à Prática, com 4,01%, que somam 18,89% dos artigos.

Para além, ao analisar os agentes autores desses textos, podemos identificar que a ciência é uma atividade coletiva, já que, por artigo, temos uma média de 2,62 autores. Ademais, 74,63% deles resumiram sua contribuição sobre o lazer a somente um artigo, demonstrando que há uma dificuldade em se manter produzindo dentro deste campo científico. Dentre os autores dominantes e dotados de elevado capital científico puro, destacamos Nelson Carvalho Marcellino e Hélder Ferreira Isayama, que publicaram 35 textos cada um.

Sobre as instituições de onde tais agentes são provenientes, constatamos que a produção sobre o lazer acontece, preponderantemente, nas instituições de ensino superior, mais precisamente, nas públicas. Além disso, o Brasil vive um isolamento internacional, já que, somente 2,3% dos agentes autores desses artigos são oriundos de instituições para além das fronteiras brasileiras. Ademais, os estudos produzidos por agentes inseridos em outras instituições para além das faculdades, universidades e escolas, representam 1,6%, o que significa que a produção sobre o assunto é realizada em sua grande maioria por agentes que, a princípio, não trabalham diretamente com o lazer. Em acréscimo, destacamos São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, como locais que mais produzem sobre o assunto, destacando a região

Sudeste e Sul como espaços geográficos com forte apelo na produção de artigos científicos sobre o lazer.

Por fim, é importante dizer que o campo científico não é estático. Isso significa que ele permanece em contínua transformação, fazendo com que análises como essa sejam continuamente necessárias.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Mathieu; KLEINMAN, Daniel Lee. Bringing Pierre Bourdieu to Science and Technology Studies. **Minerva**, v. 49, n. 3, p. 263–273, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43548606>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BARATA, Rita B. *et al.* The configuration of the Brazilian scientific field. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 86, n. 1, p. 505–521, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0001-3765201420130023>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Hiérarchie sociale des objets. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 1, n. 1, p. 4–6, 1975a. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/arss_0335-5322_1975_num_1_1. Acesso em: 08 fev. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. 2. ed. Florianópolis, SC: UFSC, 2017.

BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 2, n. 2, p. 88–104, 1976. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454. Acesso em: 08 fev. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo, SP: UNESP, 2004a.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. 11.ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Science of science and reflexivity**. Chicago: The University of Chicago and Polity Press, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. The specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason. **Social Science Information**, v. 6, p. 19–47, 1975b. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/053901847501400602>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic J. D. For a socio-analysis of intellectuals: on Homo Academicus. **Berkeley Journal of Sociology**, v. 34, n. 1989, p. 1–29, 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41035401>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Löic. **Um convite à sociologia reflexiva**. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 2005.

CAVALCANTE, Fernando Resende *et al.* Nas Privadas Recreação, nas Públicas Educação: as características das disciplinas relacionadas ao lazer nos cursos de Educação Física. **Movimento**, v. 29, p. 00–23, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.127561>. Acesso em: 08 fev. 2024.

CAVALCANTE, Fernando Resende; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Bibliografias das Disciplinas Relacionadas ao Lazer de Instituições Federais de Ensino Superior do Brasil. **Corpoconsciência**, v. 27, n. e14242, p. 1–16, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.51283/rc.27.e14242>. Acesso em: 08 fev. 2024.

CAVALCANTE, Fernando Resende; LAZZAROTTI FILHO, Ari. O lazer nos currículos dos cursos de Educação Física: diversidades e tendências. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 27, p. 1-24, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.114216>. Acesso em: 08 fev. 2024.

DIAS, Cleber *et al.* Estudos do lazer no brasil em princípios do século XXI: Panorama e perspectivas. **Movimento**, v. 23, n. 2, p. 601–616, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.66121>. Acesso em: 08 fev. 2024.

FUHSE, Jan. Relational sociology of the scientific field: Communication, identities, and field relations. **Digithum**, v. 2020, n. 26, p. 1–14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7238/d.v0i26.374144>. Acesso em: 08 fev. 2024.

GASPARI, Jossett. Reconstruindo o lazer a partir de um periodico científico. **Motriz**, v. 11, n. 2, p. 131–140, 2005.

GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). 2003. Tese - Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes Latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2012.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 9, n. 1, p. 23–44, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2661>. Acesso em: 08 fev. 2024.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Reflexões sobre os Conteúdos Físico-esportivos e as Vivências de Lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e cultura**. Campinas, SP: Alínea, 2007. p. 31–46.

LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 64–66.

LAZZAROTTI FILHO, Ari *et al.* Modus operandi da produção científica da educação física: Uma análise das revistas e suas veiculações. **Revista de Educação Física da UEM**, v. 23, n. 1, p. 1-14, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i1.12551>. Acesso em: 08 fev. 2024.

LAZZAROTTI FILHO, Ari. O periodismo científico da Educação Física brasileira. **Motrivivência**, v. 30, n. 54, p. 35–50, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p35>. Acesso em: 08 fev. 2024.

LAZZAROTTI FILHO, Ari; SILVA, Ana Márcia; MASCARENHAS, Fernando. Transformações Contemporâneas do Campo Acadêmico-Científico da Educação Física no Brasil: Novos Habitus, Modus Operandi e Objetos de Disputa. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 20, n. esp, p. 67–80, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.48280>. Acesso em: 08 fev. 2024.

LEBARON, Frédéric. Capital. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 101–104.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. A Relação Teoria e Prática na Formação Profissional em Lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas, SP: Papirus, 2010. p. 59–85.

MATON, Karl. Habitus. In: Michael Grenfell (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 73–94.

MELO, Victor Andrade. Lazer e Educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis - um enfoque na questão da formação. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Helder Ferreira (org.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

MELO, Victor Andrade; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2012.

MOORE, Rob. Capital. In: Michael Grenfell (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 136–155.

OLIVEIRA, Bruno Assis de; DAMASCENO, Luciano Galvão; HUNGARO, Edson Marcelo. Estudos do lazer na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE): apontamentos críticos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 325–334, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.006>. Acesso em: 08 fev. 2024.

RAGOUET, Pascal. Campo científico. In: CATANI, Afrânio Mendes (org.). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 68–71.

SEREJO, Hilton Fabiano Boaventura; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Discursos sobre a Recreação: um saber disciplinarizado na Escola de Educação Física de Minas Gerais

(1963 – 1969). **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 25, p. e25023, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.77663>. Acesso em: 08 fev. 2024.

SEREJO, Hilton Fabiano Boaventura; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Discursos sobre Recreação em Disciplinas do Curso de Educação Física da UFMG (1969-1990). **Licere**, v. 21, n. 3, p. 90–125, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1864>. Acesso em: 08 fev. 2024.

STAREPRAVO, Fernando Augusto; SOUZA, Juliano; MARCHI JR., Wanderley. Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: Uma argumentação inicial sobre a importância da utilização da teoria dos campos de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 3, p. 785–798, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000300018>. Acesso em: 08 fev. 2024.

THOMPSON, Patricia. Campo. *In*: Michael Grenfell (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 95–113.

WACQUANT, Löic. Habitus. *In*: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieurdieu**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 2013–2016.

Endereço dos Autores:

Fernando Resende Cavalcante

Endereço eletrônico: fernandorcavalcante@hotmail.com

Ari Lazzarotti Filho

Endereço eletrônico: arilazzarotti@gmail.com

ARTIGO 3

TENDÊNCIAS NA PESQUISA SOBRE O LAZER: UMA ANÁLISE DOS FOCOS DOS ARTIGOS DO CAMPO

Artigo publicado na *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*.
Submetido em 14 de abril de 2024.
Aprovado em 28 de agosto de 2024.

Isso significa que o lazer é um tema desvalorizado, dentro de um campo desvalorizado, o que impacta na capacidade de financiamento para suas pesquisas e faz os agentes que pesquisam sobre o tema realizarem pesquisas de baixo custo, diante do provável baixo recebimento de recursos (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024c).

TENDÊNCIAS NA PESQUISA SOBRE O LAZER: UMA ANÁLISE DOS FOCOS DOS ARTIGOS DO CAMPO

Fernando Resende Cavalcante¹

North Carolina State University e Universidade de Brasília
Raleigh, North Carolina, United States of America

Ari Lazzarotti Filho²

Goiânia, Goiás, Brasil

RESUMO: Este estudo teve como objetivo identificar os focos dos artigos sobre o lazer publicados entre 2000 e 2022. Utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo para identificar os focos dos artigos e o conceito de campo científico de Pierre Bourdieu foi adotado como lente teórica para análise dos dados. Os resultados revelam um crescimento no número de artigos dedicados ao lazer, com 29,87% deles focados em grupos e suas práticas de lazer, 19,58% em investigações teórico-conceituais, 14,78% em estudos sobre espaços/equipamentos de lazer, 7,14% em revisões de literatura e 6,07% em programas de lazer. Observou-se também que a principal temática investigada é a das políticas públicas e que os pesquisadores tendem a realizar estudos acessíveis.

Palavras-chave: Lazer; produção científica e tecnológica nacional; Educação Física; Pierre Bourdieu.

TRENDS IN LEISURE RESEARCH: AN ANALYSIS OF ARTICLE FOCUSES IN THE FIELD

ABSTRACT: This study aimed to identify the main focuses of articles on leisure published between 2000 and 2022. Content Analysis was employed to identify these focuses, and Pierre Bourdieu's concept of scientific field was adopted as a theoretical framework for data analysis. The results reveal a growth in the number of articles dedicated to leisure, with 29.87% focusing on groups and their leisure practices, 19.58% on theoretical-conceptual investigations, 14.78% on studies concerning leisure spaces/equipment, 7.14% on literature reviews, and 6.07% on leisure programs. It was also observed that the primary theme investigated is public policies related to leisure, and researchers tend to conduct accessible studies.

Keywords: Leisure; national scientific and technological production; Physical Education; Pierre Bourdieu.

¹ Estudante de doutorado na Universidade de Brasília e Pesquisador na North Carolina State University. Email: fernandorcavalcante@hotmail.com

² Professor associado na Universidade Federal de Goiás e Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília. Email: lazzarotti@ufg.br

TENDENCIAS EN LA INVESTIGACIÓN SOBRE EL OCIO: UN ANÁLISIS DE LOS ENFOQUES DE LOS ARTÍCULOS EN EL CAMPO

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo identificar los focos principales de los artículos sobre el ocio publicados entre 2000 y 2022. Se utilizó el Análisis de Contenido para identificar estos focos, y el concepto de campo científico de Pierre Bourdieu se adoptó como marco teórico para el análisis de datos. Los resultados revelan un aumento en el número de artículos dedicados al ocio, con un 29,87% enfocados en grupos y sus prácticas de ocio, un 19,58% en investigaciones teórico-conceptuales, un 14,78% en estudios sobre espacios/equipamientos de ocio, un 7,14% en revisiones de literatura y un 6,07% en programas de ocio. También se observó que la temática principal investigada son las políticas públicas relacionadas con el ocio, y que los investigadores tienden a realizar estudios accesibles.

Palabras-clave: Ocio; producción científica y tecnológica nacional; Educación Física; Pierre Bourdieu.

Introdução

Ao longo de todo o século XXI, temos observado um crescimento na produção científica e, consequentemente, na produção de artigos em todo o mundo (Elsevier; Agência Bori, 2023). No Brasil, a tendência é a mesma (Barata *et al.*, 2014), apesar de uma queda no número de estudos publicados no ano de 2022 comparativamente ao ano de 2021, a primeira desde 1996 (Elsevier; Agência Bori, 2023). Esse cenário de aumento no número de artigos também impactou a produção sobre o lazer, que acompanhou esse processo. Isso gerou uma nova tendência na veiculação dos resultados científicos, que antes eram publicados, prioritariamente, como livros e na atualidade são publicados, principalmente, em formato de artigos (Lazzarotti Filho, 2018; Lazzarotti Filho *et al.*, 2012; Lazzarotti Filho; Silva; Mascarenhas, 2015). Essa nova lógica se efetivou como um novo *modus operandi* e transformou os artigos em objetos de disputa entre os agentes do campo, que atualmente priorizam a publicação nesse formato (Costa; Neves, 2022; Lazzarotti Filho; Silva; Mascarenhas, 2015).

Com esse crescimento, torna-se essencial analisar as publicações, considerando que balanços sobre temas específicos veiculados em periódicos são fundamentais. Nesse contexto, propomos investigar o tema do lazer. Dada sua relevância, estudos analisaram a produção sobre o tema com recortes temporais específicos e em periódicos selecionados (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024a, 2024b; Dias *et al.*, 2017; Gaspari, 2005; Oliveira; Damasceno; Hungaro, 2018). Gaspari (2005), por exemplo, analisou a produção sobre o lazer na Revista Motriz entre 1995 e 2000 e identificou a necessidade de intensificação dos debates sobre a temática como um fenômeno social. Mais recentemente, Dias *et al.* (2017) apresentaram um panorama dos artigos publicados na Licere entre 2000 e 2010 e constataram que a maioria dos autores que publicaram

nesse periódico tem formação em Educação Física e que havia pouca contribuição de autores internacionais nos artigos publicados. Em adição, Oliveira, Damasceno e Húngaro (2018), baseados na teoria social crítica, mostraram como as discussões sobre o lazer eram apresentadas na Revista Brasileira de Ciências do Esporte entre 1986 e 2015 e perceberam que a maior parte dos textos publicados sobre o assunto não levava em consideração uma compreensão da totalidade que envolve o lazer no macro contexto histórico e social. Em outro estudo, Cavalcante e Lazzarotti (2024a) identificaram um crescimento na produção sobre o lazer nos últimos 22 anos e que as revistas que mais publicam sobre o assunto são a Licere e a Revista Brasileira de Estudos do Lazer, ambas representando um ganho de autonomia por parte dos agentes que publicam sobre o tema. Por fim, Cavalcante e Lazzarotti (2024b) identificaram uma média de 2,62 autores por artigo e que 74,63% deles publicaram somente uma vez sobre o lazer. Além disso, a produção sobre o assunto ocorre preponderantemente nas instituições públicas de ensino superior e os estados que mais produzem sobre a temática são São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Apesar da relevância desses estudos, ao analisarmos os achados deles, surgiu uma questão: quais são os focos dos artigos sobre o lazer? Essa questão emergiu pelo fato de que nenhuma dessas pesquisas analisou, especificamente, os focos desses estudos, abrindo uma lacuna investigativa para a presente pesquisa, que tem como objetivo identificar os focos dos artigos sobre o lazer publicados entre 2000 e 2022, o que justifica a pertinência e relevância do presente texto. Por fim, este estudo utiliza como lente teórica o conceito de campo científico, elaborado por Pierre Bourdieu, para refletir acerca dos achados da pesquisa.

Metodologia

Antes de identificarmos os focos dos artigos sobre o lazer, foi essencial determinar os periódicos onde essa produção está distribuída. Para isso, selecionamos os periódicos Licere e Revista Brasileira de Estudos do Lazer, ambos com centralidade na discussão sobre o tema. Em adição, selecionamos os periódicos da Educação Física, pois, historicamente, esse é o campo que mais publicou e debateu sobre o lazer no Brasil (Gomes, 2003; Gomes; Elizalde, 2012; Melo, 2004; Melo; Alves Júnior, 2012; Serejo; Isayama, 2018, 2019).

Para a identificação dos periódicos, utilizamos a Plataforma Sucupira³, na qual efetuamos uma busca na área de avaliação da Educação Física, na última classificação realizada nos

³<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

periódicos, entre 2017-2020. Em seguida, recuperamos uma planilha desenvolvida pela própria plataforma com todos os periódicos avaliados pela área, os quais totalizavam 2875. Logo após, o ISSN desses periódicos foi recuperado e procurado no Portal ISSN⁴ para verificarmos quais tinham sede no Brasil. Em seguida, entramos no site de cada um para identificarmos se eles publicavam em português e realizamos a leitura de seu foco, escopo e capa, para constatar se citavam o termo “Educação Física” em algum desses locais. Restaram 42 periódicos após esse processo e 11 deles não estavam ativos e foram excluídos, restando 31. Por fim, os periódicos selecionados para a pesquisa totalizaram 33 e estão apresentados no Quadro 1.

Quadro 1: Os periódicos selecionados para a pesquisa.

ISSN	Título do periódico
1807-8648	Acta Scientiarum. Health Sciences
2595-0096	Arquivos Brasileiros de Educação Física
2317-7136	Arquivos de Ciências do Esporte
1809-9556	Arquivos em Movimento
1679-8074	Biomotriz
2318-5090	Caderno de Educação Física e Esporte
2175-3962	Cadernos de Formação RBCE
1981-4313	Coleção Pesquisa em Educação Física
1516-4381	Conexões
2178-5945	Corpoconsciência
1982-8047	Hu Revista
2675-0333	Intercontinental Journal on Physical Education
2448-2455	Journal of Physical Education
1516-2168	Licere
2594-6463	Motricidades
2175-8042	Motrivivência
1980-6574	Motriz
1982-8918	Movimento
1980-6183	Pensar a Prática
2317-7357	Práxia
1982-8985	Recorde: Revista de História do Esporte
2317-3467	Revista Biomotriz
1413-3482	Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde
0101-3289	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
1981-4690	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte

⁴ <https://portal.issn.org/>

2358-1239	Revista Brasileira de Estudos do Lazer
2675-1372	Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício
1983-7194	Revista Brasileira de Futebol
1981-9145	Revista Brasileira de Psicologia do Esporte
2359-2974	Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada
2447-8946	Revista de Educação Física
2596-1012	Revista de Educação Física, Saúde e Esporte
2316-5464	Revista Kinesis

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a seleção dos periódicos, nas suas abas de pesquisa buscamos o termo “lazer” no título dos artigos neles publicados. Em seguida selecionamos os artigos publicados entre 2000 e 2022 e identificamos um total de 1021 textos distribuídos entre os periódicos selecionados. Posteriormente, para identificarmos os focos desses artigos, que se caracterizam como o principal objetivo investigativo do texto, eles foram transferidos para o MaxQda, software acadêmico para a análise de dados quantitativos, qualitativos e mistos, e foram submetidos à técnica de Análise Categorical que consiste em operações de desmembramento do texto, seguidas por reagrupamentos em grupos similares, fazendo emergir um conjunto de elementos semelhantes em formato de uma categoria (Bardin, 2016). Utilizamos essa categorização na análise dos títulos, resumos e palavras-chave dos 1021 artigos e cada um deles foi acrescido a uma categoria que representa o foco de cada artigo. Tais categorias totalizaram 12 e podem ser constatadas no Quadro 2 com suas respectivas definições.

Quadro 2: Categorias e suas definições

Categoria	Definição da categoria
Documentos	Artigos que analisaram documentos como o Plano Nacional de Direitos Humanos, a Carta Internacional de Educação para o Lazer
Espaços/Equipamentos	Artigos que analisaram espaços e equipamentos de lazer como: parques, praia, praças
Formação Profissional/Universitária	Artigos que analisaram a formação profissional para o lazer nos cursos de Educação Física
Grupos de Pesquisa	Artigos que analisaram como determinados grupos de estudos e pesquisas têm realizado suas discussões e pesquisas sobre o lazer
Grupos Populacionais	Artigos que analisaram o lazer de um conjunto de pessoas como: idosos, jovens, trabalhadores, crianças
História	Artigos que analisaram iniciativas e locais de lazer a partir de uma compreensão histórica do fenômeno, como por exemplo as práticas

	de lazer no Rio de Janeiro no final do século XIX
Legislações	Artigos que analisaram legislações
Políticas Públicas	Artigos que analisaram as políticas e financiamento público para o lazer em níveis municipais, estaduais e federais
Práticas Corporais de Lazer	Artigos que analisaram práticas corporais como manifestação/atividade de lazer como corridas, jogos, atividades circenses, ginástica
Programas	Artigos que analisaram programas voltados para o esporte e lazer, como por exemplo o Programa Esporte e Lazer da Cidade, Segundo Tempo, Vida Saudável
Revisão de Literatura	Artigos de revisão que realizaram balanços sobre o lazer em periódicos, dissertações, teses, monografias
Teórico-Conceitual	Artigos que analisaram teorias, autores e conceitos em correlação com o lazer como: cultura, materialismo histórico-dialético, indústria cultural, Antônio Gramsci

Fonte: Dados da pesquisa.

Em adição, a partir das categorias foram criadas subcategorias que representam focos mais específicos dos estudos. Por exemplo, na categoria Grupos Populacionais foram criadas as subcategorias Idosos, Universitários, Estudantes de Educação Física, Estudantes da Educação Básica, Crianças, Pessoas com Deficiência, Adultos. Por fim, para interpretarmos esses dados, utilizamos a base teórica de Pierre Bourdieu, mais precisamente o seu conceito de campo científico.

Base teórica: o campo científico

Neste estudo, temos o objetivo de identificar os focos dos artigos sobre o lazer e, para isso, é importante compreendermos por que os pesquisadores do campo científico têm a intenção de produzir artigos, a partir de determinado foco. Nessa direção, Pierre Bourdieu, com seu conceito de campo científico, permite-nos pensar nas razões pelas quais esses pesquisadores produzem ciência nesse formato. Entretanto, antes de entendermos o conceito de campo científico, devemos compreender o conceito de campo.

Para Pierre Bourdieu, no espaço social, existem vários campos, como o artístico, o científico, o econômico, o esportivo e o jurídico. Cada um deles tem agentes, uns dominados, desprovidos de poder, e outros dominantes, com poder elevado. O que determina, dentro do campo, se um agente tem poder ou não é a quantidade de capital que ele tem, capital esse que se materializa de diferentes formas (Bourdieu, 2011; Lahire, 2017; Lebaron, 2017; Thompson,

2018). No campo econômico, por exemplo, os capitais têm a forma de bens, como empresas, carros e investimentos, diferentemente do campo científico onde os capitais são constatados nos prêmios recebidos, nos livros escritos e nos artigos publicados. Além desses, no campo científico, os capitais são identificados nas posições que aquele agente ocupa, como por exemplo, professor da Universidade de Harvard ou presidente do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Isso significa que apesar de todos estarmos dentro do espaço social, a depender do campo ao qual estamos inseridos, os capitais pelos quais lutaremos serão diferentes. Se um agente está no campo jurídico, sua intenção pode ser se tornar um dos juízes do Superior Tribunal Federal; se ele é do campo científico, pode almejar ser professor da Universidade de São Paulo.

O que faz os agentes lutarem pelos capitais dentro de um campo é o *habitus*, que é, basicamente, como os agentes se comportam, ou seja, como eles agem, sentem e pensam, *habitus* esse que estimula a busca pelos capitais do campo (Bourdieu, 2011; Bourdieu; Wacquant, 2005; Lahire, 2017; Maton, 2018; Thompson, 2018; Wacquant, 2017). Nessa lógica, esses agentes, a partir de suas respectivas posições dominadas ou dominantes e do *habitus* do campo, competem mais ou menos entre si para adquirirem os capitais que darão a eles poder e reconhecimento (Bourdieu, 2011, 2015, 2017; Bourdieu; Wacquant, 2005; Lahire, 2017; Lebaron, 2017; Moore, 2018; Thompson, 2018), ou seja, o campo se efetiva como local de luta entre os agentes que tendem a buscar melhores posições internamente a ele.

Tendo como base o conceito de campo, podemos compreender o campo científico que, para Bourdieu, é um campo como todos os outros, com suas lutas, seus agentes, seu *habitus* e seus capitais, contudo, com formatos específicos (Albert; Kleinman, 2011; Bourdieu, 1975b, 1975a, 1976, 2004b, 2004a, 2017; Bourdieu; Wacquant, 1989; Fuhse, 2020; Ragouet, 2017). Para o autor, os agentes do campo científico estão em busca de autoridade científica, que é adquirida conforme eles obtêm dois capitais: o primeiro, chamado de capital temporal ou administrativo; o segundo, chamado de capital científico puro ou estritamente científico (Bourdieu, 2004b). O capital temporal ou administrativo corresponde a cargos dentro de instituições inseridas no campo científico (Bourdieu, 2004b, 2004a; Ragouet, 2017), como no cargo de reitor dentro de uma universidade ou no trabalho como editor em um periódico. Já o capital científico puro ou estritamente científico são os prêmios recebidos e os textos publicados, sejam eles em formatos de artigos ou livros, que contribuem com o progresso da ciência (Bourdieu, 2004b, 2004a; Ragouet, 2017). A partir disso, os artigos são a materialização do capital científico puro e são constatados na publicação deles nos periódicos.

Se os agentes do campo científico têm a intenção de adquirir os capitais do campo para

se tornarem dominantes ou permanecerem nessa posição, e os artigos científicos são o capital científico puro materializado, esse tipo de produção se tornou um objeto de disputa por parte desses agentes, fazendo com que eles, a partir do *habitus* do campo, produzam suas pesquisas nesse formato para adquirirem poder, que será utilizado conforme suas posições dentro do campo. Por exemplo, um estudante de mestrado pode produzir artigos visando à admissão no doutorado, enquanto um doutorando pode buscar consolidar uma carreira acadêmica como docente. Se ele já é professor, pode estar intencionado a entrar em um programa de pós-graduação ou adquirir financiamento para suas pesquisas; e assim continuamente.

Tendo em vista as reflexões apresentadas, podemos constatar que o artigo científico, capital científico puro materializado, não é somente um texto desenvolvido com a intenção de entender melhor determinado fenômeno social, mas também uma produção que tem como objetivo dar ao agente poder dentro do campo científico (Albert; Kleinman, 2011; Bourdieu, 1975b, 1975a, 1976, 2004b, 2004a, 2017; Bourdieu; Wacquant, 1989; Fuhse, 2020; Ragouet, 2017). Isso significa que há diversos outros interesses para além do progresso da ciência e da razão quando se publica um artigo.

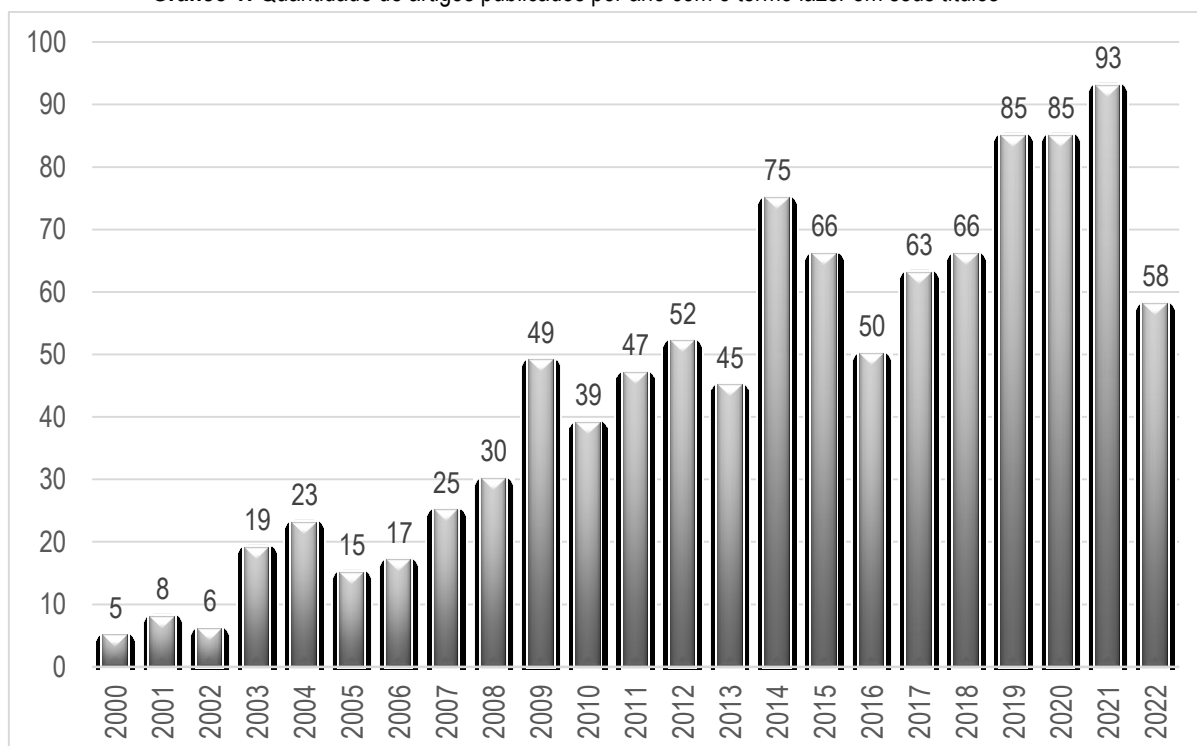
Além disso, publicar um texto sobre um determinado tema, como o lazer, e a partir de um determinado foco não é uma escolha do acaso. Os agentes tendem a pesquisar e publicar sobre temas que aumentem suas chances de sucesso (Bourdieu, 1975a), tendo como objetivo a possível aprovação do artigo. Isso significa que há uma hierarquia dos objetos que são mais ou menos valorizados pelo campo científico, ou seja, existem temáticas que têm maiores chances de serem citadas, lidas e reconhecidas. Por isso, o investimento de um agente em um objeto investigativo não é somente uma necessidade pessoal, mas sim, uma necessidade que passa pelo reconhecimento dos outros pesquisadores (Bourdieu, 1975a, 1976, 2004b, 2004a).

A partir das reflexões e tendo em vista a existência de uma hierarquia na importância dos objetos investigados pelos agentes do campo científico, a seguir, mostraremos os focos dos artigos sobre o lazer publicados nos periódicos para identificarmos tendências na produção desses estudos.

Os focos dos artigos sobre o lazer

Antes de apresentarmos os focos dos artigos sobre o lazer, vamos identificar o quantitativo desses estudos produzidos por ano no Gráfico 1.

Gráfico 1: Quantidade de artigos publicados por ano com o termo lazer em seus títulos



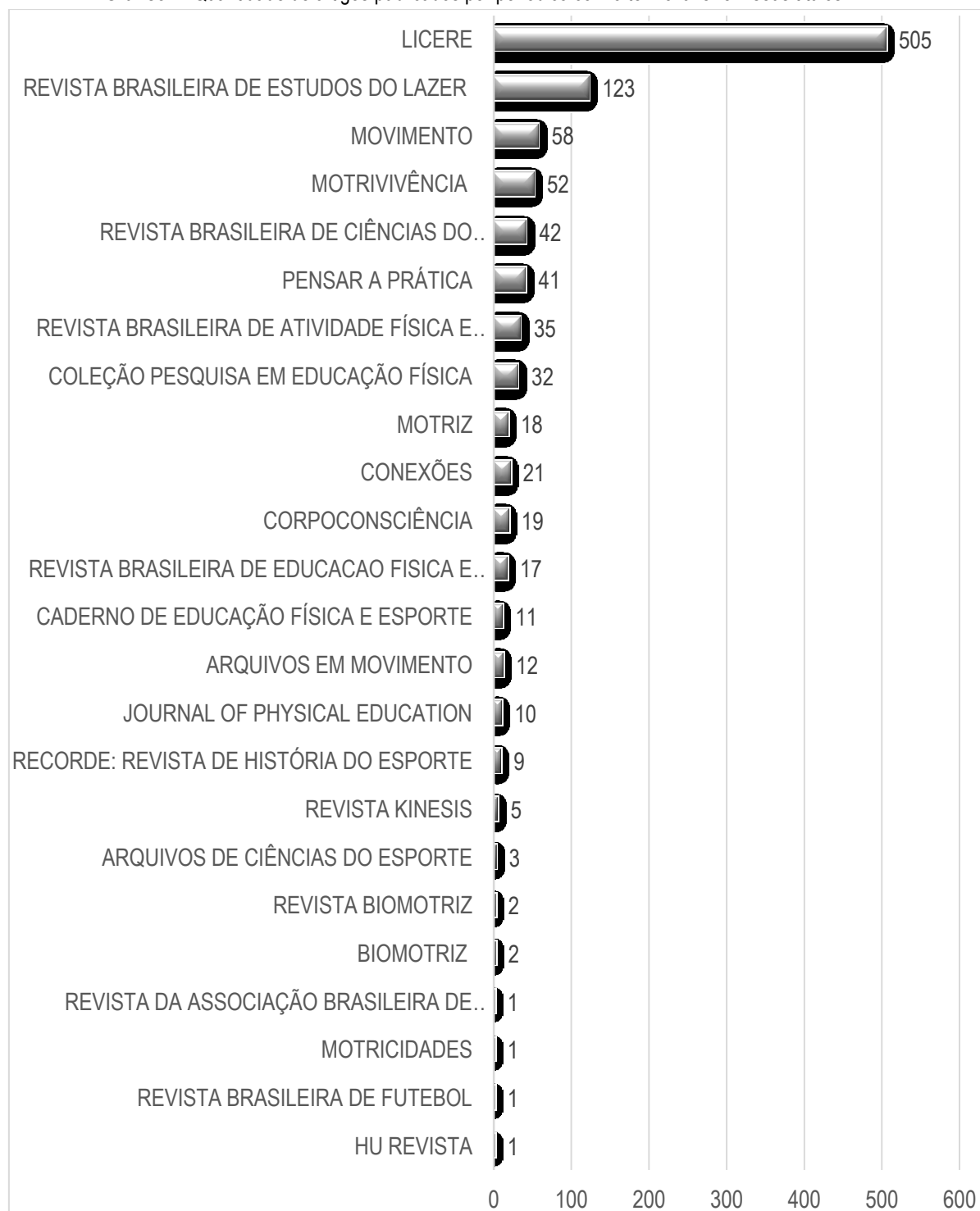
Fonte: dados da pesquisa.

Notamos um crescimento, desde os anos 2000, na produção de artigos sobre o lazer, crescimento esse identificado em estudos anteriores (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024a, 2024b), na ciência brasileira (Barata *et al.*, 2014) e também na Educação Física (Lazzarotti Filho, 2018; Lazzarotti Filho *et al.*, 2012; Lazzarotti Filho; Silva; Mascarenhas, 2015). A partir desse cenário, podemos confirmar que a veiculação de pesquisas científicas em formato de artigo estão cada vez mais incorporadas ao *habitus* dos agentes, fazendo eles valorizarem a produção nesse formato para adquirirem autoridade científica.

Para além desse crescimento, é crucial identificarmos onde a produção sobre o lazer está concentrada. Isso nos proporciona um panorama das estratégias adotadas pelos agentes que pesquisam sobre o lazer na escolha dos veículos de divulgação de seus trabalhos, estratégias que não são arbitrárias, mas sim influenciadas pelo potencial que o agente dá à sua pesquisa e pelo reconhecimento que ele busca obter. Por exemplo, se o agente acredita que determinado texto tem qualidade, ele selecionará periódicos melhores avaliados e com maior tradição científica, e o mesmo vale para o contrário. Além disso, os periódicos selecionam e validam a produção científica a partir de critérios próprios, exercendo uma censura nos artigos que não atendam aos padrões científicos estabelecidos como importantes (Bourdieu, 1976), ou seja, os periódicos se configuram como um espaço onde acontece uma seleção rigorosa do que

é considerado de qualidade ou não para publicação. A seguir, no Gráfico 2, estão as revistas frequentemente utilizadas pelos agentes do campo que pesquisam sobre o lazer.

Gráfico 2: Quantidade de artigos publicados por periódico com o termo lazer em seus títulos



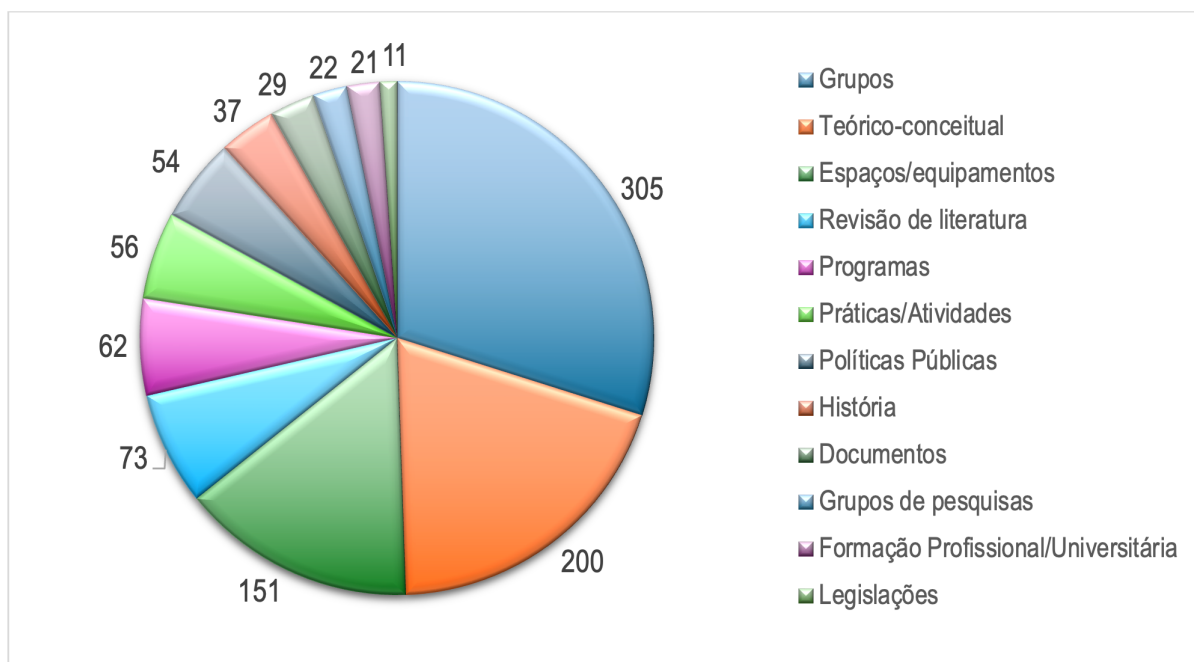
Fonte: dados da pesquisa.

Constatamos que a revista Licere publicou 49,46% da produção sobre o lazer, tendo seu

primeiro volume publicado em 1998 e mantendo-se em atividade ao longo de 25 anos, o que atesta sua relevância e constância ao longo de todo o século XXI. Em seguida, aparece a Revista Brasileira de Estudos do Lazer, iniciada em 2014, que publicou 12,04% dos artigos sobre o tema. Juntas, ambas publicaram 61,5% dos artigos, evidenciando uma tendência dos agentes que pesquisam sobre o lazer na busca por periódicos especializados na temática para a divulgação de seus estudos. Além dessas, outras como a Movimento, com 5,68% da produção, Motrivivência, com 5,09%, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, com 4,11%, e Pensar a Prática, com 4,01%, mantêm um diálogo constante com o lazer e somadas totalizam 18,89% dos artigos. Isso indica que, apesar do movimento de autonomização dos estudos do lazer, assim como já constatado em outros estudos (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024a, 2024b), alguns agentes do campo ainda optam por submeter e publicar suas pesquisas em revistas da Educação Física. Ademais, um destaque relevante é a Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, que contribui com 3,43% da produção e mantém um diálogo aproximado com a área denominada biodinâmica da Educação Física, estabelecendo uma relação do lazer com os aspectos mais “biológicos” presentes no campo. Todavia, ao analisamos os focos e escopos das revistas que mais publicam sobre o lazer fica evidente que o diálogo do lazer é predominantemente com as ciências sociais.

No que diz respeito aos focos, identificamos 12, a partir da Análise Categrorial, nos 1021 artigos, ilustrados no Gráfico 3.

Gráfico 3: Quantidade de artigos publicados por foco.



Fonte: dados da pesquisa.

Uma fatia importante desses artigos tem como foco grupos e suas práticas de lazer e representa 29,87%. Esses grupos totalizam 108 e estão na Figura 1.

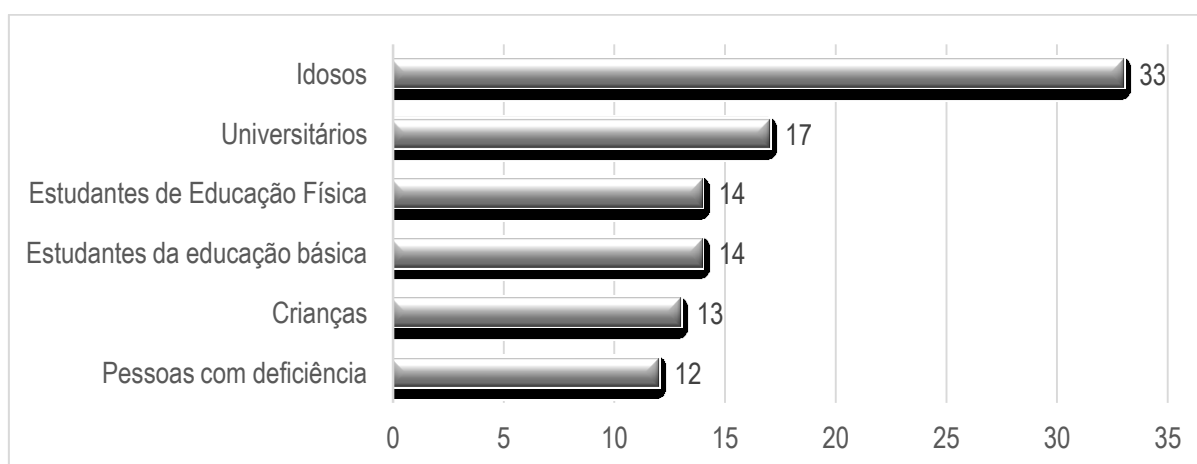
Figura 1: Nuvem de focos dos artigos que investigaram grupos e suas práticas de lazer.



Fonte: dados da pesquisa.

Apesar da diversidade de grupos, há uma tendência de investigação de alguns deles, conforme o Gráfico 4.

Gráfico 4: Principais grupos investigados⁵



Fonte: dados da pesquisa.

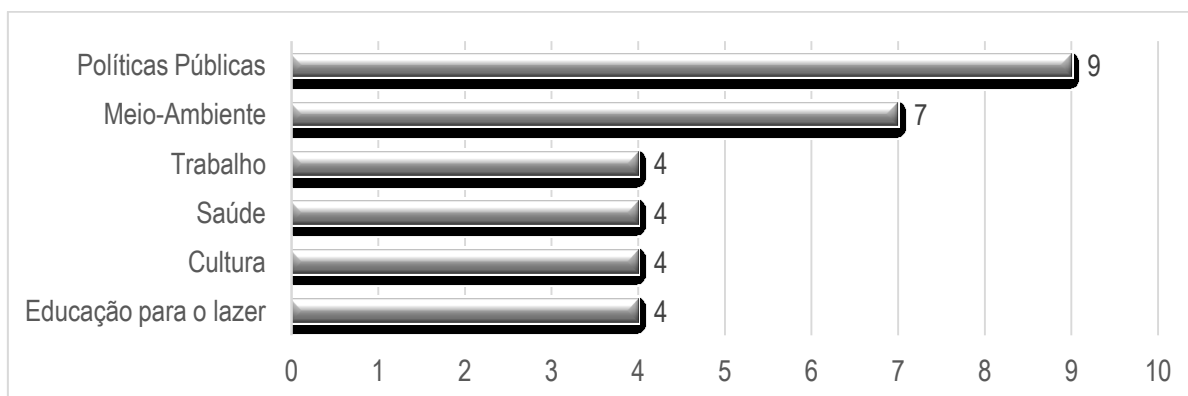
⁵ Para a apresentação de todos os gráficos com os focos específicos dos artigos, que são as subcategorias, serão apresentados os seis mais recorrentes. Em caso de empate das subcategorias na última posição, selecionamos as primeiras a partir da ordem alfabética.

Outra parcela importante desses artigos realizou investigações teórico-conceituais e representam 19,58%. Tais estudos têm diversos focos e totalizam 142. Com isso, podemos afirmar que há uma pluralidade de teorias, ideias e autores utilizados para se pensar sobre o lazer, demonstrando uma autonomia por parte dos agentes para discutir acerca do tema por distintos vieses e perspectivas, o que é uma tendência do campo científico que, tradicionalmente, é plural em suas teorias (Barata *et al.*, 2014; Kuhn, 2011, 2017). Na Figura 2 estão todos os focos teórico-conceituais, e no Gráfico 5 os mais recorrentes.

[illegible]

Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 11, n.2, p. 48-70, mai./ago., 2024.

Gráfico 5: Principais focos teórico-conceituais investigados



Fonte: dados da pesquisa.

Em primeiro lugar estão os artigos que utilizaram teorias e autores das políticas públicas para refletir acerca das políticas públicas de lazer, temática que adquiriu relevância principalmente a partir do início do século XXI com a criação do Ministério do Esporte. Outro tema relevante é o meio ambiente que ganha destaque por conta de uma preocupação global com o assunto, seguido por discussões sobre trabalho, saúde, cultura e educação para o lazer.

Os artigos com focos em espaços/equipamentos representam 14,78% e há 66 diferentes espaços/equipamentos investigados conforme a Figura 3.

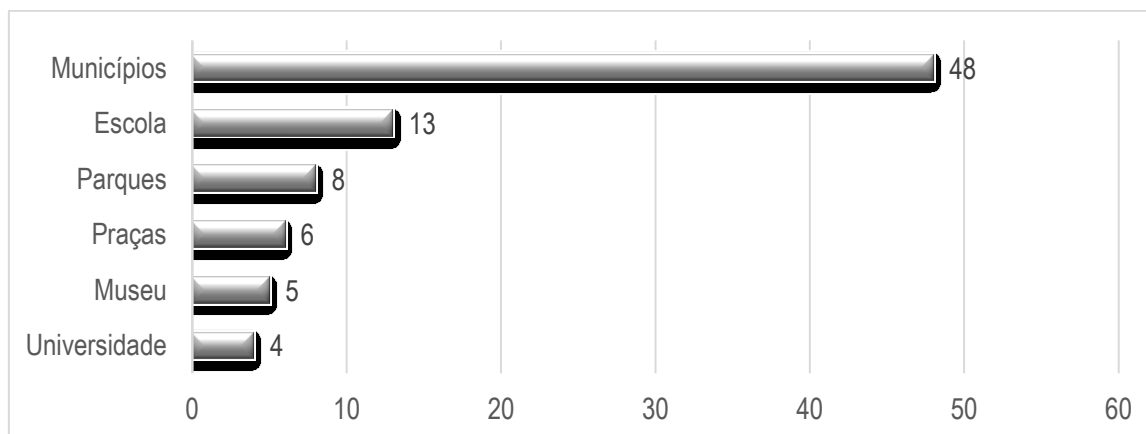
Figura 3: Nuvem de focos dos artigos que investigaram espaços/equipamentos de lazer.



Fonte: dados da pesquisa.

Já os espaços/equipamentos mais investigados estão no Gráfico 6.

Gráfico 6: Principais espaços/equipamentos investigados.



Fonte: dados da pesquisa.

Identificamos que a maior parte desses estudos analisou o lazer em espaços/equipamentos de todo um município e, tradicionalmente, essas investigações identificaram a distribuição desses espaços ao longo de todo um território, como por exemplo, parques, praças, clubes, quadras. Em seguida aparecem as escolas, os parques, as praças, os museus e as universidades como espaços/equipamentos mais investigados.

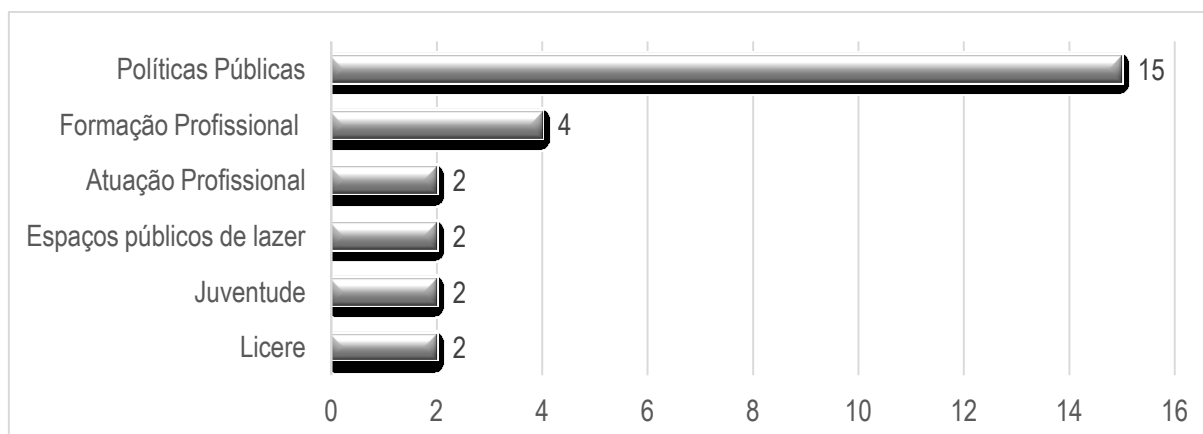
Sobre os artigos que realizaram revisões de literatura, eles representam 7,14% e estão na Figura 4. Os principais temas revisados estão no Gráfico 7.

Figura 4: Nuvem de focos dos artigos que realizaram revisões de literatura.



Fonte: dados da pesquisa.

Gráfico 7: Principais temas nas revisões de literatura.



Fonte: dados da pesquisa.

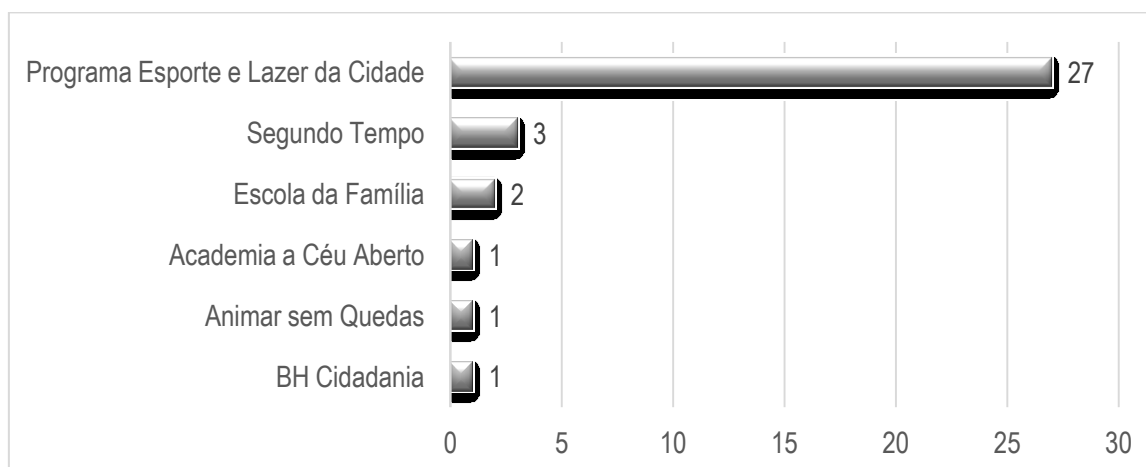
A partir do número de artigos de revisão, que totalizam 73, podemos afirmar que os agentes que publicam sobre o lazer têm produzido expressivamente esse tipo de estudo. Isso significa que é produzido um artigo de revisão para cada 13,98 publicado sobre o lazer. Inclusive, nos últimos anos, algumas revistas da Educação Física pararam de aceitar esse tipo de pesquisa, diante da grande quantidade de textos submetidos com essa intenção, como é o caso da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, que só permite a publicação desse tipo de texto de maneira induzida. É importante salientarmos que toda pesquisa, em princípio, deveria realizar uma revisão de literatura para entender o debate sobre determinado tema, todavia, os agentes que pesquisam sobre o lazer estão utilizando a revisão de literatura não somente para construir um artigo com foco em determinada temática e compreender determinado assunto, como também para produzirem um artigo, especificamente, com o objetivo de revisar sobre um tema, com a intenção de produzirem mais e angariarem capital científico puro. Além disso, assim como no caso dos estudos teórico-conceituais, identificamos muitos estudos de revisões sobre políticas públicas de lazer, ilustrando mais uma vez a relevância desse tema. Logo em seguida aparecem as revisões sobre formação profissional, atuação profissional, espaços públicos de lazer, juventude e na revista Licere.

Há também uma quantidade relevante de artigos que analisaram programas de lazer, que representam 6,07%, e investigaram 34 diferentes programas que estão ilustrados na Figura 5 que é seguida pelo Gráfico 8 com os programas mais investigados.

Figura 5: Nuvem de focos dos artigos que realizaram investigações sobre programas.



Gráfico 8: Os principais programas de lazer investigados.



Fonte: dados da pesquisa.

Notamos um amplo destaque do Programa Esporte e Lazer da Cidade como o mais investigado, programa criado na primeira metade do século XXI, que tem como eixo central implantar e desenvolver núcleos de esporte recreativo e de lazer nas diversas regiões do Brasil. Logo em seguida aparecem os programas Segundo Tempo, Escola da Família, Academia a Céu Aberto, Animar sem Quedas e BH Cidadania.

Ao analisarmos esses dados, identificamos duas principais tendências nos focos dos artigos relacionados ao lazer. A primeira delas é que a grande temática desse século, no que diz respeito ao tema, são as políticas públicas. Podemos notar no Gráfico 2 que 54 dos artigos

investigados analisaram políticas públicas, sejam elas municipais, estaduais, federais ou internacionais, no Gráfico 4 que nove dos artigos teórico-conceituais utilizaram autores que discutem sobre políticas públicas para melhor compreenderem a temática, no Gráfico 6 que 15 dos estudos de revisão analisaram esse tema e no Gráfico 7 que os programas mais analisados foram o Esporte e Lazer da Cidade investigado 27 vezes, seguido pelo Segundo Tempo investigado três vezes. Ao somarmos esses exemplos, eles totalizam 108 e representam 10,5% da produção sobre o lazer no Brasil, produção essa que tem relação direta de investigação com as políticas públicas, isso claro, sem contar os estudos que discutem sobre o assunto indiretamente. Em resumo, aproximadamente um em cada 10 artigos sobre o lazer debate, especificamente, sobre políticas públicas.

Bourdieu (2004a, 2004b) nos apresentou que todos os campos têm uma autonomia relativa, o que significa que esses locais estão sujeitos a interferências de outros campos e o caso do destaque das políticas públicas como objeto amplamente investigado comprova isso, porque esse destaque está relacionado com a criação, por parte do campo político, do Ministério do Esporte, que direcionou financiamentos governamentais não somente para o desenvolvimento das políticas públicas de esporte e lazer, como também para as pesquisas científicas sobre o assunto, demonstrando-nos a influência do campo político no campo científico. Além disso, se todo campo tem seus objetos investigativos valorizados e reconhecidos (Bourdieu, 1975b, 1975a, 2004a, 2004b), as políticas públicas são esse tema no atual século para os agentes que pesquisam sobre o lazer, demonstrando que eles tendem a pesquisar e publicar, mais, sobre esse assunto.

A segunda tendência é que os agentes que pesquisam sobre o lazer tendem a realizar estudos acessíveis. O que chamamos de estudos acessíveis são pesquisas que não exigem deslocamentos para ir a campo, observação, entrevista com grupos, etc. ou estudos onde o próprio campo de trabalho do pesquisador é investigado, diminuindo a necessidade de grandes investimentos para analisar determinado fenômeno. Para exemplificarmos, ao olharmos para o Gráfico 2, constatamos que as análises teórico-conceituais, as revisões de literatura, as políticas públicas⁶, os estudos históricos, os documentos, os grupos de pesquisa, a formação profissional/universitária e as legislações, são estudos acessíveis e exigem um baixo investimento por parte dos agentes para sua realização. Em adição, quando analisamos os grupos mais investigados, notamos que entre eles estão os universitários, os estudantes de

⁶ As políticas públicas foram consideradas estudos acessíveis porque essas investigações têm como base dados de financiamento governamentais abertos para a população e disponíveis online, o que simplifica o acesso a essas informações.

Educação Física e os estudantes da educação básica que, provavelmente, são investigados pelos professores de Educação Física que atuam com esses grupos nesses espaços. Ao somarmos os textos com esses focos temos 492 artigos que realizaram investigações acessíveis, o que dá 48,18% do total, praticamente a metade dos artigos investigados.

Para explicarmos essa tendência no desenvolvimento dos estudos acessíveis há uma hipótese. Barata *et al.* (2014) constatou que a Educação Física – que é o campo que mais publica sobre o lazer – é desvalorizada dentro da área que podemos chamar de Ciências da Saúde, quando comparada a Medicina por exemplo. Com isso, se temos campos que possuem mais valor e poder dentro dessa grande área, isso significa que, provavelmente, como um campo dominado, a Educação Física conseguirá menos financiamento para suas pesquisas diante do maior poderio desses outros campos. Em adição, o lazer é considerado um tema desvalorizado, dentro do próprio campo da Educação Física em comparação a outros (Werneck, 2000), como é o caso dos correlacionados à área denominada biodinâmica que dialoga com as ciências naturais. Isso significa que o lazer é um tema desvalorizado, dentro de um campo desvalorizado, o que impacta na capacidade de financiamento para suas pesquisas e faz os agentes que pesquisam sobre o tema realizarem pesquisas de baixo custo, diante do provável baixo recebimento de recursos. Em resumo, temos agentes que pesquisam sobre o lazer e que têm a necessidade de produzirem ciência, mas com pouco financiamento para isso, fazendo eles se adaptarem a essa realidade e operarem pesquisas sem a necessidade de grandes gastos monetários, ou seja, pesquisas acessíveis.

Conclusões

Este estudo teve como objetivo identificar os focos dos artigos sobre o lazer publicados nos periódicos entre 2000 e 2022 e utilizamos o conceito de campo científico de Pierre Bourdieu como lente teórica para analisar os resultados. A partir disso, notamos um crescimento produtivo no número de artigos, o que significa que a produção sobre o lazer, nesse formato, tornou-se um *habitus* dos agentes do campo. Além disso, tendo como base os 1021 artigos publicados sobre o lazer, constatamos que 29,87% deles analisaram grupos e suas práticas de lazer, 19,58% são investigações teórico-conceituais, 14,78% estudaram espaços/equipamentos de lazer, 7,14% são revisões de literatura e 6,07% examinaram programas de lazer.

Ademais, constatamos que a principal temática desde os anos 2000 são as políticas públicas, pois aproximadamente um em cada dez artigos publicados acerca do lazer investigou diretamente o assunto. Se todo campo científico tem seus objetos investigativos reconhecidos e

valorizados não há dúvida de que a análise das políticas públicas é valorizada pelos pesquisadores que publicam sobre o lazer no campo científico da Educação Física. Por fim, constatamos que os agentes tendem a realizar estudos acessíveis que são pesquisas que não exigem deslocamentos para ir a campo, observação, entrevista com grupos, etc. ou estudos onde o próprio campo de trabalho do pesquisador é investigado, diminuindo a necessidade de grandes investimentos para analisar determinado fenômeno. Tais estudos representam 48,18%, ou seja, quase a metade do total de artigos publicados e podem ter relação com o pouco financiamento recebido pelos agentes que pesquisam sobre o lazer, fazendo-os se adaptarem a essa realidade e operarem pesquisas sem a necessidade de grandes gastos monetários, ou seja, pesquisas acessíveis.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Mathieu; KLEINMAN, Daniel Lee. Bringing Pierre Bourdieu to Science and Technology Studies. **Minerva**, v. 49, n. 3, p. 263–273, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43548606>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BARATA, Rita B. *et al.* The configuration of the Brazilian scientific field. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 86, n. 1, p. 505–521, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0001-3765201420130023>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. 6. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELASCO, Angélica Gonçalves Silva; OKUNO, Meiry Fernanda Pinto. Reality and challenges of ageing. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, p. 1–2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2019-72suppl201>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Hiérarchie sociale des objets. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 1, n. 1, p. 4–6, 1975a. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/arss_0335-5322_1975_num_1_1. Acesso em: 08 fev. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. 2. ed. Florianópolis, SC: UFSC, 2017.

BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 2, n. 2, p. 88–104, 1976. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454. Acesso em: 08 fev. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo, SP: UNESP, 2004a.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Science of science and reflexivity**. Chicago: The University of Chicago and Polity Press, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. The specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason. **Social Science Information**, v. 6, p. 19-47, 1975b. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/053901847501400602>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic J. D. For a socio-analysis of intellectuals: on Homo Academicus. **Berkeley Journal of Sociology**, v. 34, n. 1989, p. 1-29, 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41035401>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Löic. **Um convite à sociologia reflexiva**. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 2005.

CAVALCANTE, Fernando; LAZZAROTTI FILHO, Ari. O Lazer no Campo Científico da Educação Física: entre o ganho de autonomia, a exclusão dos agentes e os estudos de grupos populacionais. **Movimento**, v. 30, n. jan/dez, p. 0–28, 2024a.

CAVALCANTE, Fernando; LAZZAROTTI FILHO. O Lazer no Campo Científico da Educação Física: periódicos, agentes, instituições e estados. **Licere**, v. 28, n.3, p. 0–28, 2024b.

COSTA, Brenda Rodrigues; NEVES, Ricardo Lira Rezende de. Lutas e disputas no campo científico da Educação Física: o Grupo de Trabalho Temático Gênero no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. **Movimento**, v. 28, n. jan./dez., p. e28009, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.118067>. Acesso em: 08 fev. 2024

DIAS, Cleber *et al.* Estudos do lazer no brasil em princípios do século XXI: Panorama e perspectivas. **Movimento**, v. 23, n. 2, p. 601–616, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.66121>. Acesso em: 08 fev. 2024.

ELSEVIER; AGÊNCIA BORI. 2022: um ano de queda na produção científica para 23 países, inclusive o Brasil. **Bori Agência**, 2023. Disponível em: <https://abori.com.br/relatorios/2022-um-ano-de-queda-na-producao-cientifica-para-23-paises-inclusive-o-brasil/>. Acesso em: 08 fev. 2024.

FUHSE, Jan. Relational sociology of the scientific field: Communication, identities, and field relations. **Digithum**, v. 2020, n. 26, p. 1–14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7238/d.v0i26.374144>. Acesso em: 08 fev. 2024.

GASPARI, Jossett. Reconstruindo o lazer a partir de um periodico científico. **Motriz**, v. 11, n. 2, p. 131–140, 2005.

GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). 2003. Tese - Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes Latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2012.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

KUHN, Thomas. **Tensão Essencial**. São Paulo: UNESP, 2011.

LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 64–66.

LAZZAROTTI FILHO, Ari *et al.* Modus operandi da produção científica da educação física: uma análise das revistas e suas veiculações. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, n. 1, p. 01-14, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i1.12551>. Acesso em: 08 fev. 2024.

LAZZAROTTI FILHO, Ari. O periodismo científico da Educação Física brasileira. **Motrivência**, v. 30, n. 54, p. 35–50, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p35>. Acesso em: 08 fev. 2024.

LAZZAROTTI FILHO, Ari; SILVA, Ana Márcia; MASCARENHAS, Fernando. Transformações contemporâneas do campo acadêmico-científico da educação física no Brasil: novos habitus, modus operandi e objetos de disputa. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 20, n. esp, p. 67–80, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.48280>. Acesso em: 08 fev. 2024.

LEBARON, Frédéric. Capital. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 101–104.

MATON, Karl. Habitus. In: Michael Grenfell (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 73–94.

MELO, Victor Andrade. Lazer e Educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis - um enfoque na questão da formação. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Helder Ferreira (org.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

MELO, Victor Andrade; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2012.

MOORE, Rob. Capital. In: Michael Grenfell (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 136–155.

OLIVEIRA, Bruno Assis de; DAMASCENO, Luciano Galvão; HUNGARO, Edson Marcelo. Estudos do lazer na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE): apontamentos críticos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 325–334, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.006>. Acesso em: 08 fev. 2024.

RAGOUET, Pascal. Campo científico. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 68–71.

SEREJO, Hilton Fabiano Boaventura; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Discursos Sobre a Recreação: um saber disciplinarizado na Escola de Educação Física de Minas Gerais (1963 – 1969). **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 25, p. e25023, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.77663>. Acesso em: 08 fev. 2024.

SEREJO, Hilton Fabiano Boaventura; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Discursos sobre Recreação em Disciplinas do Curso de Educação Física da UFMG (1969-1990). **Licere**, v. 21, n. 3, p. 90–125, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1864>. Acesso em: 08 fev. 2024.

THOMPSON, Patricia. Campo. In: Michael Grenfell (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 95–113.

WACQUANT, Löic. Habitus. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (orgs.). **Vocabulário Bourdie**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 213–216.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo. In: **Encontro Nacional de Recreação e Lazer**. Balneário Camburiú: Universidade do Vale do Itajaí, 2000. p. 77–88.

NOTA DO AUTOR

Declaração de conflitos de interesse

O presente estudo não possui conflitos de interesse.

Endereço para correspondência:

fernandorcavalcante@hotmail.com

Submissão: 14/04/2024

Aceite: 28/08/2024

ARTIGO 4

ENTRE DESIGUALDADES ESTRUTURAIS E EQUILÍBRIOS NUMÉRICOS: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O LAZER

Artigo publicado na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*.
Submetido em 25 de abril de 2025.
Aprovado em 15 de julho de 2025.

Esses dados evidenciam que as mulheres não estão apenas se inserindo de maneira cada vez mais ativa no campo, mas também conquistando espaços de liderança, apesar das barreiras ainda presentes e do labirinto de vidro que elas têm que enfrentar (Cavalcante et al., 2025).

Entre desigualdades estruturais e equilíbrios numéricos: a participação das mulheres na produção científica sobre o lazer

Between structural inequalities and numerical balances: women's participation in the scientific production on leisure

Entre desigualdades estructurales y equilibrios numéricos: la participación de las mujeres en la producción científica sobre el ocio

Fernando Resende Cavalcante^{a,b,*} , Bethânia Marques Teles^c ,
Ari Lazzarotti Filho^{a,d} , Christiane Garcia Macedo^{e,f} 

Palavras-chave:

Mulheres;
Desigualdade de
gênero;
Lazer;
Atividades científicas
e tecnológicas.

RESUMO

Este estudo investigou as diferenças de gênero na autoria de artigos científicos sobre o lazer no campo da Educação Física e do lazer no Brasil. Foram analisados 1021 artigos publicados entre 2000 e 2022 em 33 periódicos, com identificação do gênero das autoras e autores. Os resultados apontam para um equilíbrio numérico na participação das mulheres mais avançado que em outras áreas. No entanto, a menor presença de mulheres entre os pesquisadores mais produtivos evidencia a persistência de desigualdades estruturais, indicando que o avanço em direção à equidade de gênero ainda demanda esforços contínuos.

Keywords:

Women;
Equality of the
genders;
Leisure;
Scientific and
technical activities.

ABSTRACT

This study investigated gender differences in the authorship of scientific articles on leisure within the fields of Physical Education and leisure studies in Brazil. A total of 1,021 articles published between 2000 and 2022 in 33 journals were analyzed, with the gender of authors identified. The results reveal a numerical balance in the participation of women more advanced than in other fields. However, the lower presence of women among the most productive researchers highlights the persistence of structural inequalities, indicating that progress toward gender equity still requires continuous efforts.

Palabras-clave:

Mujeres;
Brecha de género;
Ocio;
Actividades científicas
y tecnológicas.

RESUMEN

Este estudio investigó las diferencias de género en la autoría de artículos científicos sobre el ocio en los campos de la Educación Física y los estudios del ocio en Brasil. Se analizaron 1.021 artículos publicados entre 2000 y 2022 en 33 revistas, con identificación del género de autoras y autores. Los resultados revelan un equilibrio numérico en la participación de las mujeres más avanzado que en otros campos. Sin embargo, la menor presencia de mujeres entre los investigadores más productivos evidencia la persistencia de desigualdades estructurales, lo que indica que el avance hacia la equidad de género aún requiere esfuerzos continuos.

^aUniversidade de Brasília, Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-graduação em Educação Física. Brasília, DF, Brasil.

^bNorth Carolina State University, Parks, Recreation, and Tourism Management. Raleigh, North Carolina, United States of America.

^cUniversidade de Rio Verde, Faculdade de Medicina. Goiânia, GO, Brasil.

^dUniversidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança, Programa de Pós-graduação em Educação Física. Goiânia, GO, Brasil.

^eUniversidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Departamento de Educação Física, Mestrado Profissional em Rede em Educação Física Escolar. Belo Horizonte, MG, Brasil.

^fUniversidade Federal do Vale do São Francisco, Programa de Pós-graduação em Educação Física. Petrolina, PE, Brasil.

*Autor correspondente:

Fernando Resende Cavalcante

E-mail: fernandorcavalcante@hotmail.com

Recebido em 25 de abril de 2025; aceito em 15 de julho de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.1590/rbce.47.e20250060>



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

DESIGUALDADES ESTRUTURAIS

As relações de gênero têm historicamente moldado as dinâmicas sociais, econômicas e culturais, revelando desigualdades persistentes, mesmo em contextos de avanços sociais. Em diversas culturas, as mulheres frequentemente enfrentam desvantagens estruturais em relação aos homens, não por falta de competência, mas devido às construções sociais relacionadas ao gênero (Vokić et al., 2019). Apesar de avanços significativos em múltiplas esferas impulsionados por mudanças sociais, novos valores e legislações, essas desigualdades continuam a se manifestar explícita e implicitamente. No contexto acadêmico do século XXI, as mulheres permanecem sub-representadas em instituições de pesquisa e cargos administrativos, enfrentando trajetórias mais lentas de promoção em comparação aos homens (Jenkins et al., 2022). Esse cenário reflete um legado de exclusão das mulheres e a predominância histórica de estruturas criadas por homens no meio acadêmico (Carr e Carr, 2023).

Entre os principais desafios enfrentados pelas mulheres na ciência, destaca-se o fenômeno do teto de vidro, uma metáfora que descreve as barreiras invisíveis que dificultam o acesso a posições de liderança e prestígio (Lima, 2008). Embora a presença delas na pesquisa tenha crescido nas últimas décadas, persistem mecanismos sutis e estruturais que restringem sua ascensão, como a desigualdade na distribuição de financiamentos, a menor visibilidade de suas publicações e a baixa representatividade em comitês e redes acadêmicas de poder (Carr e Carr, 2023; Lima, 2008). Entretanto, os desafios enfrentados pelas mulheres na ciência não se limitam a uma única barreira no topo da carreira, em vez disso, a trajetória das mulheres é semelhante a um labirinto (Barreira, 2021; Carli e Eagly, 2016) ou um labirinto de cristal, onde os obstáculos não estão localizados apenas no momento da ascensão à liderança, mas ao longo de toda a jornada acadêmica (Lima, 2008; Barreira, 2021). Desde a inserção no meio científico até a consolidação da carreira, as mulheres enfrentam um percurso repleto de desvios, exigências extras e mecanismos de exclusão, que tornam seu progresso mais árduo e demorado (Lima, 2008). Diferentemente do teto de vidro, que pressupõe uma barreira única a ser quebrada, o labirinto de cristal ilustra um sistema de dificuldades interconectadas, no qual as cientistas precisam traçar estratégias constantes para avançar, superar resistências e legitimar seu espaço (Lima, 2008).

Paradoxalmente, a participação das mulheres na ciência tem apresentado crescimento notável nas últimas décadas, com um aumento expressivo no número de publicações, apesar da equidade plena de gênero ainda encontrar obstáculos (van der Linden et al., 2024; Santiago et al., 2020; Winslow e Davis, 2016). Dados recentes apontam que, há 20 anos, as mulheres

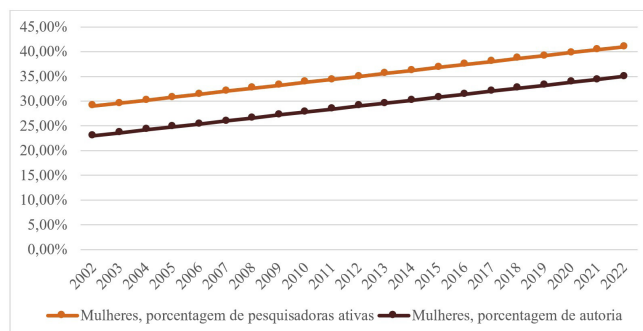


Gráfico 1. Tendência na proporção de autoria por mulheres e proporção de autoras ativas.

Fonte: Adaptado de Scopus e Namsor data (van der Linden et al., 2024).

representavam apenas 29% das pesquisadoras ativas¹, percentual que alcançou 41% em 2022, embora com variações significativas entre áreas do conhecimento e países (van der Linden et al., 2024). Contudo, essa expansão não se traduziu integralmente na autoria de publicações, onde a participação das mulheres era de 23% em 2002 e 35% em 2022 (van der Linden et al., 2024), evidenciando que o labirinto de cristal continua a impor desafios à consolidação da produção científica das mulheres, o que é identificado no Gráfico 1.

Além das desigualdades estruturais no acesso e na permanência no campo científico, homens continuam dominando posições editoriais (Aitchison, 2001; Lundine et al., 2018; Mendes e Figueira, 2019), revisões de periódicos (Lundine et al., 2018) e são frequentemente mais citados no início de suas carreiras, embora essa disparidade tenda a diminuir com o tempo (van der Linden et al., 2024). Soma-se a isso o peso das expectativas sociais relacionadas à conciliação entre carreira e vida familiar, que frequentemente impõem um ônus desproporcional às mulheres, afetando diretamente suas oportunidades de progressão. Questões como a sobrecarga de responsabilidades domésticas e familiares agravam essas dificuldades, e muitas pesquisadoras relatam sentimentos de culpa por não conseguirem corresponder às exigências impostas à maternidade e à vida acadêmica (Lima, 2008; Silva e Ribeiro, 2014). Nesse cenário, a maternidade tende a impactar negativamente as trajetórias profissionais, sobretudo pela queda na produtividade científica observada após o nascimento dos filhos, o que representa um obstáculo relevante à continuidade e ao reconhecimento da carreira das cientistas (Ferreira et al., 2024).

Por outro lado, certas áreas do conhecimento, como Humanidades, Ciências Biológicas e Ciências da Vida, apresentam maior equilíbrio de gênero, enquanto outras, como Engenharia, Matemática e Física, ainda registram baixa representatividade das mulheres

¹ Pesquisadoras ativas são aquelas que ocupam posições e/ou têm vínculos empregatícios em instituições de ensino ou pesquisa.

(Santiago et al., 2020). Por exemplo, as mulheres são maioria em disciplinas como Enfermagem (68%), Psicologia (61%) e Imunologia e Microbiologia (52%), mas minoria em campos como Matemática (27%), Engenharia (28%) e Física e Astronomia (28%) (van der Linden et al., 2024), o que evidencia uma divisão marcada por estereótipos de gênero, em que às mulheres são atribuídas áreas relacionadas ao cuidado, enquanto os homens predominam nos campos ligados à lógica. No panorama internacional, países como Portugal (52%), Argentina (52%) e Brasil (49%) se destacam na proporção de pesquisadoras ativas, ao passo que Japão (22%), Egito (30%) e Índia (33%) apresentam os índices mais baixos (van der Linden et al., 2024). No entanto, mesmo em áreas com maior paridade numérica, as mulheres continuam enfrentando práticas de assédio, invisibilização e subalternização, reflexo de uma representação androcêntrica da ciência que continua a perpetuar estereótipos e restringir a equidade de oportunidades (Ferreira et al., 2024; Oliveira et al., 2021).

Para exemplificar, no contexto brasileiro, a concessão das bolsas de produtividade em pesquisa, oferecidas pelo CNPq, configura-se como um dos principais mecanismos de reconhecimento e hierarquização na carreira científica, ao institucionalizar um perfil de excelência baseado em critérios de desempenho e visibilidade acadêmica (Oliveira et al., 2021). Essas bolsas não apenas garantem financiamento direto, mas também ampliam significativamente as possibilidades de acesso a comitês avaliadores, editais exclusivos, redes de pesquisa e posições de prestígio na comunidade científica. Apesar de avanços na presença de mulheres em diversos campos – e mesmo da predominância de mulheres em alguns –, persiste uma desigualdade estrutural na distribuição das bolsas, especialmente nas áreas que concentram maior volume de investimento e infraestrutura, com as mulheres se concentrando justamente nas áreas com menor número de bolsas, o que evidencia a permanência de um sistema de recompensas desproporcional (Ferreira et al., 2024).

Ademais, as desigualdades de gênero no campo científico não se restringem apenas à distribuição de recursos ou à sub-representação em cargos de prestígio, mas também atravessam os próprios campos de produção do conhecimento. Considerando a crescente participação das mulheres em distintas esferas sociais e no campo científico, observa-se um avanço – ainda que gradual – das investigações que abordam as questões de gênero no âmbito da Educação Física e do lazer. No Brasil, os estudos sobre gênero na Educação Física emergem ao final da década de 1980, ganhando maior expressividade nos anos 1990, impulsionados pela consolidação de programas de pós-graduação e pela ampliação da produção acadêmica (Devide et al., 2010). As temáticas mais recorrentes nesse campo envolviam o ensino, os estereótipos e identidades de gênero, os processos de inclusão e exclusão e as representações midiáticas (Devide et al., 2010).

Nas últimas décadas, as discussões sobre gênero no campo da Educação Física têm se intensificado e diversificado, abrangendo distintas práticas corporais, experiências pedagógicas e dinâmicas de resistência e exclusão. Estudos recentes têm investigado, por exemplo, as experiências de gênero e a construção de feminilidades entre mulheres atletas do levantamento de peso (Fernandes Soares et al., 2018; Soares et al., 2017), a participação feminina em eventos esportivos de grande visibilidade, como a Travessia Mar Grande-Salvador (Bahia e Silva, 2018) e as tensões relacionadas à masculinidade em práticas tradicionalmente femininas, como a dança, a partir do caso de um menino praticante de balé e hip-hop (Wenetz e Macedo, 2019).

Além das investigações empíricas, a própria produção científica sobre gênero na Educação Física tem sido objeto de análise, com mapeamentos que identificam tendências, lacunas e recorrências temáticas no campo (Pereira et al., 2021). Nesse sentido, destacam-se também os embates político-institucionais em torno da criação do Grupo de Trabalho Temático Gênero no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, o que evidencia as disputas pela legitimação dessa agenda no interior da própria comunidade científica (Costa e Neves, 2022). Outras contribuições relevantes abordam as possibilidades e limitações do tratamento das questões de gênero e violência em projetos sociais, com base na pedagogia freireana (Pelluso et al., 2021), ampliando as perspectivas críticas sobre intervenções no contexto da Educação Física. Em nível internacional, destaca-se ainda uma pesquisa realizada em Portugal, que analisou a participação de homens e mulheres em cursos superiores da área do esporte, considerando indicadores como frequência, desempenho acadêmico e escolhas de candidatura (Faria e Batista, 2021).

Especificamente sobre o lazer, no início da década de 2010, emergiram estudos que aprofundaram a compreensão das desigualdades de gênero nesse campo, abordando, por exemplo, as barreiras no acesso das mulheres ao Programa Esporte e Lazer da Cidade (Goellner et al., 2010), os desafios enfrentados por mulheres no cenário esportivo de Porto Alegre (Mazon et al., 2010) e as diferenças nas experiências de lazer entre homens e mulheres trabalhadoras de cooperativas (Tejera et al., 2013). Outras pesquisas focaram nas restrições impostas às mulheres em seus momentos de lazer (Barbosa et al., 2013), nas representações femininas no cinema (Fortes, 2014; Gomes, 2019, 2016; Gomes et al., 2016) e na construção social de feminilidades em bairros populares favelizados (Viana, 2016). Estudos subsequentes exploraram as razões que levam mulheres jovens a aderir à prática do surfe (Pereira et al., 2017), as interações sociais que constroem novas feminilidades (Chan-Vianna e Moura, 2017) e o empoderamento feminino por meio das práticas corporais (Cavalcanti et al., 2018).

Mais recentemente, investigações sobre o estado de humor de mulheres idosas e a importância do lazer em suas vidas foram conduzidas (Silva et al., 2019), assim como

o consumo de lazer por mulheres de baixa renda em seu cotidiano (Batinga e Pinto, 2019) e a participação feminina no futebol nas primeiras décadas do século XX (Silva e Rosa, 2020). Além disso, estudos analisaram as práticas de lazer de mulheres durante a pandemia de COVID-19 (Mayor et al., 2020), os discursos de mulheres na prática da vaquejada (Santos et al., 2020) e o papel do Clube de Mães para a sociabilidade de mulheres camponesas (Wedig et al., 2020).

Este panorama reflete o aumento do interesse pela temática de gênero no campo científico, evidenciado pelo número crescente de publicações. Contudo, apesar desse crescimento, esses números ainda são baixos considerando o volume total de publicações no que diz respeito especificamente aos periódicos do lazer (Cunha e Carvalho, 2021). Ademais, embora existam diversos estudos que, sob diferentes perspectivas, abordaram a questão de gênero em correlação com a Educação Física e o lazer, ainda não foi realizada uma análise específica sobre as diferenças de gênero na autoria de artigos científicos sobre o lazer no campo científico brasileiro. No entanto, dois estudos em língua inglesa exploraram essa perspectiva no contexto anglo-saxônico.

Aitchison (2001), por exemplo, conduziu uma auditoria sobre a segregação sexual na autoria de 1784 artigos em uma amostra de seis periódicos da área de lazer e turismo. A pesquisa revelou que, entre 1982 e 1997, a proporção de autores para autoras em artigos revisados por pares era de quatro para um, além de destacar que o corpo editorial desses periódicos era amplamente dominado por homens, evidenciando que a produção científica no campo do lazer era, predominantemente, um espaço de homens.

Em outro estudo, Carr e Carr (2023) investigaram as diferenças no número de publicações entre mulheres e homens ao longo de 50 anos, analisando oito periódicos com processo de avaliação duplo-cego, focados no campo do lazer. Os resultados mostraram um progresso considerável em direção ao equilíbrio de gênero nas publicações, embora o desequilíbrio histórico persista, com a maioria das publicações sendo de autoria de homens. Apenas em 1985 as mulheres representaram mais de 20% das autoras nos periódicos, e nove anos depois esse número aumentou para 30%. Em 2003, a porcentagem ultrapassou 40%, e somente em 2019 as mulheres superaram os 50% da produção.

Diante da ausência de estudos que analisem especificamente a realidade brasileira, surge a seguinte questão: Há equilíbrio de gênero na autoria de artigos científicos sobre o lazer no campo da Educação Física e do lazer no Brasil? Para responder essa questão este estudo investigou as diferenças de gênero na autoria de artigos científicos sobre o lazer no campo da Educação Física e do lazer no Brasil.

METODOLOGIA

Antes de identificarmos o gênero das pesquisadoras e pesquisadores que publicam sobre o lazer, foi necessário

determinar em quais periódicos essa produção está distribuída. Para isso, selecionamos os periódicos *Licere* e *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, que têm como foco central a discussão sobre o tema. Além disso, incluímos periódicos da *Educação Física*, uma vez que, historicamente, essa área tem sido a principal responsável pela publicação e debate sobre o lazer no Brasil (Gomes, 2003; Gomes e Elizalde, 2012; Melo, 2004; Melo e Alves, 2012; Serejo e Isayama, 2019, 2018).

Para identificar esses periódicos, utilizamos a Plataforma Sucupira (Brasil, 2025), realizando uma busca na área de avaliação da Educação Física, considerando a classificação realizada entre 2017 e 2020. A partir dessa busca, utilizamos uma planilha com todos os periódicos avaliados pela área, totalizando 2875 revistas. Em seguida, extraímos os números ISSN desses periódicos e os verificamos no Portal ISSN para identificar quais tinham sede no Brasil. Após isso, acessamos seus sites para verificar se eles publicavam em português e realizamos a leitura do foco, do escopo e da capa de cada um para verificar se o termo “Educação Física” estava presente nesses espaços. Como resultado, 42 periódicos foram selecionados. Desses, 11 estavam inativos e foram excluídos, restando 31. Dessa forma, foram selecionados 33 periódicos para esta pesquisa.

Após a identificação dos periódicos, realizamos a busca pelo termo “lazer” no título dos artigos publicados nesses locais. Selecionamos os artigos publicados entre 2000 e 2022, totalizando 1021 textos distribuídos entre os periódicos. Em seguida, coletamos os nomes das autoras e autores, organizando-os em tabelas no software Excel. O total de autoras e autores foi 1522, com 2684 autorias nos artigos. A diferença entre o número de autoras e autores e o número de autorias ocorreu devido ao fato de que alguns/mas autores/as publicaram mais de um texto. Esse processo foi realizado entre 18 de junho de 2023 e 21 de julho de 2023 e os periódicos selecionados em conjunto com seu número de publicações estão apresentados no *Quadro 1*.

Posteriormente, os nomes das autoras e autores foram analisados para identificar o gênero. Vale destacar que, embora reconheçamos a fluidez e complexidade das questões de gênero, optamos por classificar as autoras e autores apenas como mulheres ou homens, devido à limitação dos dados disponíveis nos artigos. Nos casos em que os nomes poderiam gerar dúvidas, realizamos uma pesquisa na internet e no Lattes das pesquisadoras e pesquisadores para determinar de forma mais precisa. Esse processo foi conduzido entre 3 de março de 2024 e 22 de abril de 2024.

EQUILÍBRIOS NUMÉRICOS

Ao longo da introdução, discutimos as dificuldades históricas enfrentadas pelas mulheres para permanecerem e publicarem no campo científico, destacando que, por muito tempo e ainda hoje, a presença das mulheres foi e é uma exceção em várias áreas do conhecimento. Esse

Quadro 1. Os periódicos selecionados e o número de publicações.

ISSN	Título do periódico	Publicações
1516-2168	Licere	505
2358-1239	Revista Brasileira de Estudos do Lazer	123
1982-8918	Movimento	58
2175-8042	Motrivivência	52
0101-3289	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	42
1980-6183	Pensar à Prática	41
1413-3482	Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde	35
1981-4313	Coleção Pesquisa em Educação Física	32
1516-4381	Conexões	21
2178-5945	Corpoconsciência	19
1980-6574	Motriz	18
1981-4690	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	17
1809-9556	Arquivos em Movimento	12
2318-5090	Caderno de Educação Física e Esporte	11
2448-2455	Journal of Physical Education	10
1982-8985	Recorde: Revista de História do Esporte	9
2316-5464	Revista Kinesis	5
2317-7136	Arquivos de Ciências do Esporte	3
1679-8074	Biomotriz	2
2317-3467	Revista Biomotriz	2
1982-8047	Hu Revista	1
2594-6463	Motricidades	1
1983-7194	Revista Brasileira de Futebol	1
2359-2974	Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada	1
1807-8648	Acta Scientiarum. Health Sciences	0
2595-0096	Arquivos Brasileiros de Educação Física	0
2175-3962	Cadernos de Formação RBCE	0
2675-0333	Intercontinental Journal on Physical Education	0
2317-7357	Práxia	0
2675-1372	Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício	0
1981-9145	Revista Brasileira de Psicologia do Esporte	0
2447-8946	Revista de Educação Física	0
2596-1012	Revista de Educação Física, Saúde e Esporte	0

Fonte: dados da pesquisa.

cenário é corroborado por diversos estudos, que apontam a ciência como um espaço predominantemente masculino (Aitchison, 2001; Carr e Carr, 2023; van der Linden et al., 2024; Lundine et al., 2018; Mendes e Figueira, 2019; Santiago et al., 2020; Silva e Ribeiro, 2014; Winslow e Davis, 2016). No entanto, ao analisarmos a produção sobre o lazer, as evidências apontam para um movimento distinto: uma participação mais equilibrada entre os gêneros, embora as mulheres ainda estejam em desvantagem na autoria dos artigos científicos. Além disso, Aitchison (2001) já havia observado que os estudos sobre lazer apresentavam menos problemas com disparidades nas publicações entre os gêneros do que outras áreas do conhecimento e, com base nos dados apresentados, provenientes de diversas fontes e da presente pesquisa, é possível afirmar que, apesar das desigualdades históricas na academia, a produção

sobre o lazer no campo científico está mais avançada do que a maioria das outras áreas de pesquisa no que tange à participação das mulheres, com elas participando 1329 vezes nas publicações e os homens 1355. As porcentagens podem ser constatadas no Gráfico 2.

Adicionalmente, em relação a essas publicações, é possível observar mudanças de protagonismo na produção ao longo do tempo, com homens e mulheres alternando a liderança na produção, assim como ilustrado nos Gráficos 3 e 4.

De acordo com os dados fornecidos pela Elsevier (van der Linden et al., 2024) as mulheres conseguiram expandir sua participação na ciência, refletindo um movimento gradual, mas consistente, em direção à maior equidade de gênero, que tem se consolidado em algumas

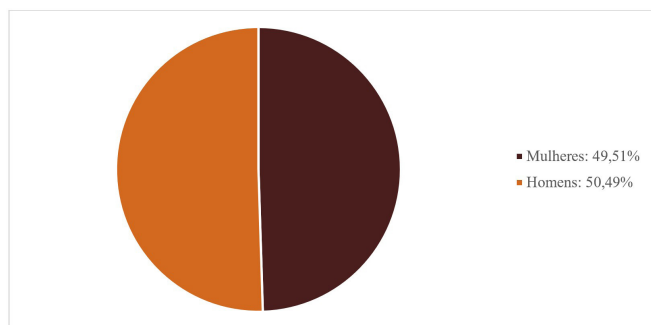


Gráfico 2. Porcentagem em publicações entre 2000 e 2022.

Fonte: dados da pesquisa.

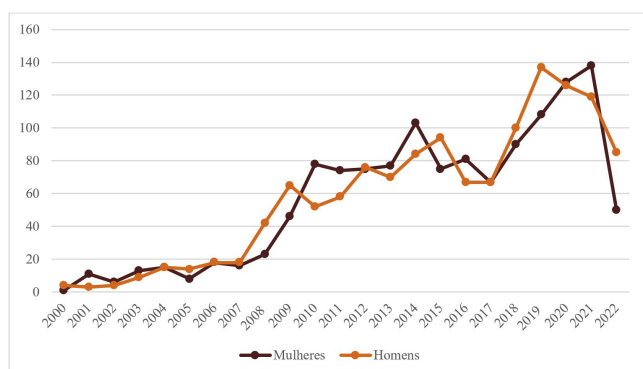


Gráfico 3. Quantidade de publicações por ano.

Fonte: dados da pesquisa.

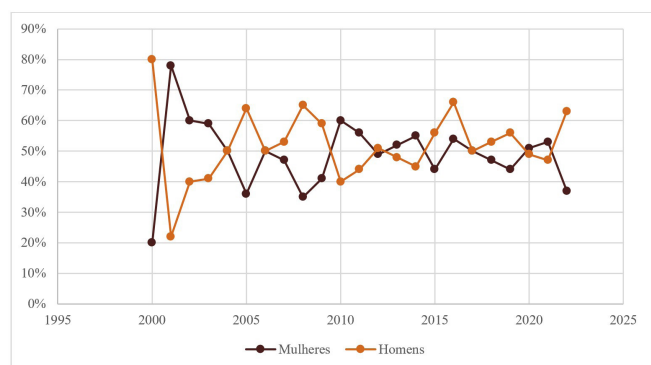


Gráfico 4. Porcentagem de publicações por ano.

Fonte: dados da pesquisa.

áreas do conhecimento. Esse movimento de maior participação das mulheres também impactou o campo científico da Educação Física e do lazer, como ilustrado nos gráficos anteriores, e é evidente o avanço em direção a uma maior igualdade de gênero, especialmente quando comparado a outras áreas de pesquisa.

Apesar das barreiras históricas enfrentadas pelas mulheres na ciência, como a dupla jornada de trabalho, a maternidade, o preconceito, a discriminação de gênero (Silva e Ribeiro, 2014), em diversos anos, como 2001, 2002, 2003, 2010, 2011, 2013, 2014, 2016, 2020 e 2021, as mulheres superaram os homens na autoria de

artigos, refletindo uma inversão da lógica dominante de exclusão das mulheres que ainda persiste em muitas disciplinas. Nos anos de 2004, 2006 e 2017, observamos, inclusive, um equilíbrio, com a produção científica sendo igualmente distribuída entre os gêneros. Ao analisar essa similaridade no número de publicações, reconhecemos um avanço significativo, principalmente quando se considera a histórica sub-representação das mulheres no campo científico.

Ademais, é essencial refletirmos sobre o espaço ocupado pelas pesquisadoras no Brasil em comparação com o cenário internacional. Por exemplo, a primeira vez em que as mulheres publicaram mais que os homens em periódicos internacionais de língua inglesa sobre o lazer foi em 2019 (Carr e Carr, 2023), enquanto no Brasil esse feito ocorreu já em 2001, com as mulheres publicando 11 artigos e os homens três. Esse dado revela que, no contexto brasileiro, a produção sobre o lazer demonstrou uma maior participação das mulheres bem antes disso ocorrer internacionalmente, sugerindo que o campo da Educação Física e do lazer no Brasil estão mais avançados em termos de equilíbrio de gênero do que a produção internacional. Inclusive, o Brasil enfrenta, por vezes, um fenômeno de valorização excessiva do conhecimento internacional, frequentemente atribuindo maior prestígio e qualidade às publicações estrangeiras. Esse viés se reflete nas avaliações acadêmicas e na hierarquização dos periódicos, nos quais publicações em inglês tendem a receber classificações superiores em comparação às revistas nacionais. No campo do lazer, por exemplo, o *Annals of Leisure Research* foi classificado como A1 na avaliação realizada pelo Qualis-periódicos entre 2017 e 2020, enquanto *Leisure Studies* e *Leisure Sciences* receberam A2. Em contrapartida, periódicos brasileiros como *Licere* e *Revista Brasileira de Estudos do Lazer* foram avaliados como B2 e B3, respectivamente, evidenciando a desigualdade na valorização do conhecimento produzido em diferentes contextos linguísticos e geográficos. Essa tendência pode obscurecer os avanços científicos nacionais e minimizar as especificidades e potencialidades do lazer no Brasil. No entanto, uma análise mais aprofundada dos dados revela que o país tem se destacado positivamente em termos de igualdade de gênero na produção científica, não apenas no lazer, mas em diversas áreas do conhecimento (van der Linden et al., 2024). Todavia, ainda assim, persistem desafios para alcançar uma equidade plena na ciência, tornando essencial uma revisão crítica dos critérios de valorização acadêmica e um reconhecimento mais amplo das contribuições nacionais.

Além disso, as variações anuais observadas exigem uma reflexão mais aprofundada sobre os fatores que podem ter influenciado essas oscilações. O aumento das publicações das mulheres em determinados anos pode estar relacionado a políticas de incentivo à participação das mulheres na ciência ou a eventos que promoveram a inclusão de mais mulheres no campo científico, como ocorreu em 2021, quando a *Licere* dedicou um número

especial a pesquisadoras (Alves et al., 2021). Por outro lado, a queda ou o equilíbrio em outros anos pode ser explicada por outros fatores, como a estabilidade das estruturas de poder dominadas historicamente por homens, que ainda podem influenciar a distribuição das publicações. Outro fator que merece destaque foi a queda mais acentuada observada em 2022, o que pode ser um reflexo da pandemia de COVID-19, que impactou o lazer de mulheres (Mayor et al., 2020) e levou muitas pesquisadoras a interromperem suas atividades e ficarem mais tempos em suas casas sendo, particularmente, mais impactadas pelos cuidados com a família e com o lar, responsabilidades historicamente associadas às mulheres (Silva e Ribeiro, 2014).

Apesar de certo equilíbrio produtivo ao longo do intervalo temporal da pesquisa – 2000 até 2022 – é basilar analisar a participação das mulheres na produção científica a partir de diferentes recortes temporais, a fim de identificar alterações e tendências. Ao comparar os percentuais de produção científica nos períodos de 2000 até 2010, 2011 até 2022 e no total de 2000 até 2022, percebemos que a diferença entre os gêneros tem se estreitado do ponto de vista percentual.

A comparação dos dados entre os períodos de 2000 e 2010 e 2011 e 2022 mostra que, apesar da leve predominância dos homens no início do período, com 244 participações deles contra 235 participações delas entre 2000 e 2010, na década seguinte os homens participaram 1111 vezes e as mulheres 1094, o que significa um aumento, mesmo que pequeno, na porcentagem da produção delas, como demonstrado nos Gráficos 5 e 6. Esse movimento gradual sugere que, embora as mulheres ainda não tenham alcançado a paridade, do ponto de vista dos números totais em número de publicações, sua presença na produção sobre o lazer tem se consolidado, o que representa um avanço significativo tanto para o campo quanto para a ciência como um todo.

Além do mais, é fundamental a análise dos pesquisadores e pesquisadoras mais produtivos para compreender se há uma diferenciação entre os gêneros no estrato produtivo. Aqui, consideramos pesquisadoras e pesquisadores mais produtivos aquelas e aqueles que publicaram cinco artigos ou mais ao longo do intervalo temporal da pesquisa. Ao realizar esse recorte, identificamos os padrões de participação e se a produção científica está, de alguma forma, concentrada em determinado gênero. De acordo com os nossos dados, os pesquisadores mais produtivos participaram 420 vezes entre os artigos e as pesquisadoras 351. As porcentagens estão no Gráfico 7.

Ao analisarmos a produção entre o estrato mais produtivo fica evidente que a distribuição é mais desequilibrada entre os/as pesquisadores/as de maior produtividade. Entre aqueles/as que publicaram cinco ou mais artigos, as mulheres representam 45,53% da produção (o número total é de 49,51%), enquanto os homens são responsáveis por 54,47% (o número total é de 50,49%). Essa

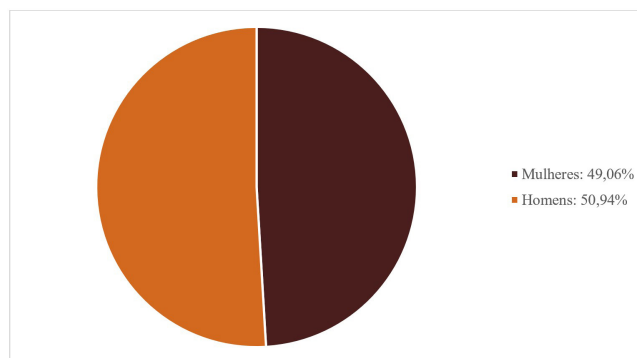


Gráfico 5. Porcentagem em publicações entre 2000 e 2010.
Fonte: dados da pesquisa.

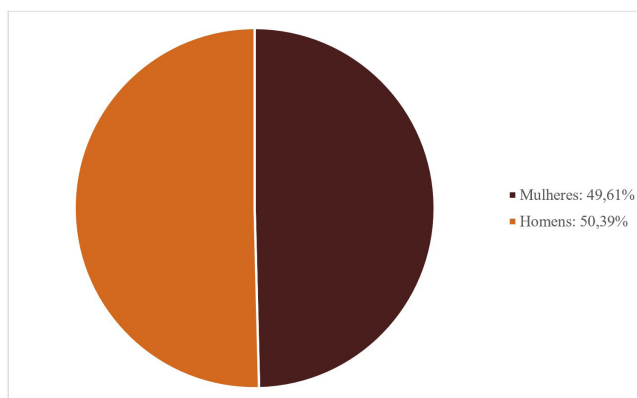


Gráfico 6. Porcentagem em publicações entre 2011 e 2022.
Fonte: dados da pesquisa.

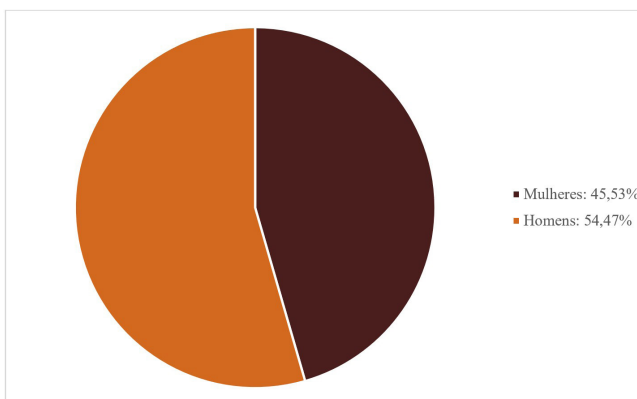


Gráfico 7. Porcentagem em publicação das pesquisadoras e pesquisadores mais produtivos entre 2000 e 2022.
Fonte: dados da pesquisa.

diminuição na representatividade das mulheres pode ser atribuída a diversas razões históricas e estruturais que ainda impactam a academia. Dentre essas razões, destacam-se as desigualdades de gênero nas oportunidades de ascensão acadêmica e no acesso a recursos que favorecem uma maior produtividade científica (Jenkins et al., 2022; Lima, 2008). Além disso, a sobrecarga de responsabilidades,

frequentemente atribuída às mulheres, como as tarefas domésticas e os cuidados familiares (Bonalume e Isayama, 2018; Silva e Ribeiro, 2014), pode limitar sua capacidade de manter uma produção científica em alta quantidade. Essas questões estruturais reforçam a maior prevalência deles entre os grupos de alta produtividade, mesmo em

campos como a Educação Física e o lazer, onde se observa um equilíbrio maior de gênero em relação a outras áreas do conhecimento. Na Tabela 1 estão as pesquisadoras e pesquisadores mais produtivos.

Essa discrepância, no entanto, não deve obscurecer os avanços significativos observados na produção

Tabela 1. Pesquisadoras e pesquisadores que publicaram cinco artigos ou mais entre 2000 e 2022.

Pesquisadoras que publicaram cinco ou mais artigos	Número de artigos	Pesquisadores que publicaram cinco ou mais artigos	Número de artigos
Cinthia Lopes da Silva	27	Helder Ferreira Isayama	35
Simone Rechia	25	Nelson Carvalho Marcellino	35
Gisele Maria Schwartz	24	Fernando Augusto Starepravo	22
Alcyane Marinho	20	Edmilson Santos dos Santos	17
Christianne Luce Gomes	20	Marco Paulo Stigger	15
Silvia Cristina Franco Amaral	20	Edmur Antônio Stoppa	14
Mirleide Chaar Bahia	15	Ricardo Ricci Uvinha	13
Cathia Alves	14	Giuliano Gomes de Assis Pimentel	12
Olívia Cristina Ferreira Ribeiro	14	Temístocles Damasceno Silva	12
Liana Abrao Romera	13	Thiago Ferreira de Sousa	11
Tânia Mara Vieira Sampaio	12	Victor Andrade de Melo	11
Priscilla Pinto Costa da Silva	9	Cléber Dias	10
Giselle Helena Tavares	9	Coriolano Pereira da Rocha Junior	10
Priscila Mari dos Santos	8	Junior Vagner Pereira da Silva	10
Emília Amélia Pinto Costa da Silva	8	Marco Antônio Bettine de Almeida	10
Ana Cláudia Porfírio Couto	8	Mauro Myskiw	10
Aline Tschoke	7	Wanderley Marchi Junior	9
Brisa de Assis Pereira	7	Luciano Pereira da Silva	9
Luciana Karine de Souza	7	Pedro Fernando Avalone de Athayde	9
Luciene Ferreira da Silva	7	Fernando Mascarenhas	8
Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas	6	Gustavo Luís Gutierrez	8
Emília Amélia Pinto Costa Rodrigues	6	Gustavo Maneschy Montenegro	8
Rosana de Almeida e Ferreira	5	José Alfredo Oliveira Debortoli	8
Luciana Assis Costa	5	Bruno Ocelli Ungheri	8
Lucília da Silva Matos	5	Carlos Nazareno Ferreira Borges	8
Milena Avelaneda Origuela	5	Dirceu Santos Silva	8
Neidiana Braga da Silva Souza	5	Marcos Gonçalves Maciel	7
Renata Moraes do Nascimento	5	Silvio Ricardo da Silva	7
Gabriela Baranowski Pinto	5	Fernando Renato Cavichioli	6
Gislane Ferreira de Melo	5	Humberto Luís de Deus Inácio	6
Janice Zarpellon Mazo	5	Marcelo Paula de Melo	6
Ariane Corrêa Pacheco	5	Marco Aurélio Avila	6
Claudia Regina Bonalume	5	Markus Vinicius Nahas	6
Cristiane Miryam Drumond de Brito	5	Bruno Modesto Silvestre	6
Débora Alice Machado da Silva	5	Riller Silva Reverdito	5
		Leoncio José de Almeida Reis	5
		Leonardo Lincoln Leite de Lacerda	5
		Juliano de Souza	5
		Jossett Campagna de Gáspari	5
		Fernando Henrique Silva Carneiro	5
		Felipe Canan	5
		André Henrique Chabariberry Capi	5

Fonte: dados da pesquisa.

sobre o lazer. A forte presença das mulheres entre os pesquisadores que publicaram cinco ou mais artigos, juntamente com a posição de destaque de várias delas, reflete um maior equilíbrio de gênero na produção sobre o lazer no Brasil quando comparado a outras áreas do conhecimento e aos resultados internacionais. Esses dados evidenciam que as mulheres não estão apenas se inserindo de maneira cada vez mais ativa no campo, mas também conquistando espaços de liderança, apesar das barreiras ainda presentes e do labirinto de vidro que elas têm que enfrentar. Esse avanço deve ser reconhecido como uma vitória significativa, refletindo um movimento contínuo em direção à equidade de gênero na produção científica do lazer.

CONCLUSÕES E LIMITES DA PESQUISA

Este estudo investigou as diferenças de gênero na autoria de artigos científicos sobre o lazer no campo da Educação Física e do lazer no Brasil. A análise dos dados revelou que, embora esses campos estejam atravessados por desigualdades históricas, têm apresentado avanços relevantes na participação das mulheres. O número crescente de publicações delas e a aproximação entre os dois gêneros na autoria indicam um cenário de maior equilíbrio em comparação a outras áreas do conhecimento. No entanto, essa aproximação não configura uma igualdade plena. Trata-se de um movimento em construção que ainda demanda atenção às estruturas de poder que seguem moldando o campo científico, tanto no Brasil quanto no mundo. Um dado revelador é a menor participação das mulheres entre os pesquisadores mais produtivos, o que evidencia que o caminho rumo à equidade exige esforços contínuos. Para que a academia se torne um espaço verdadeiramente inclusivo, é fundamental ampliar o acesso a oportunidades, fortalecer redes de apoio e promover o reconhecimento equitativo das contribuições, de modo a mitigar os efeitos persistentes do labirinto de vidro enfrentado pelas mulheres.

Apesar dos avanços, esta pesquisa apresenta algumas limitações, como a ausência de uma abordagem mais aprofundada por meio de entrevistas com as pesquisadoras, o que permitiria compreender com mais precisão as barreiras enfrentadas na trajetória acadêmica e nos processos de publicação. Tal aprofundamento revelaria nuances que escapam aos dados quantitativos e traria à tona especificidades ainda pouco exploradas por estudos anteriores. Além disso, torna-se essencial investigar a composição dos corpos editoriais dos periódicos analisados, considerando que a equidade de gênero não deve se restringir ao espaço da autoria, mas alcançar também as instâncias institucionais que organizam e legitimam a produção científica. Historicamente, essas posições têm sido predominantemente ocupadas por homens, o que reforça a importância de uma análise crítica desse cenário. Para pesquisas futuras, recomenda-se ainda

explorar a relação das mulheres com os periódicos – desde o processo de submissão até a avaliação – a fim de identificar barreiras institucionais e avaliar se esses espaços realmente oferecem condições equitativas e seguras para a participação das mulheres. Outro limite importante refere-se à adoção de uma visão binária de gênero. O debate sobre gênero tem se ampliado, incorporando múltiplas identidades que precisam ser reconhecidas e respeitadas. Além disso, é indispensável considerar outras dimensões interseccionais, como a raça, uma vez que mulheres negras, por exemplo, enfrentam barreiras adicionais que agravam as desigualdades já impostas pela condição de gênero.

Apesar dos avanços observados em comparação a outros campos, a produção científica sobre o lazer no Brasil ainda não alcançou a equidade plena entre os gêneros. O que se identifica é uma aproximação numérica, que não necessariamente reflete a superação das desigualdades estruturais. Assim, os progressos conquistados até aqui devem ser compreendidos como parte de um processo em construção – e não como um ponto final. A vigilância sobre as dinâmicas de publicação, representatividade e reconhecimento é fundamental para que esses avanços não se diluam com o tempo. Apenas por meio de uma postura ativa e comprometida com a transformação das estruturas acadêmicas será possível consolidar o campo da Educação Física e do lazer como um espaço verdadeiramente inclusivo, onde todas as contribuições, independentemente de gênero, possam ser reconhecidas, valorizadas e celebradas.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001; do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade de Brasília; do Decanato de Pós-graduação da Universidade de Brasília; e da Fundação de amparo à pesquisa do Distrito Federal.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os (As) autores(as) declaram que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

- Aitchison C. Gender and leisure research: the “codification of knowledge”. *Leis Sci.* 2001;23(1):1-19. <http://doi.org/10.1080/01490400150502216>.
- Alves C, Falcão D, Santos FC. Mulheres no mundo, na ciência, nas lutas da vida. *Licere [Internet]*. 2021; [citado 2007 Jan 5];24(1):1-3. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/32555>
- Bahia LMS, Silva MCDP. Relações de gênero no esporte: “o belo sexo” na competição de natação em mar aberto - Travessia Mar Grande-Salvador, Bahia, Brasil. *Movimento*. 2018;24(2):569-80. <http://doi.org/10.22456/1982-8918.78174>.

- Barbosa C, Liechty T, Pedercini R. Restrições ao Lazer Feminino: particularidades das experiências de lazer de mulheres homossexuais. *Licere*. 2013;16(2):1-22. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2013.653>.
- Barreira J. Mulheres em Cargos de Liderança no Esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? *Movimento*. 2021;27:1-18. <http://doi.org/10.22456/1982-8918.118131>.
- Batinga GL, Pinto MR. “Lazer?! Para mim?!...” Consumo de lazer por mulheres de baixa renda. *Rev Bras Estud Lazer [Internet]*. 2019 [citado 2007 Jan 5];6:78. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/19394>
- Bonalume CR, Isayama HF. As Mulheres na Pesquisa O Lazer Brasileiro. *Rev Bras Estud Lazer [Internet]*. 2018 [citado 2007 Jan 5];5:3-24. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/593>
- Brasil. CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Plataforma Sucupira. *Qualis Periódicos*. Brasília; 2025 [citado 2025 Abr 25]. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>
- Carli LL, Eagly AH. Women face a labyrinth: an examination of metaphors for women leaders. *Gend Manag*. 2016;31(8):514-27. <http://doi.org/10.1108/GM-02-2015-0007>.
- Carr S, Carr N. Leisure studies researchers: gender biased or balanced? *Leis Sci*. 2023;1-19. <http://doi.org/10.1080/01490400.2023.2299309>.
- Cavalcanti TS, Mélo RS, Santos ABL, Moura CBG, Moura DL. Empoderamento, mulheres e práticas corporais: uma revisão sistemática da literatura. *Licere*. 2018;21:319-44. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1860>.
- Chan-Vianna AJ, Moura DL. Futebol, mulheres e interação social. *Licere*. 2017;20(4):1-21. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2017.1722>.
- Costa BR, Neves RLR. Lutas e disputas no campo científico da Educação Física. *Movimento*. 2022;28:e28009. <http://doi.org/10.22456/1982-8918.118067>.
- Cunha JD, Carvalho VTF. Estudos sobre as Mulheres no Lazer nos Periódicos *Licere* e *RBEL*. *Licere*. 2021;24(1):356-84. <http://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.31339>.
- Devide FP, Osborne R, Silva ER, Ferreira RC, Saint Clair E, Nery LCP. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. *Motriz*. 2010;17(1):93-103. <http://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p93>.
- Faria L, Batista C. (A)simetrias de gênero no acesso ao esporte no ensino superior público. *Rev Bras Ciênc Esporte*. 2021;43:1-9. <http://doi.org/10.1590/rbce.43.e005121>.
- Fernandes Soares JP, Mourão L, Lovisi A, Novais M. Performatividades de gênero e a abjeção dos corpos de mulheres no levantamento de peso. *Movimento*. 2018;24(1):107-18. <http://doi.org/10.22456/1982-8918.70027>.
- Ferreira G, Arantes Reis R, Jouscoski E, Silveira C. Perfil das mulheres bolsistas produtividade em pesquisa em divulgação científica no Brasil. *J Sci Communication*. 2024;7(2):1-22. <http://doi.org/10.22323/3.07020203>.
- Fortes R. Surfe feminino, indústria do surfwear e promoção da África do Sul: uma análise de *A Onda dos Sonhos 2*. *Licere*. 2014;17(2):283-311. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2014.857>.
- Goellner SV, Votre SJ, Mourão L, Figueira MLM. Lazer e Gênero nos Programas de Esporte e Lazer das Cidades. *Licere*. 2010;13(2):1-20. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2010.815>.
- Gomes CL, Elizalde R. Horizontes latino-americanos do Lazer. Belo Horizonte: UFMG; 2012.
- Gomes CL, Maia MFQC, Silva MRFC, Gontijo R. O cinema como experiência de lazer e as personagens femininas do filme “Para Minha Amada Morta”: assimilando valores, desvelando significados. *Rev Bras Estud Lazer [Internet]*. 2016 [citado 2007 Jan 5];3(2):3-19. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/530>
- Gomes CL. Lazer e Cinema: representações das mulheres em filmes latino-americanos contemporâneos. *Licere*. 2016;18(4):60-81. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2016.20042>.
- Gomes CL. Lazer e cinema: simbolismos e representações de gênero no filme “Boi Neon”. *Licere*. 2019;22(2):193-217. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.13554>.
- Gomes CL. Significados de Recreação e Lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964) [tese]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2003. [citado 2007 Jan 5]. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/HJPB-5NVJWV>
- Jenkins F, Hoenig B, Weber SM, Wolfram A. Inequalities and the paradigm of excellence in academia. London: Routledge; 2022. <http://doi.org/10.4324/9780429198625>.
- Lima BS. Teto de vidro ou labirinto de cristal? As femininas das ciências [dissertação]. Brasília: Universidade de Brasília; 2008.
- Lundine J, Bourgeault IL, Clark J, Heidari S, Balabanova D. The gendered system of academic publishing. *Lancet*. 2018;391(10132):1754-6. [http://doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)30950-4](http://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)30950-4). PMID:29739551.
- Mayor STS, Silva MS, Lopes CG. Perspectivas sobre o Lazer das Mulheres com a Pandemia do Novo Coronavírus: reflexões a partir dos dados da pesquisa “O Lazer no Brasil - representações e concretizações das vivências cotidianas”. *Licere*. 2020;23(3):163-89. <http://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25363>.
- Mazon JZ, Silva CF, Lyra VB. As Mulheres no Cenário do Associativismo Esportivo em Porto Alegre/RS na Transição do Século XIX para o XX: alternativas de sociabilidade e lazer para elas. *Licere*. 2010;13(3):1-25. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2010.798>.
- Melo VA, Alves ED Jr. Introdução ao lazer. 2. ed. Barueri: Manole; 2012.
- Melo VA. Lazer e Educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis - um enfoque na questão da formação. In: Werneck CLG, Isayama HF, editores. *Lazer, recreação e educação física*. Belo Horizonte: Autêntica; 2004.
- Mendes MVI, Figueira ACR. Women’s scientific participation in political science and international relations in Brazil. *Rev Estud Fem*. 2019;27(2):e54033. <http://doi.org/10.1590/1806-9584-2019V27N254033>.

- Oliveira A, Melo MF, Rodrigues QB, Pequeno M. Gênero e Desigualdade na Academia Brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq. *Configurações*. 2021;27(27):75-93. <http://doi.org/10.4000/configuracoes.11979>.
- Pelluso J, Cecchetto F, Ribeiro FML. Driblando a violência através do esporte: tensões na abordagem de gênero com jovens de um projeto social. *Rev Bras Ciênc Esporte*. 2021;43:1-8. <http://doi.org/10.1590/rbce.43.e001021>.
- Pereira GP No, Abreu ES, Nascimento JF, Oliveira BN, Machado AAN. Surfe é estilo de vida: motivação para a prática em mulheres jovens. *Licere*. 2017;20(1):115-39. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2017.1589>.
- Pereira JM, Almeida DMF, Silveira R. Análise da Produção Científica sobre Gênero na Educação Física Brasileira entre os anos de 2013 e 2018: uma perspectiva cientométrica. *Rev Bras Ciênc Esporte*. 2021;43:1-10. <http://doi.org/10.1590/rbce.43.e006921>.
- Santiago MO, Affonso F, Dias TMR. Scientific production of women in Brazil. *Transinformacao*. 2020;32:1-11. <http://doi.org/10.1590/2318-0889202032e200032>.
- Santos ABL, Cavalcanti TS, Moura CBG, Moura DL. Valeu o Boi! Uma análise de gênero sobre a prática de mulheres na vaquejada. *Licere*. 2020;23(1):92-102. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2020.19688>.
- Serejo HFB, Isayama HF. Discursos sobre a recreação: um saber disciplinarizado na escola de Educação Física de Minas Gerais (1963-1969). *Movimento* 2019;25:e25023. <http://doi.org/10.22456/1982-8918.77663>.
- Serejo HFB, Isayama HF. Discursos sobre recreação em disciplinas do Curso de Educação Física da UFMG (1969-1990). *Licere*. 2018;21(3):90-125. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1864>.
- Silva BBF, Silva AA, Melo GF, Chariglione IPFS. Avaliação dos estados de humor e qualidade de vida de idosas em diferentes contextos de vida e a percepção da importância do lazer. *Licere*. 2019;22(1):24-49. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.12310>.
- Silva FF, Ribeiro PRC. Trajetórias de Mulheres na Ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. *Ciênc Educ*. 2014;20(2):449-66. <http://doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>.
- Silva IM, Rosa MC. A participação de mulheres no futebol em Barbacena/MG nas três primeiras décadas do século XX. *Licere*. 2020;23(2):112-40. <http://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.24004>.
- Soares JPF, Mourão L, Monteiro IC. Corpos dissidentes: gênero e feminilidades no levantamento de peso. *Rev Bras Ciênc Esporte*. 2017;39(3):254-60. <http://doi.org/10.1016/j.rbce.2017.02.011>.
- Tejera DBO, Sousa IRC, Sampaio TMV. As relações de gênero na opção de lazer de pessoas atuantes em cooperativas de trabalho. *Licere*. 2013;16(4):1-17. <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2013.668>.
- van der Linden N, Roberge G, Malkov D. Gender equality in research innovation - 2024 review. Elsevier; 2024 [citado 2007 Jan 5]. Disponível em: <https://elsevier.digitalcommonsdata.com/datasets/bb5jb7t2zv/2>
- Viana IP. Território Funk e Feminilidades: subjetividades construídas entre relações de poder, a rua e a violência. *Rev Bras Estud Lazer [Internet]*. 2016 [citado 2007 Jan 5];3:118-35. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/525>
- Vokić NP, Obadić A, Ćorić SD. Gender equality in the workplace macro and micro perspectives on the status of highly educated women. Cham: Springer Nature; 2019. <http://doi.org/10.1007/978-3-030-18861-0>.
- Wedig JC, de Wallau AS, Padilha AF, Simonetti AL. Sociabilidade e lazer entre mulheres camponesas: vivências no clube de Mães. *Licere*. 2020;23(2):58-81. <http://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.21784>.
- Wenetz I, Macedo CG. Masculinidade(s) no Balé: gênero e sexualidade na infância. *Movimento* 2019;25:e25081. <http://doi.org/10.22456/1982-8918.90474>.
- Winslow S, Davis SN. Gender inequality across the academic life course. *Sociol Compass*. 2016;10(5):404-16. <http://doi.org/10.1111/soc4.12372>.

ENSAIO

A CONSTITUIÇÃO DO LAZER COMO UM CAMPO DE ESTUDOS CIENTÍFICOS NO BRASIL NO SÉCULO XXI

Ensaio a ser submetido na *Licere*.
Submissão em 2026.

O ponto é reconhecer que, dadas as propriedades do campo, a reprodução das assimetrias não precisa de um plano consciente para acontecer, pois ela decorre do encontro entre estruturas objetivas e disposições incorporadas (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2025).

A CONSTITUIÇÃO DO LAZER COMO UM CAMPO DE ESTUDOS CIENTÍFICOS NO BRASIL NO SÉCULO XXI

Dr. Fernando Resende Cavalcante

North Carolina State University e Universidade de Brasília

Dr. Ari Lazzarotti Filho

Universidade de Brasília e Universidade Federal de Goiás

Resumo: Este ensaio tem como objetivo analisar o campo científico do lazer no século XXI, verificando em que medida ele avançou em direção à cientificidade e à autonomia, identificando mudanças e permanências no período. Este estudo retoma a fala de Werneck (2000) e suas três questões: (1) Lazer: um campo científico autônomo e estruturado? (2) Que agentes/instituições detêm o monopólio da autoridade científica no campo do lazer? e (3) A partir de que formas específicas se processa a luta pela autoridade científica, e que objetos de disputa são colocados nesse jogo? Concluímos que a disputa por autoridade se deslocou decisivamente para os periódicos, que a produção cresceu mas segue concentrada regional e autoralmente, e que a autonomia é apenas relativa, ainda significativamente condicionada por métricas externas. Ao fim propomos conservar o que deu mais autonomia ao campo científico do lazer (revistas, redes, adensamento teórico) e modificar o que reproduz assimetrias (diversificar editoriais, recalibrar incentivos e aliviar a pobreza material de pesquisa).

INTRODUÇÃO

Em 2000, no Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL), Christianne Luce Gomes Werneck descreveu o então nascente campo do lazer como “[...] um campo que pretende a cientificidade e a autonomia [...]” (2000, p. 77). Sua intervenção, baseada em Pierre Bourdieu, destacou disputas de legitimidade e prestígio e a fragilidade de um espaço ainda em constituição. Organizada em três perguntas – (1) Lazer: um campo científico autônomo e estruturado? (2) Que agentes/instituições detêm o monopólio da autoridade científica no campo do lazer? e (3) A partir de que formas específicas se processa a luta pela autoridade científica, e que objetos de disputa são colocados nesse jogo? –, a fala ofereceu um roteiro analítico que este ensaio retoma e atualiza.

Na primeira questão, a autora sublinhou a necessidade de conhecer a lógica interna do campo para poder desafiá-la. Argumentou que, no Brasil, o lazer vivia um intenso processo de constituição, com autonomia relativa e sem o mesmo grau de maturidade, consistência e profundidade de outras áreas, resultando, à época, em certa superficialidade de parte das pesquisas. Ao mesmo tempo, reconheceu sinais de estruturação: criação de cursos e especializações em lazer; áreas de concentração em programas de pós-graduação, sobretudo em departamentos de Educação

Física; presença do tema em disciplinas; fortalecimento de congressos e associações; e formação de grupos de pesquisa (Werneck, 2000).

Na segunda questão, Werneck mapeou agentes e instituições com autoridade científica naquele período, entre eles: Antônio Carlos Bramante, Helder Ferreira Isayama, Heloísa Turini Bruhns, Joffre Dumazedier, Leila Mirtes Pinto, Nelson Carvalho Marcellino, Octávio de Lima Camargo, Renato Requixa, Tereza França e Elza Peixoto; e instituições como o Serviço Social do Comércio (SESC), a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade Estadual de Londrina (UEL), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Para Werneck, eram esses os polos que concentravam o monopólio da autoridade científica sobre o lazer no país (Werneck, 2000).

Na terceira frente, Werneck aprofundou a lógica do jogo científico, informando que a estrutura de um campo se define pelo estado das relações de força entre agentes e instituições e, portanto, pela distribuição do capital específico acumulado em embates anteriores. Para a autora, é essa distribuição que condiciona tanto os investimentos dos pesquisadores – tempo, esforço, apostas cognitivas – quanto suas estratégias, dadas a posição que ocupam e as chances objetivas de reconhecimento que detêm. Nesse espaço de lutas, dominantes e dominados tendem, respectivamente, a estratégias de conservação – voltadas à manutenção do monopólio e da ordem estabelecida – e a estratégias de sucessão ou subversão – que oscilam entre inovações marginais, dentro dos limites autorizados ou tentativas de redefinir princípios de legitimação (Werneck, 2000).

Vinte e cinco anos depois, indagamos diacronicamente: o que fizemos do campo científico do lazer no século XXI? Para responder a esta questão, apoiamos este ensaio em quatro bases: (1) a própria fala de Werneck (2000), como marco histórico-analítico; (2) estudos empíricos sobre a produção acerca do lazer em periódicos nacionais publicados no século XXI (Cavalcante *et al.*, 2025; Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024c, 2024b, 2024a; Dias *et al.*, 2017); (3) o conceito de campo científico com base em Pierre Bourdieu; e (4) a nossa posição como agentes inseridos no campo, assumindo que o observamos e o interpretamos de dentro, o que necessariamente informa e limita as inferências aqui apresentadas.

Tomando a fala de Werneck como base analítica, organizamos este ensaio em torno das mesmas perguntas construídas por ela, todavia, invertendo sua ordem: partimos de (3) A partir de que formas específicas se processa a luta pela autoridade científica, e que objetos de disputa são

colocados nesse jogo? Avançamos para (2) Que agentes/instituições detêm o monopólio da autoridade científica no campo do lazer? E, só então, avaliamos o (1) Lazer: um campo científico autônomo e estruturado? Essa inversão que propomos tem origem na nossa leitura de que a partir do funcionamento efetivo do jogo temos melhores condições para mapear quem exerce autoridade e por que, e apenas depois podemos avaliar o grau de autonomia e estruturação alcançado. É com esse pano de fundo que este ensaio tem como objetivo analisar o campo científico do lazer no século XXI, verificando em que medida ele avançou em direção à cientificidade e à autonomia, identificando mudanças e permanências no período. Nesta lógica, emerge a questão:

A PARTIR DE QUE FORMAS ESPECÍFICAS SE PROCESSA A LUTA PELA AUTORIDADE CIENTÍFICA, E QUE OBJETOS DE DISPUTA SÃO COLOCADOS NESSE JOGO?

Tomando Bourdieu como referência, o campo científico é entendido como um microcosmo relativamente autônomo, estruturado por posições e relações, no qual os agentes disputam o monopólio de definir o que conta como ciência legítima (Bourdieu, 2004; Ragouet, 2017). Essa autonomia é sempre parcial e relacional, pois nenhum campo está imune a pressões políticas, econômicas ou institucionais, mas organiza-se por regras próprias de validação, controles pelos pares e dispositivos internos de consagração (Bourdieu, 2004; Thompson, 2018). Importa acrescentar: quanto maior o grau de autoridade do campo sobre seus critérios de validade internos, isto é, quanto mais consegue fazer valer suas próprias regras, menor sua suscetibilidade às influências externas e maior sua autonomia (Bourdieu, 2004; Thompson, 2018). É nesse espaço que se trava a luta pela autoridade científica, por meio de objetos de disputa que assumem a forma de capitais específicos do campo.

No interior desse jogo, o capital científico desdobra-se em dois formatos interdependentes. O capital científico puro, que é o reconhecimento concedido pelos pares às contribuições validadas em circuitos de avaliação – periódicos, livros, citações, prêmios –, isto é, o prestígio simbólico derivado do mérito epistêmico segundo as regras do próprio campo (Bourdieu, 2004). Já o capital científico temporal refere-se às posições de comando e gestão que permitem orientar agendas e critérios de legitimação – editoriais, conselhos científicos, coordenações de programas, comitês de fomento –, funcionando como trunfos institucionais que influenciam a distribuição de oportunidades e reconhecimentos (Bourdieu, 2004). Na prática, essas formas de capital se reforçam

mutuamente: trajetórias densas de publicação abrem portas para posições de poder; e posições de poder ampliam a visibilidade e a circulação do trabalho.

Transpondo esse enquadramento para o lazer no Brasil, esses capitais se materializam de modo nítido. Do lado puro, contam artigos publicados em periódicos especializados, como, por exemplo, na *Licere*, e livros e capítulos que se tornam referências organizadoras do debate. Do lado temporal, pesam editorias, como da *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, e a coordenação de programas de pós-graduação onde o tema circula, como o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer na UFMG. Em síntese, a autoridade se constrói pela combinação entre produção validada e posições institucionais, sob regras que o próprio campo reconhece como legítimas.

No século XXI, porém, um reordenamento alterou o peso relativo desses capitais. No lazer e, por extensão, na Educação Física e na ciência contemporânea, a publicação de artigos em periódicos avaliados por pares passou a ocupar a posição central na economia dos capitais, deslocando o centro de gravidade da autoridade dos pesquisadores para as revistas científicas (Lazzarotti Filho, 2018; Lazzarotti Filho *et al.*, 2012; Lazzarotti Filho; Silva; Mascarenhas, 2015). Esse movimento espelha tendências mais amplas da ciência como a internacionalização, as métricas bibliométricas e os dispositivos de avaliação que pressionam por produtividade (Barata *et al.*, 2014), que no Brasil são mediadas pelos critérios da pós-graduação e principalmente pelo Qualis Periódicos. O efeito dessa nova lógica pode ser constatado na produção sobre o lazer: entre 2001 e 2021, a publicação de artigos cresceu cerca de 1062% (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024b, 2024a), um salto incompreensível sem considerarmos a centralidade adquirida pelos periódicos e pelos artigos neles publicados. Ademais, o fato de o lazer ter aderido a essa nova lógica do campo da Educação Física, com os artigos ganhando mais valor científico, reforça a leitura de uma autonomia apenas relativa: em vez de impor regras próprias de consagração, o lazer ajustou-se às métricas hegemônicas do espaço científico mais amplo, sinalizando pouca autonomia diante das pressões externas.

Neste cenário, respondendo à questão que abre esta seção: hoje, a luta pela autoridade científica se processa, em grande parte, na capacidade de transformar pesquisas em artigos reconhecidos em circuitos qualificados e de fazê-los circular. É aí que se decide boa parte do jogo. Isso não elimina o valor de publicações de livros, capítulos ou conferências, mas redefine seu peso relativo. Em termos práticos, os periódicos transformaram-se em arenas de luta e consagração; e

publicar artigos com regularidade tornou-se o objeto de disputa central no campo científico como um todo. Dada essa nova economia dos capitais, a pergunta que se impõe é:

QUE AGENTES/INSTITUIÇÕES DETÊM O MONOPÓLIO DA AUTORIDADE CIENTÍFICA NO CAMPO DO LAZER?

Na exposição de Werneck (2000), aparecem nomes e instituições que, à época, concentravam a autoridade científica sobre o lazer no Brasil. O Quadro 1 sintetiza esses agentes, suas vinculações institucionais e respectivas localizações estaduais e regionais. Observamos forte concentração no Sudeste, seguida pelo Sul e pelo Nordeste. Esse arranjo já indicava um eixo de legitimação territorializado, no qual poucas instituições funcionavam como polos de referência e difusão sobre o lazer no Brasil.

Quadro 1 – Agentes citados por Werneck (2000), por instituição, estado e região.

Agente	Instituição	Estado	Região
Antônio Carlos Bramante	UNICAMP	São Paulo	Sudeste
Elza Peixoto	UEL	Paraná	Sul
Ethel B. Medeiros	FGV ¹	Rio de Janeiro	Sudeste
Heloísa Turini Bruhns	UNICAMP	São Paulo	Sudeste
Helder Ferreira Isayama	UFMG	Minas Gerais	Sudeste
Joffre Dumazedier	PARIS-V	Paris	-
Leila Mirtes S. de M. Pinto	UFMG	Minas Gerais	Sudeste
Lênea Gaelzer	UFRGS ²	Rio Grande do Sul	Sul
Luiz Octávio de Lima Camargo	UNICAMP	São Paulo	Sudeste
Nelson Carvalho Marcellino	UNICAMP	São Paulo	Sudeste
Renato Requixa	SESC	São Paulo	Sudeste
Tereza França	UFPE	Pernambuco	Nordeste

Fonte: Adaptado de Werneck (2000)

¹ Fundação Getúlio Vargas.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Passadas duas décadas e meia, a pergunta é direta: essa geografia da autoridade se alterou ou seguimos reproduzindo os mesmos centros de poder? Tendo em vista que os artigos se tornaram peça-chave para identificar autoridade científica de agentes no século XXI, comparamos o mapa de nomes e instituições levantado por Werneck (2000) com a distribuição efetiva da produção de artigos sobre o lazer a partir dos anos 2000. Para qualificar essa comparação, apresentamos, a seguir, o recorte dos 12 agentes mais produtivos no período e suas afiliações, permitindo analisar passado e presente a partir de um novo critério de autoridade:

Quadro 2 – 12 Agentes que mais produziram artigos entre 2000 e 2022 com o termo “lazer” no título, por instituição, estado e região.

Agente	Artigos	Instituição	Estado	Região
Alcyane Marinho	20	UNESC ³	Santa Catarina	Sul
Christianne Luce Gomes	20	UFMG	Minas Gerais	Sudeste
Cinthia Lopes da Silva	27	UFPR ⁴	Paraná	Sul
Edmilson Santos dos Santos	17	UNIVASF ⁵	Pernambuco	Nordeste
Fernando Augusto Starepravo	22	UEM ⁶	Paraná	Sul
Gisele Maria Schwartz	24	UNESP ⁷	São Paulo	Sudeste
Helder Ferreira Isayama	35	UFMG	Minas Gerais	Sudeste
Marco Paulo Stigger	15	UFRGS	Rio Grande do Sul	Sul
Mirleide Charr Bahia	15	UFPA ⁸	Pará	Norte
Nelson Carvalho Marcellino	35	UNIMEP ⁹	São Paulo	Sudeste
Silvia Cristina Franco Amaral	20	UNICAMP	São Paulo	Sudeste
Simone Rechia	25	UFPR	Paraná	Sul

Fonte: Adaptado de Cavalcante; Lazzarotti Filho (2024b)

³ Universidade do Estado de Santa Catarina.

⁴ Universidade Federal do Paraná.

⁵ Universidade Federal do Vale do São Francisco.

⁶ Universidade Estadual de Maringá.

⁷ Universidade Estadual Paulista.

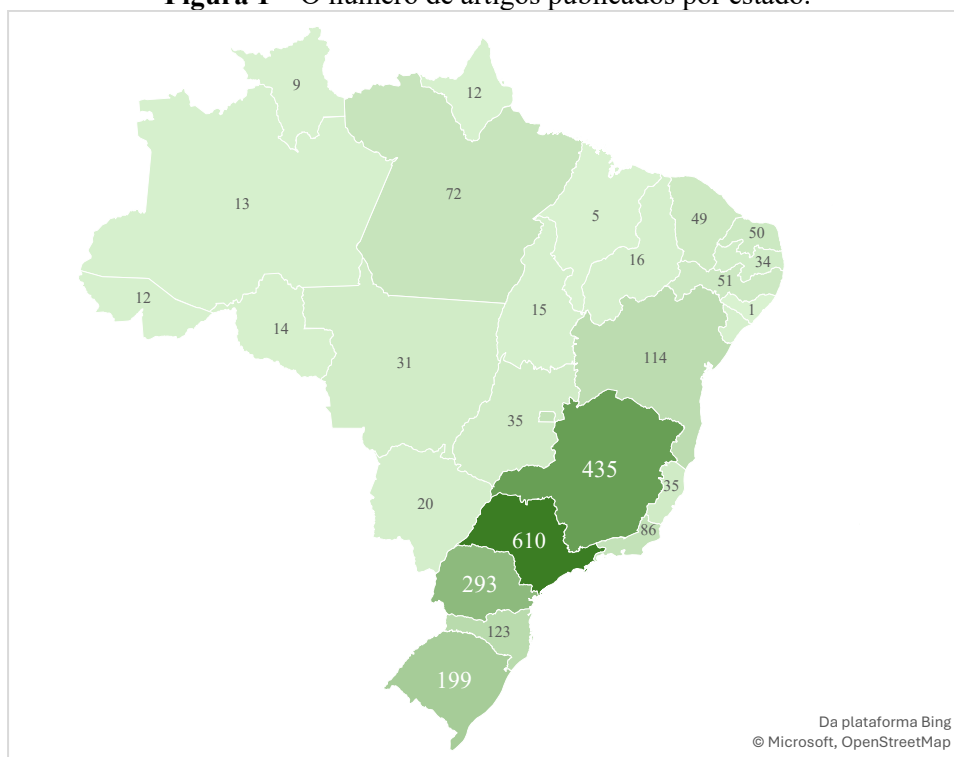
⁸ Universidade Federal do Pará.

⁹ Universidade Metodista de Piracicaba.

Em termos comparativos, entre os 12 agentes destacados por Werneck (2000), 72,7% eram do Sudeste, 18,2% do Sul, 9,1% do Nordeste e Centro-Oeste e Norte estavam ausentes. Já entre os 12 agentes mais produtivos entre 2000 e 2022, observamos que 41,7% são do Sudeste, 41,7% do Sul, 8,3% do Nordeste, 8,3% do Norte e o Centro-Oeste segue ausente. Ou seja, houve deslocamento parcial do Sudeste para o Sul e uma pequena abertura ao Norte, mas a ausência do Centro-Oeste persiste. Além disso, as afiliações seguem majoritariamente ancoradas em redes e infraestruturas do eixo Sudeste-Sul, apesar da variação de instituições e do maior protagonismo sulista entre os pesquisadores mais produtivos.

Ampliando para além desses 12 agentes e olhando para a publicação em seu total, o padrão de concentração permanece como ilustrado na Figura 1. Na produção de artigos entre 2000 e 2022, o Sudeste responde por 47,88%, o Sul por 25,25%, o Nordeste por 13,75%, o Centro-Oeste por 7,06% e o Norte por 6,03% (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024b). Em síntese: há desconcentração relativa e sinais de expansão para além dos polos dominantes, mas a autoridade científica segue territorialmente concentrada, ainda que com variações institucionais e uma leve reconfiguração regional.

Figura 1 – O número de artigos publicados por estado.



Fonte: Adaptado de Cavalcante; Lazzarotti Filho (2024b)

Em outras palavras, os polos de autoridade descritos por Werneck (2000) se mantiveram no território e agentes consolidados localizados no Sudeste-Sul continuam convertendo vantagens acumuladas em volume e visibilidade de publicações. Aqui, o conceito de reprodução operacionalizado por Bourdieu e Passeron (2014) para pensar a educação na França oferece uma chave analítica interessante. Em *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, os autores mostram que a escola, sob a aparência de neutralidade, transforma desigualdades sociais prévias – como a posse de capital cultural e a familiaridade com a suposta cultura legítima – em mérito escolar, por meio de dispositivos como a ação pedagógica aparentemente neutra e a violência simbólica. O resultado é a conversão de capitais herdados em vantagens acumuladas no percurso escolar, legitimando e perpetuando hierarquias (Almeida, 2017; Bourdieu; Passeron, 2014; Reay, 2022). Por analogia, na produção sobre o lazer, capitais científicos sedimentados no passado, materializados nos departamentos e instituições com autoridade apresentados por Werneck (2000), são reconvertidos em novas vantagens, ou seja, mais publicações, mais citações, mais posições em pós-graduação e editorias, mantendo a centralidade do Sudeste-Sul e limitando as chances objetivas de consagração de regiões periféricas. Essa reprodução não é mecânica nem absoluta, mas tende a prevalecer enquanto os mesmos espaços de consagração permanecerem sob o controle dos agentes e instituições dominantes.

Isso não significa ausência de movimento. Há, como já mostrado, expansão e algum adensamento fora das regiões dominantes quando olhamos para a publicação de artigos entre 2000 e 2022. Relativamente, porém, o crescimento não altera de modo contundente a estrutura distributiva de capital e autoridade: o campo ganha volume, mas o lugar da produção permanece concentrado. Essa concentração transparece também na produtividade autoral: 74,63% dos agentes assinam apenas um artigo sobre lazer e não publicam novamente, enquanto apenas 1,77% alcançam 10 ou mais publicações (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024a), sinal de forte dependência de poucos agentes e instituições e de capital científico densamente acumulado na mão de poucos agentes. É possível, inclusive, que tal assimetria não seja exclusiva do lazer e reflita tendências mais gerais da ciência, mas essa hipótese demanda verificações específicas em outras áreas de pesquisa. Essa cartografia importa porque ilustra quem fala, a partir de quais recursos e com que probabilidade de reconhecimento. Isso significa que quem decide no campo é quem consegue converter pesquisa

em autoridade científica no jogo atual, em que os artigos predominam como capital valorizado. Em resumo: quem publica decide.

Neste cenário, emerge outra questão: quais as chances de ampliarmos a participação de regiões com menos capital na produção científica sobre o lazer no Brasil? Lendo com Bourdieu, uma resposta inevitavelmente pessimista se impõe. Todo campo tende ao conservadorismo, pois os agentes dominantes se beneficiam da estrutura vigente e, pela posição que ocupam, controlam também as condições de sua transformação (Bourdieu; Wacquant, 2005; Lahire, 2017; Thompson, 2018). No nosso caso, trata-se majoritariamente dos agentes e instituições localizados no Sudeste-Sul, que definem – muitas vezes de modo não intencional – critérios de excelência, redes de coautoria, ocupação de editorias e padrões de avaliação. Além disso, mecanismos de avaliação e fomento operam de forma cumulativa: quem mais publica tende a receber mais recursos; quem recebe mais recursos publica mais. Assim, desigualdades pretéritas convertem-se em vantagens presentes, reproduzindo a concentração regional de capital científico. Importa sublinhar: não sugerimos aqui que agentes dominantes conspiram contra agentes periféricos ou que devam produzir menos. O ponto é reconhecer que, dadas as propriedades do campo, a reprodução das assimetrias não precisa de um plano consciente para acontecer, pois ela decorre do encontro entre estruturas objetivas e disposições incorporadas.

Dito isso, a consequência científica é clara: perdemos diversidade de olhares e de objetos quando a produção permanece concentrada. Corrigir essas assimetrias, para ampliarmos a compreensão do lazer em diferentes regiões, exige revisarmos critérios e incentivos, como fomento com recortes regionais para áreas menos produtivas, conselhos editoriais mais diversos que abarquem essas regiões, cooperações inter-regionais e reconhecimento de contextos de produção distintos. Mesmo assim, as mudanças tenderão a ser lentas, porque enfrentam a inércia conservadora própria do campo.

Um dado que merece destaque nos agentes citados por Werneck (2000) é o equilíbrio de gênero. No Quadro 1, são seis mulheres e seis homens, sinal de um campo que, desde seus passos iniciais, apresentou simetria na participação. Nos dados atuais, a paridade reaparece: as mulheres respondem por 49,51% das autorias de artigos sobre lazer e os homens por 50,49% (Cavalcante *et al.*, 2025), quadro mais equilibrado do que aquele observado em boa parte da ciência mundial (Elsevier, 2024). Há, contudo, um reparo importante: à medida que se sobe a régua da produtividade, a distância se alarga: entre os agentes mais produtivos – que aqui consideramos os

que publicaram cinco ou mais artigos –, as mulheres concentram 45,53% das autorias e os homens 54,47% (Cavalcante *et al.*, 2025). Mesmo assim, o recorte do Quadro 2 indica uma inflexão relevante no topo: entre os 12 agentes mais produtivos entre 2000 e 2022, sete são mulheres, que representam 58,3% e são responsáveis por 151 publicações; e cinco são homens, que representam 41,7% e autoram 124 artigos. Em síntese, o campo do lazer combina uma base historicamente paritária com assimetrias ainda presentes no ápice produtivo, embora se observe uma predominância das mulheres entre os 12 nomes de maior volume de publicações.

Em resumo, vimos que a autoridade permanece concentrada e que a distribuição regional do capital científico se reproduz, ainda que com pequenas desconcentrações e apesar de certo equilíbrio de gênero. O passo seguinte é perguntar o que essa configuração faz ao próprio estatuto do lazer enquanto campo: ter periódicos, eventos e grupos de pesquisa é um avanço, mas autonomia, em sentido bourdieusiano, supõe regras de validação relativamente próprias e capacidade de sustentar agendas mesmo sob pressões externas. É exatamente essa tensão, entre autonomia e dependência, que orienta a questão a seguir:

LAZER: UM CAMPO CIENTÍFICO AUTÔNOMO E ESTRUTURADO?

Se entendermos autonomia como a capacidade de um campo estabelecer regras próprias de validação e sustentar agendas relativamente independentes de pressões externas (Bourdieu, 2004), o caso do lazer no Brasil apresenta um quadro misto: houve ganhos institucionais inegáveis, mas eles convivem com condicionantes que mantêm a autonomia apenas relativa.

Desde os anos 2000, o campo consolidou instâncias próprias de consagração e circulação, o que, sem sombra de dúvidas, é positivo. Destacam-se a *Licere* e a *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, que operam como arenas editoriais especializadas, reconhecidas pelos pares e onde os agentes do campo publicam a maioria de suas pesquisas. Ao lado dessas revistas, grupos espalhados pelo país – a maioria situados em faculdades de Educação Física (Gomes; Elizalde, 2012; Melo, 2004; Melo; Alves Júnior, 2012; Werneck, 2003) –, eventos como o ENAREL e redes de colaboração delimitaram um espaço discursivo específico, no qual os critérios de valor passam a ser disputados internamente. No plano da produção de artigos, observamos a ampliação do repertório teórico e o adensamento dos debates conceituais, que representam 19,58% dos artigos publicados sobre o lazer (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024c) , o que contrasta com o diagnóstico

de superficialidade apontado no século passado, à época marcado por relatos de experiência (Melo, 1999), demonstrando um avanço do campo do ponto de vista de suas reflexões teóricas.

Entretanto, a autonomia conquistada é parcial. Em primeiro lugar, porque parcela expressiva da produção sobre o lazer permanece ancorada e validada em periódicos da Educação Física, com 38,5% dos artigos ainda sendo publicados nesses locais (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024a), o que mantém o lazer, em boa medida, submetido às hierarquias e aos padrões de reconhecimento dessa área. Em segundo lugar, porque métricas e dispositivos de avaliação (Qualis Periódicos, indexações, indicadores bibliométricos) operam como instâncias externas de legitimação, reordenando incentivos para publicar aqui ou ali, favorecendo certos locais e desestimulando outros, inclusive, por meio de avaliações desfavoráveis a revistas especializadas como a *Licere* e a *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, o que afeta sua atratividade sob pressão produtivista imposta aos agentes dentro do campo científico – a *Licere*, por exemplo, foi avaliada como B2 em todas avaliações do Qualis Periódicos e a *Revista Brasileira de Estudos do Lazer* foi classificada como B5 entre 2013 e 2016 e B3 entre 2017 e 2020. Em terceiro lugar, porque, numa ciência brasileira majoritariamente financiada pelo setor público, incide com força a condição de dupla dominação que sofre o lazer.

Para explicitar essa dupla dominação, convém articular dois planos: o plano externo, onde está a Educação Física, campo de origem e principal matriz institucional da produção sobre o lazer, que ocupa uma posição dominada no interior das Ciências da Saúde (Barata *et al.*, 2014); e o plano interno, dentro da própria Educação Física, onde o lazer se insere sobretudo na área sociocultural e pedagógica, historicamente menos favorecida em fomento quando comparada a biodinâmica. Em razão dessa condição, o lazer é dominado duas vezes: de um lado, pela posição da Educação Física nas Ciências da Saúde; de outro, pela posição do lazer dentro da própria Educação Física. Num ambiente de crônico subfinanciamento com o qual a ciência brasileira convive, essa posição se converte em menor acesso a recursos e, por conseguinte, na predominância da realização de estudos acessíveis, caracterizados pelo seu baixo custo operacional, que representam 48,18% dos artigos publicados sobre o lazer no Brasil (Cavalcante; Lazzarotti Filho, 2024c). Isso significa que temos pesquisadores pressionados a produzir na era do “publicar ou perecer” e com pouco financiamento para isso, o que faz com que eles realizem pesquisas com desenhos metodológicos de baixo custo, contando com pouco ou nenhum financiamento. Assim, a procura por estudos acessíveis está imbricadamente relacionada à pobreza material observada, o que não decorre de uma simples opção

metodológica, mas exprime condicionantes estruturais associados a essa dupla dominação à qual o lazer é submetido.

Inclusive, essa dupla dominação é constatada na fragilidade institucional do lazer. Entre as iniciativas citadas por Werneck (2000) – que, à época, reuniam grupos e formações específicas –, a maioria foi encerrada como o Centro de Estudos de Lazer e Recreação na PUC-RS; o Celazer no SESC; o Departamento de Estudos do Lazer na UNICAMP; e a Especialização em Estudos do Lazer na UEL. Sobreviveram, somente, o Centro de Estudos de Lazer e Recreação na UFMG e o Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Lazer na UFPE. Em suma, das seis iniciativas destacadas por Werneck (2000), apenas duas permanecem ativas, um indicador eloquente das dificuldades de sustentação material e organizacional das estruturas do campo, demonstrando sua suscetibilidade à instabilidade.

Diante dessa vulnerabilidade, quais as nossas possibilidades? Um debate internacional pode nos ajudar a dimensionar o problema e seus dilemas. Jackson (2004) mostrou e criticou a concentração da produção de artigos sobre o lazer em poucos pesquisadores e departamentos nos Estados Unidos e no Canadá. De acordo com o estudo, apenas 22 autores, equivalentes a 2,0% do total de pesquisadores, alcançaram 11 ou mais artigos publicados, evidenciando o alto grau de concentração autoral (Jackson, 2004). Em resposta, outros pesquisadores argumentaram que essa concentração da produção poderia ser benéfica para os estudos do lazer, pois departamentos produtivos podem atrair mais estudantes e mais financiamento, gerando benefícios, ao passo que unidades menores tendem a ser mais instáveis (Walker; Fenton, 2011). Neste caso, é importante reconhecermos que a ciência não escapa às lutas por recursos (Albert; Kleinman, 2011; Bourdieu, 2004; Ragouet, 2017) e que um departamento de medicina, sem sombra de dúvidas, receberá mais recursos que um departamento de lazer. Por isso, o lazer como um tema duplamente dominado perde sua capacidade de financiamento e a fila do fomento à pesquisa tenderá a priorizar outras áreas antes dele. Nesse quadro, grandes departamentos negociam melhor internamente as universidades e alavancam visibilidade e prestígio, como é o caso, por exemplo, do Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG. Por outro lado, essa concentração traz riscos: homogeneização de agendas, excesso de poder e autoridade em poucos lugares e estreitamento de visões epistemológicas e geográficas. Neste cenário, é preciso reconhecer que não há solução única e que é fundamental equilibrar custos e benefícios, entre robustez institucional e diversidade geográfica, sabendo que qualquer uma de nossas escolhas trará prós e contras.

Afinal, retomando a questão desta seção: o lazer é hoje um campo científico autônomo e estruturado? A resposta, a nosso ver, é sim. Porém de modo relativo – como Bourdieu já apresentou repetidas vezes (Bourdieu, 2004; Bourdieu; Wacquant, 2005; Lahire, 2017; Thompson, 2018). Há estruturação real (periódicos próprios, repertório teórico mais denso, programas de pós-graduação que sobreviveram, certa interiorização), mas a autonomia permanece limitada pela produção ainda fortemente ancorada na Educação Física; pelas métricas e avaliações externas que desestimulam a publicação em periódicos próprios; pela dupla dominação, que reduz financiamento e empurra a área para pesquisas de baixo custo; e pela fragilidade institucional. Em outras palavras, o campo avançou em direção à mais autonomia, mas continua, ainda, dependente de mecanismos externos para reconhecimento e recursos. A partir dessa resposta avançamos, no fechamento deste ensaio, para a questão-síntese:

O QUE FIZEMOS DO CAMPO CIENTÍFICO DO LAZER 25 ANOS DEPOIS?

Werneck (2000, p. 87), ao final de sua apresentação, faz uma pergunta: “O que realmente desejamos – modificar ou conservar este jogo?” A provocação, sem dúvida, segue atual. Considerando as transformações discutidas ao longo deste ensaio, vale recolocá-la no presente: hoje, queremos modificar ou conservar este jogo? A resposta, em nossa visão, não é binária. Precisamos conservar o que gerou estrutura e deu autonomia – periódicos, programas de pós-graduação, grupos de pesquisa, repertório teórico – e modificar o que cristaliza assimetrias e restringe o desenvolvimento científico.

O que conservar: em primeiro lugar, a estrutura editorial, hoje representada por *Licere* e pela *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, que institui espaços especializados de discussão, memória acumulada e avaliação por pares. Mesmo diante de avaliações desfavoráveis no Qualis Periódicos, é estratégico que nós valorizemos e publiquemos nesses periódicos. Se migrarmos sistematicamente para revistas externas apenas para “otimizar” a nota de nossas publicações, alimentamos um ciclo vicioso: menos submissões levam a menos citações, que por sua vez mantêm as métricas e as notas baixas. Uma postura crítica frente ao Qualis Periódicos, aliada ao compromisso de fortalecer os nossos próprios espaços de consagração, é condição para reverter indicadores e, no médio prazo, melhorar as avaliações, pois entendemos que apesar de não devermos nos submeter inteiramente a elas, elas influenciam de maneira desproporcional a realidade dos pesquisadores no Brasil. Além disso, publicar prioritariamente onde o público do

campo efetivamente lê – no caso do Lazer na *Licere* e na *Revista Brasileira de Estudos do Lazer* – aumenta a probabilidade de debate, uso e citação pelos próprios agentes do campo. Caso contrário, quando seguimos apenas o Qualis Periódicos e dispersamos a produção em revistas pouco lidas pelo próprio campo, reduzimos nossa visibilidade e impacto interno. Em segundo lugar, devemos conservar as redes acadêmicas e de pós-graduação, como o Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer, que formam pesquisadores, ampliam a circulação científica e expandem agendas. Nesse ponto, departamentos e programas de maior porte cumprem papel estratégico, pois reúnem massa crítica, infraestrutura e capacidade de negociação institucional capazes de mitigar, ainda que parcialmente, os efeitos da dupla dominação que incide sobre o lazer. Em terceiro, o adensamento teórico conquistado nas últimas décadas, que elevou o nível dos debates e diversificou referenciais, condição fundamental para o progresso científico. Apesar disso reconhecemos que, neste momento, precisamos buscar mais empiria, pois amadurecemos significativamente do ponto de vista teórico e precisamos aplicar esta teoria em algum local. Por fim, apesar de construirmos nosso próprio espaço de divulgação, a interlocução com a Educação Física permanece necessária, pois sustenta um horizonte interdisciplinar valioso e histórico.

O que modificar: é preciso enfrentarmos a concentração regional de capital científico e, por consequência, de autoridade em poucas instituições, sem deslegitimar, obviamente, os polos que hoje sustentam o campo. Para isso precisamos diversificar equipes editoriais, incluindo regiões menos produtivas e criando dossiês inter-regionais. Necessitamos também recalibrar incentivos, reconhecendo contextos desiguais de produção, valorizando colaborações entre diferentes estados e repensando as avaliações da pós-graduação em relação aos nossos periódicos. Por fim, é fundamental aliviar a pobreza material de pesquisa sobre o lazer, ampliando os desenhos de estudo para além do baixo custo forçado, desafio agravado pela dupla dominação a qual o lazer é submetido. Acreditamos que aliviar essa pobreza material deve ser o principal desafio dos próximos anos, pois se inscreve no crônico subfinanciamento da ciência brasileira. Neste cenário urge formularmos estratégias para reverter essa realidade, não somente por parte do lazer, mas da ciência brasileira como um todo.

Todavia, reconhecemos que a transformação será gradual e cumulativa, pois os campos científicos são estruturalmente conservadores. Isso significa que a redistribuição de capitais e, conseqüentemente, a autoridade científica tendem a permanecer concentradas por conta da inércia do campo e dos benefícios que sua estrutura atual oferta aos agentes, neste momento, dominantes.

Ainda assim, ajustes pequenos e estáveis podem alterar o campo de modo duradouro sem sacrificar o que foi alcançado.

Voltando, enfim, à pergunta de Werneck: modificar ou conservar este jogo? A melhor resposta talvez seja: conservarmos as conquistas que nos deram mais autonomia e modificarmos os problemas que nos limitam. Se conseguirmos ancorar essa dupla orientação em práticas concretas, deixaremos de apenas pretender cientificidade e autonomia para exercê-las como projeto coletivo capaz de sustentar o campo científico do lazer nos próximos 25 anos.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, Mathieu; KLEINMAN, Daniel Lee. Bringing Pierre Bourdieu to Science and Technology Studies. **Minerva**, vol. 49, n. 03, pp. 263–273, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43548606>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- ALMEIDA, Ana Maria Fonseca de. Reprodução. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017. p. 313–315.
- BARATA, Rita B. *et al.* The configuration of the Brazilian scientific field. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, vol. 86, nº 1, p. 505–521, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0001-3765201420130023>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo, SP: UNESP, 2004.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Löic. **Um convite à sociologia reflexiva**. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 2005.
- CAVALCANTE, Fernando Resende *et al.* Entre Desigualdades Estruturais e Equilíbrios Numéricos: a participação das mulheres na produção científica sobre o lazer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 47, n. e20250060, p. 1–11, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/rbce.47.e20250060>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- CAVALCANTE, Fernando Resende; LAZZAROTTI FILHO, Ari. O Lazer no Campo Científico da Educação Física: entre o ganho de autonomia, a exclusão dos agentes e os estudos de grupos populacionais. **Movimento**, vol. 30, nº jan/dez, p. 0–28, 2024a. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.138503>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- CAVALCANTE, Fernando Resende; LAZZAROTTI FILHO. O Lazer no Campo Científico da Educação Física: periódicos, agentes, instituições e estados. **Licere**, vol. 28, nº 2, p. 0–28, 2024b. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.54932>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- CAVALCANTE, Fernando Resende; LAZZAROTTI FILHO, Ari. Tendências na Pesquisa sobre o Lazer: uma análise dos focos dos artigos do campo. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, vol. 11, nº 2, p. 48–70, 2024c. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/54584>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- DIAS, Cleber *et al.* Estudos do Lazer no Brasil em Princípios do Século XXI: panorama e perspectivas. **Movimento**, vol. 23, nº 2, p. 601–616, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.66121>. Acesso em: 7 nov. 2025.

ELSEVIER. **Progress Toward Gender Equality in Research Innovation 2024 - Review**. 2024. Disponível em: <https://www.elsevier.com/insights/gender-and-diversity-in-research>. Acesso em: 7 Jan. 2025.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes Latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2012.

JACKSON, Edgar L. Individual and institutional concentration of leisure research in North America. **Leisure Sciences**, vol. 26, no. 4, pp. 323–348, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01490400490502336>. Acesso em: 7 nov. 2025.

LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. pp. 64–66.

LAZZAROTTI FILHO, Ari *et al.* Modus Operandi da Produção Científica da Educação Física: uma análise das revistas e suas veiculações. **Journal of Physical Education**, vol. 23, nº 1. p. 1–14. 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/12551>. Acesso em: 7 nov. 2025.

LAZZAROTTI FILHO, Ari. O periodismo científico da Educação Física brasileira. **Motrivivência**, vol. 30, nº 54, p. 35–50, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-042.2018v30n54p35>. Acesso em: 7 nov. 2025.

LAZZAROTTI FILHO, Ari; SILVA, Ana Márcia; MASCARENHAS, Fernando. Transformações Contemporâneas do Campo Acadêmico-Científico da Educação Física no Brasil: novos habitus, modus operandi e objetos de disputa. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, vol. 20, nº esp, p. 67–80, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.48280>. Acesso em: 7 nov. 2025.

MELO, Victor Andrade. Lazer e Educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis - um enfoque na questão da formação -. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Helder Ferreira (orgs.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

MELO, Victor Andrade. Lazer: intervenção e conhecimento. 1999, Campinas. **Congresso Nacional Sudeste do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas: 1999. p. 17–21.

MELO, Victor Andrade; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. 2ªed. Barueri, SP: Manole, 2012.

RAGOUET, Pascal. Campo científico. In: CATANI, Afrânio Mendes (org.). **Vocabulário Bourdieu**. 1ªed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 68–71.

REAY, Diane. ‘The more things change the more they stay the same’: The continuing relevance of Bourdieu and Passeron’s Reproduction in Education, Society and Culture. **Spanish Journal of**

Sociology, vol. 3, no. 31, p. 1–20, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22325/>. Acesso em: 7 nov. 2025.

THOMPSON, Patricia. Campo. *In*: Michael Grenfell (org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 95–113.

WALKER, Gordon J.; FENTON, Lara. Institutional concentration of leisure research: A follow-up to and extension of Jackson (2004). **Journal of Leisure Research**, vol. 43, no. 4, p. 475–490, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00222216.2011.11950246>. Acesso em: 7 nov. 2025.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo. 2000, Balneário Camburiú. **Encontro Nacional de Recreação e Lazer**. Balneário Camburiú: Universidade do Vale do Itajaí, 2000. pp. 77–88.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Recreação e Lazer: apontamentos históricos no contexto da Educação Física. *In*: WERNECK, Christianne Luce Gomes (ed.). **Lazer, recreação e educação física: turismo, cultura e lazer**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

***POST SCRIPTUM* – ARTIGO 5**

**THE LEISURE FIELD IN THE 21ST CENTURY: INEQUALITIES AND
REPRODUCTION**

Artigo submetido na *Leisure Studies*.
Submetido em 25 de abril de 2025.

[...] the challenges faced by non-native English-speaking scientists are substantial and enduring. To participate in this scientific field, researchers must master not only the theoretical and methodological frameworks specific to their disciplines but also invest years in acquiring academic fluency in English. This endeavour demands significant time, financial resources, and cognitive effort, often in parallel with the pressures of building an academic career. This late-stage acquisition of linguistic proficiency, essential for producing scientifically acceptable texts, places these researchers at a considerable competitive disadvantage (Cavalcante; Mowatt, 2025).

The Leisure Field in the 21st Century: Inequalities and Reproduction

Fernando Resende Cavalcante^{ab*} and Rasul A. Mowatt^b

^a*Postgraduate Program in Physical Education, University of Brasília, Brasília, Brazil;*

^b*Parks, Recreation and Tourism Management, North Carolina State University,
Raleigh, United States of America.*

Abstract: Sometimes, it is essential for any scientific field to engage in self-reflection by critically analysing its intellectual production. This study examines articles published in leisure journals in the 21st century, identifying the number of publications, their authors, and affiliated institutions and countries. Data collection covered articles published between 2001 and 2023, identifying 5,639 distinct authors and 9,533 authorships. Additionally, 1,834 institutions were recorded, totalling 9,781 authorships, with authors from 85 countries and 9,547 mentions across these nations. Grounded in this empirical mapping, we apply Pierre Bourdieu's theory – particularly the concept of the scientific field – as an interpretive lens to examine power dynamics shaping the leisure field. The production of articles has seen notable growth, and this increase reflects how academic publishing has become a core practice embedded in the habitus of researchers, driven by competition for scientific capital, professional advancement, and institutional recognition. However, this expansion has not led to proportional diversification in authorship, institutional representation, or geographic distribution. Scientific capital remains highly concentrated among a small group of agents, predominantly Anglophone institutions and a few countries, restricting epistemological diversity and reinforcing historical inequalities.

Keywords: Leisure Studies; Scientific Field; Academic Production; Inequalities; Power Concentration.

Introduction: Reviewing Leisure Journals and Theoretical Directions

Sometimes, it is essential for any scientific field to engage in self-reflection by critically analysing its intellectual production. This introspective approach allows for the identification of both strengths and weaknesses, providing a deeper understanding of the power relations and structural dynamics shaping the field. This study contributes to this reflection by analysing scientific output published in specialised leisure journals, mapping not only the volume of articles but also their authorship, institutional affiliations, and countries of origin. Understanding these patterns helps assess the current state of the field and the practices that sustain it, while informing discussions on whether its structures should be maintained or reconfigured.

Since the last century, leisure research has been marked by investigations into the content and trends of its journals. For instance, Van Doren and Heit (1973) reviewed literature in the *Journal of Leisure Research*, observing a predominance of authors from the United States, despite the journal's global aim. In a subsequent study, Van Doren et al. (1984) systematically analysed citations from various volumes of the *Journal of Leisure Research* and *Leisure Sciences*, noting a significant growth in leisure and recreation research since the late 1950s. Similarly, Riddick et al. (1984) examined quantitative articles published between 1978 and 1982 in the *Journal of Leisure Research*, identifying a lack of theoretical grounding and methodological improvements, though they acknowledged gradual improvements in article quality.

Burton and Jackson (1989) surveyed researchers who published articles in six leisure and recreation journals: *Journal of Leisure Research*, *Society and Leisure*, *Recreation Research Review*, *Leisure Sciences*, *Leisure Studies*, and *Journal of Park and Recreation Administration* in 1987, identifying a predominance of authors from the United States and a perceived fragmentation in research approaches. More recently, Valentine et al. (1999) examined the cross-national dimension of publications in the *Journal of Leisure Research*, *Leisure Sciences*, and *Leisure Studies* over 20 years, finding that only 20 out of 1,352 articles (1.5%) had a cross-national approach, highlighting these journals' failure to provide a global perspective. Samdahl and Kelly (1999) assessed leisure journals' international reach between 1989 and 1998 using citation indexes, concluding that these journals cited other fields sparingly and were rarely cited by them, reflecting academic isolation.

In addition to research from the last century, studies published in the current century have examined important aspects of leisure journals. Jackson (2003) analysed

research dissemination patterns between Canada and the United States from 1990 to 1999, noting a preference among researchers to publish in domestic conferences and journals, suggesting intellectual and geographical isolation. In response, Samdahl (2003) questioned Jackson's interpretation, arguing that Jackson overlooked the significant presence of American researchers in Canadian events and publications. Shaw (2003) proposed that Jackson's data might only represent the tip of the iceberg, suggesting that the gap between North American research – already isolated between Canada and the United States – might be even greater compared to other regions such as Africa, South America, Asia, Europe, and Oceania.

In a subsequent study, Jackson (2004) mapped the characteristics of the North American leisure research community between 1990 and 1999, highlighting a concentration of publications at both individual and institutional levels, with a few authors dominating scientific production. Revisiting this issue, Walker and Fenton (2011) observed an increasing concentration of publications from 2000 to 2008, with more authors publishing less and fewer authors publishing more.

Studies published during the second decade of the 21st century have also made important contributions to advancing knowledge within the leisure field. Edginton et al. (2014), for instance, conducted a historical analysis of content published in the *World Leisure Journal* and its predecessors between 1958 and 2012, identifying that 44% of the publications originated from North American authors, followed by 14% from European researchers. Similarly, Karlis et al. (2018) examined articles published in *Leisure/Loisir*, *Society and Leisure*, and the *Journal of Leisurability* from 1979 to 2017, concluding that a quantitative methodological orientation predominated, with the 1980s marking the peak in scholarly output. More recently, Singh et al. (2023) offered a comprehensive review of the academic structure of the *World Leisure Journal*, analysing publications from 2000 to 2022 and revealing a steady increase in output, with the United States leading in publication volume, followed by Canada, Australia, the United Kingdom, and China.

These studies confirm the expansion of leisure-related academic production since the mid-20th century. Yet, this growth has not been accompanied by increased geographic or epistemological diversity. Instead, the literature repeatedly points to the hegemony of Anglophone countries, limited collaboration across borders, and the centralisation of output among a few authors.

Although numerous contributions have mapped historical trends in leisure research during the 20th century, only a limited number have examined the developments

of the 21st century in depth. Among those that have, most adopt a narrow analytical scope – focusing on individual journals (Singh et al., 2023; Edginton et al., 2014), specific national contexts such as Canada (Karlis et al., 2018), or North American outputs more broadly (Walker & Fenton, 2011). This study expands that focus by examining a wider array of journals: *Annals of Leisure Research*, *International Journal of the Sociology of Leisure*, *Journal of Leisure Research*, *Leisure Sciences*, *Leisure Studies*, *Leisure/Loisir*, *Society and Leisure/Loisir et Société*, and the *World Leisure Journal*.

In addition, the contribution of these studies remains primarily descriptive and is rarely connected to theoretical frameworks that could interpret how such patterns emerge and are reproduced. To address this limitation, the present study draws on Pierre Bourdieu's concept of the scientific field. This perspective conceives academic production as a structured space of competition, where agents pursue scientific capital through practices such as publication, institutional prestige, and international visibility (Bourdieu, 2004). In this view, articles are not merely vehicles for disseminating knowledge but also instruments through which scholars compete for symbolic power, legitimacy, and recognition within academic hierarchies. While Bourdieu's contributions have already informed a wide range of leisure research – including studies on cultural distinction (Kane, 2010), nature connection (Grimwood et al., 2023), class (Buscemi, 2019; Gemar, 2020), race (Erickson et al., 2009; Haluza-DeLay, 2006; Lee et al., 2014; Lee & Scott, 2016), gender (Lee et al., 2014; Nieri & Hughes, 2023), and ethnicity (Griffin & Glover, 2023; Horolets et al., 2019; O'Regan, 2016; Wheaton & Liu, 2024) – the concept of the 'scientific field' remains unexplored. By employing this concept, the current study provides an interpretive framework to examine publication patterns among authors, institutions, and countries.

With this in mind, the present study examines articles published in leisure journals in the 21st century, identifying the number of publications, their authors, and affiliated institutions and countries, using Pierre Bourdieu's concept of the scientific field. Based on this context, the study addresses the following research question: What is the number of articles published in leisure journals in the 21st century, and who are their authors, institutions, and countries of affiliation – and how does the concept of the scientific field help interpret these patterns?

Methodology

For this study, articles published in the following journals were analysed: *Annals of Leisure Research*, *International Journal of the Sociology of Leisure*, *Journal of Leisure Research*, *Leisure Sciences*, *Leisure Studies*, *Leisure/Loisir*, *Society and Leisure/Loisir et Société*, and *World Leisure Journal*. The selection of these journals was based on the criteria of double-blind peer-review and a specific focus on leisure studies, distinguishing them from journals with broader thematic scopes. Although we acknowledge the blurred boundaries in defining journals dedicated exclusively to leisure, we argue that the selected journals present leisure studies as their central focus, thereby serving as key sources within this academic field.

Data collection encompassed all articles published between 2001 and 2023, thus covering the entirety of the 21st century. The articles were obtained directly from the journals' websites and organised into digital folders by year and journal. The selection was limited to articles, excluding other types of publications such as comments, book reviews, news, editorials, and calls for submissions. This approach ensured uniformity in the analysed material, recognising that these other formats, while relevant, serve different purposes compared to peer-reviewed articles. During the download process, we encountered instances where texts were labelled as articles on the journals' websites but were comments or news. These texts were excluded, retaining only those verified as articles in the PDF files. Additionally, inconsistencies in publication dates were found – articles listed as published in 2015, for example, were dated as 2016 in the PDF files. In such cases, the publication year from the PDF was prioritised to ensure accuracy.

We identified 4,090 articles and extracted authors, institutions and countries into Excel. This yielded 5,639 distinct authors (9,533 authorships), 1,834 institutions (9,781 authorships) and 85 countries (9,547 mentions). Discrepancies between the number of authors, institutions, and countries and their respective authorship frequencies are explained by the fact that some contributors appeared in more than one article. Multiple affiliations/countries were counted; when both were from the same country, it was counted once. It is important to note that several authors did not specify their institutional affiliations or countries. When only the institutional affiliation was available, an internet search was conducted to determine the institution's location. If only the country was listed, the country data was recorded. In cases where neither the institution nor the country was indicated, the entry was recorded as 'Not identified'. See Table 1.

Table 1. Total number of authors, institutions, and countries, and their respective authorships.

Category	Total	Authorships	Not Identified
Authors	5,639	9,533	-
Institutions	1,834	9,781	43
Countries	85	9,547	46

After data collection, careful data processing was conducted to ensure the precise identification of each entry. We observed that journals varied in how they abbreviated authors' names – some using initials, others including middle names. To resolve discrepancies, we conducted online searches to identify the institutional affiliations of abbreviated author names. When both name variations corresponded to the same institution, they were grouped accordingly. Where identification was inconclusive, the names were retained as separate entries.

Special attention was also given to the naming conventions of educational institutions. Some institutions were listed along with specific campuses; in such cases, we preserved their original form – for example, 'California State University – East Bay,' 'California State University – Long Beach,' and 'California State University – Los Angeles.' Additionally, variations in naming – such as the inclusion or omission of the article 'the' (e.g., 'The University of Melbourne' vs. 'University of Melbourne') – were verified through online searches. When confirmed to refer to the same institution, entries were grouped appropriately. We also respected the country designation as reported by the authors. For instance, some authors identified as being from the United Kingdom, while others specified England. Although England is part of the United Kingdom, the original nomenclature was preserved in the dataset. Lastly, all percentages presented in this article were rounded to two decimal places. We next interpret these distributions through a Bourdieusian scientific field lens.

A Bourdieusian Lens on the Scientific Field of Leisure

Before understanding the 'scientific field', we must first grasp the concept of the field, as proposed by Bourdieu. According to the author, social space comprises various fields – economic, artistic, literary, and scientific – each populated by agents who occupy

positions of dominance or domination based on their respective capitals (Bourdieu, 1975b, 1976, 1998, 2004; Thompson, 2008).

The position of an agent within these fields is defined by the specific forms of capital they possess (Bourdieu, 1998, 2004; Bourdieu & Wacquant, 1992; Moore, 2008; Thompson, 2008). For example, in the economic field, capital manifests as material assets such as property and investments (Bourdieu & Wacquant, 1992). Conversely, in the scientific field, capital is evidenced through accolades like the Nobel Prize, publications in prestigious journals, and esteemed academic positions (Bourdieu, 2004), such as a professorship at Princeton University or an editorial role at *Nature*.

Moreover, each field is characterised by a habitus – a system of dispositions shaping how agents behave, think, and feel within that context. This habitus is embodied in the agents and establishes a reciprocal relationship, with the agents influencing the field and vice versa (Bourdieu & Wacquant, 1992; Maton, 2008; Thompson, 2008).

In the field, agents in varying positions – some dominant and others dominated – engage in a struggle for capital. Dominant agents aim to maintain their status, while dominated agents strive to ascend (Bourdieu, 1984, 1998; Moore, 2008; Thompson, 2008). This struggle is shaped by the habitus of the field, driving agents to seek internal mobility to acquire capital (Maton, 2008). Consequently, fields function as arenas of competition, where agents vie for positions that confer power and recognition (Bourdieu, 2004; Bourdieu & Wacquant, 1992; Maton, 2008; Thompson, 2008).

Recognising that fields are inherently competitive, Bourdieu contends that the scientific field, like others, serves as a battleground for scientific capital, which confers recognition upon its agents – specifically, the authors of articles. This perspective challenges hagiographic narratives of science, which portray scientists as purely altruistic contributors to knowledge (Albert & Kleinman, 2011; Bourdieu, 1975b, 1975a, 1976, 2004; Bourdieu & Wacquant, 1992; Fuhse, 2020). Within this framework, agents seek two forms of capital: temporal capital and scientific capital (Bourdieu, 2004). Temporal capital refers to the advantages accumulated through sustained participation and seniority in the academic field. It is embodied in long-term institutional roles and the durability of a scholar's presence within academia, such as holding the position of full professor, university chancellor, department head, or editor of a scientific journal. This capital enables agents to influence key processes such as editorial decisions, peer-review procedures, and the distribution of funding opportunities (Bourdieu, 2004). For example, scholars with long-standing affiliations in prestigious institutions often participate in

doctoral committees, grant evaluation panels, and international academic networks, thereby reinforcing their authority and shaping research agendas. It is important to note, however, that while temporal capital is theoretically relevant to the structure of the scientific field, it was not operationalised in the empirical analysis due to limitations in available data.

Scientific capital, on the other hand, is represented by published works – articles, conferences, and books that contribute to the advancement of knowledge (Bourdieu, 2004). For instance, publishing in journals focused on leisure, such as *Leisure Studies*, serves as a manifestation of scientific capital, and the production of scientific articles becomes a competitive endeavour, where the format and substance of texts are crafted to maximise recognition.

In summary, drawing on Bourdieu's theory, agents in the scientific field produce articles to gain scientific capital, aiming to achieve or sustain dominant positions. This scientific capital, embodied in published works, grants power and recognition to agents. Importantly, the motivations of agents extend beyond mere knowledge production; they seek to accumulate temporal capital through institutional roles, secure research funding, attract students, and remain active within their fields. These dynamics underscore that a scientific article is not merely a text elucidating a phenomenon but a strategic asset contributing to agents' objectives within the competitive landscape of the scientific field. This broader motivation for accumulating scientific capital informs the actions of agents at various stages of their careers, from master's students aspiring to doctoral studies to established professors seeking to elevate their standing or obtain research funding.

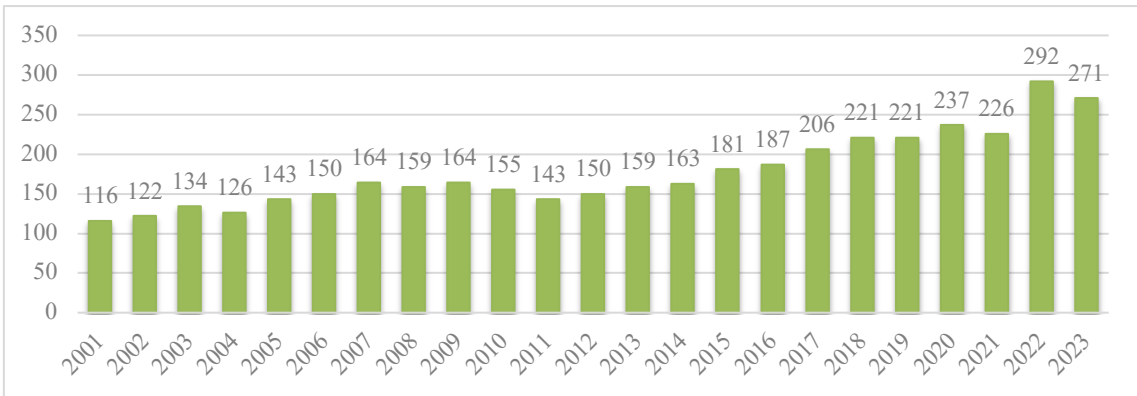
In this sense, the empirical data presented in the following sections reinforce Bourdieu's theoretical model by illustrating how the dynamics of scientific capital unfold in the leisure field. This study analyses the distribution of authorship, institutional affiliation, and country of origin to understand how scientific capital is accumulated and where it is concentrated. The growing number of published articles suggests that scientific production has become a central practice within the habitus of researchers, aligned with the competitive logic of the field, as will be evident in the sections that follow. While publication has intensified, most authors contribute only once, and a limited number of individuals and institutions concentrate a disproportionate share of scientific capital. These dominant agents, often associated with prestigious universities and countries where English is the language, benefit from structural advantages that enhance their visibility,

influence, and access to academic networks. As a result, the scientific field not only reflects but also reproduces inequalities.

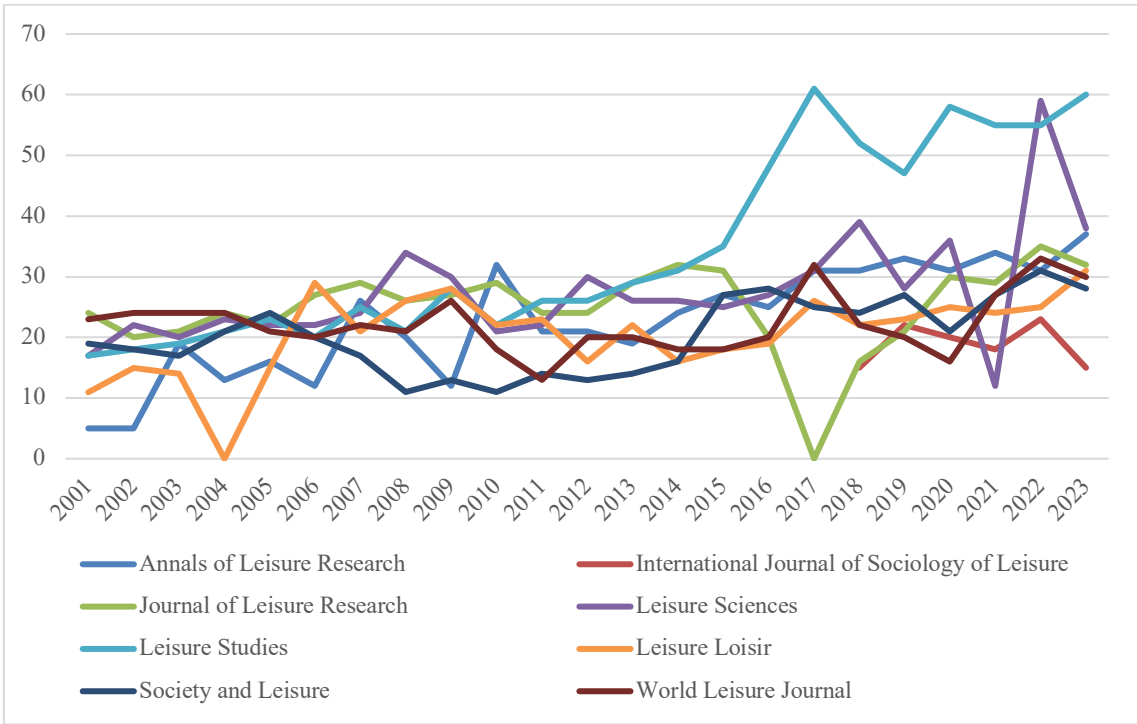
The Growth of Publishing as Scientific Habitus

Since the commencement of the 21st century, a notable trend of growth has emerged in the production of articles within the field of leisure, as depicted in Graphs 1 and 2.

Graph 1. Number of articles published per year.



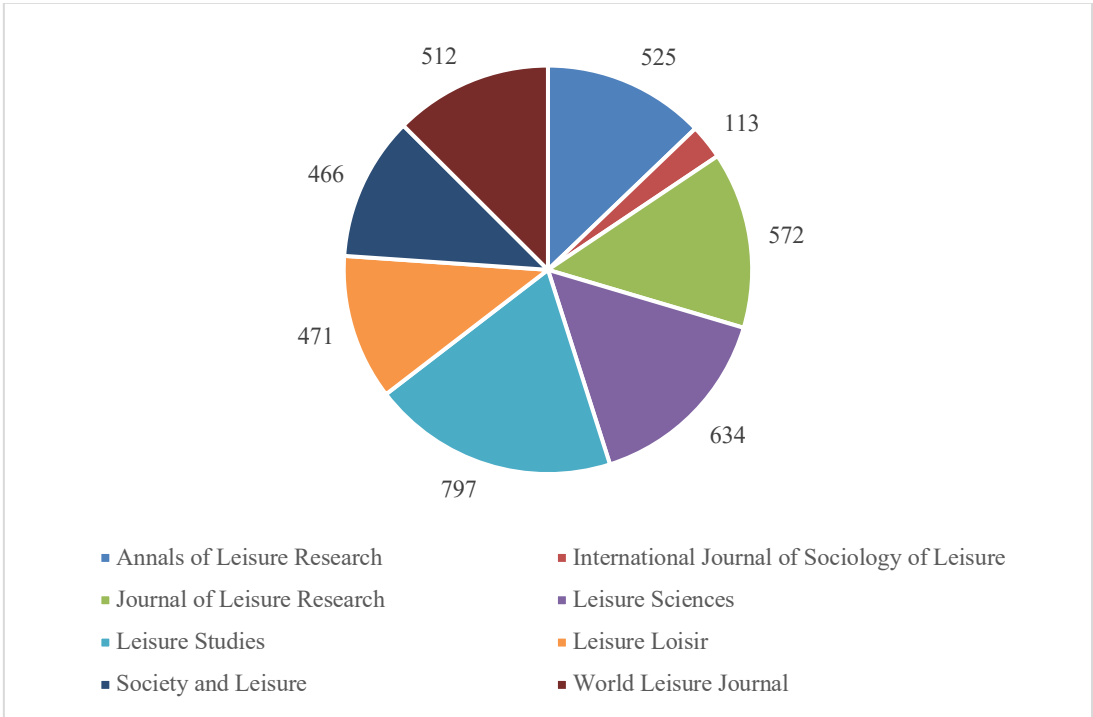
Graph 2. Number of articles published per journal per year.



The increase in the number of articles published in journals is evident, rising from 116 in 2001 to 271 in 2023, representing a growth of 133.62%. This upward trajectory in

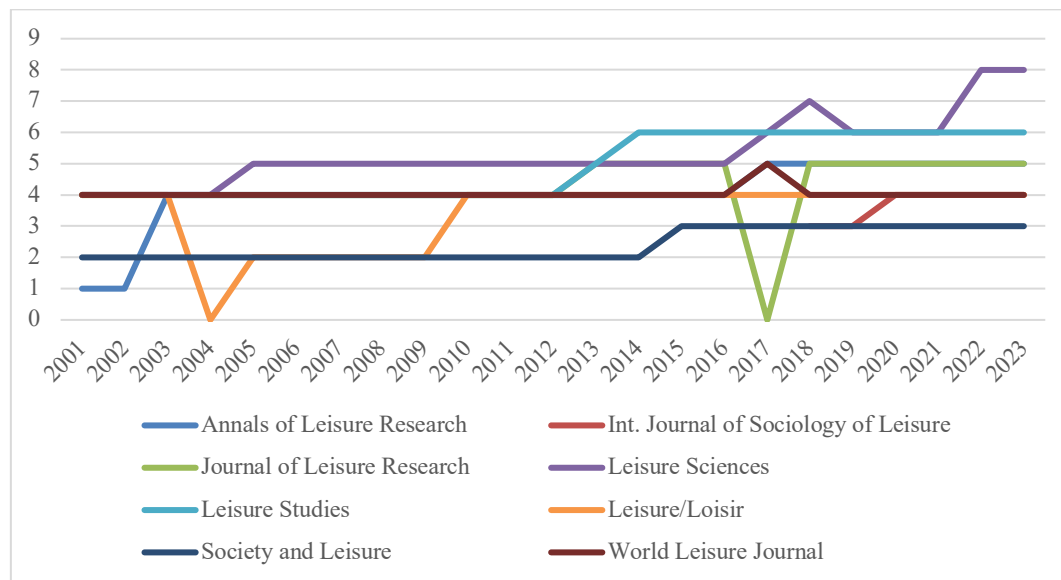
publication has been observed since the previous century (Burdge, 1983; Riddick et al., 1984; Van Doren et al., 1984), as well as in the *World Leisure Journal* (Singh et al., 2023). The peak in this output was recorded in 2022, with a total of 292 articles published, marking the highest annual production ever recorded. It is important to note that this significant increase occurred without a substantial expansion in the number of journals analysed in this study, suggesting that the same journals began publishing more articles. Since 2001, only the *International Journal of the Sociology of Leisure*, launched in 2018, has been incorporated into the set of scientific journals analysed. While the growth in the number of publications can partly be attributed to the inclusion of this new journal, the analysis shows that, even excluding its contributions – 15 articles in 2023 – the number of published articles still demonstrated a considerable increase of 120.69% by 2023. These findings suggest that, irrespective of the emergence of new journals, scientific production more than doubled during the analysed period, with an increasing number of agents and institutions contributing to the production of knowledge and pursuing scientific capital through articles. Moreover, the journals with the highest publication output were *Leisure Studies*, followed by *Leisure Sciences* and the *Journal of Leisure Research*, as illustrated in Graph 3.

Graph 3. Number of articles published per journal.



Graph 4 provides further insight into this pattern by analysing the number of issues published annually by each journal. The data reveal a gradual, though uneven, expansion. *Leisure Sciences* increased from 4 to 8 issues, *Leisure Studies* from 4 to 6, and *Annals of Leisure Research* from 1 to 5. Meanwhile, journals such as *World Leisure Journal* maintained a stable number of issues, and others, including *Leisure/Loisir* and *Society and Leisure*, showed only modest growth. The *International Journal of the Sociology of Leisure*, launched in 2018, stabilised at four annual issues since 2020. These variations suggest that the growth in article production has been driven less by a uniform increase in journal frequency and more by targeted editorial strategies and differentiated institutional capacities.

Graph 4. Number of issues published per journal.



This trend, however, should not be interpreted as isolated to the leisure field. Rather, it reflects a broader structural transformation in global academia. According to UNESCO (2024), worldwide university enrolments increased by 150% between 2000 and 2022, reflecting the transformation of advanced economies into knowledge-based societies and the growing professionalisation of academia. This global expansion likely contributed to the increased volume of scientific output, as more researchers became engaged in academic publishing as part of their institutional and professional trajectories. Additional data reinforce this trend: between 2010 and 2018, global research and development investment rose from 1.61% to 1.73% of gross domestic product, while the number of researchers per million inhabitants increased from 1,022 to 1,235 (UNESCO,

2021), indicating a structural broadening of the scientific workforce and intensified institutional support for research.

This increase further indicates that the publication of academic articles has become a central practice, now widely integrated into the habitus of researchers in the field, who seek scientific capital. This phenomenon is illustrative of broader structural transformations in the scientific field, particularly the intensification of institutional and individual pressures for the production and dissemination of knowledge. It highlights growing competition for academic positions, research funding, and the attraction of students. This dynamic is intrinsically linked to the contemporary logic of the scientific field, characterised by the ‘publish or perish’ imperative, which permeates global academic practices. Studies in other disciplines suggest that, among the primary academic responsibilities – teaching, publication, fundraising, and administrative tasks – publication is considered the most valuable by researchers (Van Dalen, 2021), aligning with the observed productive growth and supporting the notion that article production is now a core activity within the habitus of scientists and the field. Furthermore, this pressure is particularly pronounced for those striving for prestigious positions, such as full professorships, particularly in universities with prominent rankings (Van Dalen, 2021). In recent years, there has been not only a significant increase in the number of publications and journals across various disciplines (Hermanowicz, 2016; Larsen and Von Ins, 2010) but also a surge in submissions to scientific journals, accompanied by a growing proportion of studies deemed to be of insufficient quality, which has led to an increase in rejection rates in journals (Siegel et al., 2018).

This broader trend is echoed within the field of leisure. Data from leading journals that publicly disclose acceptance rates on their official websites indicate that publication remains highly competitive: acceptance rates are approximately 8% for the *Journal of Leisure Research*, 13% for *Leisure Studies*, 14% for the *Annals of Leisure Research*, and 17% for *Leisure Sciences*. Only *Leisure/Loisir* presents a notably higher acceptance rate of 46%. These figures underscore the fact that, even amidst growing publication volumes, the process of gaining visibility and scientific capital remains selective and challenging – further reinforcing symbolic hierarchies within the field.

This quantitative expansion sets the stage for further analysis of who contributes to the field and how scientific capital is distributed across institutional and geographic lines.

Inequalities Among Agents

Graph 5 presents the distribution of authors and the number of authorships in articles published in journals within the leisure field, highlighting the frequency of individual contributions to the development of the field. The analysis reveals a markedly asymmetric distribution, with most authors having few publications, while a small number of individuals accumulate a significant volume of works. This inequality illustrates the hierarchical structure of scientific fields, where access to resources and the consolidation of scientific capital are concentrated in a restricted group of agents.

According to Pierre Bourdieu (1984), the scientific field is ‘structurally destined to produce more failures than successes’ (p. 37), which highlights the intrinsic difficulties of academic life, described as ‘extremely difficult’ (p. 36). These challenges are evident, as 76.64% of authors published only one article between 2001 and 2023. While a significant portion of these authors may have made one-time contributions – what Jackson (2004) referred to as ephemeral participants – the high percentage of authors with a single publication suggests a systemic difficulty in academic persistence and progression. Jackson (2004), in his analysis, found a similar percentage, with 69.4% of authors publishing only once in the journals he examined. Although some of the journals analysed differ from those in this study, comparing Jackson’s results with ours suggests that remaining in the field has become increasingly difficult over time. Furthermore, it is important to note that these data do not include researchers who, despite developing dissertations or theses, were unable to publish them, highlighting an even more restricted character of the field. Additionally, there are those who, despite publishing in conferences – which also represents materialised scientific capital – do not publish in journals, a phenomenon that may be directly related to the structural difficulties inherent in publishing in scientific journals.

Graph 5. Distribution of authors by number of authorships.



At the same time, it is essential to recognise that this high proportion of single-publication authors may not exclusively reflect structural barriers. Some of these individuals may have published during their postgraduate studies and subsequently pursued careers outside academia, or remained active in professional areas related to leisure, such as management or public policy, without further academic output. Additionally, due to the interdisciplinary nature of leisure studies, some scholars from adjacent fields – such as sport, tourism, or health – may contribute occasionally to leisure journals without establishing long-term engagement with the field. In such cases, leisure journals function as complementary spaces rather than primary publication venues.

These nuances do not negate the presence of structural constraints within the field, but they highlight the importance of interpreting the data with nuance. The high percentage of single-publication authors likely reflects a combination of structural barriers, professional redirection, and mobility between fields. Understanding these patterns more deeply would require qualitative research focused on academic trajectories.

Nevertheless, even when acknowledging that many of these authors may have pursued careers outside academia or come from adjacent fields, the difficulty of remaining in the scientific field cannot be overlooked. The high percentage of authors with only one publication still reveals the complex and unequal dynamics that shape the field, pointing to persistent barriers that affect who can participate continuously in the production of leisure knowledge.

Focusing on the other extreme of the distribution in Graph 5, the singular position occupied by agents who published 10 or more articles over the analysed period stands out. This restricted group, composed of only 94 individuals representing 1.67% of the authors, highlights the difficulty of attaining prominent positions. Despite their small numerical representation, these agents are responsible for 1,519 authorships in the analysed articles, corresponding to 15.93% of the total. This percentage becomes even more impressive when examining only the group of authors with two or more publications, who represent 23.36% of the total with 5,211 authorships: these 94 individuals represent approximately 29.15% of the authorships attributed to researchers with two or more articles. These data demonstrate the centrality of a select core group in consolidating and advancing the leisure field, reflecting a structural characteristic of scientific fields: the concentration of scientific capital in a small fraction of agents.

Bourdieu, in his analysis of fields, uses the metaphor of football to illustrate how positions within a field are not equal and directly influence the chances of success for its agents (Bourdieu, 2004; Bourdieu & Wacquant, 1992; Thompson, 2008). Just as in football, where the attacker, being closer to the goal, has more chances to score, unlike defenders or goalkeepers, in the scientific field, agents associated with large institutions are better positioned to achieve significant results, such as publications in journals and access to funding. In contrast, agents positioned at the margins of the field, in peripheral roles, face difficulties in accessing essential resources, such as journal editorial boards, collaboration networks, and funding, which limits their chances of achieving scientific capital. In this sense, while all agents participate in the ‘game’ – attackers, defenders, and goalkeepers – the chances of ‘scoring’ are unequally distributed, reflecting the concentration of power and resources in a minority at the top of the academic hierarchy, i.e., the attackers close to the goal.

For agents who published 10 or more articles, the football analogy becomes even more evident. These individuals understand the ‘game’ of the scientific field better and strategically position themselves, accumulating not only a significant volume of publications but also power. This scientific capital, when recognised by other agents in the field, enables these authors to access dominant positions, often in prestigious academic institutions. As a result, they secure differentiated working conditions, access to funding, higher salaries, and greater participation in strategic spaces, such as editorial boards of journals. This scenario illustrates the conversion of scientific capital – the articles – into temporal capital, represented by the relevant positions these agents occupy

in various roles within the scientific field. However, it is also important to recognise that productivity alone does not necessarily equate to expertise or epistemological authority. While a high volume of publications may increase visibility and grant power within the field, it primarily constitutes a form of scientific capital that agents mobilise to gain recognition, access resources, and consolidate academic positions. Still, this accumulation does not inherently reflect the quality, originality, or broader impact of their contributions.

Furthermore, their privileged position, endowed with high scientific capital, facilitates the formation of academic collaboration networks, the supervision of master's and doctoral students, and the consolidation of research groups, thus perpetuating their productivity indices and reproducing the power structures in the scientific field. Therefore, the dynamics of the field not only legitimise these agents as dominant figures but also reinforce and reproduce internal hierarchies, making it more difficult for new researchers to rise and maintain prominent positions.

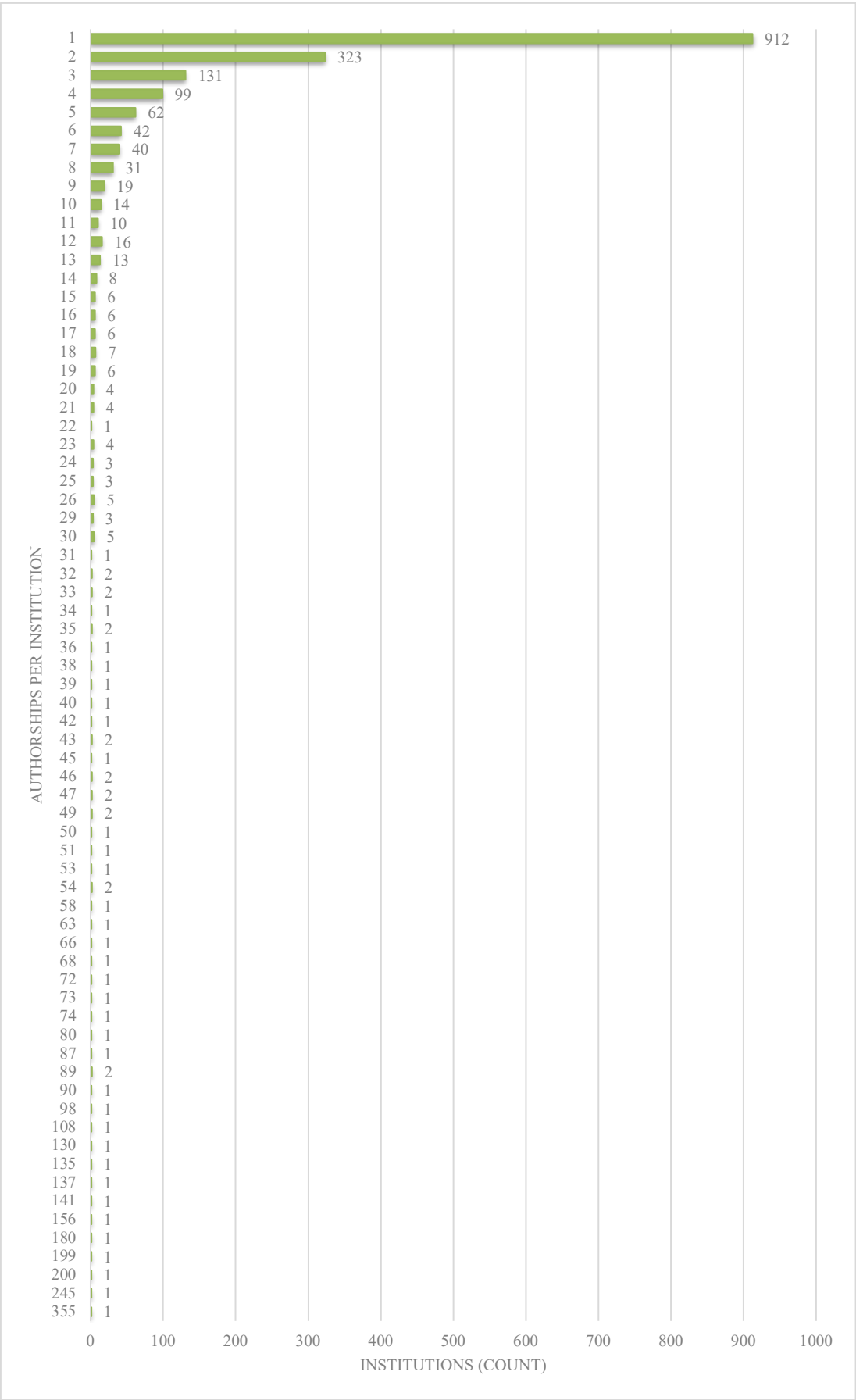
Inequalities Among Institutions

The dynamics within the scientific leisure field also reveal patterns of limited participation and marginalisation among institutions, mirroring the trends observed among individual agents. Most institutions contribute sporadically to the field, with a limited number of publications over time, and thus remain on the periphery. These institutions, which have not consolidated sufficient scientific capital, may face challenges in expanding their production and visibility. While this study does not directly assess levels of institutional support, the limited scientific output of these institutions could reflect structural barriers such as resource constraints, lack of infrastructure, or reduced access to collaborative networks. Therefore, they are positioned further from the central networks of collaboration and from the core institutions responsible for the validation of scientific knowledge in the field of leisure. This peripheral positioning may limit their visibility, influence, and ability to shape the research agenda, reinforcing the competitive and hierarchical nature of the field, where only a small group of institutions attain prominent positions and, in turn, reproduce structural inequalities at the institutional level, echoing patterns already observed among individual agents.

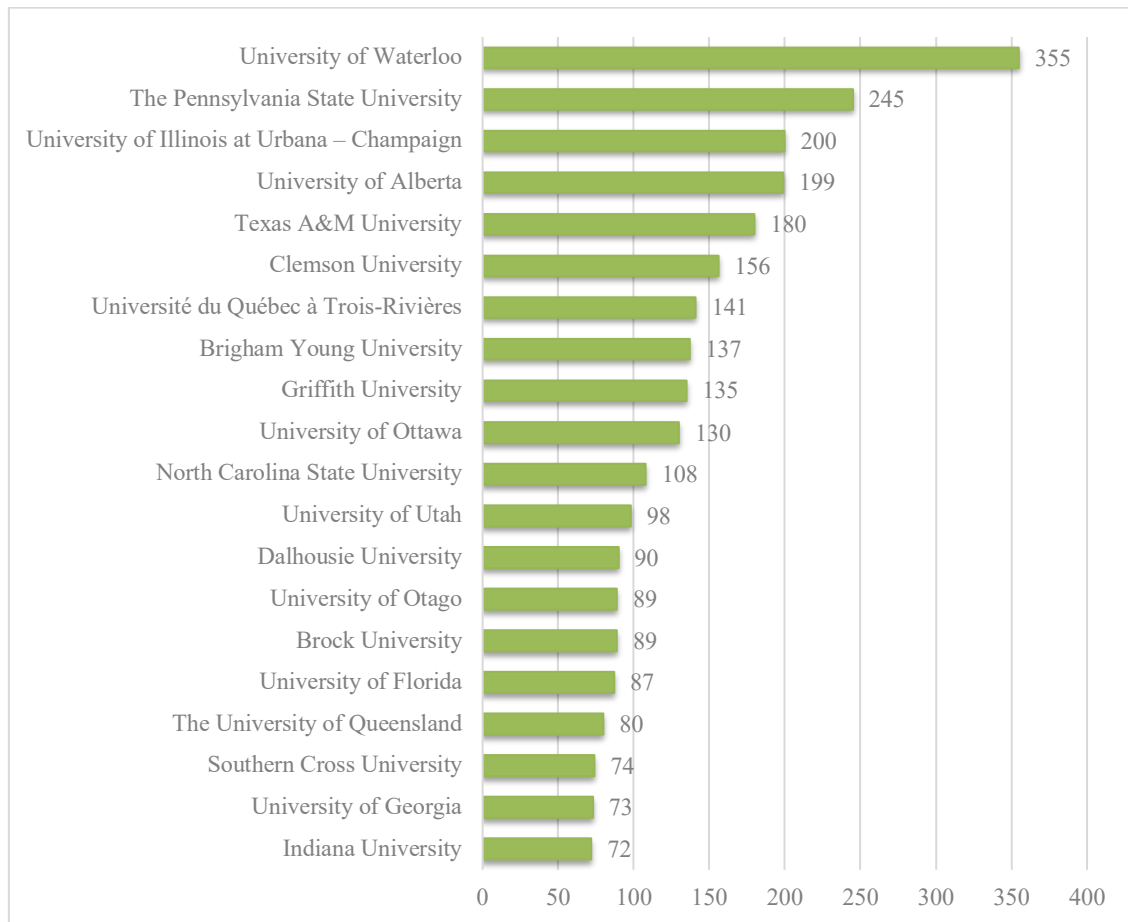
Graph 6 reveals a considerable number of institutions with limited participation, as 49.73% contributed only one publication during the analysed period. Conversely, Graph 7 highlights the 20 institutions with the highest publication rates in the field of

leisure, emphasising the concentration of output within a small number of universities. These 20 institutions represent only 1.09% of the total but account for 2,738 authorships, representing 27.99% of total authorships. This disproportionate concentration exemplifies the unequal distribution of scientific capital within the institutional structure of the field.

Graph 6. Distribution of institutions by number of authorships.



Graph 7. Twenty Most Productive Institutions.



Walker and Fenton (2011) suggest that such concentration may produce positive outcomes, as large departments are more likely to attract students, funding, and collaborative networks, whereas smaller departments may face increased vulnerability and instability. It is important to acknowledge that scientific fields are not immune to competition for funding, with some research areas receiving more resources than others based on structural dynamics and field-specific priorities. Although this study does not assess the internal funding models of institutions, it is plausible that larger departments – typically found in highly productive institutions – are better positioned to negotiate for resources, prestige, and visibility within their universities. For instance, a health department is likely to receive more funding than a leisure department, and a large leisure department may, therefore, exert greater influence in internal university negotiations. However, the growing centralisation of scientific production in a small number of institutions raises important concerns. If this trend continues, it may result in an excessive concentration of power, leading to the homogenisation of perspectives and the reduced

presence of alternative epistemological and geographical approaches. Such concentration may also narrow the discursive space of the field, limiting the emergence of diverse paradigms and voices.

Another critical observation emerging from the data is the clear Anglophone dominance. All 20 of the most productive institutions are in English-speaking countries, despite Canada having two official languages (English and French). This trend reflects the dominance of English-speaking countries in the journals analysed, both in terms of publication output and control over the mechanisms of knowledge validation. This result is not unexpected, considering that the journals included in this study predominantly publish in English. This linguistic pattern reinforces the centrality of English as the *lingua franca* of science (Carnicelli & Uvinha, 2023), which provides a structural advantage to countries where English is the native language. This advantage may help explain the limited representation of institutions from other linguistic and geographic contexts among the most productive group, further reinforcing the unequal distribution of institutional influence in the field.

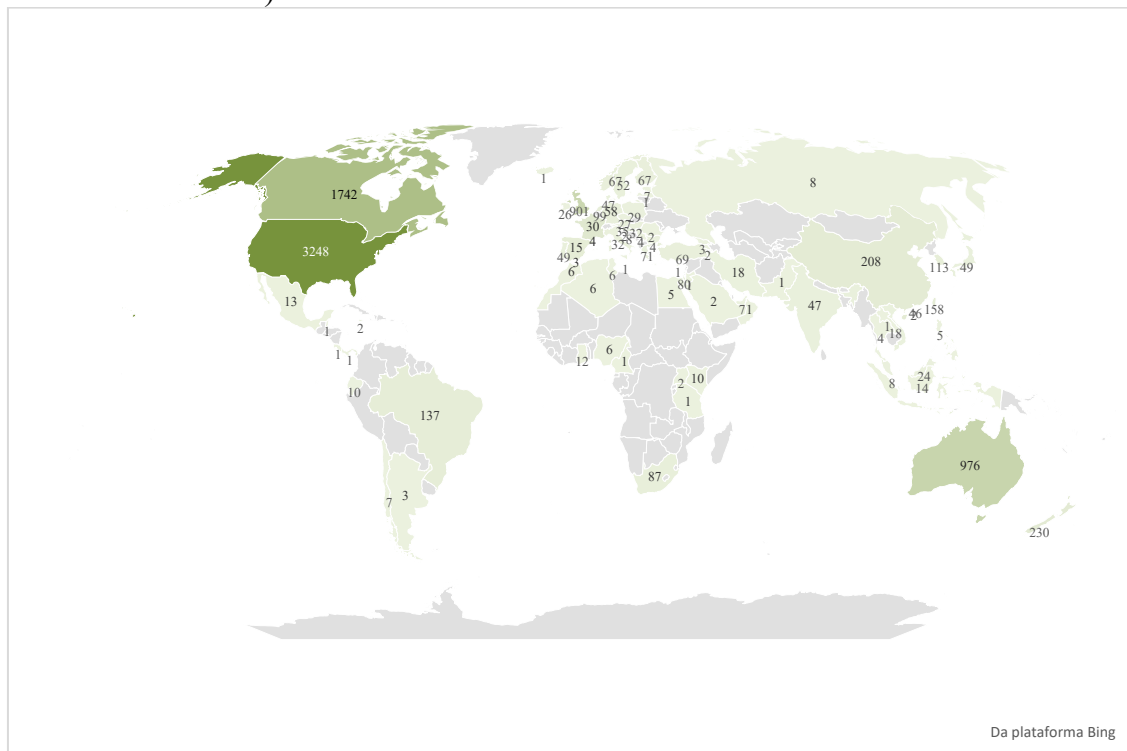
Moreover, the challenges faced by non-native English-speaking scientists are substantial and enduring. To participate in this scientific field, researchers must master not only the theoretical and methodological frameworks specific to their disciplines but also invest years in acquiring academic fluency in English. This endeavour demands significant time, financial resources, and cognitive effort, often in parallel with the pressures of building an academic career. This late-stage acquisition of linguistic proficiency, essential for producing scientifically acceptable texts, places these researchers at a considerable competitive disadvantage. In contrast, native English speakers benefit from a structural advantage: the time they might otherwise dedicate to language acquisition can be fully directed toward scientific output. This disparity, compounded by the cultural and institutional centrality of English-speaking countries, consolidates the leadership of these agents in the global race for scientific recognition and dissemination. Consequently, the unequal conditions of participation reinforce asymmetries in access, constrain international dialogue, and ultimately limit the cultural and epistemological diversity that could enrich the field of leisure studies.

Inequalities Among Countries

The data in Figure 1, aligned with the reflections on the agents and institutions previously examined, reveal profound inequalities in the scientific production of leisure from a

geographical perspective. This highlights the dynamics of limited participation and the concentration of power within the field. According to data from the United Nations, there are 108 countries globally that have not published any articles. The absence of contributions from these nations reflects structural limitations commonly faced by peripheral and dominated contexts, such as a lack of research funding, language barriers, and restricted access to international collaboration networks. This lack of visibility for local sociocultural issues – which could otherwise enrich the global discourse on leisure – also perpetuates the reliance of these contexts on agendas defined by dominant nations.

Figure 1. Number of publications by country (Darker Colours Indicate Higher Publication Volume).

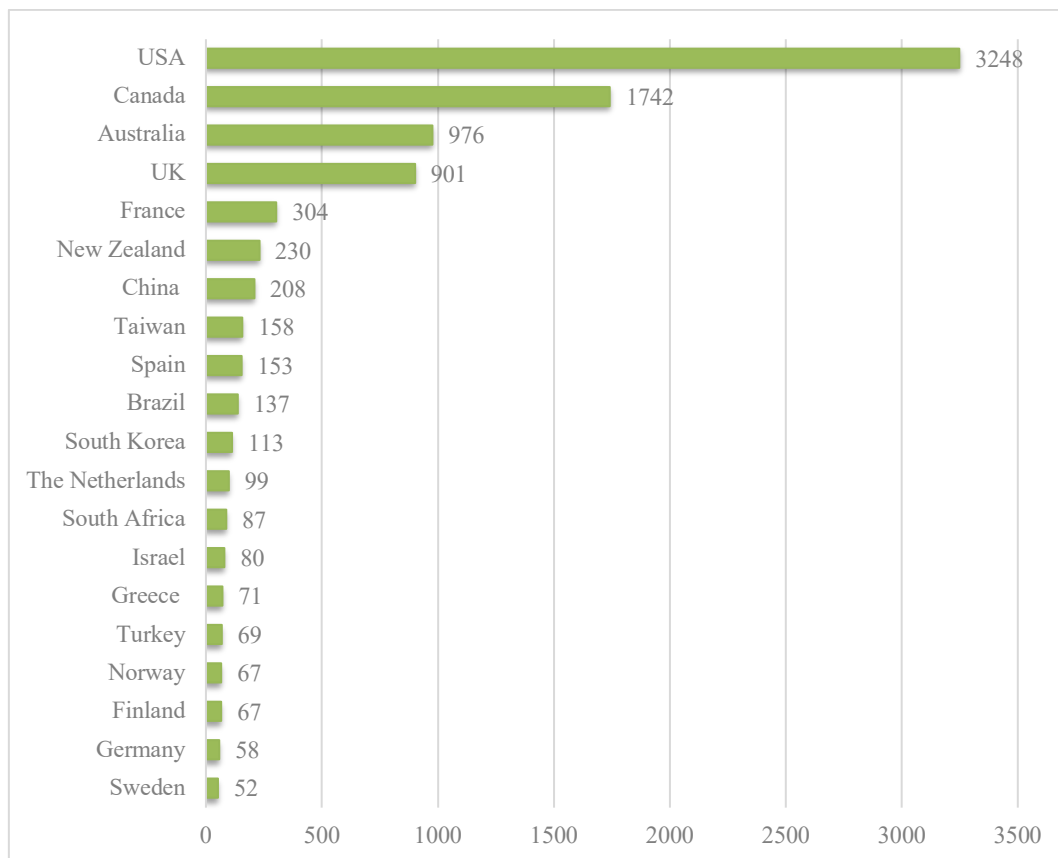


Even among Southern countries that manage to establish some presence in the field, such as China (2.18%), Taiwan (1.66%), Brazil (1.44%), and South Africa (0.91%), a marginal position remains evident. These nations often must align their outputs with the norms and priorities set by central powers to ensure visibility, which restricts epistemic diversity and reinforces asymmetric relationships. Nevertheless, it is vital to acknowledge that the presence of these countries, though modest, signals significant efforts – efforts far greater than those of English-speaking and Northern countries – to contest space in the global scientific field. This movement is crucial in promoting greater representation

of themes and approaches that reflect local realities. Furthermore, the data illustrate a clear trend of scientific production in countries where English is the official language, as seen with institutions, which together account for approximately 76.53% of all publications.

The dominant countries in the leisure field – namely the United States (34.04%), Canada (18.24%), Australia (10.22%), and the United Kingdom (collectively England, Scotland, and Wales: 9.43%) – control production by a wide margin, as shown in Graph 8. Together, they account for around 71.93% of published articles, reinforcing their dominance. Additionally, the data reveal that scientific capital, and consequently power in the field, is highly concentrated in the United States and Canada, which together are responsible for more than 52% of the total production. This concentration reflects not only these countries' control over the material and symbolic resources necessary for scientific output, but also their capacity to shape the rules and priorities of the field. This further consolidates their position as global leaders while limiting the visibility and validation of peripheral agents, whose contributions often depend on criteria defined by these power centres. Autoethnographic evidence also suggests outcomes vary by scholars' institutional location: publication successes while US-based reportedly shifted to consistent desk rejections after relocation to Asia (Bandyopadhyay, 2022), aligning with the geographical asymmetries our data reveal.

Graph 8. Twenty Countries with the Highest Number of Publications.



This concentration becomes even more paradoxical when contrasted with the stated aims of the main journals analysed. According to the ‘Aims and Scope’ sections, all journals examined claim an international orientation or commitment to epistemic diversity. For instance, *Annals of Leisure Research* is aimed at an international readership; the *International Journal of the Sociology of Leisure* promotes a global interest and encourages engagement beyond traditional geographical areas; the *Journal of Leisure Research* defines itself as an international scholarly journal; *Leisure/Loisir* embraces international perspectives, recognising leisure as a global phenomenon; *Leisure Studies* explicitly welcomes research from the Global South; *Loisir et Société/Society and Leisure* affirms its ability to reach readers in over thirty countries; *Leisure Sciences* positions itself as an international forum of interest to a globally engaged audience; and the *World Leisure Journal* welcomes a global perspective on leisure, encouraging submissions that bring different cultural views. These stated objectives signal an aspiration to broaden participation and foster plurality in the field. However, as the data show, such intentions are not yet matched by empirical outcomes, which remain marked by a concentration of production in English-speaking countries. This dissonance between

declared aims and actual outputs reinforces the broader pattern of dominance already discussed, particularly in how certain nations shape the epistemological boundaries of the field. Yet research indicates that these commitments have not translated into representation in some of these journals: in 2022, only 6/133 (4.5%) editorial board members across *Leisure Studies*, *Leisure Sciences*, and *Annals of Leisure Research* were based in the Global South (Carnicelli, 2023).

Thus, the dominance of these countries extends beyond the sheer number of publications. They play a central role in standardising the field, dictating methodological approaches, prioritising themes, and consequently, defining the criteria for scientific legitimacy. This monopolisation of scientific capital restricts voices and perspectives from peripheral contexts, often unintentionally or even unconsciously, limiting the field's capacity to expand in an epistemologically pluralistic manner.

Reproduction of Inequalities

In *Reproduction in Education, Society, and Culture*, Pierre Bourdieu and Jean-Claude Passeron (1990) examined how the educational system, rather than acting as a space of equal opportunity, contributes to the maintenance and reproduction of social inequalities. The authors argue that the school, rather than promoting social mobility, serves as a mechanism that reinforces existing class divisions by transmitting and valuing the cultural, behavioural, and symbolic codes of the dominant classes, while excluding or devaluing those who do not possess this cultural capital (Bourdieu & Passeron, 1990; Reay, 2022).

The key concept in their work is 'cultural capital,' which encompasses the knowledge, skills, attitudes, and behaviours valued by the educational system and that vary according to social class. Privileged classes have greater access to cultural capital, often acquired through more sophisticated family education, granting them significant advantages in the educational process. This results in a cycle of social reproduction: students from dominant classes find it easier to adapt to the educational system and achieve academic success, while those from less privileged backgrounds face difficulties in integrating, reducing their chances for upward mobility. Thus, by valuing the cultural forms of certain groups, the school devalues the cultural expressions of others, contributing to social exclusion. In summary, the work demonstrates that education, far from levelling inequalities, perpetuates the power structures and privileges of the dominant classes.

The application of the concept of reproduction developed by Bourdieu and Passeron is also pertinent to the scientific field of leisure. Just as social inequalities are reproduced in education through access to cultural capital, the scientific field also presents mechanisms that favour certain agents, institutions, and countries, enabling them to consolidate their position. The concentration of publications by a few dominant agents and institutions exemplifies the reproduction of scientific capital, as these researchers continue to expand their production, making competition for those without this capital even more challenging. In the scientific leisure field, scientific capital operates similarly, reinforcing hierarchies among agents. This dynamic is evident in the logic of reproduction: dominant institutions and researchers maintain greater visibility and influence, while those outside this restricted circle face significant barriers to entry or prominence.

Previous studies further support this interpretation by analysing publications in leisure. Different studies highlight the dominance of the United States and Canada in leisure research (Burton & Jackson, 1989; Edginton et al., 2014; Jackson, 2003, 2004; Singh et al., 2023; Van Doren & Heit, 1973). Several studies also underscore the need to broaden global participation in academic journals, given the low participation from other regions of the world (Beckers, 1995; Carnicelli & Uvinha, 2023; Edginton et al., 2014; Valentine et al., 1999; Van Doren & Heit, 1973), or highlight the concentration of leisure research within a few agents and institutions (Jackson, 2003, 2004; Walker & Fenton, 2011). These data, spanning the 20th century and the present, illustrate how the scientific field of leisure has reproduced power structures, concentrating production in a small number of agents, institutions, and countries. Based on these findings, it appears that little has changed in terms of the field's structures, as it continues to reproduce its internal inequalities.

Pessimistic View: Can the Structures of the Field Be Altered?

It is important to recognise that for Bourdieu, every field tends to be conservative, as dominant agents benefit from the existing structure and simultaneously control its potential for transformation due to their position of power (Bourdieu & Wacquant, 1992; Lingard et al., 2005; Reay, 2022). Thus, the internal logic of a scientific field is not immune to this dynamic, reinforcing a reproducing movement of power forces that perpetuate inequalities among agents.

In the leisure field, this structural conservatism means that dominant agents shape the rules of the game to maintain their hegemony, often unconsciously. This domination does not occur explicitly or coercively, but rather through subtle and naturalised mechanisms, such as defining what constitutes research excellence, valuing certain languages (such as English), and excluding or rejecting peripheral contributions. These processes not only expose the structural barriers limiting the field's democratisation but also the difficulty of incorporating plural and diverse voices.

At the outset of this article, we emphasised the necessity for the scientific leisure field to critically assess its intellectual production, as only through such an analysis can we evaluate the direction and practices of the field and decide whether to maintain its structures or pursue transformation. Based on both past and present data, a pessimistic view emerges: although there is growing advocacy for change, the trends observed indicate an increasing concentration of power. The centralisation of publications in journals by specific agents and the consolidation of dominant institutions hinder the emergence of innovative or counter-hegemonic agents. This process not only perpetuates existing inequalities but also limits the potential for structural transformation within the field.

Nevertheless, recognising these power dynamics is, paradoxically, the first step in questioning them. As Bourdieu suggests, sociological criticism has the capacity to denaturalise the processes of power reproduction, revealing the interests that sustain them. Identifying and problematising these structures, as presented in this article, represents an initial attempt to rethink the scientific leisure field. However, it is important to note that such efforts alone may be insufficient in the face of the resistance inherent in the field's structures. This underscores the need for collective and intentional actions that challenge the conservative logic and create space for more substantial change – despite potential resistance and the slow or limited impact such actions may initially have.

Limitations of the Study

This study has some limitations worth noting. First, the nature of the data, derived from publications in English-language peer-reviewed journals, may exclude several relevant perspectives from other languages and regions. For instance, the Brazilian leisure field boasts two journals dedicated to the topic (Carnicelli & Uvinha, 2023) and over a thousand published articles (Cavalcante & Lazzarotti Filho, 2024a, 2024b).

Another relevant issue pertains to the nomenclature of authors, particularly name abbreviations, which may have resulted in data loss in some instances. The case of the University of Illinois exemplifies the potential loss or alteration of data, as the institution's name may have been associated with a specific campus, leading to variations in publication counts. For example, there are two references to the University of Illinois – one as the University of Illinois at Urbana-Champaign and the other as simply the University of Illinois. Consequently, some publications from the Urbana-Champaign campus may not have been included, even though they belong to that campus. It is likely that this issue occurred with other institutions as well, which may have affected the numbers presented in this study and distorted the quantitative analysis of scientific production across institutions.

Conclusion

Read through Bourdieu's lens, our mapping shows that growth in output has been accompanied by durable rules of recognition: scientific capital concentrates among a small set of agents, institutions and Anglophone countries, shaping what counts as legitimate leisure knowledge. Building on this field-level picture, we identify three immediate directions. First, relational analyses that link productivity to positional attributes (e.g., institutional prestige, collaboration networks, country location) across outlets, using mixed methods to connect counts with mechanisms. Second, cross-linguistic/regional mappings that incorporate non-English and regional journals to recalibrate the global picture. Third, editorial and peer-review inquiries that examine gatekeeping – board composition, language norms, and desk-rejection patterns – as pivotal sites of reproduction. Advancing these lines can connect empirical regularities to power dynamics and open practical routes to broaden who produces, circulates, and benefits from leisure scholarship, moving the field beyond description toward theoretically informed explanation and change.

References

- Albert, M., & Kleinman, D. L. (2011). Bringing Pierre Bourdieu to Science and Technology Studies. *Minerva*, 49(03), 263-273.
<https://www.jstor.org/stable/43548606>
- Bandyopadhyay, R. (2022). 'A wholly racialized world': racial inequalities and peer review in leisure and tourism studies. *Leisure Studies*, 41(5), 605-619.
<https://doi.org/10.1080/02614367.2022.2043416>
- Beckers, T. (1995). Back to basics: International communication in leisure research. *Leisure Sciences*, 17(4), 327-336. <https://doi.org/10.1080/01490409509513266>
- Bourdieu, P. (1975a). Hiérarchie sociale des objets. *Actes de La Recherche En Sciences Sociales*, 1(1), 4-6.
- Bourdieu, P. (1975b). The specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason. *Social Science Information*, 6, 19-47.
- Bourdieu, P. (1976). Le champ scientifique. *Actes de La Recherche En Sciences Sociales*, 2(2), 88-104. <https://doi.org/10.3406/arss.1976.3454>
- Bourdieu, P. (1984). *Homo Academicus*. Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1998). *Practical Reason: on the theory of action*. Stanford University Press.
- Bourdieu, P. (2004). *Science of science and reflexivity*. The University of Chicago Press.
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (1990). *Reproduction in Education, Society and Culture* (2nd ed.). SAGE Publications Ltd.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. (1992). *An Invitation to Reflexive Sociology*. Polity Press.
- Burdge, R. J. (1983). Making leisure and recreation research a scholarly topic: Views of a journal editor, 1972-1982. *Leisure Sciences*, 6(1), 99-126.
<https://doi.org/10.1080/01490408309513024>
- Burton, T. L., & Jackson, E. L. (1989). Leisure research and the social sciences: An exploratory study of active researchers. *Leisure Studies*, 8(3), 263-280.
<https://doi.org/10.1080/02614368900390271>
- Buscemi, F. (2019). Fighting modernity with modernity: Agip motels and the making of postwar Italy. *Leisure/Loisir*, 43(2), 229-247.
<https://doi.org/10.1080/14927713.2019.1613168>

- Carnicelli, S., & Uvinha, R. (2023). Leisure, inequalities, and the Global South. In *Leisure Studies* (Vol. 42, Issue 3, pp. 328–336). Routledge.
<https://doi.org/10.1080/02614367.2023.2168032>
- Cavalcante, F., & Lazzarotti Filho. (2024a). O Lazer no Campo Científico da Educação Física: periódicos, agentes, instituições e estados. *Licere*, 28(2), 0–28.
- Cavalcante, F., & Lazzarotti Filho, A. (2024b). O Lazer no Campo Científico da Educação Física: entre o ganho de autonomia, a exclusão dos agentes e os estudos de grupos populacionais. *Movimento*, 30(jan/dez), 0–28.
- Edginton, C. R., Banhidi, M., Jalloh, A., Dieser, R. B., Xiafei, N., & Baek, D. Y. (2014). A content analysis of the World Leisure Journal: 1958–2012. *World Leisure Journal*, 56(3), 185–203.
<https://doi.org/10.1080/16078055.2014.939340>
- Erickson, B., Johnson, C. W., & Dana Kivel, B. (2009). Rocky mountain national park: history and culture as factors in African-American park visitation. *Journal of Leisure Research*, 41(4), 529–545.
<https://doi.org/10.1080/00222216.2009.11950189>
- Fuhse, J. (2020). Relational sociology of the scientific field: Communication, identities, and field relations. *Digithum*, 2020(26), 1–14.
<https://doi.org/10.7238/d.v0i26.374144>
- Gemar, A. (2020). Cultural capital and emerging culture: the case of meditation, yoga, and vegetarianism in the UK. *Leisure/Loisir*, 44(1), 1–26.
<https://doi.org/10.1080/14927713.2020.1745671>
- Griffin, T., & Glover, T. D. (2023). The Development of Social and Cultural Capitals for Immigrant Hosts of VFR Travellers. *Leisure Sciences*, 45(3), 262–280.
<https://doi.org/10.1080/01490400.2020.1817201>
- Grimwood, B. S. R., Lopez, K. J., Leighton, J., & Stevens, Z. (2023). Practices of Gratitude and Outdoor Leisure. *Leisure Sciences*.
<https://doi.org/10.1080/01490400.2023.2206394>
- Haluza-DeLay, R. (2006). Racialization, social capital, and leisure services. *Leisure/Loisir*, 30(1), 263–285. <https://doi.org/10.1080/14927713.2006.9651351>
- Hermanowicz, J. C. (2016). The Proliferation of Publishing: Economic Rationality and Ritualized Productivity in a Neoliberal Era. *American Sociologist*, 47(2–3), 174–191. <https://doi.org/10.1007/s12108-015-9285-6>

- Horolets, A., Stodolska, M., & Peters, K. (2019). Natural Environments and Leisure among Rural-to-Urban Immigrants: An Application of Bourdieu's Concepts of Habitus, Social and Cultural Capital, and Field. *Leisure Sciences*, 41(4), 313–329. <https://doi.org/10.1080/01490400.2018.1448023>
- Jackson, E. L. (2003). Leisure research by Canadians and Americans: One community or two solitudes? *Journal of Leisure Research*, 35(3), 292–315. <https://doi.org/10.1080/00222216.2003.11949995>
- Jackson, E. L. (2004). Individual and institutional concentration of leisure research in North America. *Leisure Sciences*, 26(4), 323–348. <https://doi.org/10.1080/01490400490502336>
- Kane, M. J. (2010). New Zealand's adventure culture: Is Hillary's legacy a bungy jump? *Annals of Leisure Research*, 13(4), 590–612. <https://doi.org/10.1080/11745398.2010.9686866>
- Karlis, G., Stratas, A., & Webb, E. (2018). Canada-based peer-reviewed leisure studies research: From the 1970s to today. *Loisir et Société*, 41(1), 9–26. <https://doi.org/10.1080/07053436.2018.1438124>
- Larsen, P. O., & Von Ins, M. (2010). The rate of growth in scientific publication and the decline in coverage provided by science citation index. *Scientometrics*, 84(3), 575–603. <https://doi.org/10.1007/s11192-010-0202-z>
- Lee, K. J., Dunlap, R., & Edwards, M. B. (2014). The Implication of Bourdieu's Theory of Practice for Leisure Studies. *Leisure Sciences*, 36(3), 314–323. <https://doi.org/10.1080/01490400.2013.857622>
- Lee, K. J., & Scott, D. (2016). Bourdieu and African Americans' Park Visitation: The Case of Cedar Hill State Park in Texas. *Leisure Sciences*, 38(5), 424–440. <https://doi.org/10.1080/01490400.2015.1127188>
- Lingard, B., Taylor, S., & Rawolle, S. (2005). Bourdieu and the study of educational policy: Introduction. *Journal of Education Policy*, 20(6), 663–669. <https://doi.org/10.1080/02680930500238838>
- Maton, K. (2008). Habitus. In M. Grenfell (Ed.), *Pierre Bourdieu: key concepts* (pp. 49–65). Acumen.
- Moore, R. (2008). Capital. In M. Grenfell (Ed.), *Pierre Bourdieu: key concepts* (pp. 101–117). Acumen.

- Nieri, T., & Hughes, E. (2023). Zumba Instructor Strategies: Constraining or Liberating for Women Participants? *Leisure Sciences*, 45(7), 684–701.
<https://doi.org/10.1080/01490400.2021.1881669>
- O'Regan, M. (2016). A backpacker habitus: the body and dress, embodiment and the self. *Annals of Leisure Research*, 19(3), 329–346.
<https://doi.org/10.1080/11745398.2016.1159138>
- Reay, D. (2022). 'The more things change the more they stay the same': The continuing relevance of Bourdieu and Passeron's Reproduction in Education, Society and Culture. *Spanish Journal of Sociology*, 3(31), 1–20.
<https://doi.org/10.22325/fes/res.2022>
- Riddick, C. C., Deschraver, M., & Weissinger, E. (1984). A methodological review of research in Journal of Leisure Research from 1978 to 1982. *Journal of Leisure Research*, 16(4), 311–321. <https://doi.org/10.1080/00222216.1984.11969602>
- Samdahl, D. M. (2003). Intentional Insularity? Alternative Interpretations of Jackson's Analysis. *Journal of Leisure Research*, 35(3), 321–324.
<https://doi.org/10.1080/00222216.2003.11949997>
- Samdahl, D. M., & Kelly, J. J. (1999). Speaking only to ourselves? Citation analysis of Journal of Leisure Research and Leisure Sciences. *Journal of Leisure Research*, 31(2), 171–180. <https://doi.org/10.1080/00222216.1999.11949857>
- Shaw, S. M. (2003). Solitudes in Leisure Research: Just the Tip of the Iceberg? *Journal of Leisure Research*, 35(3), 316–320.
<https://doi.org/10.1080/00222216.2003.11949996>
- Siegel, M. G., Brand, J. C., Rossi, M. J., & Lubowitz, J. H. (2018). "Publish or Perish" Promotes Medical Literature Quantity Over Quality. In *Arthroscopy - Journal of Arthroscopic and Related Surgery* (Vol. 34, Issue 11, pp. 2941–2942). W.B. Saunders. <https://doi.org/10.1016/j.arthro.2018.08.029>
- Singh, R., Khan, I. S., Shafi, I., Khreis, S. H. A., Najar, A. H., & Iqbal, J. (2023). A bibliometric review of World Leisure Journal: an analysis of research published between 2000 and 2022. *World Leisure Journal*, 65(4), 484–509.
<https://doi.org/10.1080/16078055.2023.2204078>
- Thompson, P. (2008). Field. In M. Grenfell (Ed.), *Pierre Bourdieu: key concepts* (pp. 67–81). Acumen.
- UNESCO. (2021). *Higher education figures at a glance*.

https://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/f_unesco1015_brochure_web_en.pdf.

UNESCO. (2024). *Higher education: figures at a glance*. UNESDOC Digital Library.

Valentine, K., Allison, M. T., & Schneider, I. (1999). The one-way mirror of leisure research: A need for cross-national social scientific perspectives. *Leisure Sciences*, 21(3), 241–246. <https://doi.org/10.1080/014904099273129>

Van Dalen, H. P. (2021). How the publish-or-perish principle divides a science: the case of economists. *Scientometrics*, 126(2), 1675–1694. <https://doi.org/10.1007/s11192-020-03786-x>

Van Doren, C. S., & Heit, M. J. (1973). Where It's At: A Content Analysis and Appraisal of the Journal of Leisure Research. *Journal of Leisure Research*, 5(1), 67–73. <https://doi.org/10.1080/00222216.1973.11970113>

Van Doren, C. S., Holland, S. M., & Crompton, J. L. (1984). Publishing in the primary leisure journals: Insight into the structure and boundaries of our research. *Leisure Sciences*, 6(2), 239–256. <https://doi.org/10.1080/01490408409513033>

Walker, G. J., & Fenton, L. (2011). Institutional concentration of leisure research: A follow-up to and extension of Jackson (2004). *Journal of Leisure Research*, 43(4), 475–490. <https://doi.org/10.1080/00222216.2011.11950246>

Wheaton, B., & Liu, L. (2024). Chinese migrant communities' relationships to coastal spaces in the 'City of Sails', Aotearoa New Zealand. *Annals of Leisure Research*. <https://doi.org/10.1080/11745398.2023.2297895>

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUEM PUBLICA DECIDE?

A presente tese teve como objetivo analisar a produção sobre o lazer nos periódicos, com ênfase nos agentes que publicam, em suas instituições, nos focos dos artigos e na dimensão de gênero da autoria. Para isso, articulamos uma análise em três níveis – construção do objeto, análise do campo e objetivação participante – a um conjunto de cinco artigos e um ensaio, que abordam o tema em diferentes escalas e recortes.

No primeiro artigo, ao caracterizar a produção sobre o lazer em periódicos da Educação Física brasileira, identificamos um duplo movimento. Por um lado, constatamos a expansão quantitativa dos artigos a partir dos anos 2000, indicando que a escrita e a publicação de textos científicos passaram a integrar de forma mais sistemática o *habitus* de agentes do campo. Por outro lado, verificamos a permanência de mecanismos de exclusão, evidenciada pelo grande número de autores com apenas uma publicação e pela presença de um núcleo reduzido de agentes com recorrência elevada de artigos, o que contribui para a concentração de capital científico. Ao mesmo tempo em que o lazer conquista maior espaço e autonomia a partir dos periódicos especializados, a dinâmica de participação demonstra que essa autonomia convive com barreiras materiais e institucionais que dificultam a permanência e a consagração de novos agentes.

O segundo artigo aprofunda essa discussão ao identificar em quais periódicos da Educação Física brasileira ocorre a produção sobre o lazer e quais agentes, instituições e estados produzem sobre o assunto. Os resultados apontaram uma média de coautoria superior a dois agentes por artigo e a predominância de redes vinculadas a instituições públicas de ensino superior, com forte concentração territorial no eixo Sudeste-Sul. Isso indica que a capacidade de definir o que é reconhecido como conhecimento legítimo sobre o lazer permanece ancorada em determinados espaços institucionais e regionais, dotados de maior volume de capital científico. Assim, a autoridade científica não se distribui de forma homogênea: ela se localiza em polos historicamente consolidados, reforçando desigualdades estruturais do campo científico brasileiro.

No terceiro artigo, a questão desloca-se de “quem publica?” para “sobre o que se publica?”. Ao identificar os focos dos artigos sobre o lazer publicados entre 2000 e 2022, verificamos a predominância de determinados eixos temáticos – grupos populacionais, abordagens teórico-conceituais e espaços/equipamentos – além da presença transversal das políticas públicas. Interpretamos esse arranjo como expressão de um campo que constrói sua legitimidade ao articular problemas socialmente reconhecidos com alta viabilidade empírica, resultando em pesquisas que

podem ser consideradas “acessíveis”, ou seja, que são socialmente relevantes, mas também adequadas às condições concretas de trabalho e às pressões por produtividade, financiamento e reconhecimento imposta aos agentes do campo científico.

O quarto artigo introduz de forma central a dimensão de gênero na análise. Ao investigar as diferenças de gênero na autoria de artigos científicos sobre o lazer no campo da Educação Física e do lazer no Brasil, os dados indicaram, em vários recortes, um relativo equilíbrio numérico entre mulheres e homens. Contudo, nos estratos de maior produtividade, aqueles que concentram mais publicações, os homens permanecem sobrerrepresentados demonstrando que a equidade de gênero é uma luta contínua que necessita de múltiplas estratégias para sua manutenção.

O ensaio teve como objetivo analisar o campo científico do lazer no século XXI, verificando em que medida ele avançou em direção à cientificidade e à autonomia, identificando mudanças e permanências no período. Ao articular o mapeamento empírico da produção com o referencial bourdieusiano, argumentamos que o lazer avançou em direção à cientificidade e à autonomia, com incremento da densidade teórica, crescimento de periódicos especializados e ampliação da produção, mas permanece condicionado por fatores externos, como políticas de avaliação, lógicas produtivistas e métricas que regulam o ritmo e o formato das publicações. O balanço sugere que a próxima etapa de consolidação exige pluralizar a pesquisa para além da concentração regional, reduzir dependências de indicadores que reforçam desigualdades e instituir políticas de equidade que enfrentem explicitamente as assimetrias estruturais do campo.

Por fim, o *post scriptum* – quinto artigo – desloca o olhar para a escala internacional, examinando os artigos publicados nos jornais do lazer no século XXI, identificando o número de publicações, os autores dos artigos e suas instituições e países. A partir da noção de campo científico, o estudo indica um crescimento expressivo do volume de artigos, acompanhado, porém, de forte concentração de capital científico, sobretudo em países como Estados Unidos e Canadá. A maior parte dos agentes publica apenas uma vez, enquanto um núcleo restrito de pesquisadores e instituições acumula visibilidade e define, em grande medida, os critérios do que é reconhecido como conhecimento legítimo. Inclusive, as desigualdades observadas no caso brasileiro são espelhadas em escala global, o que talvez permita a inferência de que a concentração de capital científico é algo inerente ao campo científico e não somente uma característica da produção científica sobre o lazer.

Considerados em conjunto, os estudos desenvolvidos ao longo da tese permitem afirmar que “quem publica decide” não se limita a um título provocativo, mas sintetiza uma interpretação sobre o campo científico do lazer. Decide-se, por meio das publicações, quais temas ganham visibilidade, quais abordagens teóricas se tornam hegemônicas, quais regiões e instituições adquirem poder, quais grupos sociais aparecem como objetos legítimos de estudo e quais permanecem à margem. Os resultados indicam que a ampliação do volume de artigos e da participação de agentes não foi acompanhada, na mesma proporção, por uma democratização das posições de maior poder. A expansão quantitativa convive com a concentração de capital científico e com a reprodução de hierarquias pré-existentes.

No plano político e institucional, os achados apontam alguns caminhos concretos. Se a autoridade científica sobre o lazer está fortemente concentrada em determinados estados e instituições, torna-se necessário investir em políticas de fomento, avaliação e circulação que estimulem a diversificação regional das redes de pesquisa e da produção bibliográfica. Se as mulheres alcançam equilíbrio numérico em diversos recortes, mas continuam sub-representadas nos estratos de maior produtividade e prestígio, impõem-se políticas de equidade que considerem as condições desiguais de tempo, recursos e reconhecimento que atravessam suas trajetórias. Se o campo internacional do lazer permanece fortemente anglófono e concentrado em poucos países, é fundamental problematizar práticas editoriais e avaliativas que tendem a desvalorizar produções oriundas do Sul Global e, ao mesmo tempo, fortalecer estratégias coletivas de disputa desse espaço, seja por meio de redes internacionais, seja por meio de periódicos que adotem políticas linguísticas e editoriais mais inclusivas.

Ademais, como toda pesquisa, esta tese apresenta limitações. A escolha por centrar a análise em periódicos científicos deixa de fora outros formatos relevantes, como livros e publicações em congresso. As categorias utilizadas, em especial no recorte de gênero, captam apenas uma parte das dimensões da desigualdade, não contemplando de forma sistemática variáveis como raça e classe. Além disso, o recorte temporal e a seleção de periódicos, necessários para garantir a viabilidade empírica, implicam que se trata de uma fotografia densa, porém parcial, de um campo em transformação. Essas limitações não invalidam os resultados, mas indicam uma agenda de pesquisas futuras voltada, por exemplo, a análises interseccionais, estudos qualitativos sobre trajetórias de pesquisadores e pesquisadoras em posições dominadas e dominantes e investigações comparativas entre diferentes países e regiões.

Retomando a provocação apresentada na introdução: uma “tese para queimar”? Os resultados aqui sistematizados sugerem que o desconforto não é um efeito colateral, mas componente constitutivo de um exercício analítico que se volta para o próprio campo em que se inscreve. Ao tornar visíveis o poder, a exclusão e a reprodução de desigualdades na produção científica sobre o lazer, esta tese assume o risco de expor aquilo que, com frequência, permanece invisível. Se, ainda assim, o trabalho seguir circulando, sendo lido, apropriado e criticado, terá cumprido o objetivo que o orientou: reforçar a importância de interrogar quem publica, em que condições e com quais efeitos, como condição para projetar um campo científico mais plural, equânime e reflexivo nos próximos anos.